

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

Hudson Carlos Alves da Silva

**UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DA LÍNGUA GREGA EM UM
TRATADO GRAMATICAL EM LATIM**
De differentiis de Erígena

Juiz de Fora

2018

HUDSON CARLOS ALVES DA SILVA

**UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DA LÍNGUA GREGA EM UM
TRATADO GRAMATICAL EM LATIM: *DE DIFFERENTIIS DE
ERÍGENA***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes

Juiz de Fora

2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Hudson Carlos Alves da.

Uma proposta pedagógica da língua grega em um tratado gramatical em latim : De differentiis de Erígena / Hudson Carlos Alves da Silva. -- 2018.

190 p. : il.

Orientador: Fábio da Silva Fortes

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2018.

1. De differentiis. 2. Erígena. 3. Macróbio. 4. Ensino de grego. 5. Historiografia da Linguística. I. Fortes, Fábio da Silva, orient. II. Título.

HUDSON CARLOS ALVES DA SILVA

**Uma Proposta Pedagógica da Língua Grega em um Tratado
Gramatical em Latim
*De differentiis de Erígena***

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em: 22/09/2018



Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Artur Costrino – Membro externo
Universidade Federal de Ouro Preto



Prof. Dr. Leni Ribeiro Leite – Membro externo
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dr. Fernanda Cunha Souza – Membro Interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Ana Cláudia Peters Salgado – Suplente Interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Carlos Renato Rosário de Jesus – Suplente externo
Universidade do Estado do Amazonas

Agradecimentos

A maioria dos acontecimentos é indizível, realiza-se num espaço que nunca uma palavra penetrou (Reiner Maria Rilke).

Não somente este trabalho, mas eu não chegaria a um bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas. Por isso, agradeço

primeiramente aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelas reflexões e pelo conhecimento compartilhado desde a graduação;

... ao meu orientador, Fábio da Silva Fortes, por, desde o início de minha graduação, me aceitar sob sua orientação e, juntos, chegarmos até aqui. Agradeço especialmente pelo trabalho e atenção que dedicou a estas páginas. Sempre me corrigindo quando necessário sem nunca me desmotivar;

... aos professores que aceitaram compor a banca examinadora deste trabalho, lendo-o atentamente e contribuindo para o seu aprimoramento: Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes, Prof. Dr. Artur Costrino, Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite, Prof. Dra. Fernanda Cunha Sousa, Profa. Dra. Ana Cláudia Peters Salgado, Prof. Dr. Carlos Renato Rosário de Jesus;

... aos pesquisadores que, nomeados minuciosamente na Bibliografia deste trabalho, me auxiliaram diretamente com esta pesquisa;

... aos professores que direta e indiretamente ajudaram com este trabalho. Em especial ao Prof. Dr. Gustavo Frade, por aceitar fazer uma revisão das glosas em grego neste trabalho e muito ter me ensinado sobre essa língua, à profa. Dra. Charlene Miotti, grande professora com quem muito aprendi, à profa. Dr. Neiva Ferreira Pinto, por compartilhar sua extensa sabedoria, ao prof. Dr. Luís Carlos Lima Carpinetti, com quem muito aprendi sobre a língua latina. Esses estão entre tantos outros que peço desculpas por não os nomear. Professores que, desde as primeiras séries na escola, contribuíram no meu desenvolvimento;

... aos meus pais, início de tudo, Maria Luíza e Francisco Carlos, quem sempre me apoiaram em minhas escolhas e permitiram me tornar no que sou;

... a meus irmãos, Yuri e Yandra;

... a Lílian, meu amor, por todo o carinho, amor e dedicação, além da compreensão, apoio e extrapolar, todos os dias, o sentido da palavra “companheira”. A ela muito agradeço;

... a minha pequena, agora, Alice, que foi gerada junto com este trabalho e que na sua elaboração esteve em meus braços, colocando com cada sorriso seu outro em mim e tornando, desde que nasceu, mais suave essa jornada em que estou;

a Iracely e Dario, sogros, grandes pessoas com quem muito aprendo;

... a meus amigos de estudos, grandes companheiros. Em especial agradeço a Fernando Freitas, com quem muito tive a oportunidade de aprender junto na troca de ideias;

... agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Linguística pela participação em minha formação e à CAPES, pelo financiamento da pesquisa que muito ajudou;

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui, entretanto não nomeados, mas, não por isso, esquecidos. Gravados, portanto, em outro lugar.

“Quando não souberes para onde ir, olha para trás e sabe pelo menos de onde vens”
(Provérbio africano)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*Nescire autem quid ante quam natus
Sis acciderit, id est semper esse puerum*

Não conhecer o que aconteceu antes de ter nascido.
Isso é permanecer para sempre uma criança

Cícero, *Orat.*, 120, 12-13

Uma disciplina alcança a sua maioridade quando contempla
seriamente o seu próprio passado

Koerner, 2014b, p. 10

RESUMO

De differentiis (*De Differentiis et Societatibus Graeci Latinique Verbi*) é um tratado gramatical que realiza um cotejo entre o sistema verbal latino e o grego, destacando suas semelhanças e diferenças, como sugere seu título. Apresentando uma leitura e análise desse tratado, ligado ao contexto de Erígena (*Iohannes Scotus Eriugena* – séc. IX), lemos *De Differentiis* como um projeto pedagógico, buscando elementos textuais e extratextuais que sustentem essa hipótese. A fim de investigarmos a possibilidade de ele ser lido como um texto destinado a ensinar grego a latinos, apresentamos também uma descrição do *corpus*, investigando, assim, o pensamento que ele traz sobre a linguagem no contexto medieval. Para isso, investigaremos, em primeiro lugar, dados sobre Erígena, bem como sobre seu “clima de opinião” (KOERNER, 2016). Em seguida, a relação entre o texto de Macróbio, *De uerbis*, e nosso *corpus*. Descrevendo-o, analisamos em que medida o texto trata do sistema verbal latino em contraposição ao grego. Com isso, procuramos observar se ele se atém na sua maior parte às explicações gramaticais da língua grega ou da latina. Em segundo lugar, investigamos em que medida o grego está presente no tratado e em que consiste essa presença. Para isso, analisamos o uso do alfabeto grego no tratado e buscamos, além de mapeá-las, descrevê-las, ao passo em que apresentamos algumas observações descritivas do tratado, tais como: qual é a língua tida como modelo pelo tratado; quais são os autores que representam essa língua; o que podemos inferir na relação entre suas citações e exemplos gramaticais (*exempla*); quais são seus mecanismos analíticos e descritivos dos fenômenos linguísticos, bem como suas operações lógicas; como sua metalinguagem gramatical dialoga com a terminologia gramatical grega e, por fim, como o tratado transparece em si um contexto bilíngue. Finalmente, após apresentarmos algumas ideias do porquê desse cotejo, investigamos o *status* do grego bem como o seu ensino no tempo de Erígena, na corte de Carlos, o Calvo. Para chegar aos objetivos expostos, somos guiados teórica e metodologicamente pelos princípios da Historiografia da Linguística (AUROUX, 1992; KOERNER, 1989, 2014a, 2014b; SWIGGERS, 1981, 2012, 2013;). Com nossa pesquisa concluímos que Erígena foi um importante nome no Ocidente ligado ao ensino e tradução das letras gregas, o que contribui para justificar uma leitura do tratado à sua luz. Podemos dizer também que o *De differentiis* se detém mais sobre o sistema da língua grega que sobre o da língua latina, recorrendo ao conhecimento linguístico desta como propedêutico para o ensino daquela.

PALAVRAS-CHAVE: *De differentiis*. Erígena. Macróbio. Ensino de grego. Historiografia da Linguística.

ABSTRACT

De differentiis (*De differentiis et societatibus Graeci Latiniqve Verbi*) is a grammatical treatise that makes a comparison between the Latin and Greek verbal systems, highlighting their similarities and differences, as the title suggests. Presenting a reading and analysis of this treatise, linked to the context of Eriugena (*Iohannes Scotus Eriugena* - 9th century), we read *De Differentiis* as a pedagogical project, looking for textual and extratextual elements that support this hypothesis. In order to investigate the possibility of it being read as a text intended to teach Greek to Latin speakers, we also present a description of the *corpus*, thus investigating the thought it brings about language in the medieval context. In order to do so, we investigated, firstly, data on Eriugena, as well as on his "climate of opinion" (KOERNER, 2016), and the relationship between the text of Macrobius, *De uerbis*, and our *corpus*. By making this description, we analyse the extent to which the text deals with the Latin verbal system as opposed to the Greek one. We try to observe whether it is mostly attached to the grammatical explanations of the Greek or the Latin language. Secondly, we investigate to what extent Greek language is present in the treatise and in what consists that presence. For this, we analyse the use of the Greek letters (alphabet) and we seek not only to map them but also to describe them, while presenting some descriptive observations of the treatise, such as, what language the model treats as a prototypical; which authors represent this language; what we can infer from the relation between his citations and grammatical examples (*exempla*); what their analytical and descriptive mechanisms of linguistic phenomena are, as well as their logical operations; as its grammatical meta-language dialogues with Greek grammatical terminology, and how the treatise itself transposes a bilingual context. Finally, after presenting some ideas to justify this comparison, we investigated the status of the Greek language as well as his teaching in the time of Eriugena, at the court of Charles the Bald. In order to reach the stated objectives, we are theoretically and methodologically guided by the principles of the Historiography of Linguistics (AUROUX, 1992; KONERER, 1989, 2014a, 2014b; SWIGGERS, 1981, 2012, 2013). With our research we conclude that Eriugena was an important name in the West connected to the Greek letters (teaching and translation), which contributes to justify a reading of the treatise in its light. We may also say that *De Differentiis* dwells more on the Greek language system than on the Latin language, resorting to the linguistic knowledge of Latin as propaedeutic for Greek language teaching. Thus, in addition to allowing us a brief notion of the teaching of Greek language in the Carolingian Empire, this work seeks, using the Historiography of Linguistics, to contribute to the history of Linguistics.

KEY-WORDS: *De differentiis*. Eriugena. Macrobe. Greek Teaching. Historiography of Linguistics.

Lista de Figuras e Diagramas

Diagrama 1 - Os segmentos do De uerbis localizados no De differentiis.	65
Figura 2 - Verbum (ῥῆμα) como elo que permitirá uma comparação no De differentiis.	73
Diagrama 3 - Mapa em barras dos <i>exempla ficta</i> na obra <i>De differentiis</i>	89
Diagrama 4 - Mapa em barras dos exempla literários gregos na obra <i>De differentiis</i> . ..	94
Figura 5 - Relação hierárquica entre tempos verbais primitivos e derivados em <i>De differentiis</i>	99
Figura 6 - Lógica linear e lógica radial como operadores de derivação dos tempos no <i>De differentiis</i>	101
Diagrama 7- Mapa em barras do uso de morfemas gregos na obra <i>De differentiis</i>	104
Diagrama 8 - Mapa em barras do uso da terminologia gramatical grega na obra <i>De differentiis</i>	109
Diagrama 9 - Mapa em barras do uso de preposições gregas na obra <i>De differentiis</i>	111
Diagrama 10 - Mapa em barras do uso de artigos gregos na obra <i>De differentiis</i>	112
Figura 11 - Estrutura do uso das conjunções gregas.	113
Diagrama 12 - Mapa em barras do uso de conjunções gregas na obra <i>De differentiis</i>	114
Figura 13 - Reprodução digitalizada do manuscrito Codex Parisinus 7186, p. 46.	118
Figura 14 - No livro de Armagh o pater noster transliterado em caracteres gregos.	134
Diagrama 15 - Mapas em barras da localização de todas as categorias justapostas.	170
Figura 16 - Diagrama de Veen representando suas quantidades e os segmentos na interseção de mais de uma categoria. Chama-se a atenção para as categorias Exempla não Literários e Literários (citações) terem sido agrupadas em uma única (Exempla).	171
Figura 17 - Árvore das línguas indo-europeias, com destaque nosso para a família do grego e a do latim. Fonte: GRAY e ATKINSON, 2003, p. 437.	190

Lista de Tabelas e Quadros

Quadro 1 - Textos atribuídos a Macróbio nos GL e seus respectivos manuscritos.....	54
Tabela 2 - Comparação quantitativa dos segmentos <i>ipsis uerbis</i> do <i>De uerbis</i> e do <i>De differentiis</i>	60
Quadro 3 - Categorias e subcategorias analisadas de semelhanças e diferenças no tratado.....	75
Quadro 4 - Exemplos de semelhança na construção dos verbos junto aos casos (regência) gregos e latinos	77
Tabela 5 - Quantidade e frequência de análises sobre diferenças ou semelhanças	83
Quadro 6 - <i>De figuris</i> , o verbo inalterado por seu prefixo	88
Tabela 7 - Relação de autores citados em <i>De differentiis</i>	91
Quadro 8 - Representação do <i>usus</i> e da <i>ratio</i> da língua grega e latina pelo <i>De differentiis</i>	95
Tabela 9 - Relação de cada categoria com sua frequência e quantidade de uso.....	115
Tabela 10 - Segmentos que tratam sobre diferenças ou semelhanças entre a língua grega e latina	163
Tabela 11 - Todos os segmentos em que encontramos alternância para o alfabeto grego em suas respectivas categorias.....	164
Quadro 12 - Citações literárias em <i>De differentiis</i>	165

Lista de Abreviaturas e Siglas

abl. – ablativo
 ac. – acusativo
 aor. – aoristo
 at. – ativo
 c. – cerca de
 cf. – conferir
CGL – Corpus Grammaticorum Latinorum
 cit. – citação
 dat. – dativo
 dem. – demonstrativo
 desc. – desconhecido
 ed. – editor, editores, edição, editora
 f. – feminino, na forma feminina
 ff. – folhas
 fr. – fragmento
 fut. – futuro
 g.n. – grifos nossos
 gen. – genitivo
 HL – Historiografia da Linguística
 imperat. – imperativo
 imperf. – imperfeito
 ind. – indicativo
 inf. – infinitivo
 l. – linha
 m. – masculino, na forma masculina
 n. – neutro
 nom. – nominativo
 opt. – optativo
 org. – organizador, organizadores
 p. – página
 part. – participípio
 pass. – passivo
 pe. – pessoa
 perf. – perfeito
 perf. + – mais-que-perfeito
 perf. - – menos-que-perfeito (imperfeito passivo)
 pess. – pessoal
PHI – Packard Humanities Institute
 pl. – plural
PL – Patrologia Latina
 pres. – presente
 pron. – pronome
 ps. – pseudo
 reimpr. – reimpressão
 repub. – republicado
 sec. – seção
 seg. – segmento
 sg. – singular

subj. – subjuntivo

trad. – Tradução

v. – verso

voc. – vocativo

vs. – *versus*

vv. – versos, nos versos

Índice de Abreviações de Autores e Obras

- Acc.– Lúcio Ácio (*Accius, Lucius*)
 ➤ *Androm.* – *Andromeda*
- Ap. Dysc. – Apolônio Díscolo (*Apollonius Dyscolus*)
 ➤ *Constr.* – *De constructione* (Περὶ Συντάξεως)
- Arist. Al – Aristonico de Alexandria (*Aristonicus Gramm.*)
 ➤ *Sig. Il.* – *De signis Iliadis*
- Augus. – Agostinho de Hipona (Santo Agostinho) (*Augustinus, Aurelius*)
 ➤ *Ciuit.* – *De ciuitate dei*
 ➤ *Conf.* – *Confessionum libri tredecim*
 ➤ *Sol.* – *Soliloquiorum libri duo*
- Avian. – Aviano (*Auianus, Flavius*)
 ➤ *Fab.* – *Fabulae*
- Char. – Carísio (*Charisius, Flavius Sosipater*)
 ➤ *Ars Char.* – *Ars grammatica Charisii*
- Cic. – Cícero (*Cicero, Marcus Tullius*)
 ➤ *Bal.* – *Pro Balbo*
 ➤ *Brut.* – *Brutus*
 ➤ *Diuin.* – *De diuinatione*
 ➤ *Ep. att.* – *Epistulae ad Atticum*
 ➤ *Ep. fam.* – *Epistulae ad familiares*
 ➤ *Fin.* – *De finibus*
 ➤ *Fin. bon.* – *De finibus bonorum et malorum*
 ➤ *Leg.* – *De legibus*
 ➤ *Leg. Man.* – *Pro lege manilia*
 ➤ *Luc.* – *Lucullus*
 ➤ *Off.* – *De officiis*
 ➤ *Orat.* – *De oratore*
 ➤ *Tul.* – *Pro Tullio*
 ➤ *Quin.* – *Pro Quinctio*
 ➤ *Rep.* – *De re publica*
 ➤ *Sest.* – *Pro Sestio*
 ➤ *Verr.* – *In Verrem*
- Claud. – Cláudio Claudiano (*Claudius Claudianus*)
 ➤ *Gild.* – *De bello Gildonico*
- D.H. – Dionísio de Halicarnasso (*Dionysius Halicarnassensis*)
 ➤ *Ant. Rom.* – *Antiquitates romanae*
- Diom. – Diomedes (*Diomedes Gramm.*)
 ➤ *Ars Diom.* – *Diomedis artis grammaticae libri*
- Dion. Tr. – Dionísio da Trácia (*Dionysius Thrax*)
 ➤ *Tech. Gramm.* – *Technè grammatiké* (Τεχνὴ γραμματικὴ)
- Enn. – Ênio (*Ennius, Quintus*)
 ➤ *Ann.* – *Annales*

- Eriug. – Erígena (*Iohannes Scotus Eriugena*)
- *Comm. Ioh.* – *Comentário sobre o Evangelho de João*
 - *De diff.* – *De differentiis et societatibus graeci latinique uerbi*
 - *Diuis.* – *De diuisione naturae*
 - *Exp. jer.* – *Comentário sobre a obra Expositiones super ierarchias sancti Dionysii*
 - *Vers. Dion.* – *Tradução do corpus dionisiacum*
- Eust. Phil. – Eustácio de Tessalônica (*Eustathius Philol. et Scr. Eccl.*)
- *Comm. Il.* – *Commentarii ad Homeri Iliadem*
 - *Comm. Od.* – *Commentarii ad Homeri Odysseam*
- Gell. – Aulo Gélio (*Gellius, Aulus*)
- *Noct Att.* – *Noctes Atticae*
- GG. – *Grammatici Graeci* (1878), Gustav Uhlig & Richard Schneider
- GL – *Grammatici Latini* (1855-1880), Heinrich Keil (1822-1894)
- HCP – *Historia Critica Philosophiae* (1742-1744), J. J. Brucker (1696-1770)
- Her. – *Retórica a Herênio*, Ps. Cícero.
- Hom. – Homero (*Homerus*)
- *Il.* – *Ilias*
 - *Od.* – *Odyssea*
- Hor. – Horácio (*Horatius Flaccus, Quintus*)
- *Epist.* – *Epistulae ad Pisones*
- Isid. – Isidoro de Sevilha (*Isidorus Hispalensis*)
- *Etym.* – *Etymologiae*
- Luc. – Lucílio (*Lucilius, Gaius*)
- *Sat. fr.* – *Saturae fragmenta*
- Macr. – Macróbio (*Macrobius Ambrosius Theodosius*)
- *Comm. Cic.* – *Commentarium in Ciceronis Somnium Scipioni*
 - *De verb.* – *De uerborum graeci et latini differentiis vel societatibus excerpta*
 - *Sat.* – *Convivia primi diei saturnaliorum*
- Plau. – Plauto (*Plautus, Titus Maccius*)
- *Poen.* – *Poenulus*
- Porph. – Porfírio (*Porphyrio, Pomponius*)
- *Quaes. Od.* – *Quaestionum Homerocarum ad Odysseam pertinentium reliquiae*
- Prob. – Probo (*Probus, Marcus Valerius*)
- *Frag. Probi.* – *Fragmentos de Probo*
- Prop. – Propércio (*Propertius, Sextus*)
- *Eleg.* – *Elegiae*
- Putsch. – Putschen (Putschen, Helias van; 1580-1606)
- *GLAA.* – *Grammaticae Latinae Auctores Antiqui*
- Quint. – Quintiliano (*Quintilianus, Marcus Fabius*)
- *Inst. Or.* – *Institutio oratoria*

Sal. – Salústio (*Sallustius Crispus, Gaius*)

- *Bell. Iug.* – *Bellum iugurthinum*

Ter. – Terêncio (*Terentius Afer, Publius*)

- *And.* – *Andria*
- *Heauton.* – *Heauton timorumenos*
- *Hec.* – *Hecyra*

Varr. – Varrão (*Varro, Marcus Terentius*)

- *Ling.* – *De lingua latina*
- *Log.* – *Logistorici*
- *Men.* – *Menippeae*

Verg. – Virgílio (*Vergilius Maro, Publius*)

- *Aen.* – *Aeneis*
- *Georg.* – *Georgica*

Vitr. – Vitruvius (*Vitruvius*)

- *Arch.* – *De architectura*

Observação:

Todas as citações de gramáticos antigos foram extraídas da edição dos *Grammatici Latini*, de Keil (*GL*) e dos *Grammatici Graeci* (*GG*), de Uhlig & Schneider. Segue a cada citação: o nome do gramático abreviado, a obra seguindo a abreviatura convencional, o número do volume da edição de Keil (*GL*) ou Uhlig & Schneider (*GG*), página e linha. Por fim, no que diz respeito à obra *De differentiis*, segue, ainda, o número do segmento correspondente na segmentação por nós adotada do *corpus*, posto em ANEXO A.

Na Bibliografia se encontram listadas as demais edições consultadas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1: O “CLIMA DE OPINIÃO” EM CONSTRUÇÃO.....	29
1.1 A LINGUÍSTICA E SEU PASSADO: A HISTORIOGRAFIA DA LINGUÍSTICA.....	29
1.2 ERÍGENA E SEU AMBIENTE INTELECTUAL	35
1.2.1 Elementos Biográficos	37
1.2.2 Obras	41
1.2.3 O tradutor e mestre de letras.....	45
1.2.4 As artes liberais	49
CAPÍTULO 2 – DE DIFFERENTIIS: CONSTRUINDO O OBJETO	52
2.1 DE DIFFERENTIIS ET SOCIETATIBUS GRAECI LATINIQUE VERBI	53
2.2 MACRÓBIO VS. ERÍGENA	55
2.3 DE DIFFERENTIIS VS. DE UERBIS.....	58
2.3 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE EDIÇÕES E TRADUÇÕES DO CORPUS.....	66
CAPÍTULO 3 – DE DIFFERENTIIS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE	71
3.1 - DESCRIÇÃO GERAL DO CORPUS.....	72
3.2 DIFFERENTIA & SOCIETAS.....	74
3.2.1 Semelhança.....	75
3.2.2 Diferença.....	77
3.3 - MAPEANDO E ANALISANDO A ALTERNÂNCIA DE ALFABETO (GREGO/LATIM).....	84
3.3.1 <i>Exempla ficta</i> e literários: o modelo de língua.....	87
Exempla ficta vs. Literários	94
3.3.2 Morfemas: refletindo sobre os mecanismos de descrição e análise linguísticas	95
3.3.3 Terminologia gramatical: transferência tecnológica.....	105
3.3.4 Palavras Funcionais: <i>Code-Switching</i>	110
3.3.5 O uso da alternância alfabética: uma visão panorâmica	114
CAPÍTULO 4 – O PANORAMA SOCIOLINGUÍSTICO DO DE DIFFERENTIIS	120
4.1 GREGO VS. LATIM.....	121
4.1.1 Uma cognação comum	121
4.1.2 O latim ao <i>status</i> do grego.....	123
4.1.3 Comparação entre as línguas ou o ensino de uma delas?.....	126
4.2 O GREGO NO SÉCULO IX E SEU ENSINO	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	144
EDIÇÕES DO CORPUS	144
DICIONÁRIOS.....	144

EDIÇÕES DE TEXTOS LATINOS	144
TEXTOS MODERNOS	148
APÊNDICE A – TRADUÇÃO DAS PASSAGENS COMUNS AO <i>DE DIFFERENTIIS</i> E AO <i>DE UERBIS</i>	158
APÊNDICE B – SEGMENTOS QUE TRATAM SOBRE SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS.....	163
APÊNDICE C – CATEGORIAS DE MUDANÇA DE ALFABETO COM SEUS RESPECTIVOS SEGMENTOS	164
APÊNDICE D – CITAÇÕES LITERÁRIAS EM <i>DE DIFFERENTIIS</i>	165
APÊNDICE E – MAPAS EM BARRAS DAS CATEGORIAS DE MUDANÇAS DE ALFABETO JUSTAPOSTOS	170
APÊNDICE F - DIAGRAMA DE VEEN REPRESENTANDO AS QUANTIDADES E OS SEGMENTOS NA INTERSEÇÃO DE MAIS DE UMA CATEGORIA.....	171
ANEXO A – <i>CORPUS</i> SEGMENTADO.....	172
ANEXO B – ÁRVORE DAS LÍNGUAS INDO-EUROPEIAS	190

INTRODUÇÃO

I

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é uma atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão (AUROUX, 1987b), assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (AUROUX, 1992, p. 11-12).

Acima Auroux procura, nas poucas palavras, delinear uma ontologia do saber. Segundo ele, todo conhecimento leva em si marcas do tempo que o idealiza, uma vez que está situado historicamente, sendo, portanto, um dos produtos de seu tempo, uma realidade histórica. De tal modo, não se deve olhar para um saber no passado a fim de validá-lo ou erradicá-lo, submetendo-o ao juízo de verdadeiro ou falso. De acordo com Auroux, estamos habilitados somente a avaliar se o pensamento passado serviu bem ou não ao tempo que o gerou. Com isso, ele não está sujeito a julgamentos valorativos, mas à descrição, à análise e à adequação histórica. Isso não quer dizer que analogias entre saberes situados em pontos históricos diferentes são impossíveis de serem feitas (a impossibilidade de comparar “conhecimentos fechados em paradigmas específicos”), levando-nos ao “mito da incomparabilidade” (AUROUX, 1992, p. 14). Entretanto, deve-se ter a cautela de não incorrer em anacronismos ao contrapor um saber extemporâneo a outro, uma vez que, lembrando as palavras do historiador francês Jacques Le Goff, “a longa duração do passado não deve, no entanto, impedir o historiador de se distanciar do passado, uma distância reverente, necessária, para que o respeite e evite o anacronismo” (Le GOFF, 2003, p. 26).

Com base nisso, podemos sintetizar dizendo que o saber se constitui historicamente no presente enquanto avalia o passado e se projeta ao futuro. O fato de em sua natureza limitada estar uma lembrança e uma projeção é o que permite, guardadas as devidas precauções, sua comparação a outros saberes, tendo em vista que cada um teve seu grau de adequação a um fim dado em determinado momento.

II

Após abirmos com essa perspectiva sobre o conceito de saber, conhecimento, ciência, aqui considerado, apoiada nas palavras de Auroux, este trabalho se presta a dissertar sobre o pensamento gramatical em um dado momento no passado, buscando reconstruir seu ideário linguístico.

Este trabalho possui como *corpus* um texto latino do século IX atribuído a um filósofo cristão, professor e tradutor latino conhecido por João Escoto da Erigeia, doravante Erígena, que tem por título *De Differentiis et Societatibus Graeci Latiniqve Verbi* (KEIL, *GL V*, 599-629), doravante *De differentiis*. Este texto se prestou a fazer, como sinaliza seu título, um cotejo do sistema verbal latino e grego. Ao se pôr a contrastar a mesma categoria gramatical de duas línguas, ele representa uma reflexão acerca da linguagem, fazendo uso das ferramentas à sua disposição. Tendo em mente a presença dessas ferramentas analíticas, minimamente compreendê-las e descrevê-las constitui uma de nossas finalidades de estudo, ou seja, nas palavras de Batista (2013, p. 51), buscamos “um olhar interpretativo que procura entender as razões de determinado trabalho apresentar as características que o definem”. De tal modo, esse trabalho propõe contribuir com um delineamento para a reconstrução do seu pensamento sobre a linguagem, uma vez que não temos a pretensão de esgotar este assunto. Esse delineamento compõe o objetivo maior da disciplina historiográfica da Linguística, o qual, por limitações práticas deste trabalho, buscamos minimamente tanger.

Este trabalho possui dois objetivos específicos. O primeiro consiste em fazer uma breve análise e descrição do nosso *corpus*, permitindo-nos conhecer um pouco mais sobre ele. Como segundo, procuramos elementos imanentes ao texto e elementos de seu ambiente de produção, circulação e interpretação que nos permitam ler o *De differentiis* como uma proposta pedagógica em seu tempo. Para isso, procuramos reconstituir, em primeiro lugar, aspectos extratextuais ao *corpus*, utilizando como referência Erígena (biografia, obras e ofício), bem como sua construção, propondo um contraste a seu texto base, *De uerbis*, Macróbio, e, tangendo minimamente, em como sua leitura vem sendo feita à sombra de Macróbio. O nosso *corpus* é considerado neste trabalho uma paráfrase feita por Erígena do texto de Macróbio, intitulado *De uerborum Graeci et Latini differentiis vel societatibus excerpta* (KEIL, *GL V*, 631-633.), de agora em diante *De uerbis*, séc. IV. Em segundo lugar, investigamos em que medida o texto trata do sistema verbal latino em contraposição ao do grego. Com isso, procuramos observar quantitativamente se ele se atém, na sua maior parte, às explicações gramaticais da língua

grega ou da latina. Na mesma linha de raciocínio, também investigamos em que medida o grego está presente no tratado e em que consiste essa presença. Para isso, analisamos o uso do alfabeto grego no tratado e buscamos, além de mapeá-las, descrevê-las quantitativa e qualitativamente. Em terceiro lugar, após apresentarmos e desenvolvermos algumas ideias do porquê desse cotejo, investigamos o *status* do grego, bem como o seu ensino no tempo de Erígena, na corte de Carlos, o Calvo.

Para chegar aos objetivos expostos, somos guiados teórica e metodologicamente pelos princípios da Historiografia da Linguística (KOERNER, 2014a, 1989; SWIGGERS, 1981, 2012, 2013; AUROUX, 1992). Tendo o texto do *De differentiis* como *corpus*, seu tempo de idealização como ponto na história de investigação e a reconstrução do seu ideário linguístico como objetivo amplo de pesquisa, buscamos, auxiliados pela Historiografia da Linguística (HL), responder a perguntas que construam esse ideário, uma vez que “ser historiador é se colocar a questão global da mudança (porquê, como, quando) e da essência dos objetos submetidos à mobilidade em si e para si” (AUROUX, 1992, p. 12).

III

A Historiografia da Linguística (HL: forma abreviada do termo mais amplo, porém menos impreciso, Historiografia das Ciências da Linguagem – KOERNER, 2014a, p. 17) é uma disciplina que tem como objeto de análise o texto (SWIGGERS, 2013, p. 41) e como finalidade principal a reconstrução do ideário linguístico expresso em seu objeto (SWIGGERS, 2013, p. 43). Desse modo, respondendo a perguntas feitas ao texto, a Historiografia da Linguística, que se constitui de reflexões teóricas, metodológicas (meta-historiográficas) e epistemológicas de Koerner (1989, 2014a, 2014b) e Swiggers (2012 e 2013)¹, é uma disciplina que pensa uma teoria e uma metodologia própria de abordar o texto antigo, especificamente os que tenham a contribuir para a história do pensamento linguístico. A HL, ao estabelecer que “os objetos primários que se devem estudar são textos (publicados ou não publicados)” (SWIGGERS, 2013, p. 41), define que o “objetivo fundamental do historiador é o de reconstruir o ideário linguístico e seu desenvolvimento através da análise de textos situados em seu contexto” (SWIGGERS,

¹ Poderíamos elencar uma miríade de nomes que procuram definir, organizar e pensar a Historiografia da Linguística. Entretanto, aqui essa lista de nomes se faz desnecessária uma vez que, dessa lista, baseamos nossa dissertação principalmente em trabalho de ambos os autores.

2013, p. 43). Essa disciplina aqui se utiliza como uma área de interesse para a *História da Linguística*.

A respeito do nome da disciplina, há uma discussão em curso e buscar uma resolução aqui se mostra desnecessária (Cf. ALTMAN, 2001, 2009; BATISTA, 2013, p. 16; FREITAS, 2016, p. 22-25). Entretanto, podemos dizer que enquanto Koerner e Swiggers inscrevem seu trabalho na Historiografia da Linguística (*Historiography of Linguistics* – nos termos de sua proposição original), Auroux insere seus trabalhos na disciplina nomeada História das Ideias Linguísticas (*Histoire des Idées Linguistiques* – nos termos de sua proposição original). Ambas as disciplinas apresentam propostas diferentes e se organizam institucional e metodologicamente de maneira distinta. Todavia, isso não constitui barreira que impeça o diálogo entre ambas disciplinas e uma contribuição mútua, ou que não possam estar presentes e orientar juntas um mesmo trabalho. Como nos valida Altman (2009, p. 129 apud BATISTA, 2013, p. 17), “a oposição entre historiografia ou história das ideias é, entretanto, uma falsa questão”. Dito isso, poderíamos simplificar dizendo que metodologica e epistemologicamente somos orientados pelos trabalhos de Koerner e Swiggers, enquanto que, teoricamente, as ideias de Auroux (1992) muito contribuem com nossa pesquisa.

A fim de evitar certas incompatibilidades terminológicas ao descrever o pensamento sobre a linguagem produzido em outra época, Koerner (2014a, p. 58-59) postulou três princípios dos quais fazemos uso. O primeiro é o “princípio da contextualização”, que consiste em construir o “clima de opinião” do período em que está situado seu objeto. O segundo é o “princípio da imanência”, que consiste em estabelecer uma compreensão completa do texto linguístico em questão, tanto do ponto de vista histórico como crítico e filológico. Por fim, o terceiro é o “princípio da adequação”, que consiste em oferecer aproximações do quadro conceitual objeto de estudo com a terminologia da Linguística moderna.

IV

Os princípios acima citados são os que estruturam nossa abordagem do nosso *corpus*. Enquanto o primeiro e o segundo tratam, a grosso modo, do que entendemos por contexto de produção da obra e do texto em si, o terceiro princípio é o que inscreve o trabalho historiográfico na Linguística e faz com que o historiador escreva para linguistas. Quando ele lança mão somente dos dois primeiros, ele dá seu trabalho ao interesse apenas de historiadores como ele. Agora, se ele quer atingir ambos os públicos, ele deverá partir

do princípio de que é necessário contextualizar o pensamento antigo sobre a linguagem dentro da área contemporânea dos estudos linguísticos. É principalmente aqui que o historiador faz uso da sua formação como linguista (MALKEIL & LANGDON, 1969; ROBINS, 1983; LAW, 2003, p. 3; SWEIGGERS, 2013, p. 43).

O trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo se divide em duas partes, tendo como proposta construir dois “climas de opinião” (KOERNER, 2014a). Por “clima de opinião” entendemos o contexto intelectual de criação, ou melhor, o ambiente das ideias que embasam determinado pensamento. A primeira parte constrói o ambiente de produção deste trabalho historiográfico. A segunda busca construir o clima da obra que analisamos. Inserimos este trabalho no ambiente epistemológico da Historiografia da Linguística. Reconhecendo o que Batista (2013, p. 77) chama de parcialidade historiográfica, apresentar as ideias que embasam este trabalho justifica a primeira parte desse primeiro capítulo. Fazendo uma breve reflexão sobre a Linguística e sua história, inserimos, assim, nossa dissertação no campo da HL, ao mesmo tempo em que fazemos uma breve revisão da disciplina e uma reflexão sobre os conceitos fundamentais que utilizamos. Apoiamos esta parte, majoritariamente, nos pensamentos de autores como Sylvain Auroux (1992), Ronaldo de Oliveira Batista (2013), Ernst Frideryk Konrad Koerner (1989, 2014a, 2014a), Pierre Swiggers (2012, 2013), Vivien Law (2003, 2005), entre outros. Na segunda parte, buscamos descrever o “clima de opinião” em que se insere o *De differentiis*. Ainda nela, buscamos apresentar dados relacionados à biografia de Erígena, tendo como fonte obras historiográficas que identificaram fatos históricos ao filósofo. Algumas delas são obras de história da filosofia. Em seguida, vemos suas principais obras, dentre as quais nos interessam particularmente as que o ligam às letras gregas, ou seja, as traduções da língua grega para a latina. Essas obras nos dão margens de investigação para seu ofício como tradutor e, além disso, como mestre das artes liberais. Para construirmos essa perspectiva histórica e a imagem biográfica de Erígena, utilizamos de observações feitas por autores como Armstrong (2008), Carabine (2000), Hankey e Gerson (2010), Hugh Graham (1923), Jeaneau (1979), Moran (2008, 2014), Shewdon-Williams (1975, 2008), entre outros.

No segundo capítulo, buscamos construir o nosso objeto. Para isso investigamos a categoria de análise básica “obra”, buscando elementos a ela externos que nos permitam refletir sobre a construção e a recepção do texto, ou seja, como ele chegou a ser o que é hoje. Quanto à obra, aqui se deve fazer algumas observações filológicas, mesmo que superficiais, abordando sua transferência, transmissão, herança e tradição. Essas foram

ações que construíram nosso objeto como o temos. Abordaremos essa investigação em dois estágios, primeiro antes de sua produção (construção) e segundo após v (recepção). Antes de o texto ter sido produzido, podemos pensar suas fontes, o que foi do seu passado recolhido, e dele fora organizado, escolhido, digno de ser lembrado e, até, esquecido na sua produção. Para isso focamos em como ele dialoga com o texto-base de Macróbio (*De uerbis*). Assim, propomos investigar “como o conhecimento linguístico foi adquirido” (SWIGGERS, 2012, p. 2). Pensando nessa questão, fazemos uma análise que contraste as passagens de *De differentiis* às de *De uerbis*. Depois de sua produção, investigamos como ele vem sendo lido. Assim, levantamos a questão de sua atribuição autoral, uma vez que nosso *corpus* vem até o momento ligado a Macróbio e lido sob sua égide. Fazemos, por isso, uma investigação em quais obras encontramos nosso *corpus* editado.

No capítulo terceiro, apresentamos uma descrição e análise do nosso *corpus*. Ao descrevê-lo, buscamos compreender o texto com elementos dele constitutivos e a ele imanescentes. Nesse capítulo fazemos uso do segundo princípio historiográfico proposto por E. F. K. Koerner. Buscamos construir o nosso *corpus* na medida em que nos prestamos quase exclusivamente a uma descrição de seus aspectos temáticos, teóricos e discursivos. Chama-se a atenção para o fato de termos a consciência de que essa leitura do texto parte de um lugar, havendo uma parcialidade historiográfica, uma vez que

A observação não se encontra exclusivamente num viés positivista, já que a atividade da pesquisa está entrelaçada a uma série de fatos que acabam por construir o processo histórico e seus eventos como fatos discursivos também, diante da reconstrução de um historiógrafo pertence uma determinada formação discursiva (resultado de seu horizonte de formação e trabalho) e responsável, assim, pelos caminhos descritivo-analíticos que opera (BATISTA, 2013, p. 77).

Aqui lemos que, na descrição e análise do seu *corpus*, o historiador constrói, na sua leitura, seu objeto de análise, não sendo ele um objeto dado *a priori*. Essa reflexão epistemológica nos faz lembrar a célebre máxima do Pai da Linguística Moderna: “longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto.”² (SAUSSURE, 1975, p. 15). Com isso em mente, investigamos quantitativamente dois conceitos basilares do nosso *corpus*: *differentia* e *societas*, e como esses operadores conceituais se expressam em nosso *corpus*. Ainda nesse capítulo, seguindo a mesma linha de raciocínio, pretendemos destacar, mapear, categorizar, e analisar quantitativa e qualitativamente a mudança de código gráfico (alternância do

² Cf. *Bien loin que l'objet précède le point de vue, on dirait que c'est le point de vue qui crée l'objet, [...]*.

código de escrita, ou seja, do alfabeto, num mesmo segmento textual) em *De differentiis*, para, assim, entendendo-a, aferir informações sobre seu enunciador e seu público, além da relação entre sua metalíngua (latim) e sua língua objeto (grego). Nessa segunda proposta, os fenômenos analisados nos abriram a possibilidade de apresentar algumas observações como: qual é a língua tida como modelo pelo tratado; quais são os autores que representam essa língua; o que podemos inferir na relação entre suas citações e exemplos gramaticais (*exempla*); quais são seus mecanismos analíticos e descritivos dos fenômenos linguísticos, bem como suas operações lógicas; como sua metalinguagem gramatical dialoga com a terminologia gramatical grega e, por fim, como o tratado transparece em si um contexto bilíngue.

Em um quarto e último capítulo, investigamos as possíveis finalidades de nosso *corpus* em seu contexto histórico de produção, bem como os possíveis motivos para uma equiparação linguística entre o grego e o latim. Nessa parte do trabalho, sugerimos outras hipóteses, além daquela que apresentamos, como uma cognação do latim a partir do grego, um reforço da teoria conhecida por *utraque lingua* ou a promoção da língua latina ao *status* do grego, na medida em que as coloca lado a lado. Atentemos que essas hipóteses, bem como a de ser um projeto pedagógico, não se autoexcluem. Também nesse capítulo, procuramos investigar a condição de bilinguagem em que estava inserido o texto. Quais sentidos podemos tirar de sua emergência desse contexto. Aqui buscamos levantar informações que sustentem nossa hipótese principal, que é a possibilidade de o tratado ser ligado a um contexto de ensino da língua grega a latinos. Para isso, utilizamos das reflexões de autores como, por exemplo, Hugh Graham (1923), Shewdon-Williams (1975, 2008), Carlotta Dionisotti (1982), Guerreira (1997b), Moran (2012), Harren (2015).

V

A edição do *corpus* considerada foi a presente nos *Grammatici Latini (GL)* de Keil³ (vol. V, 1868), indo da página 599 à 629, estando aí coligida no âmbito de outras obras gramaticais ligadas ao nome de Macróbio. Utilizamos sua versão digital disponível no *Corpus Grammaticorum Latinorum (CGL)*. Enquanto nos *GL* ele recebe o título *De*

³ De acordo com Desbordes (2000, p. 466), temos que "a edição dos *Grammatici Latini*, fornecida por H. Keil e seus colegas do século (XIX), é sempre o ponto de partida para qualquer investigação sobre gramáticos latinos do período pós-clássico". Cf. "*L'édition des Grammatici Latini, procurée par H. Keil et ses collaborateurs au siècle dernier, est toujours le point de départ de toute recherche sur les grammairiens latins de la période post-classique.*".

Differentiis et Societatibus Graeci Latiniue Verbi (título por nós adotado), em sua versão eletrônica no CGL ele é intitulado *Iohannis (Scoti) defloratio de Macrobio*. Para fazermos algumas de nossas análises no terceiro capítulo, foi necessária uma preparação do nosso *corpus*, a qual a reproduzimos integralmente no ANEXO A de acordo com o critério adotado. Ele consiste em segmentá-lo em unidades de análise que encerram um sentido completo, ou seja, frases. Deste modo, cada frase do tratado foi numerada, indo do seu subtítulo *praefatio* (segmento nº 1) à sua última frase (segmento nº 497).

Por ser um dos poucos textos antigos que se presta a fazer uma equiparação entre a língua grega e a latina, o *De differentiis* é um texto *sui generis*, tendo sido pouco explorado, lido, descrito e analisado, até o momento, disso resultando uma quase inexistência de traduções para línguas modernas⁴. Por isso, propomos analisar um texto que recebeu a alcunha de ser uma das primeiras gramáticas comparativas entre duas línguas (HOVDHAUGEN, 1984, p. 88 *apud* STOPPIE *et al.*, 2007, p. 201).

Por fim, apresentamos algumas observações que devem ser feitas:

- todas as traduções presentes no corpo da dissertação são de nossa autoria, salvo aquelas indicadas no próprio texto;
- nas citações do nosso *corpus* em que vemos *exempla* em gregos, apresentamos glosas entre colchetes para auxiliar a leitura, nas quais propomos uma tradução para o português, seguida de uma análise morfológica da palavra em questão e, por fim, sua entrada como verbete;
- para uma fácil localização das citações do nosso *corpus* no ANEXO A, colocamos na sua referência o segmento (seg.) referente à nossa segmentação.

Com esta dissertação, procuramos contribuir para a História da Linguística. Retomando as palavras de Konrad Koerner (2014a, p. 10), em epígrafe a este trabalho, ao afirmar que “uma disciplina alcança a sua maioridade quando contempla seriamente o seu passado”, com estas páginas propomos nos debruçar sobre um ponto na história e reconstruir o pensamento linguístico manifesto em um de seus produtos, o tratado gramatical *De differentiis*. Além disso, ao investigarmos se é possível ligá-lo ao contexto pedagógico de línguas, utilizando ele de um conhecimento propedêutico, a gramática da língua latina, para o ensino de uma outra, a língua grega, essa pesquisa nos permite

⁴ A única encontrada foi a presente na tradução da obra completa de Macróbio do ano de 1827, tendo o tratado sido traduzido por Auguste Mottet para a língua francesa. Além dessa, estamos trabalhando em trazer a lume uma tradução para a língua portuguesa.

dissertar sobre o contexto de ensino da língua grega em um período conhecido como renascimento de elementos da cultura clássica, em um contexto cristão, na corte do mais glorioso dos reis católicos (*gloriosissimo catholicorum regum*), nas palavras do próprio Erígena (Eriug., *Vers. Dion.* Prol. 1031) ao se referir ao imperador Carlos, o Calvo.

Capítulo 1: O “clima de opinião” em construção

1.1 A Linguística e seu passado: a Historiografia da Linguística

Dizer que a Linguística (ou estudos sobre a linguagem) tem uma história significa entender que, ao longo dos tempos, desde que o homem se deu conta da linguagem verbal como meio de expressão e comunicação, indagações, respostas, soluções e novas perguntas povoaram o imaginário sobre as propriedades da linguagem, mesmo que essas buscas tenham se caracterizado, em determinados momentos, como especulações próximas da religião e da criação de mitos, abordagens que apresentam sem dúvida sua importância na construção intelectual dos saberes, mas, no entanto, estão situadas fora do campo científico de observação e análise. (BATISTA, 2013, p. 14-15).

Pensa-se frequentemente na História da Linguística como uma disciplina muito nova. Afinal, a própria Linguística só se estabeleceu em sua forma atual há algumas décadas. Todavia, as pessoas vêm estudando a linguagem desde a invenção da escrita e, sem dúvida, muito antes disso também. Como em tantos outros campos, o uso e, em seguida, o estudo da língua com finalidades práticas precedeu o processo de reflexão da análise científica⁵. (LAW, 2005, p. 426).

Como já assinala V. Law na epígrafe, a Linguística pode ter firmado seu marco inicial no começo do século passado. No entanto, reflexões sobre a linguagem há muito já vinham sendo feitas, seja utilizando de práticas primordialmente epilinguísticas⁶ ou utilizando a própria língua para descrevê-la (uso metalinguístico). Quando se estuda a história da tradição linguística antes de seu marco enquanto ciência⁷, retorna-se (aqui a passos largos) àquela abordagem da linguagem realizada pelos antigos filósofos, dela se originando a antiga filologia e, daí, surgindo a gramática grega (NEVES, 1987). Paralelamente, deparamo-nos com a busca pela preservação da sagrada pronúncia do

⁵ Cf. *The history of linguistics is often thought of as a very new discipline; after all, linguistics itself has only been established in its present form for a few decades. But people have been studying language since the invention of writing, and no doubt long before that too. As in many other subjects, the use and then the study of language for practical purposes preceded the reflective process of scholarly study.*

⁶ “O saber linguístico é múltiplo e principia naturalmente na consciência do homem falante. Ele é epilinguístico, não colocado por si na representação antes de ser metalinguístico, isto é, representado, construído e manipulado enquanto tal com a ajuda de uma metalinguagem (elementos autonímicos e nomes para os signos)” (AUROUX, 1992, p. 16). O saber epilinguístico se define como “o saber inconsciente que todo falante possui de sua língua e da natureza da linguagem, como um saber metalinguístico não consciente, significando não consciente como não-representado. Em outras palavras, se esse saber é inconsciente como saber (são sabemos o que sabemos) é porque não dispomos de meio (metalinguagem ou sistema de notação) para falar da linguagem. Ainda que não-representado enquanto tal, esse saber pode (e deve) se manipular sob formas de relações conscientes com seu objeto (no sentimento da correção, jogos de linguagem etc.): esta manifestação é o que chamamos de consciência epilinguística.” (AUROUX, 1992, nota 4, p. 33). Segundo Auroux (1992, p. 18-22), esse saber metalinguístico, em um *continuum* após o epilinguístico, só foi possível graças à tecnologia da escrita, o que propiciou a materialização, objetivação, da linguagem e, conseqüentemente, sua manipulação, análise e descrição.

⁷ É tido como marco inicial da Linguística o ano de 1916 com a publicação do *Curso de Linguística Geral* de Saussure. Além desse fato histórico, a literatura da área também o situa no século XIX com os estudos da Linguística Histórico-Comparativa (BATISTA, 2013, p. 15).

sânscrito na Índia (AUROUX, 1992, p. 25; LAW, 2005, p. 426). Mais a seguir, passamos pela disciplina gramatical em Roma junto com a formação retórica (LAW, 2003) e, séculos mais tarde, pela importância dessa gramática para a afirmação dos Estados na Europa Renascentista (AUROUX, 1992). Por fim, chegamos aos gramáticos comparatistas do século XIX. A Linguística, enquanto ciência, surge, então, somente após esse último grande marco dessa história, pois não podemos nos esquecer de que ela,

que tira seu nome de um neologismo alemão (1777) reutilizado por J. -S. Vater em 1808 e adaptado em francês em 1812, é uma forma de saber e de prática teórica nascida no século XIX em um contexto determinado, que possui objetos determinados (o parentesco genético das línguas, a explicação histórica, as línguas nelas por elas mesmas) (AUROUX, 1992, p. 12).

Entretanto, o que estes contextos têm em comum é o fato de neles a língua ter deixado de ser simplesmente uma ferramenta e ter passado a ser objeto de estudo (LAW, 2005, p. 426), o que somente foi possível após uma prática epilinguística da linguagem e sua objetivação, alcançada principalmente através da escrita e de uma linguagem descritiva própria, um sistema de notação, a metalinguagem, como seus elementos autonômicos e nomes para os signos (AUROUX, 1992). Ao nos depararmos com essa história, usando as palavras de Batista acima citadas na epígrafe, podemos perceber o quanto seu conhecimento pode ser significativo para a ciência linguística contemporânea.

Essa história de pensamentos sobre a linguagem, assim como qualquer história, pode ser representada por modelos analíticos, os quais Koerner (1989) buscou delinear. Dentre eles, um dos modelos mais utilizados é a representação da história por uma única linha horizontal que, quanto mais se recua, mais se torna lacunar e, na outra extremidade, é sempre crescente, enquanto correr o tempo. Batista (2013, p. 26) aponta que o grande problema desse modelo foi, principalmente, antigos historiadores terem adotado esta perspectiva sobre a história a partir de uma lógica do progresso constante, na qual o sucessor buscava dialeticamente⁸ superar o antecessor, assim se perfazendo o processo histórico. Dessa maneira, valores qualitativos dicotomicamente antônimos (certo/errado, melhor/pior) são atribuídos aos diferentes pontos na história. Disso decorre a busca que alguns linguistas fazem à história da Linguística para validar uma teoria moderna ou para

⁸ Aqui, por dialética entendemos: a uma ideia tese é apresentada uma antítese e assim as ideias evoluem num processo contínuo de sínteses e movimento “num ciclo interminável de crescente determinação” (FERREIRA, 2013, p. 168). Essa é a concepção dialética do processo histórico desenvolvida por Hegel, que busca, através dela, compreender a realidade. Esta é uma das quatro dialéticas desenvolvidas na história da filosofia destacadas por Abbagnano (1999, p. 269). A título de ilustração, temos a) a dialética como método da divisão (Platão); b) a dialética como lógica do provável (Aristóteles); c) a dialética como lógica (estoicos); e, por fim, d) a dialética como síntese dos opostos (Hegel).

dizer que um pensamento antigo está errado (FORTES, 2011). Seguindo esse raciocínio, essa linha cronológica foi muitas vezes vista como se compoendo a partir de um desenvolvimento (evolução), numa relação direta de causa-consequência e acumulação de saberes (SWIGGERS, 1981), no qual um evento estaria relacionado diretamente aos seus adjacentes e o sucessor seria visto, na maioria das vezes, como uma superação do seu antecessor⁹. Assim, a história da linguística apenas se prestaria a mostrar o que se fez no decorrer do tempo no que concerne à linguagem, sem mencionar que antigos historiadores incidiram no erro de conceber, na sua história, certos saberes como ciência, incorrendo em preconceitos (AUROUX, 1992, p. 12).

Nas palavras seguintes, K. Koerner sintetiza muito bem o que aqui se expôs:

Eu encontrei razão suficiente para questionar a maneira pela qual a história da linguística foi escrita. A História da Linguística está quase exclusivamente preocupada em relacionar ideias sobre a linguagem e sua investigação de maneira cronológica (sugerindo ao mesmo tempo que as teorias contemporâneas são muito mais sofisticadas, adequadas e evidentemente superiores); em outras palavras, a evolução da linguística é descrita como um mero processo de desenvolvimento por acumulação. Histórias do pensamento linguístico e relatos semelhantes são frequentemente baseadas em estudos anteriores, muitas vezes dependendo fortemente de fontes secundárias e até mesmo terciárias. Os desenvolvimentos na linguística são tratados quase completamente isolados: a atmosfera intelectual geral do período em questão, o contexto sociopolítico e cultural do qual surgiram ideias e concepções particulares não foram levados em conta. Além disso, as histórias disponíveis até os dias atuais não tentaram seriamente estabelecer um arcabouço teórico dentro do qual o historiador das ideias linguísticas deveria operar¹⁰ (KOERNER, 1973, p. iii).

Lembrando as palavras em epígrafe a este trabalho, Koerner (2014b, p. 10) sustenta que “uma disciplina alcança a sua maioridade quando contempla seriamente o seu passado”, logo, quanto mais contribuições tiver a Linguística à sua história, mais ela

⁹ Acreditamos que essa visão linear muito foi influenciada pela característica intrínseca à linguagem, sua linearidade. Logo, ao nos dispormos a encaixar a história no tecido narrativo, principalmente quando dispomos apenas dessa linha sem outra a ela paralela, a história pode cair no equívoco de ser vista como a sucessão de pontos adjacentes.

¹⁰ Cf. *I have found sufficient reason to question the manner in which the history of linguistics as been written. Histories of Linguistics have been almost exclusively concerned with relating ideas about language and its investigation in a chronological fashion (suggesting at the same time that contemporary theories are much more sophisticated, adequate, and evidently superior); in the other words, the evolution of linguistics is depicted as a mere process of development-by-accumulation. Histories of linguistics thought and similar accounts are frequently based on earlier studies, often relying heavily on secondary and even tertiary sources. Developments in linguistics are treated almost completely in isolation: the general intellectual atmosphere of the period in question and the socio-political and cultural background from which particular ideas and conceptions emerged have not been taken into account. Furthermore, histories available to the present day have not seriously attempted to establish a theoretical framework within which the historian of linguistic ideas should operate.*

se firma enquanto uma disciplina¹¹. Destarte, um trabalho dentro da HL busca dissertar sobre o pensamento gramatical em um dado momento no passado, buscando “formas de conhecimento que foram construídas sobre a linguagem, no eixo da história” (BATISTA, 2013, p. 16), e, assim, contribuir para a história do pensamento linguístico. Se, para “fazer a história de uma ciência, é necessário ter uma visão definida da natureza de seu objeto” (GROTSCH, 1982 *apud* AUROUX, 1992, p. 13), a Historiografia da Linguística o definiu como os saberes que se constituíram a respeito da linguagem humana, tal como ela se realizou na diversidade das línguas (AUROUX, 1992, p. 13). Postulado pelas palavras de Batista (2013, p. 49), o trabalho do historiador da linguística não “toma por objeto a língua e seus fenômenos, mas o que foi dito e produzido (em contextos sociais e históricos) a respeito das línguas”.

Por mais que a modelagem da história em uma linha, acima exposta, pareça simples, definida pela sequência de pontos adjacentes uns aos outros, quando buscamos refiná-la, enquanto representação da história, para a descrição e análise de um pensamento, ele se mostra bastante complexo, pois, olhando atentamente, o vemos emaranhado, com suas raízes e ramos entranhados no tempo, ou seja, em “simultaneidades de propostas de descrição e análise” (BATISTA, 2013, p. 51), além de “continuidades e descontinuidades, em que teorias, ideias e propostas ocorrem de forma paralela e não unidimensional” (BATISTA, 2013, p. 52). Não podemos nos esquecer de que ambos os pontos, presente e passado, estão inseridos em contextos diferentes, estando livres de qualquer comparação que busque valorar qualquer um deles como melhor (evitando, portanto, incorrer no erro dos antigos historiadores¹²). Descrevendo tal

¹¹ Auroux (1992, p. 12), ao tratar das “discussões metodológicas que acompanham o crescimento recente dos estudos históricos sobre o conhecimento linguístico” (p. 13) em nota (nota 2, p. 33) nos diz que “estas discussões estão longe de atingir a profundidade e a sofisticação da filosofia das ciências, produzida em relação à história das ciências da natureza ou das disciplinas formais”. Logo, fica a cargo dos linguistas investigar a história da sua disciplina.

¹² A exemplo destes, podemos destacar o notável linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr (1904-1970), que, postumamente, tem publicado sua *História da Linguística*. Ele foi um dos “poucos linguistas brasileiros das décadas de 1960 e 1970 [que] se dedicaram à tarefa de elaborar textos sobre história da linguística, embora esse tópico, aparentemente, tenha feito parte dos currículos das Faculdades de Letras que foram surgindo no período” (ALTMAN e BATISTA, 2012, p. 17). Batista (2013, p. 23) nos diz que sua obra apresenta “um caráter abrangente, com perspectiva linear e fortemente orientada para o tratamento da linguística ocidental a partir do século XIX”. Em seguida, Batista nos adverte que em sua obra o linguista “se filiou a uma tradição que buscava descrever períodos da evolução da história da linguística em perspectiva linear e escopo mais extenso, objetivando dar conta, se possível, da totalidade de uma história da linguística” (BATISTA, 2013, p. 24). Em seguida Batista nos mostra que essa era a abordagem da maioria dos linguistas que o antecederam.

equivoco na abordagem do pensamento linguístico, Batista nos diz que os manuais traduzidos e publicados no Brasil no período de 1960 e 1970¹³

se caracterizaram por sua visão unidimensional da linguística, sua formação e seu desenvolvimento, pois mantiveram, ainda que muitas vezes de modo implícito, o ponto de vista de que o desenrolar cronológico das épocas contém um elemento valorativo em direção a um progresso absoluto, que vê o passado como preparação para que etapas subsequentes de um determinado marco temporal corrijam supostos problemas da abordagem de dados, objetos e proposições de descrição e análise linguística (BATISTA, 2013, p. 24).

Assim, como frisamos que o saber metalinguístico do passado está inscrito na história, não devemos nos esquecer de que este que aqui construímos também está. Diferentemente de antigos manuais de História da Linguística, este trabalho não busca apresentar a formação e o desenvolvimento da Linguística, mas sim descrever e analisar um pensamento antigo sobre a linguagem.

O adjetivo *linguístico* enquanto científico está restrito ao contexto em que nasce a Linguística como ciência (século XIX), mas isso não nos impede de rotular pensamentos sobre a linguagem enquanto linguísticos, significando, com essa expressão, aquilo que concerne à linguagem (metalinguístico). Deste modo, fazendo nossas as palavras de S. Aurox, “ciência pode ser uma palavra normativa de nossa linguagem-objeto, mas em nossa metalinguagem será apenas uma palavra descritiva” (1992, p. 14). Seguindo esse raciocínio, temos em mente que “todo saber ser uma realidade histórica significa que ele resulta a cada instante da interação entre as tradições e o contexto” (1992, p. 14). Com isso, temos também como princípio o que Aurox chama de “neutralidade epistemológica”, uma vez que

Não faz parte do nosso papel dizer se isto é mais ciência do que aquilo, mesmo se nos acontecer de sustentar que isto ou aquilo é concebido como ciência, por esta ou aquela razão, segundo este ou aquele critério (AUROUX, 1992, p. 14).

Logo, a nós não interessa ver a validade de outros pensamentos sobre a linguagem tendo como contraponto o nosso. Interessa-nos descrevê-los, analisá-los e, conseqüentemente, entendê-los. Validade para nós significa o quão adequado era este saber em relação a um fim dado por seu próprio tempo e necessidade (AUROUX, 1992, p. 15). Apesar disso, adotamos também como princípio o “historicismo moderado”, pois

¹³ Altman e Batista (2012, p. 16-17) nos lista dentre tais obras, como exemplo, Ivic (1965), Leroy (1963), Tagliavini (1963), Malmberg (1964), Lepschy (1971), Mounin (1070, 1972), Robins (1967) e Coseriu (1969-1972).

Não há nenhuma razão para que saberes situados diferentemente no espaço-tempo sejam organizados do mesmo modo, selecionem os mesmos fenômenos, assim como línguas diferentes, inseridas em práticas sociais diferentes, não são os mesmos fenômenos. (AUROUX, 1992, p. 14).

Do mesmo modo, o princípio de neutralidade epistemológica leva-nos a situar cada saber linguístico no âmbito do seu contexto social de idealização e produção, obrigando-nos a compreendê-lo sob a ótica de seu tempo. Entretanto, disso não deve decorrer o “mito da incomparabilidade de conhecimentos fechados em paradigmas específicos” (AUROUX, 1992, p. 14), uma vez que adotamos a perspectiva, com Auroux (1992), moderadamente historicizante. Com isso queremos dizer que os saberes sobre determinados fenômenos, por mais históricos que sejam, permitem, através de *analogias*, a comparação com outros saberes sobre fenômenos da linguagem, uma vez que “as estratégias cognitivas, por mais variadas que sejam, não variam ao infinito” (AUROUX, 1992, p. 14).

Além desses princípios, também consideramos, em nossas análises, os fundamentos teóricos e metodológicos da Historiografia da Linguística, uma forma abreviada do termo mais adequado Historiografia das Ciências da Linguagem (KOERNER, 1989). Ela é uma disciplina que tem como objeto de análise o texto (SWIGGERS, 2013a) e tem como finalidade principal a reconstrução da ideia expressa no seu objeto (SWIGGERS, 2013a). Desse modo, a fim de responder a perguntas direcionadas pela sua abordagem feitas ao texto, a HL, conceitualizada e pensada em termos intelectuais principalmente por E. F. K. Koerner (2014a) e P. Swiggers (2012 e 2013), é uma disciplina que pensa teórica, epistemológica e metodologicamente uma forma de abordar o texto do passado que tenha a contribuir com o pensamento linguístico. A HL, ao estabelecer que “os objetos primários que se devem estudar são textos (publicados ou não)” (SWIGGERS, 2013a), define que o “objetivo fundamental do historiador é o de reconstruir o ideário linguístico e seu desenvolvimento através da análise de textos situados em seu contexto” (SWIGGERS, 2013, p. 43). Definindo e desenvolvendo cada um dos termos desta última proposição, temos Swiggers (2013, p. 43) pontuando-as da seguinte maneira:

I - Reconstruir: o esforço de reconstruir um ideário dentro de um campo disciplinar impõe que o trabalho se conecte com a metodologia (da história) das ciências.

II - Ideário linguístico: para chegar-se a uma compreensão adequada e fundamentada do ideário linguístico, é preciso ter formação de linguista.

III - Trajetória: para poder estudar um (tipo de) trajetória, é indispensável dispor de uma visão histórica relativamente ampla.

IV - Análise de textos: para que se proceda a uma análise de textos, são imprescindíveis (a) uma base heurística e (b) alguns fundamentos hermenêuticos.

V- Contexto: este item significa que o trabalho seja relacionado com a história intelectual e com a história socioeconômica.

Com isso podemos perceber que a HL está na intersecção entre a Linguística e a História das Ciências. Entretanto, o pesquisador, apesar de receber a alcunha de historiador, é um linguista que deve possuir uma ampla visão histórica, ou seja, uma formação de linguista com conhecimentos de história. Tendo como seu objeto textos sobre a linguagem, o historiador deve levantar uma base heurística, ou seja, a pesquisa em documentos, e utilizar de fundamentos hermenêuticos na interpretação de seu objeto, mas tendo o cuidado de situá-lo e não o destacar de sua história intelectual e socioeconômica.

1.2 Erígena e seu ambiente intelectual

Aqui buscamos responder a perguntas que construam o “clima de opinião”, ambiente intelectual, em que se insere o *De differentiis*. Conforme vimos, estas reflexões justificam-se pelo “primeiro princípio” metodológico estabelecido por Koerner (2014a). De agora em diante, temos, nas palavras de Batista, como objetivo a:

Reconstituição do clima de opinião (o contexto social e histórico, a atmosfera intelectual de determinado período em que certas propostas foram trazidas à discussão) que permitiu a formação, o desenvolvimento, a divulgação e a recepção de um pensamento ou de uma certa teoria linguística e ainda de propostas de descrição e análise. (BATISTA, 2013, p. 75–76).

Uma vez que “as ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período em que surgiram” (KOERNER, 2014a, p. 88), sendo elas um “produto histórico” (AUROUX, 1992, p. 14), pode-se afirmar que os contextos sociais contribuíram para o ideário linguístico, seja na sua produção ou na sua validação após produzido (BATISTA, 2013, p. 59).

Nesse sentido, podemos relacionar essa abordagem a um dos quatro¹⁴ “programas de investigação” definidos por P. Swiggers (1981). Esses programas de investigação são

¹⁴ Os outros três programas (BATISTA, 2013, p. 80-81) são:

(1) O programa de correspondências caracteriza-se pela tentativa de estabelecer relações (e procurar entendê-las) entre linguagem, o pensamento, a mente / o cérebro, os falantes e a realidade;

um “conjunto de quatro modos de tratamento da linguagem definidos por pesquisadores nos estudos linguísticos” (SWIGGERS, 1981, p. 12). Aquele que aqui destacamos é o “programa de investigação” sociocultural, o qual se “caracteriza pela procura de relações entre a linguagem e o complexo social, cultural, antropológico de que faz parte” (BATISTA, 2013, p. 81). Com isso, reconhecemos que a linguagem expressa em nosso *corpus*, uma vez que representa a ideia que buscamos reconstruir, possui uma relação intrínseca com o “complexo social, cultural, antropológico de que faz parte”.

Baseamos esta investigação na categoria de análise básica “autor”, ou melhor, no nome ligado ao texto. Entendemos essa categoria como uma construção discursiva que buscou atribuir uma obra, suas ideias e autoridade a um único indivíduo, Erígena. Para nós, Erígena, é um indicador e marcador espaço-temporal de produção e idealização do nosso objeto (o ideário linguístico) e *corpus* (*De differentiis*). Evitamos cair, portanto, na definição de autor biografista e psicológica. Assim sendo, investigar o que chamamos de “biografia do autor” é investigar o contexto em que o ideário linguístico se expressou em nosso *corpus*, buscando localizar historicamente e socialmente o *De differentiis*. Chama-se a atenção para o fato de não identificarmos o nosso objeto de análise, o conjunto de ideias do texto, com o pensamento estritamente de Erígena. Concebemos a ideia linguística presente no texto como produto do seu tempo, sendo o autor o elo entre ambos, fornecendo-nos referências iniciais de investigação.

Deste modo, de Erígena apresentamos algumas informações biográficas, tendo como fonte obras historiográficas que associaram fatos históricos ao filósofo. Também, apresentamos as obras a ele atribuídas e investigamos seu ofício enquanto tradutor e mestre das artes liberais. Buscamos, nessa investigação, sempre ter em vista dados relevantes que construam e descrevam o *habitat* do nosso objeto. Por *habitat* entendemos o conjunto de circunstâncias intelectuais e ideológicas que oferece condições favoráveis à produção e ao desenvolvimento de determinado pensamento, seu ambiente de idealização. Ao abrir esta atmosfera intelectual de produção do texto às correntes a ele sincrônicas (e anteriores), um estudo historiográfico pode ter de recorrer a outras disciplinas, “compartilhado com a filosofia da linguagem, a retórica, a lógica (“dialética”), a psicologia, a antropologia, a sociologia, a teologia (e a história de cada

(2) O programa descritivista caracteriza-se pelo tratamento das estruturas linguísticas, seus componentes e funções como objeto autônomo;

(3) O programa de projeção caracteriza-se por considerar o estudo de uma língua natural a partir de uma linguagem de caráter formal, levando muitas vezes em conta a proposição de fórmulas lógico-matemáticas aplicáveis à descrição linguística.

uma delas)” (SWIGGERS, 2013, p. 43). Erígena foi um teólogo e filósofo neoplatônico, além de professor e tradutor de grego, logo, este era o seu círculo intelectual e possivelmente de produção de seu texto. Compreender este contexto é de extrema importância para a reconstrução das ideias expressas em nosso *corpus*.

1.2.1 Elementos Biográficos

O texto *De Differentiis uel Societatibus Graeci Latiniue Verbi*, doravante *De differentiis*, é aqui¹⁵ um tratado gramatical ligado a João Escoto da Erigeia de meados do século IX. *Iohannes Scotus Eriugena* foi um mestre de artes liberais (LUHTALA, 2003, p. 19), tradutor, filólogo, poeta, filósofo e teólogo (HANKEY e GERSON, 2010, p. 829), ou, nas palavras de Carabine (2000, p. 13), um neoplatônico, místico e idealista, que, nestes ofícios, reinventou no ocidente latino o pensamento neoplatônico, até então de certa forma esquecido no seu tempo (TROUILLARD, 1983, p. 331).

Apesar de seu nome estar intimamente ligado à Igreja Católica Medieval, tendo sido seu trabalho de grande importância para esta, não há referências concretas sobre ele ter sido um clérigo, embora há quem suspeite, como Prudêncio, de ele ter sido um simples monge (CARABINE, 2000, p. 14). Depois de Boécio, Erígena é considerado o primeiro teólogo a buscar uma conciliação, uma unidade, entre a teologia cristã grega e latina, estabelecendo-se como o primeiro na grande sequência de pensadores medievais (CARABINE, 2000, p. 13), sendo, após Boécio, um dos mais importantes nomes para o Cristianismo ocidental¹⁶ (HANKEY e GERSON, 2010, p. 829). Nas palavras de Hugh Graham (1923, p. 182), Erígena foi o maior intelectual em seu tempo, uma vez que “este foi, de longe, o maior erudito irlandês do século IX”¹⁷. Para este estudioso da educação no período que vai do século VI ao IX, Erígena está entre os cinco representantes intelectuais mais notáveis de sua escolha no período em questão, dentre os quais quatro são a ele contemporâneos, como podemos ler em

¹⁵ Este tratado foi, por um longo tempo, lido e atribuído a Macróbio. Porém, neste trabalho, como teremos a oportunidade de explorar adiante, ele está sendo ligado ao nome do João Escoto da Erigeia, tendo ele, após ter em mãos o tratado gramatical de Macróbio, o *De uerbis*, possivelmente parafraseado ou copiado seu tratado. *De differentiis* é o título que atribuímos ao texto de Erígena. Deste modo, mesmo sendo o tratado de autoria possivelmente de Macróbio, sabemos que ele passara pelas mãos de Erígena, e, neste contexto, ele será analisado.

¹⁶ Ele geralmente é reconhecido como o filósofo proeminente (em termos de originalidade) da era carolíngia e de todo o período de filosofia latina que se estende de Boécio a Anselmo. Cf. *He is generally recognized to be both the outstanding philosopher (in terms of originality) of the Carolingian era and of the whole period of Latin philosophy stretching from Boethius to Anselm* (MORAN, 2008).

¹⁷ Cf. *This was by far the greatest Irish scholar of the ninth century*.

Como exemplos de tipos de eruditos irlandeses que alcançaram eminência em um campo especial e ainda exibiram considerável versatilidade, selecionamos cinco: Virgílio, Dicuil, Dungall, Sedulio e Erígena. Estes podem ser razoavelmente considerados como representantes da educação irlandesa do período no seu melhor. Todos, exceto Virgílio, pertencem ao século IX¹⁸ (HUGH GRAHAM, 1923, p. 172)

São incluídos entre seus trabalhos glossários, alguns bíblicos, comentários e poemas, além de obras de cunho filosófico (CARABINE, 2000, p. 16; HANKEY e GERSON, 2010; MORAN, 2014, p. 33-37; STROK, 2014, p. 127). Todavia, suas obras mais relevantes para este trabalho são as que estão ligadas às letras gregas, principalmente suas traduções, uma vez que, enquanto tradutor, verteu para a língua latina grandes obras da teologia neoplatônica grega.

Além de seu trabalho enquanto tradutor, outro ofício que a nós interessa é sua relação com o ensino, uma vez que Erígena foi professor na corte real (CARABINE, 2000; HANKEY e GERSON, 2010, p. 829). A partir do momento em que voltamos nosso olhar para sua tarefa tradutória e seu ofício de mestre das artes liberais, podemos verificar a afinidade desse filósofo com as letras gregas e, assim, ver a pertinência do *De differentiis* a seus ofícios de natureza pedagógica e tradutória.

Erígena teria vivido desde cercanias do ano de 810 d. C., na *Scotia*, onde hoje está localizado o território da Irlanda, até por volta do ano de 870 d. C (provavelmente norte da região onde hoje se localiza a França). Quanto a seu nome, diz-se que de *Scotus* se deduz que ele teria sido habitante da *Scotia Maior*, nome antes dado à Irlanda pelos latinos¹⁹, e que, até a sua tradução para o latim da obra de Pseudo-Dionísio (c. 860 d. C.), ele não se nomeava por *Euriugena* (COPLESTON, 1993, p. 113; HANKEY, 1998, p. 125–132; CARABINE, 2000, p. 13, 34–43; HANKEY, 2002, p. 141–144; DUCLOW, 2006; ROEM, 2005, p. 105–112 *apud* HANKEY e GERSON, 2010, p. 830). Quanto a Erígena, é um jogo com o nome *Graiugena*, *Graecugena* (nascido na Grécia), sendo *Eriu* a antiga Irlanda.

¹⁸ Cf. *As illustrations of types of Irish scholars who attained eminence in a special field and yet displayed considerable versatility we have selected five: Virgilius, Dicuil, Dungall, Sedulius and Eriugena. These may fairly be considered as representing Irish scholarship of the period at its best. All except Virgilius belong to the ninth century.*

¹⁹ Isidoro de Sevilha (c. 580) já nomeava a região por *Scotia*, como podemos ler em “a *Scotia*, também *Hibernia*, fica próxima à ilha da Britânia, separadas por um espaço muito apertado de terras, mas muito férteis.” (Isid., *Etym.*, XII, 6). Cf. *Scotia idem et Hibernia proxima Britanniae insula, spatium terrarum angustior, sed situ fecundior.* Cf. DUFFY, S.. *Medieval Ireland: An Encyclopedia*. Routledge, 2005. p.698.

Erígena fez parte, de 845 a 870, da corte de Carlos, o Calvo (823 -877), neto de Carlos Magno, que, além de patrono das artes, era grande admirador da cultura helênica. Erígena denomina o imperador Carlos por *gloriosissimo catholicorum regum* (o mais glorioso dos reis católicos) (Eriug., *Vers. Dion. Prol.* 1031^{a20}). Erígena foi para o reinado de Carlos, o Calvo, iniciando sua vida pública ao ministrar, em sua corte, na escola palatina. Lá, ele teria ministrado aulas de gramática, dialética e retórica (*triuuium*), também de aritmética, geometria, astronomia e música (*quadriuium*), além de ter se interessado por medicina (CARABINE, 2000, p. 13; ARMSTRONG, 2008, p. 565, 576; HANKEY e GERSON, 2010, p. 832). Erígena localmente estava ligado à catedral de Laon, cuja influência pode ser verificada nos manuscritos da região (ARMSTRONG, 2008, p. 576). Nossa testemunha mais importante para as atividades de Erígena neste período é Prudêncio de Troyes, que até sua elevação ao bispado em 846, era seu amigo e companheiro na corte (ARMSTRONG, 2008, p. 576).

Os motivos de Erígena ter ido, em 845, para o Reino Franco, assim como o de outros irlandeses para o continente, pode ter sido possivelmente devido às invasões estrangeiras, já que, como nos relata Carabine (2000, p. 8), “a segunda diáspora de estudiosos irlandeses de sua pátria (os primeiros eram evangelizadores) foi causada por incidentes crescentes de incursões Viking na Irlanda²¹”. Entretanto, acreditamos que o principal motivo estava nos atrativos intelectuais oferecidos pela corte franca, já que Carlos, o Calvo, estava seguindo os passos de seu avô, Carlos Magno, no incentivo à cultura. Segundo Hugh Graham (1923, p. 183), a corte teria construído hospedarias para recebê-los e dentre esses intelectuais em exílio o mais eminente foi Erígena²². De tal modo, Erígena nasceu e recebeu, provavelmente, sua educação monástica na Irlanda, mas foi no Reino Franco que exerceu sua vida erudita e pública. De acordo com Hugh Graham (1923, p. 183), a própria educação apresentada por Erígena é prova o suficiente de tê-la recebido na Irlanda, uma vez que o continente no momento era incapaz de fazê-la de

²⁰ *Versio Operum Sancti Dionysii Areopagitae*, Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877__Joannes_Scotus_Erigena__Versio_Operum_Sancti_Dionysii_Areopagitae__MLT.pdf.html. Acessado em 1 de setembro de 2017.

²¹ Cf. *It is said that the second diaspora of Irish scholars from their homeland (the first were evangelizers) was caused by increasing incidences of Viking raids in Ireland.*

²² Cf. *Encouraged by his patronage the Irish monks emigrated in so great numbers to France that hostelries were built for their exclusive use. The most eminent of these exile was Eriugena.* Trad.: “Incentivados por seu patrocínio, os monges irlandeses emigraram em números tão grandes para a França que albergues foram construídos para seu uso exclusivo. O mais eminente desses exilados foi Erígena”.

maneira igual²³. Há grandes evidências de a Irlanda ser desde o sétimo século²⁴ um grande centro formador e exportador de intelectuais e religiosos (HUGH GRAHAM, 1923; CARABINE, 2000, p. 9; MORAN, 2011), estando Erígena entre os mais expressivos deles em seu tempo.

Jeaneau (1979, p. 11) nos diz que o ensino de grego estava restrito aos mosteiros na Irlanda, assim como o de hebraico, as que, junto ao latim, eram consideradas as três línguas sagradas, segundo Isidoro de Sevilha (Isid., *Etym.*, 9.I.2-3), e que a produção exegética e gramatical produzida nessa região excede à produção do mesmo período e assunto na Espanha e Itália. No século IX, os melhores helenistas vinham da *Scotia*, terra de Erígena. Eles vinham muitas vezes prestar seus serviços a Laon, como Erígena, a Liège ou à escola do palácio, como o professor e gramático irlandês Sedúlio Escoto (séc. IX) e Martin de Laon (c. 647-678) (JEANEAU, 1979, p. 10). Dentre os intelectuais de seu tempo que o reconheceram, podemos citar o Bispo Prudêncio de Troyes (c. ?-861), que fez referência ao filósofo pela sua “eloquência irlandesa” (*Celtica eloquentia*, PL 115: 1194A²⁵), enquanto o Bispo Florus (810-860) aludia a ele como “acadêmico e erudito” (*scholasticus et eruditus*, PL 119: 103A) (LAGERLUND, 2010, p. 647; BYRON, 2014, p. 20).

Outro erudito a fazer referência a Erígena, após ter melhorado sua tradução de Dionísio, foi o bibliotecário do Vaticano Anastácio III (810-878), dizendo que este *uir barbarus* (estrangeiro), dos cantos mais remotos do mundo, conhece os mistérios da língua grega (HUGH GRAHAM, 1923, p. 184; MORAN, 2014, p. 35), sendo o bibliotecário um importante nome ligado aos dos conhecedores de grego em seu tempo. Anastácio III foi o erudito que fez a revisão da tradução de Erígena, inclusive criticando-o de ter deixado Dionísio inteligível devido à literalidade de sua proposta tradutória.

Quanto aos motivos de sua morte, muitas incertezas a cercam. Há uma história, ou uma anedota, apócrifa, retomada pelo famoso historiador inglês do século XII William de Malmesbury (1095-1143), dizendo que Erígena fora esfaqueado, ou perfurado por canetas, até a morte por seus alunos (MORAN, 2014, p. 35). Isso teria ocorrido por volta de 870, por instigação do rei Alfredo de Wessex (849-899), tendo sido os restos de Erígena enterrados primeiro na Igreja de São Lourenço, mas o corpo foi mais tarde

²³ Cf. *His learning itself is sufficient proof that he was educated in Ireland where alone he could get the benefit of such an education as the continental schools could no longer have furnished.*

²⁴ A Irlanda recebeu o título no sétimo século de “terra de santos e eruditos” (BIELER e SHARPE, 1987).

²⁵ FLOSS, H. J.. *Johannis Scoti: Opera quae supersunt omnia*. Patrologia Latina CXXII, Paris, 1853.

transladado para a esquerda do altar-mor da igreja abacial (PUGH e CRITTALL, 1956, 210-331).

1.2.2 Obras

A Erígena são atribuídas duas obras principais, *De praedestinatione Liber*²⁶ (c. 851 d. C.) e *De diuisione naturae (Periphyseon)*²⁷ (c. 862-866 d. C.), sendo esta última a mais notável, na qual o filósofo expõe sua visão sobre a evolução da natureza e sobre sua origem, ao “oferecer uma grande síntese da teologia cristã grega e latina promovendo um consistente sistema neoplatônico cristão que foi influente nos séculos posteriores²⁸” (MORAN, 2014, p. 33). Em ambas as obras, Erígena expõe sua filosofia e toda a erudição adquirida em suas leituras e traduções, principalmente de Pseudo-Dionísio (HUGH GRAHAM, 1923, p. 184). São atribuídos a Erígena os fragmentos de um tratado filosófico com o título de *De Egressu et Regressu Animae ad Deum* (HUGH GRAHAM, 1923, p. 184).

Além dessas duas obras, ao nome de Erígena estão ligadas outras inúmeras²⁹ (MORAN, 2014, p. 33-37; STROK, 2014, p. 127; CARABINE, 2000, p. 16; HANKEY e GERSON, 2010). Muitas delas são traduções para o latim, dentre as quais podemos listar as seguintes:

- *Corpus Dionysiacum (Versio Operum Sancti Dionysii Areopagitae*³⁰, *Versio Operum Dionysii Areopagitae*³¹), permitindo o seu ingresso no Ocidente;
- *Quaestiones ad Thalassium* e parte de *Ambigua ad Iohannes (Versio Ambiguorum Sancti Maximi*³²), de Máximo, o Confessor (580-662 d. C.);
- *De hominis opificio*, intitulado por Erígena *De imagine*, de Gregório de Nisa (c. 330-395 d. C.);

²⁶ Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877__Joannes_Scotus_Erigena__De_Praedestinatione_Liber__MLT.pdf.html. Acessado em 1 de setembro de 2017.

²⁷ Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877__Joannes_Scotus_Erigena__Peri_Physeon_Merismou_Id_Est_De_Diuisione_Naturae_Libri_Quinque__MLT.pdf.html. Acessado em 1 de setembro de 2017.

²⁸ Cf. [...] *offers a major synthesis of Greek and Latin Christian theologies and promotes a consistent Christian Neoplatonic system that was influential in later centuries.*

²⁹ Grande parte de sua obra na língua latina pode ser encontrada na versão digital do *corpus* da patrologia de Jacques Paul Migne (1800-1875), disponível eletronicamente na *Documenta Catholica Omnia*: http://www.documentacatholicaomnia.eu/30_10_0815-0877-_Joannes_Scotus_Erigena.html. Acessado em 1 de setembro de 2017.

³⁰ Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877__Joannes_Scotus_Erigena__Versio_Operum_Sancti_Dionysii_Areopagitae__MLT.pdf.htm. Acessado em 1 de setembro de 2017.

³¹ Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877__Joannes_Scotus_Erigena__Versio_Operum_Dionysii_Areopagitae__LT.doc.html. Acessado em 1 de setembro de 2017.

³² Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877__Joannes_Scotus_Erigena__Versio_Ambiguorum_Sancti_Maximi__MLT.pdf.html. Acessado em 1 de setembro de 2017.

- *De fide*, de Epifânio (c. 310-403 d. C.) e
- *Solutiones ad Chrosroem*, de Prisciano de Lídia (primeira metade do século VI d. C.).

Temos o conhecimento também de outras traduções que não chegaram até nós, como

- *Hexameron*, do Bispo de Cesareia Basílio Magno (c. 330-379 d. C.) e
- *Anchoratus* (c. 374) de Epifânio de Salamina (c. 315-403 d. C.).

Erígena escreveu comentários sobre:

- *Jerarquías*, de Pseudo-Dionísio, intitulado *Expositiones super Ierarchias Sancti Dionysii*³³ (c. 865-870 d. C.);
- *Institutiones grammaticae*, de Prisciano (c. 480-530) (LUHTALA, 2003);
- o livro III da *Consolatio Philosophiae* (c. 524), de Boécio (c. 480-524 d. C.) e
- sobre o Evangelho de João (incompleto): *Commentarium In Sanctum Evangelium Secundum Johannem*³⁴.

Erígena também fez glossários para as seguintes obras:

- *De Nuptiis Philologiae et Mercurii*, de Marciano Capela (c. 360-428 d. C.), intitulado *Annotationes in Marcianum Capela* (c. 859-860), este chegando até nós incompleto. Este comentário nos mostra seu conhecimento sobre as artes liberais;
- para a Bíblia e
- para o *corpus* dionisíaco parisiense (*Expositiones seu Glossae in Mysticam Theologiam Sancti Dionysii*³⁵). Erígena foi responsável também pela sua tradução.

Não tendo se dedicado somente às obras de cunho filosófico e religioso, Erígena deixou alguns poemas que mostram não somente sua erudição e fascinação pelo grego, como também suas ligações políticas, como, por exemplo, *Aulae sidereae*³⁶, publicado para celebrar a nova Igreja em Compienha em 1 de maio de 875, dedicada a Carlos, o Calvo (MORAN, 2014, p. 35). Quanto ao seu comentário da obra de Prisciano (*Institutiones grammaticae*), Erígena se detém sobre o som, as letras, as sílabas e as oito partes do discurso, ou seja, seus 16 primeiros livros.

³³ Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877__Joannes_Scotus_Erigena__Expositiones_Seu_Glossae_In_Mysticam_Theologiam_Sancti_Dionysii__MLT.pdf.html. Acessado em 1 de setembro de 2017.

³⁴ Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877__Joannes_Scotus_Erigena__Commentarium_In_Sanctum_Evangelium_Secundum_Joannem__MLT.pdf.html. Acessado em 1 de setembro de 2017.

³⁵ Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_08150877__Joannes_Scotus_Erigena__Expositiones_Seu_Glossae_In_Mysticam_Theologiam_Sancti_Dionysii__MLT.pdf.html. Acessado em 1 de setembro de 2017.

³⁶ *Versus Ioannis Sapientissimi ad Carolum Caluum filium Ludouuici Pii cuius auus fuit Carolus Magnus* (Trad. Versos do sapientíssimo João para Carlos, o Calvo, filho de Ludovico, o Pio, cujo avô foi Carlos Magno). In *Codex Pervetusio Vatic*. Séc. X ou XI. Ed. Angelo Mai. Tom. V, p. 426, 1587, fol. 57-65. Disponível em http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877__Joannes_Scotus_Erigena__Versus__MLT.pdf.html. Acessado em 1 de setembro de 2017.

Entretanto, na biografia de Erígena disponibilizada nos *Documenta Catholica Omnia* de Migne, intitulada *Vita Operaque (Testimonia Aliquot Veterorum)*³⁷, podemos encontrar entre as obras acima listadas, além de outras, como, por exemplo, epístolas, um item com o nome *10 Excerpta ex Macrobio*. Ao irmos em sua nota, vemos o nome de Erígena ligado ao tratado do *De differentiis*³⁸, obra objeto deste trabalho.

A sua obra mais expressiva, *Periphyseon*, nomeada tardiamente pelo filólogo Thomas Gale (1636-1702) em sua edição da obra de 1681, é um diálogo filosófico, metodologicamente guiado pelo silogismo, tendo como interlocutores o mestre (*nutrior*) e discípulo (*alumnus*). O discípulo elabora o pensamento do mestre lhe fazendo perguntas e objeções reais (HANKEY e GERSON, 2010, p. 836). Hankey e Gerson nos representa a obra sintetizada nos seguintes termos:

O *Periphyseon* pode ser considerado como composto de (I) uma consideração de se, e, então, como, as *Categorias* de Aristóteles podem ser predicadas de Deus, (II), juntamente com um tratamento filosófico das obras dos seis dias bíblicos da criação (*Hexamerão*), derivado de Filon de Alexandria através dos Padres latino e grego, (III), que conclui com uma escatologia maciça correspondente ao sétimo dia de descanso. Um resumo elaborado no século IV foi crucial para que as *Categorias* chegassem a seu tempo, as *Dez Categorias (Categoriae decem)*, atribuídas falsamente a Agostinho nas escolas carolíngias, e importantes no *curriculum* delas³⁹ (HANKEY e GERSON, 2010, p. 836).

Baseando-se nas palavras acima, podemos acrescentar que a obra discorre sobre temas cosmogônicos (origem do universo), cosmológicos (sua estrutura) e escatológicos (seu fim), buscando definir a natureza das coisas, fazendo uso das categorias aristotélicas.

³⁷ Disponível em: [http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877__Joannes_Scotus_Erigena_Vita_Operaue_\[Testimonia_Aliquot_Veterorum\]__MLT.pdf.html](http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877__Joannes_Scotus_Erigena_Vita_Operaue_[Testimonia_Aliquot_Veterorum]__MLT.pdf.html). Acessado em 1 de setembro de 2017.

³⁸ *De excerptis ex Macrobio sic clarissimus Armach. Jacobus Usserius: <Joannis quoque nostri putantur esse excerpta illa, quae inter Macrobiani scripta ferunt, De differentiis et Societatibus graeci Latiniue uerbi, cet. Ita quoque censui P. Pithoeus v. cl.> Haec ille in Epist. Hibernicis*. Trad. Sobre os fragmentos de Macróbio assim como o ilustre Armachanus. Jacobus Usserius: “pensou-se ser também do nosso João aqueles fragmentos, que no intermédio foram escritos de Macróbio, sobre as diferenças e semelhanças do verbo grego e latino, cet.. Assim também pensou P. Pithoeus v. cl.”. Assim foi ele na Epístola Hibernicis. *Vsserii Epistolae Hibernicae In Veterum Epistolarum Hibernicarum Sylloge*, Paris, 1665. Disponível em: https://books.googleusercontent.com/books/content?req=AKW5QadyDPTsP3cxqOm6apEp19QQjwFgGIKTepEo3fGTx4yYRhan8efB3RkXF8CZp9F-RCcSQ7e1xQ-t61m7VCnFRfB816mZczLmmYBJRImMzSYk1_I6H7dWPUAvfRltw0gi1n1QUYFLXit7Q2W9c0lmoBdj0KjSBSc4ujP6mVPB7K1j87giOnVYC7wXec2G_r2JmVih-sXz-KrYnG6pCC_YTkeFUjMz44mWDhXv5X4nzvTW11Hky-5z8vTE1YGQ2l2TvYLPKGwCLqI5ko4pQlp2UHTJ1tyvC8t6h3CdFTV6J5BkyCgZJ0. Acessado em 1 de setembro de 2017.

³⁹ Cf. *The Periphyseon may be regarded as composed of I) a consideration of whether, and then how, the Categories of Aristotle may be predicated of God, (II) together with a philosophical treatment of the works of the six biblical days of creation (a hexameron), derived from Philo Judaeus via the Latin and Greek Fathers, (III) which concludes with a massive eschatology corresponding to the seventh day of rest. Crucial to the reception of the Categories was a fourth-century summary, the Ten Categories (Categoriae decem), falsely ascribed to Augustine in the Carolingian schools, and important in their curriculum.*

Como conclusão de seu pensamento, Erígena acredita que as categorias aristotélicas não podem ser predicadas a Deus, utilizando o método da teologia apofática ou negativa, adotada da metafísica platônica de Pseudo-Dionísio⁴⁰ (LUHTALA, 2003, p. 19). A cosmologia de Erígena é definida em quatro grupos com base em seu princípio, sendo um desses grupos o início e o fim dos outros três. Essas quatro categorias consistem nas coisas que: criam e não são criadas (estando nesta categoria Deus), criam e são criadas, não criam e são criadas e, por último, não criam e nem são criadas. Na primeira categoria (a de Deus) está a origem e o fim de todas as outras, sendo Deus o princípio e o fim de tudo.

Segundo Brucker (*HCP* III), a principal obra de Erígena transparece uma influência direta de Aristóteles, no que diz respeito à dialética (lógica), e de Pseudo-Dionísio, no que concerne à metafísica, estando o irlandês vinculado ora ao Neoplatonismo ora ao Cristianismo, ou seja, Erígena se mostra como “herdeiro dos platônicos alexandrinos mediados pela figura enigmática que é Pseudo-Dionísio, e, às vezes, um seguidor de Aristóteles nas formalidades⁴¹” (STROK, 2014, p. 131).

Dentre suas principais influências neoplatônicas em língua latina, podemos dizer que Erígena as reuniu de antigos pensadores como Macróbio (c. 390-430) e da tradução do *Timeu* de Calcídio⁴² (séc. IV) (HANKEY e GERSON, 2010, p. 832). Jeaneau (1979, p. 6) nos atesta que Erígena, apesar de fazer uso de Aristóteles, Platão, Erastóstenes de Cirene (c. 176-194 d. C.) e Ptolomeu (c. 90-168 d. C.) em suas obras através de citações, seu acesso a elas foi indireto, não estando acessíveis ao filósofo em seu tempo, através de comentadores ou traduções para o latim, diferentemente dos padres gregos, aos quais ele acessou diretamente.

Em se tratando de suas citações, além de paráfrases, adaptações e traduções, Erígena faz uso dos padres gregos em número maior do que o de padres latinos (JEANEAU, 1979, p. 7). Jeaneau contrapõe o acesso de Erígena aos padres gregos ao de filósofos cristãos latinos anteriores a ele. Segundo Jeaneau, o irlandês em seu tempo tinha

⁴⁰ Cf. *The first book of Eriugena's masterpiece, the periphysion, ('On Nature', written between 864-866), contains an examination of the ten categories in relation to God, using the method of apophantic or negative theology, which he had adopted from the Platonic metaphysics of Pseudo-Dionysius.* Trad.: “O primeiro livro da obra-prima de Erígena, *Peripheseon* (*Sobre a Natureza*, escrito entre 864-866) contém um exame das dez categorias em relação a Deus, usando o método da teologia apofática ou negativa, o qual fora adotado da metafísica de Pseudo-Dionísio.

⁴¹ Cf. *Eriúgena es a la vez neoplatónico y cristiano, heredero de los platónicos alejandrinos con la mediación de esta figura enigmática que es el Pseudo-Dionisio, y a la vez un seguidor de Aristóteles en lo estrictamente formal.*

⁴² CALCIDIUS, *Commentarius in Timaeum*, ed. J.H. WASZINK, *Timaeus a Calcidio translatus commentarioque instructus* (Plato Latinus 4). London-Leiden: Warburg Institute-Brill, 1962.

um acesso mais direto a essas obras do que os antigos padres latinos, os quais faziam uso, nas palavras de Jeaneau (1979, p. 7), “de uma memória nem sempre tão fiel⁴³”. Por isso, Erígena estava mais ligado aos padres gregos que qualquer outro pensador medieval. Em seus textos, Erígena deixa claro sua preferência pelos padres gregos aos latinos, não somente pela língua. O teólogo diz que aqueles são mais penetrantes (*acutius considerantes*, Eriu., *De dius*. I, V, 35) que estes e mais expressivos (*expressiusque significantes*, PL 122. 955 A, 4-5).

1.2.3 O tradutor e mestre de letras

Um dos ofícios de Erígena que nos interessa, como já mencionado, é sua tarefa como tradutor de obras gregas para o latim, ofício que o introduz na vida pública teológica do ocidente (CARABINE, 2000, p. 16). Strok nos atesta a importância de seu papel como tradutor para o Cristianismo, como observamos em suas palavras abaixo:

A introdução de Pseudo-Dionísio no mundo latino por Erígena é um dos problemas mais graves que encontra Bruker, uma vez que afeta de maneira direta a história do Cristianismo⁴⁴ (STROK, 2014, p. 129).

Para a autora, sua tarefa como tradutor tem grande importância para a Igreja Católica, contribuindo de forma direta para a modificação da história do Cristianismo, tendo suas traduções grande utilidade para os pensadores cristãos posteriores a Erígena. Dentre suas obras traduzidas de maior impacto está o *corpus* dionisíaco, representante da vertente ateniense do neoplatonismo pagão.

Strok completa dizendo que o ofício de Erígena como tradutor teve grande influência na gestação de seu próprio pensamento⁴⁵ (2014, p. 127-128). Como concorda Jeaneau (1979, p. 9), o ofício de Erígena como tradutor fortificou seu conhecimento da língua grega. Além de desenvolver seu conhecimento da língua, Jeaneau reconhece que o trabalho de tradução desenvolveu o pensamento filosófico de Erígena, estando seu ofício como tradutor anterior ao de filósofo. Isso pode ser observado pelo teor filosófico

⁴³ Cf. *Assurément, à travers les écrits des Pères grecs, il avait indirectement accès à certains éléments de la pensée hellénique dont les Pères latins n'avaient pas toujours gardé un aussi fidèle souvenir*. Trad. “Certamente, através dos escritos dos Padres gregos, ele teve acesso indireto a certos elementos do pensamento helênico que os pais latinos nem sempre mantiveram a memória tão fiel.

⁴⁴ Cf. *La introducción del falso Areopagita en el mundo latino por parte de Eriúgena es uno de los problemas más graves que encuentra Brucker, por cuanto afecta de manera directa el rumbo de la historia del cristianismo*.

⁴⁵ Cf. *Podemos afirmar, sin duda, que su tarea de traductor resulta de una decisiva influencia en la gestación de su propio pensamiento*.

de suas traduções presente na sua obra. Com isso, percebemos a grande importância que teve a tarefa de tradutor na construção do pensamento filosófico de Erígena. Logo, podemos concluir que o mesmo se aplica ao conhecimento da língua, junto ao seu contato com as obras gregas.

Erígena se destacou pelo seu conhecimento das letras gregas⁴⁶, sendo, nas palavras de Shewdon-Williams,

um irlandês que, algum tempo na primeira metade do século, foi expulso de seu país pelas depredações dos dinamarqueses e que, como tantos de seus compatriotas, trouxeram consigo a reputação de um conhecimento do grego que excedia o que poderia ser encontrado no continente europeu naquele momento⁴⁷ (SHEWDON-WILLIAMS, 2008, p. 519).

Com isso, podemos perceber que Erígena tinha grande destaque entre os conhecedores da língua grega em seu tempo, a língua da qual Alcuíno mal conhecia o alfabeto⁴⁸ (HUGH GRAHAM, 1923, p. 187).

Carabine, fazendo referência a outros pesquisadores erigianos, nos diz que Cappuyens não acredita que Erígena tenha aprendido grego na sua terra natal, porém, Ludwing Bieler, discordando deste, acha isso possível (CARABINE, 2000, p. 14). Sabemos que o ensino de grego na *Scotia* de Erígena era bem profícuo (MORAN, 2012, JEANEAU, 1979, p. 11, COPLESTON, 1993, p. 113). Carabine (2000, p. 16) segue dizendo que, diferentemente de seus contemporâneos, provavelmente no Reino Franco, Erígena se destacou como tradutor, por ser um dos poucos que podia ler em grego. Shewdon-Williams (2008, p. 519) nos atesta que o conhecimento das letras gregas em seu tempo, seguindo padrões modernos, estava limitado tanto ao vocabulário quanto à compreensão das regras da gramática e da sintaxe, sendo, portanto, notável a conquista de Erígena⁴⁹.

⁴⁶ Graças ao seu conhecimento da língua grega, Erígena foi capaz de oferecer uma nova e muito boa tradução do *corpus* dionisíaco, e permitir, assim, seu ingresso no ocidente (STROK, 2014, p. 128). Cf. *Gracias a sus conocimientos de la lengua griega, Eriúgena fue capaz de ofrecer una nueva y muy buena traducción del corpus dionisiaco, y permitir así su ingreso en Occidente.*

⁴⁷ Cf, [...] *an Irishman who sometime in the first half of the century had been driven from his country by the depredations of the Danes, and who like so many of his compatriots had brought with him the reputation for a knowledge of Greek exceeding what could be found on the European continent at that time.*

⁴⁸ Cf. *He was at once a scholar and a man of genius. What was altogether unique in the ninth century, he knew Greek, of which Alcuin scarcely knew the alphabet.* Trad.: “Ele era ao mesmo tempo um estudioso e um homem de gênio. O que era inteiramente único no século IX, ele conhecia o grego, do qual Alcuíno mal conhecia o alfabeto”.

⁴⁹ “Considerando as imperfeições do texto do qual ele teve que trabalhar e o fato de que, mesmo entre os irlandeses, o conhecimento do grego era, por padrões modernos, limitado tanto em vocabulário quanto na compreensão das regras de gramática e sintaxe, a conquista de Erígena foi notável; não tanto para a própria

Erígena deixa clara uma profunda admiração pelo idioma grego, chegando a estabelecer a superioridade deste idioma ao latino. Para Erígena, a língua dos padres gregos é *significantius, hoc est manifestius et expressius* (mais significativa, isto é, mais clara e expressiva) (Eriug., *Exp. jer.* IX, 199-200), utilizando o mesmo adjetivo outrora usado por Jerônimo para definir a língua grega. Erígena nos diz que *in Graeco significantius scribitur* (em grego se escreve de maneira mais significativa), uma vez que a língua *multo significantius est* (é muito mais significativa) (Eriug., *Comm. Ioh.*, apud JEANEAU, 1979, p. 6).

Seu trabalho público como tradutor provavelmente teve início sob uma encomenda, que, devido a sua erudição, fora requisitada a ele pelo imperador, Carlos, o Calvo: a tradução do *corpus Dionysiacum* (SHEWDON-WILLIAMS, 2008, p. 519), sendo Dionísio considerado o padroeiro de Paris (CARABINE, 2000, p. 16). Brucker (*HCP* III, p. 616) comenta que o *corpus* fora dado ao imperador do Ocidente, Ludovico, o Pio, filho de Carlos Magno (c. 778-840), pelo imperador grego Miguel II, o Tartamudo, (c. 770-829 d. C.) no ano de 827. Fora seu filho, Carlos, o Calvo, interessado em lê-lo, porém desconhecedor das letras gregas, quem pedira a Escoto de Erígena para traduzi-lo, apesar de Hilduino (c. 770-855 d. C.) já o ter feito por volta de 832-835 (STROK, 2014, p. 129; SHEWDON-WILLIAMS, 2008, p. 519; HANKEY e GERSON, 2010, p. 834; CARABINE, 2000, p. 16). A tradução de Erígena apareceu em cerca de 860 (HANKEY e GERSON, 2010, p. 834), sendo este considerado o marco de suas atividades como tradutor e filósofo. Antes disso, Erígena estava restrito à vida pedagógica na corte. Provavelmente este fora seu primeiro contato com o *corpus* dionisíaco, contato que esteve presente não só em seu pensamento, como também no de seus sucessores que a Dionísio tiveram acesso graça ao seu trabalho.

Tendo traduzido, a pedido do imperador, (I) o *corpus Dionysiacum*; (II) a obra *Ambigua* *e *Quaestiones ad Thalassium*, do Ps. Dionísio, atribuído a São Máximo, o Confessor, essencial para a interpretação do *corpus* dionisíaco, e, aparentemente por sua própria iniciativa, sob o título de *De imagine*, (III) a obra *De hominis opificio*, de São

tradução, de que o estilo é prejudicado por sua preocupação em dar uma representação por palavra de um autor tão venerável, como por sua visão do significado do original.” Cf. *Considering the imperfections of the text from which he had to work and the fact that even among the Irish the knowledge of Greek was, by modern standards, limited both in vocabulary and in understanding of the rules of grammar and syntax, Eriugena's achievement was remarkable; not so much for the translation itself, of which the style is marred by his concern to give a word-for-word rendering of so venerable an author, as for his insight into the meaning of the original* (SHEWDON-WILLIAMS, 2008, p. 519).

Gregório de Nisa (talvez acreditando ter sido o autor São Gregório de Nizarem, cujos ensinamentos São Máximo expõe nos *Ambigua*)⁵⁰ (SHEWDON-WILLIAMS, 2008, p. 519), Erígena teve contato fortuitamente com três dos documentos mais característicos e importantes do platonismo cristão grego, inserindo, deste modo, o mundo ocidental nessa herança (SHEWDON-WILLIAMS, 2008, p. 520). Dentre os três, o mais influente para a história ocidental fora, sem dúvidas, o *corpus* dionisíaco (CARABINE, 2000, p. 16).

Na sua tradução do *corpus* dionisíaco, Erígena propõe uma tradução literal, como ele deixa transparecer em suas próprias palavras na sua dedicatória, ao dizer que “eu sou o tradutor deste trabalho e não um expositor” ([...], *me interpretem hujus operis esse, non expositorem, Vers. Dio. Prol. 1032c*), enfrentando o risco de ser culpado pela sua fidelidade à literalidade (ROQUES, 1973; SHELDON-WILLIAMS, 1975; CARABINE, 2000, p. 17; HANKEY GERSON, 2010, p. 834). Hankey e Gerson (2010, p. 834) nos explica que

isso consistiu, de acordo com a prática medieval dominante, não apenas na representação da palavra grega pela palavra em latim correspondente, mas também na reprodução da ordem das palavras gregas e estruturas gramaticais. O sofisticado bibliotecário papal na época, Anastásio, enquanto admirava que um irlandês poderia ter feito a tradução, expressou sua consternação pelo fato de que a literalidade deixou Dionísio ininteligível⁵¹ (HANKEY e GERSON, 2010, p. 834).

Com isso, podemos perceber quais os princípios que regiam o ofício de Erígena enquanto tradutor, a busca de reproduzir, mesmo que fossem necessários decalques, o que lera na língua grega para a língua latina. Conhecendo essa sua empresa, não nos admira seu nome estar ligado ao *De differentiis*, um tratado que busca contrastar uma língua a outra, buscando correspondências lexicais e morfológicas em ambas (mesmo que dentro do nível da categoria verbal). Hankey e Gerson continuam dizendo que Erígena não se

⁵⁰ *He was given the opportunity to indulge his taste further: for Charles, who had learnt from Anastasius the Librarian of the Vatican of the glosses on the ps.-Dionysius attributed to St Maximus the Confessor, set Eriugena to translating the latter's earlier Ambigua; and, on his own initiative apparently, he also made a translation, under the title De Imagine, of the De hominis opificio of St Gregory of Nyssa, perhaps in the belief that the author was St Gregory Nazianzen, whose teachings Maximus expounds in the Ambigua.* Trad. “Foi-lhe dada a oportunidade de satisfazer ainda mais seu gosto: pois Carlos, que aprendera com Anastácio, o bibliotecário do Vaticano, as glosas do Ps. Dionísio atribuídas a São Máximo, o Confessor, colocou Erígena na tradução da primeira Ambigua; e, por sua própria iniciativa aparentemente, ele também fez uma tradução, sob o título De Imagine, do De hominis opificio de São Gregório de Nissa, talvez na crença de que o autor era São Gregório de Nissa, cujos ensinamentos Máximo expõe nas Ambigua”.

⁵¹ *Cf. That consisted, according to the dominant medieval practice, not only in reproducing the Greek word for word in Latin, but also in replicating the Greek word order and grammatical structures. The sophisticated papal librarian at the time, Anastasius, while marvelling that an Irishman could have made the translation at all, expressed his dismay that the literalism left Dionysius unintelligible.*

destacou pelas suas traduções, mas pelo excelente serviço que fez delas. Após seu trabalho de tradução, entendendo o pensamento dos padres gregos nelas contido e parafraseando-o em sua filosofia, seu sucesso está na qualidade da sua exposição profundamente filosófica (HANKEY e GERSON, 2010, p. 834).

1.2.4 As artes liberais

O Império iniciado sob o reinado de Carlos Magno (742-814), chamado de Império Carolíngio (768-814 d. C.), é conhecido pelo renascimento das artes e da vida intelectual, principalmente dentro das escolas monásticas (ARMSTRONG, 2008, 565; CARABINE, 2000, p. 5). Comparado a outros “renascimentos”, ele é “um pedaço de luz solar bem mais brilhante do que os outros que, por sua vez, desapareceram em um redemoinho de névoa” (KNOWLES, 1988, p. 69). Carlos Magno assinalou no famoso capítulo 789 da *Admonitio generalis* que todos os mosteiros e catedrais deveriam abrir escolas dedicadas ao estudo dos salmos, música, canto, matemática e gramática (CARABINE, 2000, p. 6), além de o próprio palácio oferecer tais estudos. Carabine nos apresenta os principais autores que influenciaram o pensamento e serviram como objeto de estudo no século de Erígena, já que

embora as obras de Marciano e Boécio fossem as principais inspirações para os estudiosos do século IX, outros autores antigos também exerciam uma influência importante nas atividades intelectuais: Cassiodoro, Isidoro de Sevilha, Macróbio, Cícero, Prisciano, Porfírio, Lucano, Plínio e alguns textos lógicos de Aristóteles⁵² (CARABINE, 200, p. 8).

Ao ter ido da *Scotia* para o Reino Franco, Erígena possivelmente teve seu primeiro contato com a vida pública ao lecionar as artes liberais na escola palatina (RAMELLI, 2015, p. 276). Na sua obra *Periphyseon*, ao definir cada uma das disciplinas do *triuuium* e *quadriuium*, Erígena mostrou a importância das artes em geral ao dizer que “ninguém entra no céu a não ser pela filosofia”⁵³ (Eriug., *Diuis.*, I 475A-B), seguindo a tradição de Cassiodoro (485-580 d. C.) (*Institutiones divinarum et saecularium litterarum*, c. 543-555 d. C.) ao considerar as artes liberais uma *ancilla* (serva) para os estudos dos textos sagrados (CARABINE, 2000, p. 15). Para o mestre, elas podem ser definidas nos seguintes termos:

⁵² Cf. *Although the works of Martianus and Boethius were the chief inspirations for ninth-century scholars, other authors also exerted an important influence on intellectual pursuits: Cassiodorus, Isidore of Seville, Macrobius, Cicero, Priscian, Porphyry, Lucan, Pliny, and some of Aristotle's logical texts.*

⁵³ Cf. *nemo intrat in caelum nisi per philosophiam.*

GRAMÁTICA é a disciplina guardiã e a moderadora da voz articulada. RETÓRICA é a disciplina que trata, com eloquência e ornamento, das causas definidas, em relação à pessoa, matéria, ocasião, qualidade, lugar, tempo e faculdade; e brevemente se pode definir a retórica como a disciplina sagaz e eloquente das causas finais de sete argumentos. DIALÉTICA é a disciplina das concepções racionais gerais da alma (mente) que investiga e seleciona. ARITMÉTICA é a disciplina pura e fixa dos números submissos à contemplação da alma. GEOMETRIA é a disciplina que considera o espaço e a superfície dos sólidos e figuras planas com o intuito sagaz da mente. MUSICA é a disciplina de todas as coisas, estejam elas em movimento conhecido ou paradas, reconhecendo a harmonia da razão com luz, com naturalidade e proporção. ASTROLOGIA é a disciplina dos corpos celestes que investiga o espaço, o movimento e o retorno em tempos regulares. Estes são os lugares gerais das artes liberais⁵⁴ (Eriug., *Diuis.*, I 475A-B).

Segundo as definições de Erígena, podemos dizer que compete à gramática o cuidado da “voz articulada”; à retórica, das causas definidas; à dialética, das concepções racionais gerais da alma; à aritmética, dos números; à geometria, dos sólidos e figuras planas; à música, de todas as coisas estáticas ou em movimento e à astrologia, dos corpos celestes. Sobre essas definições temos a influência do pensamento presente na *Consolação da Filosofia*, de Boécio, e no *Casamento de Mercúrio e da Filologia*, de Marciano Capela, leitura feita provavelmente durante seus comentários sobre a obra. Ramelli (2015, p. 275) nos diz que Erígena teria usado a obra de Marciano em suas aulas, de onde adviria seu comentário⁵⁵. Erígena acreditava que os erros teológicos eram frutos da ignorância das artes liberais, conseqüentemente a teologia viria do entendimento perfeito delas (RAMELLI, 2015, p. 275).

Percebemos também a influência da definição de Agostinho para a sua de gramática, que, segundo o Bispo de Hipona, “a gramática é, porém, a guardiã e a moderadora da voz articulada: cuja profissão necessariamente leva a reunir também todas as representações da língua humana que foram confiadas à memória e às letras.”⁵⁶ (trad. FREITAS, 2016, p. vii). Kavanagh (2002) nos atesta a importância filosófica que tinha a

⁵⁴ Cf. *GRAMMATICA est articulatae uocis custos et moderatrix disciplina. RHETORICA est finitam causam persona, materia, occasione, qualitate, loco, tempore, facultate discutiens copiose atque ornate disciplina; breuiterque definiri potest, rhetorica est finitae causae septem periochis sagax et copiosa disciplina. DIALECTICA est communium animi conceptionum rationabilium diligens inuestigatrixque disciplina. ARITHIMETICA est numerorum contemplationibus animi succumbentium rata intemerataque disciplina. GEOMETRIA est planarum figurarum solidarumque spatia superficiesque sagaci mentis intuitu considerans disciplina. MUSICA est omnium, quae sunt siue in motu siue in statu scibili, naturalibusque proportionibus, harmoniam rationis lumine dignoscens disciplina. ASTROLOGIA est caelestium corporum spatia motusque reditusque certis temporibus inuestigans diosciplina. Hi sunt generales loci artium liberalium.*

⁵⁵ Cf. *He used Martianus as a handbook of liberal arts in his classes, from which his commentary on Martianus originated.*

⁵⁶ Cf. *est autem grammatica uocis articulatae custos et moderatrix: cuius professionis necessitate cogitur humanae linguae omnia etiam figmenta colligere, quae memoria litterisque mandata sunt* (Augus. *Sol.*, II, 11, 19).

gramática para Erígena. O modelo educacional de Agostinho tinha como matéria de estudo os textos antigos, uma vez que “a educação cristã deveria, como Agostinho enfatizava, estudar os textos antigos” (CARABINE, 2000, p. 15). Deste modo, temos obras de antigos poetas e escritores como objeto de estudo na educação cristã, segundo o modelo de Agostinho (MÜLLER, 2015).

Com o que aqui expomos, percebemos que o contexto de produção intelectual de Erígena mostrava-se propício a uma reflexão que considerasse, em alguma medida, relações entre as línguas grega e latina, através de seu ofício tradutório. Essa proximidade poderia estar na figura de Erígena como um agente ou estar na própria emergência que os estudos da língua grega estavam tomando no contexto do “renascimento” do século IX. Além desse ofício, Erígena estava ligado ao ambiente de ensino. Com isso, podemos dizer que há evidências fortes para ligarmos o *De differentiis* a esse ambiente.

Capítulo 2 – *De differentiis*: construindo o objeto

Neste capítulo, temos como objetivo investigar a categoria de análise “obra”, buscando elementos a ela externos que nos permitam refletir sobre a construção e a recepção do texto, ou seja, como ele chegou a ser o que é hoje.

Quanto à obra, aqui se deve fazer algumas observações sobre sua transferência, transmissão, herança e pertinência a uma tradição; elementos que explicam a construção do nosso objeto como hoje o temos. Podemos pensar esses aspectos antes de sua produção (construção) e depois de sua produção (recepção). Antes de o texto ter sido produzido, podemos pensar suas fontes, os textos de referência para a sua produção. Especificamente, investigamos como ele dialoga com o texto-base de Macróbio (*De uerbis*), para responder a “como o conhecimento linguístico foi adquirido” (SWIGGERS, 2012).

O texto *De differentiis* foi, por longo tempo, dedicado ao filósofo neoplatônico Macróbio (século VI d.C.), mesmo que em nosso trabalho ele está ligado a Erígena. A edição considerada neste trabalho é a encontrada dentro da obra de Macróbio nos *Grammatici Latini* de Keil. Apesar de este texto estar em um título dedicado a Macróbio, uma informação que se tem é a de uma nota no seu fim, que pode ser encontrada na edição de Helias Putschén (p. 2770), com os seguintes dizeres: “a paráfrase esclarece sobre o livro de Macróbio Ambrósio Teodósio, a qual João pegara para aprender sobre as regras dos verbos gregos”⁵⁷ (PUTSCHEN, 1605, p. 2770). Por isso, embora encontremos aquelas evidências para atribuir este texto a Macróbio, sempre se teve esta dúvida: não se sabe se João Escoto o editou, parafraseou, resumiu ou o copiou dos manuscritos de Macróbio a que tivera acesso, ou de outro que isso tenha feito. Devido a essa imprecisão, em muitos lugares, esse texto é identificado ora por *De differentiis uel Societatibus Verbi Graeci Latini* (como nos *GL*) ora por *Iohannis (Scoti) defloratio de Macrobio* (como no *Corpus Grammaticorum Latinorum*, que é uma versão eletrônica dos *GL* de Keil).

Antes disso, porém, é válida uma observação mais geral, quando falamos de “texto”, principalmente de textos antigos, uma vez que o objeto da Historiografia da Linguística é o resultado objetivo de um estudo da Filologia. Compreender um texto não é somente conhecer o que ele traz, mas também sua trajetória. Isso fica mais evidente

⁵⁷ Cf. *Explicit defloratio de libro Ambrosii Macrobiani Theodosii, quam Iohannes carpserat ad discendas Graecorum verborum regulas.*

quando abordamos o *De differentiis*, uma vez que esse texto mantém uma relação com outro que lhe precede (*De uerbis*).

Pensando, além disso, na sua recepção, visamos ter uma ideia do seu público alvo, além de “como ele fora difundido” (SWIGGERS, 2012). V. Law (2003, p. 6) nos lembra de que “este texto fez sentido quando foi escrito”, logo, é tarefa do historiador reconstruir (não buscar positivamente) este sentido, fazer com que ele novamente seja compreensível para nós, leitores de outro tempo, mesmo sabendo que algumas coisas só terão sentido quando contextualizadas no seu ambiente de produção. Essa é a tarefa basilar do historiador. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos pensar sua história, ou seja, como ele vem sido lido, copiado ou esquecido. Deste modo, podemos nos perguntar quais foram os impactos de sua leitura ao ter ele sido atribuído a Macróbio, qual sua tradição manuscrita, traduções e serialidade de suas edições, ou seja, como ele tem sido, por que razão e de que maneira ele fora preservado, ou perdido (SWIGGERS, 2012).

2.1 De Differentiis et Societatibus Graeci Latinique Verbi

A edição do nosso *corpus* que foi considerada para este trabalho foi a presente no quinto volume dos *Grammatici Latini (GL)* de T. Heinrich G. Keil (1868), estando ali compilada junto a outras obras gramaticais ligadas ao nome de Macróbio (séc. IV). Na edição de Keil, lemos em seu prefácio (*GL V*, p. 595 - 598) e em Flamant (1977, p. 237-239), que, *primo loco*, indo da página 599 à 629, nos deparamos com um texto intitulado *Ex Libro Macrobiani: De Differentiis et Societatibus Graeci Latinique Verbi* (“Retirado do Livro de Macróbio: sobre as semelhanças e diferenças do verbo grego e latino”). Por vezes ele é referenciado, como no *CGL*, por *Iohannis (Scoti) defloratio de Macrobio* (“Paráfrase de João (Escoto) sobre Macróbio”). Esse texto teve como base o manuscrito do século XI conhecido como *codex Parisinus 7186*, estando da folha 42 à 56 do códex⁵⁸.

Secundo loco, encontramos, da página 631 à 633 dos *GL*, um texto intitulado *Excerpta de Libro Macrobiani Theodosii: De uerborum Graeci et Latini Differentiis uel Societatibus* (“Excertos sobre o Livro de Macróbio Teodósio: sobre as diferenças ou semelhanças dos verbos do grego e do latino”), aqui referenciado por *De uerbis*. Esse texto teve como base o manuscrito do século VII/VIII conhecido como *codex Bibiensis, nunc Vindobonensis 16*.

⁵⁸ Uma versão digital do manuscrito pode ser encontrada no endereço: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b100337366/f1.image>. Acessado em 18 de setembro de 2018.

Tertio loco, há ainda um terceiro texto intitulado *De uerbo*, indo da página 634 à 654, retirado do manuscrito do século VIII/IX chamado *codex Bibiensis nunc Vindobonensis 17*⁵⁹. *Quattuor loco*, encontramos na página 655 um fragmento também atribuído a Macróbio sem título. Este texto veio para os *Grammatici Latini* do manuscrito do século IX chamado *codex Parisinus 7499 (Laudunensis 4444)*. Para uma melhor visualização dessas informações sobre os textos, abaixo apresentamos um quadro com uma síntese dos textos/manuscritos relacionados à obra em questão:

Quadro 1 - Textos atribuídos a Macróbio nos *GL* e seus respectivos manuscritos

Posição	Título da obra	Manuscrito	Século	Páginas nos <i>GL</i>
<i>Primo loco</i>	<i>Ex Libro Macrobiani: De Differentiis et Societatibus Graeci Latinique Verbi</i>	<i>Codex Parisinus 7186 ff. 42–56</i>	XI	599-629
<i>Secundo loco</i>	<i>De uerborum Graeci et Latini differentiis vel societatis excerpta</i>	<i>Codex Bibiensis nunc Vindobonensis 16</i>	VII/VIII	631-633
<i>Tertio loco</i>	<i>De uerbo</i>	<i>Codex Bibiensis nunc Vindobonensis 17</i>	VIII/IX	634-654
<i>Quattuor loco</i>	<i>Exempla barytonorum secundum Macrobianum Theodosium/ Exempla perispomenorum secundum Macrobianum Theodosium</i>	<i>Codex Parisinus 7499 ou em Laudunensis 444</i>	IX	655

Neste trabalho, consideramos somente o primeiro texto como *corpus*, recorrendo ao segundo somente para avaliar, quando necessário, a relação entre ambos, uma vez que, conforme veremos à frente, o primeiro texto constitui-se de uma paráfrase feita por Erígena do segundo texto, que corresponde a fragmentos do texto de Macróbio. Nosso foco não é aqui, portanto, a obra fragmentária de Macróbio, autor do século IV d. C., mas na sua paráfrase medieval feita por Erígena. Como declaram Stoppie *et al.* (2007, p. 202), “Erígena declarou expressamente ter trabalhado sobre uma cópia do texto original, seguindo literalmente o texto e a organização do tratado”⁶⁰. O terceiro texto, *De uerbo*, também atribuído a Macróbio, possui o mesmo conteúdo tratado por textos a ele atribuídos⁶¹. Por isso, Flamant (1977, p. 239) conclui que, “em essência, são três formas

⁵⁹ Stoppie *et al.* (2007, p. 202) nos diz ser este texto proveniente do manuscrito do fim do século VII, *Neap. Lat. 1*, ff. 14-16 et 1-8.

⁶⁰ Cf. Jean Scot Erigène déclare expressément avoir travaillé sur une copie du texte original, en suivant littéralement le texte et l’organisation du traité.

⁶¹ “Um terceiro manuscrito, anônimo, *Vindobonensis 17* (anteriormente também *Bobiensis*) do século VIII/IX, dá estratos abundantes sob o título de *De uerbo*; no entanto o conteúdo indicou que é o mesmo

diferentes, o assunto do tratado de Macróbio”. O quarto texto, sem título, é um pequeno escrito que traz exemplos da flexão de verbos gregos, os quais são seguidos na mesma pessoa (sempre a 1ª sg.), tempo, voz, modo, etc., de verbos latinos.

2.2 Macróbio vs. Erígena

Apesar de darmos ênfase ao texto de Erígena, portanto, ao horizonte de produção e circulação no âmbito da Idade Média, é preciso tomar como ponto inicial dessa reflexão o texto mais antigo a ele ligado: o de Macróbio. Conforme vimos, o *De differentiis* é um tratado que, quando referenciado, está ligado ao nome de Macróbio, aparecendo entre suas obras. Buscando uma maneira de diferenciar o nosso objeto – o texto-paráfrase atribuído a Erígena – daquele tratado de Macróbio, aqui tomado como base para a escrita do primeiro, vamos nos referenciar ao texto de Erígena por *De differentiis* e ao de Macróbio por *De uerbis*, seguindo o título sugerido por Keil.

Macrobius Ambrosius Theodosius foi um escritor que conseguiu certa notoriedade no decorrer da história, sendo lembrado como filósofo, astrônomo, teólogo, erudito e até enciclopedista (FLAMANT, 1977, p. 233). Essa importância não foi devido ao seu tratado gramatical, o objeto que nos interessa principalmente. Esse texto, na verdade, foi quase que esquecido, à sombra de sua obra, por outro lado, bastante notável, a *Saturnália* (*Convivia primi diei Saturnaliorum*) e o seu *Comentário ao Sonho de Cipião de Cícero* (*Commentarium in Ciceronis Somnium Scipionis*) (CAMERON, 1966 p. 25), que comenta a conhecida passagem que se encontra entre os parágrafos 9 e 29 do livro VI do *De republica*, de Cícero.

Nesse *Commentarium*, Macróbio faz uso da filosofia neoplatônica, não só a preservando, motivo pelo qual se atribui a sobrevivência de suas obras e de seu nome à Idade Média, mas também servindo, junto à sua *Saturnália*, como um importante documento social de seu tempo⁶² (CAMERON, 1966, p. 25). A *Saturnália* teria sua composição em 395 d. C. e o *Commentarium*, segundo Pierre Courcelle (*apud* CAMERON, 1966, p. 25), uma década antes.

Na obra *Saturnália*, Macróbio aborda questões que vão desde a filosofia, passando pela matemática, música, astronomia, até questões de retórica. Com seu *Commentarium*,

trabalho”. Cf. *Un troisième manuscrit, anonyme celui-là, le Vindobonensis 17 (lui aussi autrefois à Bobbio), du VIII/IX^e siècle, donne d'abondants extraits sous le simple titre De verbo; le contenu cependant indique suffisamment qu'il s'agit du même ouvrage* (FLAMANT, 1977, p. 238).

⁶² Cf. *It has long been recognized that Macrobius' Saturnalia and Commentary on Cicero's Somnium Scipionis are no less important as social documents of their times than for the precious antiquarian and neoplatonic lore they preserve.*

Macrônio foi muito lembrado como um filósofo neoplatônico que contribuiu para o Cristianismo, e, com sua *Saturnália*, ele oferece um testemunho sobre a cultura pagã, como nos revela Cameron (2011, p. 231). Com isso, é provável que a filosofia neoplatônica de Macrônio, bem como seu tratado gramatical, teria chegado até Erígena, constituindo as bases latinas para a formulação de seu pensamento.

Cameron, em *The date and identity of Macrobius* (1966), na tentativa de estabelecer em que período o pensador teria vivido e quem teria sido o autor da *Saturnália*, do *Commentarium* e do *De uerbis*, nos diz que ele foi um homem do final do século IV e início do século V. Pesquisando este nome neste período, no Código de Teodósio⁶³, o estudioso encontra três possíveis identidades ligadas a este homem:

- um vigário na Espanha (c. 399-400 d.C.)
- um procônsul na África (c. 410 d. C.)
- um oficial militar encarregado da guarda de monumentos e templos sagrados (*praepositus sacri cubiculi*) (c. 422 d. C.).

Cameron chega à conclusão de que Macrônio seria conhecido em seu tempo por *Theodosius*, identificando-o com o prefeito pretoriano na Itália em 430, apesar de a data ser bem posterior ao período atribuído à sua atividade literária.

Dos três Macrônios do Código, destaca-se o *praepositus*⁶⁴, que, sendo um soldado oriental, provavelmente grego, explicaria sua declaração ao dizer ter nascido *sub alio caelo* na *Saturnália* (*Sat.* I, I, II), onde também encontramos a ele dado o título de *uir illustris*, sendo o primeiro *praepositus* a receber tal título, título este não dado a vigários e procônsules. Caso fosse um *praepositus*, ele deveria ser um eunuco. Entretanto, Macrônio, aparentemente, teve um filho, o vínculo mais forte que poderia ser oferecido pela natureza, a quem dedica sua *Saturnália*⁶⁵, logo nas suas primeiras palavras, e no seu *Commentarium*. Cameron nos diz também que sua familiaridade com a literatura latina e

⁶³ O Código de Teodósio ou *Teodosiano* (também *Códex* ou *Códice de Teodósio*; em latim: *Codex Theodosianus*), foi uma compilação das leis do Império Romano sob os imperadores cristãos desde 312. Teodósio II (r. 408–450) criou uma comissão com esta finalidade em 429, e a compilação foi publicada na metade oriental do Império Romano em 438. Um ano depois, o código foi também introduzido no Ocidente pelo imperador Valentiniano III (r. 423–455).

⁶⁴ Comandante, oficial militar (SARAIVA, 2006, p. 935).

⁶⁵ A Natureza formou para nós muitos laços diferentes nesta vida, Eustáquio, meu filho. Entretanto, dentre eles nenhum é maior do que o formado pela procriação. Cf. *Multas variasque res in hac vita nobis, Eustathi fili, natura conciliavit; sed nulla nos magis quam eorum qui e nobis essent procreati.* (Macr., *Sat.* I, 1).

seus erros de tradução do grego sugerem também que ele não fosse grego (ou, se fosse, tivesse nível insuficiente de letramento). Cameron em nota diz que, apesar de Macróbio utilizar a primeira pessoa plural para os latinos e a terceira para os gregos⁶⁶, ele expõe que, por na *Saturnália* os personagens serem latinos, possivelmente ele não estava se incluindo na primeira pessoa plural. Porém, no *Commentarium*, no qual ele se inclui na primeira pessoa, ela se encontra muito ligada aos latinos.

Ludovicus Ianus, no oitavo parágrafo (1848, p. 6) do primeiro capítulo denominado *De Macrobii nominibus honoribus aetate religionibus patria* (Sobre os nomes, as honras, a idade, as religiões e a pátria de Macróbio), em seus prolegômenos à sua edição da obra de Macróbio, identifica *sub alio caelo*⁶⁷ (debaixo de outro céu) com a África, logo, também Cameron, seguindo o raciocínio de *Claudius Claudianus* (c. 370-404 d. C.) no segundo verso do *De Bello Gildonico*, ao chamar a África de *alterius convexa poli*⁶⁸ (outros céus).

Cameron chega à conclusão de que o vigário e o procônsul são a mesma pessoa e possuem o nome de *Flavius Macrobius Maximianus*, não sendo, deste modo, *Macrobius Ambrosius Theodosius*.

A ordem correta do nome de Macróbio seria *Macrobius Ambrosius Theodosius*, como atesta o *Commentarium* de *Aurelius Memmius Symmachus*, e *Macrobius Plotinus Eudoxius*. Todavia, Cassiodoro e Boécio chamam-no de *Ambrosius Theodosius*. Com alguma segurança, poderíamos, portanto, atribuir a ele o nome *Theodosius*, como ele diz em *Differentiis* ao dedicar sua obra a seu filho (*Theodosius Symmacho suo salutem dicit*)

⁶⁶ “Porque os gregos dizem ἰδεῖν, no com a letra v adicionada videre dizemos.” Cf. *Quod Graeci ἰδεῖν dicunt, nos v littera addita videre dicimus* (Macr., *Sat.* I, 16).

⁶⁷ “Sobre a pátria de Macróbio nada sabemos a não ser que ele não foi romano. Pelo contrário, nasceu em uma distante terra qualquer, como ele próprio diz no parágrafo 11 do prefácio do primeiro livro da *Saturnália*, [...]. Eu não negaria que Macróbio teria certamente nascido na África, de onde naquele tempo tantos homens muito eruditos vieram, embora, de certo, eu não possa e nem queira isso afirmar. De fato, nascido na África de Roma, certamente ele pôde dizer ter nascido de baixo de outro céu, e, sendo africano, de fato ser experimentado nas letras gregas [...]”. Cf. *De Macrobii patria nihil scimus nisi Romanum eum non fuisse, immo in longinqua quadam terra natum, id quod dicit ipse Saturn. lib. I, praef. § 11.: nisi sicubi nos sub alio ortos caelo Latinae linguae vena nonadiuvet. [...] Certe in Africa, e qua illis temporibus tam multi viri eruditissimi prodierunt, natum fuisse Macrobius non negaverim, licet pro certo affirmare nec possim nec velim: nam in Africa natus Romae profecto dicere potuit se sub alio caelo esse ortum, et Africanum, quamvis Graecis literis imbutum, [...]* (IANUS, 1848, p.6)

⁶⁸ *Redditus imperiis Auster subiectaque rursus
alterius convexa poli, rectore sub uno
conspirat geminus frenis communibus orbis.*
(Claud., *Gild.* vv. 2)

e como Aviano o trata ao dedicar suas 42 fábulas a ele (*Theodosi optime*)⁶⁹ logo no início de sua obra em uma passagem com o título de *Incipiunt fabulae XLII Aviani poetae: Epistola eiusdem ad Theodosium*⁷⁰. Cameron nos diz que o nome *Macrobius* era utilizado em contextos oficiais e *Theodosius* em contextos pessoais. Assim sendo, ele procurou no *Codex Theodosianus* por *Theodosius* e não mais por *Macrobius*. Com isso, no *Codex* encontramos somente um *Theodosius* no período de 385 a 485 (período de atividade literária de Macróbio), e este é o prefeito pretoriano da Itália em 430, estabelecendo, assim, Cameron a identidade e o período em que Macróbio viveu.

2.3 *De differentiis* vs. *De uerbis*

O *De uerbis*, considerado obra de Macróbio, não chegou a nós integralmente. Dos quatro textos, ele é provavelmente o que mais tenha da autoria de Macróbio. Isso se diz porque, ao se referir ao texto de Macróbio, estudiosos como, por exemplo, Alan Cameron (1966)⁷¹ e Robert Kaster (1997; 1980; 1980A) sempre fazem referência a uma passagem que está presente somente neste texto, ausente tanto no *De differentiis* quanto no *De uerbo* e no *Exempla barytonorum secundum Macrobius Theodosium/ Exempla perispomenorum secundum Macrobius Theodosium*. Esta passagem é a dedicatória que Macróbio faz de sua obra a Símaco, onde encontramos, de fato, o seu nome associado ao texto, como podemos ler em “Teodósio saúda a Símaco” (*Theodosius Symmacho suo salutem dicit*, Macr., *De uerb.*, GL V, 631, 5).

Desbordes (2000, p. 470) nos diz que este texto de Macróbio nos chegou fragmentado por ter sido ele escrito sob um espírito de “ciência desinteressada”, nos termos da autora, pois este deveria ter sido um trabalho único, embora tenha sido desmembrado em partes e utilizado por outros autores, como Prisciano, para fins práticos, como ensinar latim a um grego⁷². Julgamos necessário comentar os termos da autora. Não

⁶⁹ “Aos que irão duvidar de mim, esplêndido Teodósio, para onde enviaríamos a memória das letras com o título de nossos nomes?”. *Dubitanti mihi, Theodosi optime, quonam litterarum titulo nostri nominis memoriam mandaremus*, [...] (Avian., Fab. I. 1).

⁷⁰ Trad. Iniciam as XLII fábulas do poeta Aviano: Epístola dele mesmo para Teodósio.

⁷¹ Que ele foi de fato chamado Teodósio é provado pela dedicatória em *De differentiis: Theodosius Symmacho suo* [...]. *That he was indeed called Theodosius is proved by the dedication to the De differentiis: 'Theodosius Symmacho suo'*, [...] (CAMERON, 1966, p. 26)

⁷² “O tratado de Macróbio comparando o verbo grego e latino, que sobreviveu de fragmentos, deveria ser um trabalho único, escrito em um espírito de “ciência desinteressada”, razão pela qual não foi bem sucedido; mas ele foi desmembrado para todos os fins prático: na companhia de Prisciano, utilizamos partes para compor um *De Verbo* (GL V, 634-654) destinado a ensinar o latim a um grego”. Cf. *Le traité de Macrobe comparant le verbe grec et le verbe latin, dont nous sont parvenus des extraits, devait être un*

acreditamos ter sido o texto escrito sob um espírito de “ciência desinteressada”, sendo esse o motivo da sua chegada a nós em fragmentos. Acreditamos que outros motivos, que vão além dos objetivos deste trabalho, não este, justifiquem o texto fragmentado que temos hoje. Provavelmente esses motivos estão na recepção e transmissão do texto, não na sua produção.

O *De differentiis*, obra de Erígena, e o *De uerbis*, de Macróbio, pelo fato de o primeiro se tratar de uma paráfrase deste último, possuem certos elementos comuns: algumas passagens se encontram tanto em um quanto em outro, dando-nos a oportunidade de fazer uma análise comparativa entre ambos os textos, ao localizarmos os fragmentos de Macróbio na paráfrase de Erígena. O que os difere, além da maior extensão do texto de Erígena, são algumas passagens que constam ora somente no texto de Erígena ora exclusivamente no de Macróbio.

Sabemos, de antemão, dos problemas que esse tipo de análise comparativa pode acarreta, uma análise estritamente formal, uma vez que estamos trabalhando com edições de texto, que passaram por diversos processos para chegar à forma que aqui consideramos. Entretanto, uma vez que está se considerando o texto do *De uerbis* como um possível modelo para a paráfrase de Erígena, o *De differentiis*, pretende-se com esse cotejo evidenciar o caráter fragmentário do primeiro, identificando aquelas passagens efetivamente comuns e aquelas que, por outro lado, são idiossincráticas em cada um dos textos. Não estamos dizendo que a versão do *De uerbis* que Erígena teve acesso estava fragmentária, o que dificilmente responderemos, além de não ser nosso objetivo. Buscamos ver esse estado fragmentário do *De uerbis* para nós nas edições que temos acesso.

Entretanto, antes de começarmos, deve ser dito que para o exame que se presta nesta seção, o *corpus*, em sua versão digitalizada disponível no *CGL*, foi segmentado em unidades de análise⁷³. Cada unidade de análise consiste em uma unidade que encerra um sentido completo, ou seja, frases (começa por capitalização e termina com pontuação) na edição latina adotada, que foram numeradas de 1 (sendo seu subtítulo “*Praefatio*”) até o

ouvrage unique, écrit dans un esprit de "science désintéressée", ce pourquoi il n'a pas eu de succès; mais il a été dépecé à toutes fins utiles: dans l'entourage de Pricien, on en a utilisé des morceaux pour composer un De Verbo (GL V, 634-654) destiné à apprendre le latin à un grec (DESBORDES, 2000, p. 470).

⁷³ Essa segmentação foi vastamente utilizada em nossas análises. Sendo assim, colocamos em ANEXO A - “*Corpus* com seus segmentos identificados” o nosso *corpus* integral e segmentado de acordo com o critério aqui utilizado: cada segmento correspondendo a uma frase na edição latina.

número de 497 (última frase do texto), estando organizadas de acordo com sua sequência na edição latina (organizada por Keil).

Enquanto o texto do *De differentiis* possui 497 segmentos, do *praefatio* à sua última frase, o texto do *De uerbis* possui 46 segmentos, começando pela dedicatória de Teodósio a Símaco. Desses 46 segmentos, 28 (60,86%) foram localizados *ipsis uerbis* na paráfrase de Erígena. Enquanto o texto do *De differentiis* possui 451 segmentos a mais do que o *De uerbis*, ele possui 469 segmentos (94,39%) não relacionados com os do outro texto. Essas informações podem ser melhor visualizadas na tabela abaixo:

Tabela 2 - Comparação quantitativa dos segmentos *ipsis uerbis* do *De uerbis* e do *De differentiis*

	<i>De uerbis</i>	<i>De differentiis</i>
Segmentos totais	46	497
Segmentos não correspondentes	18	469
Segmentos correspondentes	28	28

Quanto aos 28 segmentos que se correspondem, nas duas colunas abaixo os apresentamos com grifos que destacam os elementos correspondentes⁷⁴. Cada excerto estará identificado com o número de seu segmento (conforme nossa divisão).

De uerbis

³ solis Graecae Latinaeque et soni leporem et artis disciplinam atque in ipsa loquendi mansuetudine similem cultum et coniunctissimam cognationem dedit.

⁴ nam et isdem orationis partibus absque articulo, quem Graecia sola sortita est, et isdem penes singulas partes obseruationibus sermo uterque distinguitur, pares fere in utroque componendi figurae, ut propemodum qui utramuis artem didicerit ambas nouerit.

⁵ sed quia ita natura fert, ne quid sic esse alteri simile possit, ut idem illi sit (necesse est enim omne quod simile est aliqua differentia ab eo cui confertur recedat), ideo, cum partes orationis in utraque

De differentiis

² Graecae Latinaeque linguae coniunctissimam cognationem natura dedit.

³ Nam et isdem orationis partibus absque articulo, quem Graecia sola sortita est, isdem paene obseruationibus figuris constructionibus uterque sermo distinguitur, ut 'propemodum qui utramuis artem didicerit ambas nouerit'.

⁴ In multis tamen differunt et quasdam proprietates habent, quae Graece idiomata uocantur.

⁷⁴ Em APÊNDICE A apresentamos a tradução das passagens destacadas.

lingua arta inter se similitudine uincirentur, quasdam tamen proprietates, quibus seorsum insignirentur, habuerunt, quae Graeco nomine idiomata uocantur.

⁶ item prima utriusque uerbi societas in hoc est, quod neutrum eorum in casus flectitur; deinde quod utrumque comitatur persona numeri figura coniugatio tempus modus, quem <Graeci> enclisin uocant, Latini cum formis in qualitate posuerunt, genus, quod apud Graecos diathesis nuncupatur, horum singulis inspectis sollertius quae in his diuersa sunt non latebunt.

⁸ prima utriusque uerbi societas est in hoc: nam et neutrum casibus declinatur et utrumque similiter uniuersis paene casibus seruit, ut misereor illius, parco illi, ueneror illum, uenio ab illo, nitor illo; item φροντίζω τοῦδε, πείθομαι τῷδε, φιλῶ τόνδε.

⁹ ablatiuum enim uel quem dicunt septimum Graecia non recipit.

¹⁰ eadem illis et in personis similitudo est, quia in utroque uerbo III eadem personae sunt, prima uoco, secunda uocas, tertia uocat, et apud illos καλῶ καλεῖς καλεῖ.

¹² at in numeris haec una dissensio est, quod δυϊκόν usus in Latinitate nullus admisit.

¹⁴ Nigidius in commentariis grammaticalibus uerbum autumo conpositum ait ex praepositione ab et uerbo aestimo, dictumque intercise autumo, tamquam si diceretur abaestimo, quod significaret totum aestimo.

⁶ Accidunt uerbis utriusque linguae persona numeri figura coniugatio tempus modus, quem Graeci enclisin uocant, Latini cum formis in qualitate posuerunt, genus, quod apud Graecos diathesis nuncupatur.

⁷ Eandem paene cum casibus constructionem seruant, ut misereor illius, parco illi, ueneror illum, φροντίζω τοῦδε, πείθομαι τῷδε, φιλῶ τόνδε.

⁸ Ablatiuum Graecia non recipit.

⁹ Eadem illis personarum similitudo: prima uoco, secunda uocas, tertia uocat, καλῶ καλεῖς καλεῖ.

¹⁰ In numeris una dissensio est, quod δυϊκόν, id est dualem, nulla Latinitas admisit, Graeci uero in uerbis nominibusque δυϊκά uidentur habere.

²⁶ Nigidius tamen putat uerbum autumo <ex> eadem praepositione conponi, quasi ab et estimo, sicut abnumero idem est et numero.

- 15 *sed autumo non id solum significat aestimo, sed et dico et censeo * singula tempora non simpliciter proferuntur.*
- 16 *et ut exempli causa unius uerbi declinatio notetur, τύπτω perfectum facit τέτυφα, et sequitur altera eiusdem temporis declinatio, quod medium perfectum uocant, τέτυπα: item plusquamperfectum έτετύφειν, medium plusquamperfectum έτετύπειν· άορίστου έτυψα, μέσου άορίστου έτυπον.*
- 17 *futurum primum τύψω facit, futurum secundum τυπῶ.*
- 22 *Graecorum omnia uerba quae in ω exeunt, seu perispomena seu barytona sint, in quacumque coniugatione eundem tam in prima quam in secunda persona seruant numerum syllabarum.*
- 25 *at in Graecis omne praesens tempus quod in μαι terminatur omni modo in secunda persona unam syllabam minuit, φιλοῦμαι φιλη, γράφομαι γράφη et similia, cum in actiuo pares syllabas utraque persona seruauerit.*
- 27 *Autumo uero et dico et censeo significat.*
- 57 *Et ut exempli causa unius uerbi declinatio notetur, τύπτω perfectum facit τέτυφα, et sequitur altera eiusmodi temporis declinatio, quod medium perfectum uocant, τέτυπα: item plusquamperfectum έτετύφειν, medium plusquamperfectum έτετύπειν· άορίστου έτυψα, μέσου άορίστου έτυπον: futurum primum facit τύψω, futurum secundum τυπῶ.*
- 57 *Et ut exempli causa unius uerbi declinatio notetur, τύπτω perfectum facit τέτυφα, et sequitur altera eiusmodi temporis declinatio, quod medium perfectum uocant, τέτυπα: item plusquamperfectum έτετύφειν, medium plusquamperfectum έτετύπειν· άορίστου έτυψα, μέσου άορίστου έτυπον: futurum primum facit τύψω, futurum secundum τυπῶ.*
- 60 *Graecorum uerba omnia quae in ω exeunt, seu perispomena seu barytona sint, in quacumque coniugatione eundem tam in prima quam in secunda persona seruant numerum syllabarum.*
- 62 *porro praesens omne tempus quod in μαι terminatur omni modo in secunda persona unam syllabam minuit, φιλοῦμαι φιλη, τιμῶμαι τιμᾶ, στεφανοῦμαι στεφανοῖ, λέγομαι λέγη, γράφομαι γράφη, cum in actiuo pares syllabas utraque persona seruauerit.*

- 28 *item necessario regulariter praemonemus quod apud Graecos perfectum tempus non a praesenti, sed ex futuro uelut de quadam prima positione et origine sui figuratur.*
- 31 *omne enim quod factum est prius faciendum fuit, deinde factum est, et hoc quod praeteritum est aliquando futurum fuit.*
- 33 *item apud Graecos numquam praeteritum perfectum in duabus syllabis inuenitur, sed est interdum VI syllabarum, ut πεπολεμάρχηκα, est V, ut πεπολέμηκα, est IV, ut πεποίηκα, est trium, ut λέλυκα, nec umquam inuenies trisyllabo minus.*
- 34 *necesse est enim ut sit prima syllaba declinationis, secunda originis, tertia finalis, ut λέλυκα. λει prima syllaba declinationis est, quae induxit magnum augmentum, λυ originis est, quia prima uerbi positio ab hac incipit, κα finalis est.*
- 35 *nec te moueat οἶδα, quod disyllabum est: nam παρακείμενος habetur.*
- 36 *hoc enim multipliciter corruptum docetur: nam praeter hoc nullum perfectum tempus ab οι diphthongo incipit.*
- 37 *huius uerbi origo est εἶδω, et mutari ει in οι salua et incorrupta ratione non habuit.*
- 38 *inde εἶδεν debuit esse praeterito plusquamperfecto.*
- 100 *Perfectum tempus apud Graecos non a praesenti, sed a futuro figuratur.*
- 101 *Nec sine ratione: omne enim quod factum est prius faciendum fuit.*
- 110 *Numquam apud Graecos praeteritum perfectum in duabus syllabis inuenitur, sed est interdum sex syllabarum, ut πεπολεμάρχηκα, est quinque, πεπολέμηκα, est quattuor, πεποίηκα, est trium, λέλυκα, nec umquam inuenies trisyllabo minus.*
- 111 *Necesse est enim ut prima syllaba declinationis sit, ut λει, secunda originis, ut λυ, tertia finalis, ut κα.*
- 113 *Ergo παρακείμενος, id est perfectum, minus trisyllabo non inuenitur excepto οἶδα, quod bisyllabum est et παρακείμενος.*
- 115 *Nullum namque perfectum hoc excepto ab οι diphthongo inchoare reperies.*
- 116 *Item cum prima uerbi positio ει diphthongo inchoat, in nullo tempore mutatur: huius uerbi origo, id est εἶδω, mutauit ει in οι.*
- 117 *Quotiens perfectum a longa oritur, necesse est plusquamperfectum ab eadem semper incipere, quod hoc uerbum neglegit: nam plusquamperfectum εἶδεν est, cum perfectum οἶδα sit.*

- 39 *item III sunt omnino syllabae, quae in Graecis uerbis futuro tempore terminum faciunt: aut enim in σω exit aut in ξω aut in ψω, ut λαλήσω πράξω γράψω.*
- 40 *item omne praesens apud Graecos in ω desinens modi indicatiui generis actiui uerbi perispomeni, si secundae coniugationis sit, adhibet fini suo μαι syllabam et facit de se passiuum, βοῶμαι, τιμῶμαι: si uero sit primae uel tertiae, ω in ου mutato et accepta similiter μαι passiuum creat φιλῶμαι, χρυσῶμαι.*
- 42 *tam apud Graecos quam apud Latinos aliqua uerba in declinatione deficiunt.*
- 43 *de his Graecorum ista definitio est: III enim modis dicunt euenire defectum, aut intellectu exigente aut litteris non conuenientibus aut usu desistente.*
- 44 *ex his in duobus prioribus modis seruimus necessitati, in tertio reuerentiae uetustatis obsequimur.*
- 45 *per intellectum uerba deficiunt omnia quae dicuntur πεποιημένα, id est quae ad similitudinem soni alicuius expressa sunt, ut λίγξε βίος, σίξε ὀφθαλμός et similia.*
- 135 *Tres sunt omnino syllabae quae in Graecis uerbis futuro tempore terminum faciunt: aut enim in σω exit aut in ξω aut in ψω, λαλήσω πράξω γράψω, nisi quod quinta βαρυτόνων ante ω liquidam suam retinet.*
- 167 *Omne praesens tempus apud Graecos in ω desinens modi indicatiui generis actiui uerbi perispomeni, si secundae coniugationis sit, adhibet fini suo μαι syllabam et facit de se passiuum, βοῶμαι, τιμῶμαι: si uero sit primae uel tertiae, ω in ου mutato et accepta similiter μαι passiuum creat, φιλῶμαι, χρυσῶμαι.*
- 479 *Tam apud Graecos quam apud Latinos deficiunt uerba in declinatione.*
- 480 *Tribus enim modis dicunt uerborum euenire defectum, aut intellectu exigente aut litteris non conuenientibus aut usu desistente.*
- 481 *In primis duobus necessitati, in tertio uero reuerentiae obsequimur uetustatis.*
- 482 *Intellectu deficiunt illa quae dicuntur πεποιημένα, id est quae ad similitudinem soni alicuius expressa sunt, ut λίγξε βίος, σίξε ὀφθαλμός et similia.*

Como se pode verificar no cotejo acima, os segmentos correspondentes entre ambas as obras estão concentrados em determinadas partes do texto, como em seu início, indo até o segmento 167 de forma lacunar, e em uma pequena porção na sua parte final, próximo ao segmento 480. Aceitando a delicadeza dessa afirmação, como podemos perceber que a paráfrase de Erígena possui elementos do início e do final do texto que consideramos sua base, talvez possamos dizer que em sua paráfrase Erígena tentou

considerar o texto de Macróbio em sua totalidade. Entretanto, observamos em seu meio, do segmento 167 a 480, uma grande lacuna. Os primeiros 1/3 do tratado diz respeito às figuras, conjugação, e os tempos ativos. A lacuna em nossa análise consiste nos tempos passivos e nos outros modos além do indicativo. Não sabemos e não temos como afirmar se esses 2/3 finais foram adicionados por Erígena

Essas informações melhor podem ser visualizadas no diagrama em barras abaixo, no qual, dividindo-se uma faixa em 497 linhas verticais (do primeiro segmento ao 497 identificados na escala de 50 em 50 segmentos do texto *De differentiis*), destacou-se as que correspondessem a segmentos encontrados (pretas) em ambos os textos, sendo as em cinza as de valor oposto, sem correspondência, como segue-se:

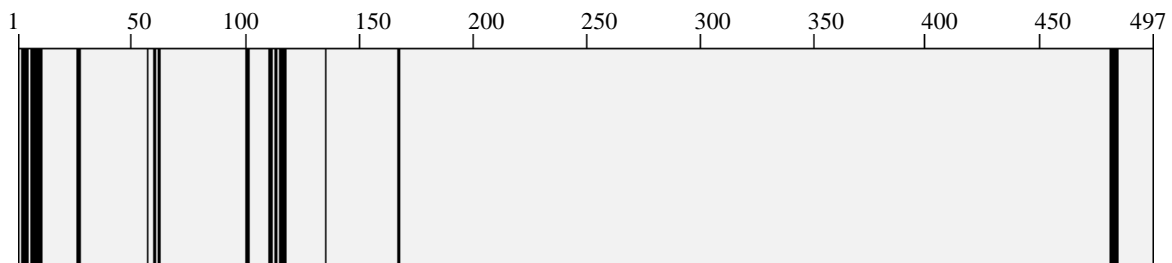


Diagrama 1 - Os segmentos do *De uerbis* localizados no *De differentiis*.

- *De differentiis* + *De uerbis*
 □ *De differentiis*

Nesse diagrama, podemos visualizar as localizações onde haja correspondência entre os segmentos comuns aos dois textos: 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 26, 27, 57, 60, 62, 100, 101, 110, 111, 113, 115, 116, 117, 135, 167, 479, 480, 481 e 482. O segmento 57 do *De differentiis* corresponde a dois segmentos diferentes do *De uerbis*, 16 e 17⁷⁵, o que ocorre apenas por uma diferença na pontuação das edições consultadas.

⁷⁵

De Verbis

Seg. 16 *et ut exempli causa unius uerbi declinatio notetur, τύπτω perfectum facit τέτυφα, et sequitur altera eiusdem temporis declinatio, quod medium perfectum uocant, τέτυπα: item plusquamperfectum ἐτετύφειν, medium plusquamperfectum ἐτετύπειν· ἀορίστου ἔτυφα, μέσου ἀορίστου ἔτυπον.*

Seg. 17 *futurum primum τύψω facit, futurum secundum τυπῶ.*

De differentiis

Seg. 57 *Et ut exempli causa unius uerbi declinatio notetur, τύπτω perfectum facit τέτυφα, et sequitur altera eiusmodi temporis declinatio, quod medium perfectum uocant, τέτυπα: item plusquamperfectum ἐτετύφειν, medium plusquamperfectum ἐτετύπειν· ἀορίστου ἔτυφα, μέσου ἀορίστου ἔτυπον: futurum primum facit τύψω, futurum secundum τυπῶ.*

Embora seja possível considerar que o texto do *De differentiis* represente apenas uma versão menos fragmentada do texto do *De uerbis*, quando identificamos as passagens correspondentes deste naquele, sendo que as diferenças entre os dois poderiam, com efeito, ser imputadas a questões ligadas à transmissão e preservação dos textos, parece-nos, entretanto, que podemos apresentar outra hipótese. Com efeito, nessa distinção, propomos que haja a mão de Erígena no *De differentiis*, motivo pelo qual consideramos este como um texto independente, embora se constitua como uma paráfrase daquele.

Devido às informações e reflexões aqui expostas, parece-nos pertinente pensar o texto sob análise como de autoria de Erígena – embora em grande medida calcado no texto que teria tomado como modelo, de autoria de Macróbio.

2.3 Algumas observações sobre edições e traduções do *corpus*

Por muito tempo, o *De differentiis* foi considerado obra de Macróbio, como pode ser observado em edições críticas de sua obra, como as *Opera Quae Supersunt*, de Ludovicus Janus, 1848, que traz a obra completa de Macróbio (*Saturnália*, *O Sonho de Cipião* e *De differentiis*). Além disso, algumas traduções referendam também a autoria macrobiana do texto, tais como a tradução da obra completa de Macróbio por De Rosy (MACRÓBIO, 1827), na qual este tratado é traduzido por Auguste Mottet⁷⁶ no seu primeiro volume (p. 359 - 439), que trazia também a da *Saturnália* e d’*O Sonho de Cipião*. Além das obras literárias, temos também trabalhos teóricos que, pelo título e pela localização referenciada nos *GL*, percebe-se atribuir o *De differentiis* a Macróbio.

A exemplo desses, utilizando da alusão feita pelo *De differentiis* ao prefácio de *Andria*⁷⁷, Terêncio, Stoppie *et al.* nos dizem que:

Pela busca das *societates*, o tratado traz um olhar inovador: autor bem informado em matéria de gramática, Macróbio realiza uma comparação (em sincronia) do grego e do latim, que lança as *proprietates* e que, ao mesmo tempo, é uma descrição "ambivalente" - no sentido positivo do termo - como o autor prevê uma gramática abrangente, simultânea, conforme indicado pela sentença *qui utramvis artem didicerit, ambas noverit* (*GL V*, 599, 1-6)⁷⁸ (STOPPIE *et al.* 2007, p. 203–204).

⁷⁶ Esta foi a única tradução encontrada para uma língua moderna, do ano de 1827. Nossas análises foram feitas seguindo uma tradução própria que está em processo de ser finalizada.

⁷⁷ *Qui utramvis recte norit ambas noverit* (TERÊNCIO, *Andr.*, 10). Trad.: “Quem conhecer direito qualquer uma das duas ambas conhecerá”.

⁷⁸ Cf. *Par la recherche de societates, le traité prend une allure novatrice: auteur bien informé en matière de grammaire, Macrobe entreprend une comparaison (en synchronie) du grec et du latin, qui dégage les proprietates et qui fonde en meme temps une description "ambivalente" - au sens positif du terme -, vu que l'auteur envisage une grammaire compréhensive, simultanée, comme l'indique la phrase "qui utramvis artem didicerit, ambas noverit"*.

Em seguida, os autores citam o prefácio do *De differentiis*, localizado à página 599 nas linhas de 1 a 6 dos *GL*. A passagem em questão citada por eles, na voz de Macróbio, é a seguinte:

A natureza deu à língua grega e latina uma cognação por demais próxima. Com efeito, também às mesmas partes da oração, com exceção do artigo (o que a Grécia sozinha tirou por acaso), a linguagem de uma e da outra é diferenciada, mais ou menos, pelas mesmas observações quanto às construções e figuras, de forma que "aquele que tiver aprendido um pouco mais ou menos qualquer uma das duas artes conhecerá ambas". Todavia, em várias coisas elas diferem, possuindo certas propriedades, as quais são nomeadas, em grego, por *idiomata*.⁷⁹ (*De diff.*, *GL V*, 599, 1-6; seg. 2-4).

Contudo, a mesma passagem em *De uerbis* é a seguinte:

[A Natureza] deu aos gregos e latinos sozinhos tanto o encanto do som quanto a disciplina da arte e também na própria brandura do falar uma cultura similar e uma cognação por demais próxima. Com efeito, também às mesmas partes da oração, com exceção do artigo (o que a Grécia sozinha tirou por sorte), e também uma e outra língua é distinguida pelas mesmas observações entre as partes uma a uma, na maior parte das vezes os pares em uma e outra composição da figura, de forma que "aquele que aprender um pouco mais ou menos qualquer uma das duas artes, ambas conhecerá".⁸⁰ (*Macr.*, *De uerb.*, *GL V*, 631, 9-14).

Com isso, queremos chamar a atenção ao fato de que parece haver uma confusão entre o conteúdo do *De differentiis* e do *De uerbis*, parecendo que a questão da autoria ainda está fluida. Isso pode ser observado no exemplo acima, no qual Stoppie *et al.* colocam na voz de Macróbio uma passagem que colocamos no texto atribuído a Erígena. Para nós, nos *GL* de Keil, enquanto da página 599 à 629 encontramos o *De differentiis* atribuído a Erígena, da página 631 à 633 temos os fragmentos, *De uerbis*, de Macróbio. A declaração de Erígena, a de que ele fez uma seleção a partir de uma cópia do texto original, mantendo literalmente o texto e a organização do tratado, parece ser suficiente para colocar o *De differentiis* entre os textos de Macróbio, o que aqui colocamos em dúvida.

⁷⁹ Cf. *Graecae Latinaeque linguae coniunctissimam cognationem natura dedit. Nam et isdem orationis partibus absque articulo, quem Graecia sola sortita est, isdem paene obseruationibus figuris constructionibus uterque sermo distinguitur, ut 'propemodum qui utramuis artem didicerit ambas nouerit'. In multis tamen differunt et quasdam proprietates habent, quae Graece idiomata uocantur.*

⁸⁰ Cf. *Solis Graecae Latinaeque et soni leporem et artis disciplinam atque in ipsa loquendi mansuetudine similem cultum et coniunctissimam cognationem dedit. Nam et isdem orationis partibus absque articulo, quem Graecia sola sortita est, et isdem penes singulas partes obseruationibus sermo uterque distinguitur, pares fere in utroque componendi figurae, ut propemodum qui utramuis artem didicerit ambas nouerit.*

Quanto a essa declaração atribuída a Erígena, o que temos até o momento é apenas uma informação, no formato de nota, ao fim do *De differentiis*, que pode ser encontrada na edição de Helias Putschén (p. 2770) com os seguintes dizeres: “aqui acaba a paráfrase sobre o livro de Macróbio Ambrósio Teodósio, a qual João pegara para aprender sobre as regras dos verbos gregos” (*Explicit defloratio de libro Ambrosii Macrobbii Theodosii, quam Iohannes carpserat ad discendas Graecorum verborum regulas*, PUTSCHEN, 1605, p. 2770). Por isso, sempre se teve esta dúvida: não se sabe se Erígena o editou, parafraseou, resumiu ou o copiou dos manuscritos de Macróbio a que tivera acesso, ou de outro que isso tenha feito. Devido a essa imprecisão, em muitos lugares este texto é identificado ora pelo título *De differentiis uel Societatibus Verbi Graeci Latiniq̄ue* (como na edição de Keil) ora pelo *Iohannis (Scoti) defloratio de Macrobbio* (como no CGL, que é uma versão eletrônica dos GL de Keil).

Outras edições foram encontradas, como a presente da página 229 à 277 do primeiro volume nas *Opera quae supersunt*, de Ludovicus Ianus, do ano de 1848. Foi encontrada também uma edição de Paolo de Paolis do ano de 1990, publicada pela editora Quattro Venti, mas a qual, até o momento, não se teve acesso.

Outras obras de Macróbio, como *Saturnália* e seu *Comentário ao Sonho de Cipião de Cícero*, tiveram inúmeras traduções para línguas modernas, como, por exemplo, para o espanhol (por Fernando Navarro Antolín, 2010), inglês (William Harris Stahl, 1952; Robert Kaster, 2011) e francês (em dois volumes por De Rosoy, 1827). Para a língua francesa, na obra *Macrobbie (oeuvres complètes)*, Varron (*De la langue latine*), Pomponius Méla (*oeuvres complètes*); *avec la traduction en français*, com a direção de M. Nisard (1863), que propõe uma tradução da obra completa de Macróbio, entendido pelo seu título, encontramos a tradução para o francês da *Saturnália* e do *Commentarium*, mas não do *De differentiis*. Todavia, no seu prefácio (*Notice sur Macrobbie*, p. 1), que antecede às traduções, encontrarmos um comentário, mostrando que a obra tem conhecimento da existência do tratado. Inclusive, leva no subtítulo seu nome traduzido do latim para o francês: “*Traté des différences et des associations des mots grecs et latins*”⁸¹. A seguir o reproduzimos:

Este tratado sobre gramática não chegou até nós como Macrobbio compusera; pois o que nos resta é apenas um resumo feito por um certo João, que, de acordo com Pithou, supõe ser João Escoto, chamado Erígena, que viveu em 830, sob o

⁸¹ Trad.: Tratado das diferenças e das associações das palavras gregas e latinas (NISARD, 1863, p. 8)

reinado de Carlos, o Calvo, que traduziu do grego em latim as obras de Dionísio, o Areopagita⁸² [...] (NISARD, 1863, p.8).

Pode se ler neste comentário a anúncio da existência do tratado e, além disso, a história do texto, intimamente ligada ao filósofo Erígena. Talvez, um dos motivos para Nisard não o considerar, em sua obra, seja o fato de o tratado ser por ele tido, de acordo com suas palavras acima citadas, “apenas um resumo feito por um certo João” (*n'est qu'un abrégé fait par un certain Jean*). São palavras suficientes para excluir o tratado de uma tradução da obra completa de Macróbio, mas não para ser ignorado.

Baseando no aqui exposto, este texto atribuído a Macróbio parece ter recebido um descuido até o momento. Para comprovar outra falta de exatidão da obra francesa do século XIX, podemos observar que o vocábulo *uerbi* (gen. sg.) em seu título, cujo significado pode ser tanto “palavra” quanto “verbo”, é traduzido, em francês, simplesmente por *mots*, (“palavras”), sendo que, quando fazemos uma leitura, logo percebemos que o texto do *De differentiis* trata especificamente das categorias verbais. Portanto, não diríamos que seu título fosse sobre diferenças e semelhanças das palavras gregas e latinas, de forma geral, mas especificamente do verbo grego e latino.

A edição de Keil (1868), posterior a esta, reconhece a existência da edição de *Ludovicus Ianus* (1848), mas leva em consideração a edição feita em 1605 por Helias Putschen com o nome de *Grammaticae Latinae Auctores Antiqui*⁸³, como podemos observar no canto superior direito dos *GL* esta referência. Na edição de Putschen, o *corpus* está da página 2727 à 2775.

Com isso, concluímos dizendo que o *De differentiis* para nós é um tratado que está ligado a Erígena e a seu tempo, século IX, e nesse contexto ele será analisado. O *De uerbis* para nós é apenas um texto que serviu de base para a sua elaboração, mas ambos são

⁸² Cf. *Ce traité de grammaire ne nous est point parvenu tel que Macrobe l'avait composé; car ce qui nous reste n'est qu'un abrégé fait par un certain Jean qu'on suppose, d'après Pithou, être Jean Scot, dit Eriugène, qui vivait en 830, sous le règne de Charles le Chauve, qui a traduit du grec en latin les ouvrages de Denys l'Aréopagite. O comentário segue elencando outros dois possíveis João's autores do tratado. “No entanto, existia anteriormente, de acordo com Trithème, outro João Escoto, que viveu sob o reinado de Carlos Magno, por volta do ano 800; e existiu desde um escocês de John Dune, que viveu em 1308, sob o imperador Albert. O primeiro editor deste panfleto, Opsæpæus, acha que João Escoto cortou um longo caminho, mas que nada foi acrescentado ao dele.” Cf. *Cependant il avait existé auparavant, selon Trithème, un autre Jean Scot, qui vécut sous le règne de Charlemagne, environ l'an 800; et il exista depuis un Jean Dune Scot, qui vivait en 1308, sous l'empereur Albert. Le premier éditeur de cet opuscule, Opsæpæus, pense que Jean Scot en a beaucoup retranché, mais qu'il n'y a rien ajouté du sien.* Entretanto, encontramos evidências o suficiente, como abordamos ao longo do nosso trabalho, para atribuí-lo a Erígena.*

⁸³ Disponível eletronicamente no endereço da *Biblioteca Estadual da Baviera e Munique*: http://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs1/object/display/bsb_10218502_00730.html.

considerados obras autônomas em a nossa análise. Essa relação entre ambos nos permitiu contrastar elementos, palavras, entre eles, e dela concluímos que o *De differentiis* possui certa autonomia e, possivelmente, nele transparece a mão de Erígena. A certeza dessa afirmação requer uma pesquisa mais acurada, a qual aqui, por questões de limitação e por fugir a nossos objetivos, não tivemos a oportunidade de fazer.

Capítulo 3 – *De differentiis*: descrição e análise

Neste capítulo que se inicia, procuramos compreender o texto do *De differentiis*, descrevendo-o e oferecendo uma explicação para os elementos dele constitutivos e a ele inerentes. Este capítulo se justifica conforme o “segundo princípio” de K. Koerner (2014a, p. 88), que consiste em “estabelecer uma compreensão completa do texto linguístico em questão, tanto do ponto de vista histórico como crítico, talvez até mesmo filológico”. É nosso intuito tentar iluminar os seus aspectos temáticos, teóricos – relativos ao pensamento metalinguístico expresso nele – e discursivos.

Como o princípio da imanência visa aos aspectos inerentes ao texto, agora nos pomos a definir nosso objeto através de elementos a ele intrínsecos. Aqui é onde, deixando o levantamento heurístico (a pesquisa de fontes e documentos) se fazem presentes fundamentos hermenêuticos (interpretação do texto a partir de suas letras) aplicados ao *corpus* (SWIGGERS, 2013, p. 44). Estes fundamentos buscam responder a esta pergunta condutora: que texto é este e quais são seus elementos idiossincráticos? Ou, nas palavras de Batista (2013, p. 51), buscamos “um olhar interpretativo que procura entender as razões de determinado trabalho apresentar as características que o definem”. Essa leitura não se encontra em um viés positivista, no sentido de extrair a ideia contida no texto. A ideia por nós será reconstruída, como propõe a HL (SWIGGERS, 2013, p. 43).

Dividimos nossa abordagem ao texto em duas: uma que busca fazer menção a elementos gerais e outra que busca descrever um de seus elementos específicos. Abordando suas características gerais, nossa meta é investigar os temas dos quais o texto trata. Não temos como finalidade aqui apresentá-los exaustivamente. A fim de ilustrarmos essa abordagem, em seu título nos deparamos com as palavras *Differentia* e *Societas*. Assim, nesta primeira parte buscamos responder como essas palavras-chave podem nos auxiliar para entendermos o *De differentiis*. Além disso, sobre o que ele trata? Como ele o formula e descreve os fenômenos linguísticos? Aqui investigamos de quais instrumentos e procedimentos analíticos o tratado faz uso para descrever os fenômenos linguísticos, bem como o modo da sua estruturação global, ou seja, sua organização. Acima de tudo, buscamos alinhar essa análise a nossa hipótese: se podemos dizer que o tratado faz parte de um projeto pedagógico de ensino do grego a latinos.

Quanto ao seu elemento específico, pretende-se destacar, mapear, categorizar, e analisar a mudança de código gráfico (entre o alfabeto grego e latino) em *De differentiis*, para, assim, entendendo-a, aferir informações sobre seu enunciador e seu público. Por código gráfico entendemos todas as ocorrências de mudança entre as letras gregas e latinas, isto é, locais onde o tratado abandona a grafia dos vocábulos em alfabeto latino (essa a metalíngua do tratado) para uso da grafia em caracteres gregos (essa que nos parece configurar a língua objeto). Além de elucidarmos sobre seus enunciadores, buscamos investigar qual a língua o tratado mais se presta a descrever e analisar, o grego ou o latim. Além disso, com essa investigação, já que se trata de um tratado em língua latina, buscamos observar a frequência com que o tratado faz uso das letras gregas, e, assim, buscamos inferir sobre o conhecimento propedêutico de seu público (como a simples competência elementar de ler as letras) ou a necessidade de intervenção externa (como a leitura por um professor, já que pode se tratar de um manual de ensino) para que sua leitura não se tornasse interrompida ou lacunar.

3.1 - Descrição geral do *corpus*

Podemos definir o *De differentiis* como um tratado gramatical que propõe equiparar a língua grega à latina, atendo-se nas semelhanças e diferenças entre ambos os sistemas linguísticos, em especial no que diz respeito a essa categoria. Baseando-se na tradição gramatical, o tratado deixa claro que, dentre todas as partes da oração⁸⁴ (na tradição grega *μέρη λόγου*⁸⁵ e latina *partes orationis*⁸⁶), ele tratará especificamente do

⁸⁴ Cf. COLOMBAT, 1988; DEZOTTI, 2013.

⁸⁵ Tomamos como exemplo das *μέρη λόγου*, a título de ilustração, as presentes na gramática de Dionísio da Trácia: Λέξις ἐστὶ μέρος ἐλάχιστον τοῦ κατὰ σύνταξιν λόγου. Λόγος δὲ ἐστὶ πεζῆς λέξεως σύνθεσις διάνοιαν αὐτοτελεῆς δηλοῦσα. Τοῦ δὲ λόγου μέρη ἐστὶν ὀκτο ὄνομα, ῥῆμα, μετοχή, ἄρθρον, ἀντωνυμία, πρόθεσις, ἐπίρρημα, σύνδεσμος. ἢ γὰρ προσηγορία ὡς εἶδος τῶ ὁμόματι ὑποβέβληται (Dion Tr., *Ars Gramm.*, 1.1.22-23). Trad.: PALAVRA é a menor parte da oração [composta] conforme a construção. ORAÇÃO, por sua vez, é a composição de elocução pedestre que denota entendimento completo. As partes da oração, por sua vez, são oito: NOME, VERBO, PARTICÍPIO, ARTIGO, PRONOME, PREPOSIÇÃO, ADVÉRBIO, CONJUNÇÃO – pois a APELAÇÃO sotopõe-se ao nome como espécie [deste] (Trad. SANTOS, 2007, p. 159).

⁸⁶ Tomamos como exemplo das *partes orationis*, a título de ilustração, as presentes na gramática de Carísio: *Orationis partes sunt octo, nomen, pronomen, uerbum, aduerbum, participium, coniunctio, praepositio, interiectio* (Char., *Ars Char.*, 193.4-8). Trad.: As partes da oração são oito: nome, pronome, verbo, advérbio, participio, conjunção, preposição e interjeição.

verbo (embora toque em outras⁸⁷), elegendo-o como elo de ambas as línguas a ser contrastado.

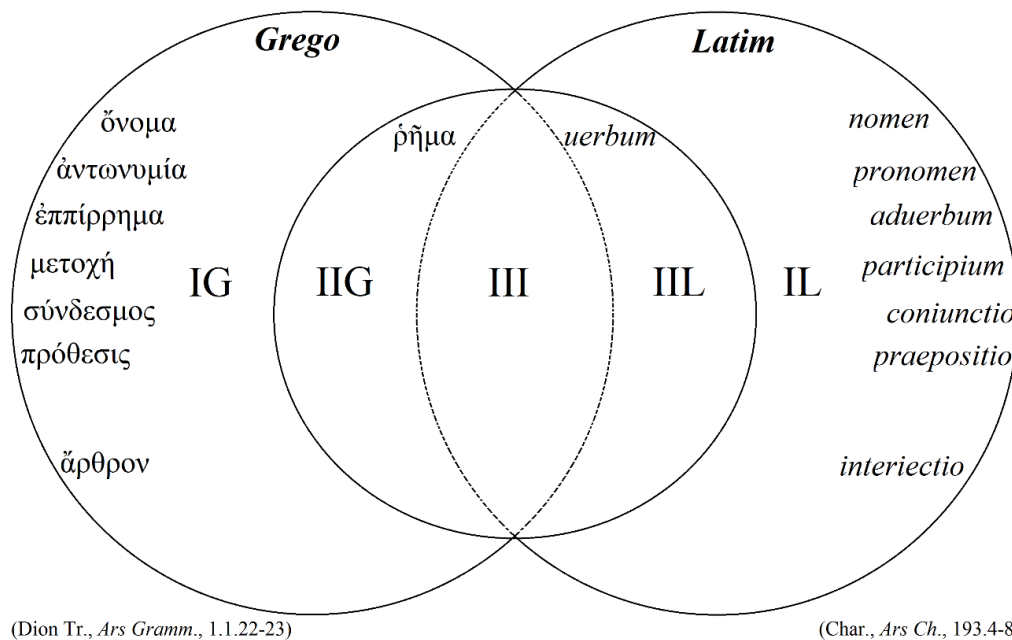


Figura 2 - *Verbum* (ῥῆμα) como elo que permitirá uma comparação no *De differentiis*.

Na imagem acima vemos as categorias *uerbum* e ῥῆμα como a *pars orationis*/μέρος λόγου na interseção de ambos diagramas que representam os sistemas linguísticos das línguas grega e latina, sendo esta a categoria eleita como o elemento que permitirá a comparação. Das oito μερῆ λόγου (tendo como base a *Techné* de Dionísio da Trácia, como exemplo), ὄνομα (nome), μετοχή (particípio), ἄρθρον (artigo), ἄντωνυμία (pronome), πρόθεσις (preposição), ἐπίρρημα (advérbio), σύνδεσμος (conjunção) e das oito *partes orationis* latinas (baseando na *Ars* de Carísio, como exemplo), *nomen*, *pronomen*, *uerbum*, *aduerbum*, *participium*, *coniunctio*, *praepositio*, *interiectio*, o ῥῆμα/*uerbum* é a parte considerada por *De differentiis* o elo que permitirá contrastar uma língua a outra, estabelecendo, assim, uma relação possível de destacar suas diferenças e semelhanças, no que concerne ao verbo. Se, enquanto as μερῆ λόγου é representada, na imagem acima, pela área IG e as *partes orationis* pela IL, as idiossincrasias do verbo grego, em relação ao latino, são representados pela área IIG e as do verbo latino, em relação ao grego, pela IIL, as semelhanças entre o verbo grego e latino estão representadas pela área III. Deste modo, o tratado busca definir, como sugere o título dado por seus

⁸⁷ Comentários como, por exemplo, a presença do artigo somente na língua grega e a presença do caso ablativo somente na língua latina, o que constitui, assim, as peculiaridades de cada língua, o que os gregos chamam de ἰδιόματα (idiomata), idiomatismo.

editores, as diferenças (*differentiae*) e as semelhanças (*societates*) entre ambas as línguas, a partir da categoria verbal.

3.2 *Differentia & Societas*

De acordo com Stoppie *et al.* (2007, p. 204), o *De differentiis* “utiliza um termo global, *cognatio*, justificando – de forma genética – o tratamento comum de ambas as línguas, e termos mais descritivos, *differentia* (ou *dissensio*) e *societas*⁸⁸”. Aqui, são apresentados três termos, *differentia*, *societas* e *cognatio*, este último denominado um termo mais global. Baseando-se nessa afirmação, dizemos que **semelhança** (*societas*) e **diferença** (*differentia*) são dois operadores conceituais importantes para a compreensão do tratado, que nos levam a perceber que o objetivo explícito do tratado é realizar uma comparação, por semelhança e diferença, entre as duas línguas. Utilizando a definição de Stoppie (2007, p. 204) dada para *differentia & societas*, “esses dois termos designam respectivamente "discrepâncias" e "concordâncias" estruturais entre os dois idiomas postos em paralelo.”⁸⁹

Como temos um cotejo entre línguas, destacadas suas semelhanças e diferenças, tivemos a necessidade de ampliar os conceitos acima expostos. Por um lado, na relação de semelhança, podemos colocar uma identidade entre a língua grega e latina, a qual chamamos *semelhança interlingual*, ou seja, entre línguas, referenciada em nossa análise pelo termo *cognatio*. Além desse nível, temos também a semelhança entre termos internos aos sistemas linguísticos, chamada por nós *semelhança intralingual*, ou seja, interna a uma mesma língua. Encontramo-la quando um elemento da língua possui certa identidade com outro, como o paradigma de flexão, por exemplo. Para esse tipo de semelhança utilizamos o termo *analogia*. Deste modo, podemos observá-la interna tanto à língua grega quanto à latina. Por outro lado, quanto às diferenças, podemos, assim como as semelhanças, tê-las entre as línguas grega e latina. Às diferenças entre ambos os sistemas, chamamos *diferenças interlinguais*, e a elas damos o termo *idiomata*, correspondente ao termo latino *proprietates*, ou seja, as idiosincrasias de cada sistema linguístico. De forma semelhante, podemos também encontrar as diferenças internas às línguas, *diferenças intralinguais*. Enquanto as semelhanças nesse nível dizem respeito a elementos que seguem um paradigma, as diferenças são os que fogem a ele. Deste modo, a elas damos

⁸⁸ Cf. *Macrobe utilise un terme global, celui de cognatio, justifiant - de façon génétique - le traitement commun des deux langues, et des termes plus descriptifs, differentia (ou dissensio) et societates.*

⁸⁹ Cf. *Ces deux termes désignent donc respectivement des "discordances" et "concordances" structurelles entre les deux langues mises en parallèle.*

o termo *anomalía*. Do mesmo modo, podemos também encontrá-las tanto interna à língua latina quanto à grega. Podemos organizar esses termos no quadro abaixo:

Quadro 3 - Categorias e subcategorias analisadas de semelhanças e diferenças no tratado

Subcategorias Categorias	Interlingual	Intralingual	
		Grega	Latina
Semelhança	<i>Cognatio</i>	<i>Analogia</i>	
Diferença	<i>Idiomata</i>	<i>Anomalía</i>	

Chama-se a atenção aqui, de antemão, para o fato de que, até onde foi nossa pesquisa, os termos presentes no tratado (também utilizados nessa análise, como *societas*, *cognatio*, *differentia*, por exemplo) são na maioria das vezes utilizados de maneira não técnica, em seus sentidos “comuns”. Além disso, vale a pena ressaltar que, no tratado (na edição de Putsch, conseqüentemente de Keil) a palavra *societas* não aparece em nenhuma outra parte além de seu título (na forma abl. *societatibus* - Putsch., *De diff.*, *GLAA*, 2728), e no título da primeira seção, os quais, aparentemente, foram dados por seus editores.

3.2.1 Semelhança

O *De differentiis* nos deixa transparecer uma maior atenção à noção de semelhança em detrimento da relação de diferença entre o grego e o latim. São explorados mais fenômenos de semelhança intralingual (dentro de uma mesma língua) e interlingual (entre duas línguas diferentes) do que diferenças nas mesmas categorias.

Como exemplo de fenômenos da semelhança intralingual, temos alguns vocábulos que, segundo a uma regra determinada, podem ter seu processo de formação semelhantes, como, por exemplo, ao fato de que

todo tempo presente que termina em $\mu\alpha\iota$ às vezes reduz uma sílaba na segunda pessoa, como em $\phi\iota\lambda\omicron\upsilon\mu\alpha\iota$ ["gostar", 1ª pe. sg. pres. ind. pass. de $\phi\iota\lambda\acute{\epsilon}\omega$] > $\phi\iota\lambda\grave{\eta}$ [2ª pe., sg., pres., ind., pass.]; $\tau\iota\mu\omega\mu\alpha\iota$ ["honrar", 1ª pe. sg. pres. ind. pass. de $\tau\iota\mu\acute{\alpha}\omega$] > $\tau\iota\mu\grave{\alpha}$ [2ª pe. sg. pres. ind. pass.]; [...] ⁹⁰ (*De diff.*, *GL V*, 602, 33-35; seg. 62).

Aqui, o tratado estabelece que a 1ª pessoa dos verbos terminados em $\mu\alpha\iota$ têm, geralmente, uma sílaba a mais que sua 2ª pessoa. Podemos ver aqui um discurso de generalização interna à língua, estabelecendo um paradigma de flexão, que perpassa a

⁹⁰ Cf. *porro praesens omne tempus quod in $\mu\alpha\iota$ terminatur omni modo in secunda persona unam syllabam minuit*, $\phi\iota\lambda\omicron\upsilon\mu\alpha\iota$ $\phi\iota\lambda\grave{\eta}$, $\tau\iota\mu\omega\mu\alpha\iota$ $\tau\iota\mu\grave{\alpha}$ [...].

maior parte do tratado. Esse mecanismo de descrição e análise melhor será explorado no item adiante intitulado 3.3.2 *Morfemas: refletindo sobre os mecanismos de descrição e análise linguísticas*. Além dessa semelhança na flexão de determinados itens que seguem certas regras preestabelecidas, percebemos que o tratado também destaca um fenômeno de semelhança quanto à forma das palavras, no que poderíamos chamar um caso de homografia. Como exemplo deste, podemos citar o fato de que

todos os verbos gregos no tempo imperfeito, sejam barítonos ou perispômenos, têm a primeira pessoa do singular igual à terceira do plural: ἐποίουν ["fazer", 1ª pe. sg. imperf. ind. at. de ποέω] ἐγώ [pron. pess. 1ª pe. sg.] > ἐποίουν [3ª pe. pl. imperf. ind. at.] ἐκεῖνοι [pron. dem. 3ª pe. sg.].⁹¹ (*De diff.*, GL V, 603, 18-20; seg. 72).

Aqui vemos uma semelhança diferente daquela, na qual uma mesma forma pode assumir diferentes usos, ser um verbo de 1ª ou 3ª pessoa, dependendo de seu sujeito expresso. Outro exemplo deste tipo de semelhança encontramos no fato de que

a primeira pessoa do tempo presente do modo indicativo é a mesma primeira pessoa do presente no subjuntivo, como, por exemplo, em ποιῶ ["fazer", 1ª pe. sg. pres. ind. at. de ποιέω] > ἐὰν ποιῶ [1ª pe. sg. pres. subj. at.].⁹²; [...].⁹³ (*De diff.*, GL V, 603, 8-10; seg. 67).

Isso observamos uma vez que a forma ποιῶ pode ser tanto a 1ª pessoa do indicativo presente quanto do subjuntivo no mesmo tempo presente.

Agora, quanto às semelhanças entre as línguas grega e latina (interlingual), *De differentiis* chama-as de *cognatio*, um parentesco familiar, já que, segundo suas palavras, “A natureza deu à língua grega e latina uma cognação por demais próxima”⁹⁴ (*De diff.*, GL V, 599, 5; seg. 2). Stoppie *et al.* (2007, p. 203) nos diz que essa “cognação natural se refere a uma concordância muito ampla de estruturas gramaticais, figuras e construções”⁹⁵, embora não explore tais conceitos. Quanto às construções, essa cognação é exemplificada pela similaridade de construção de certos casos com os verbos, dizendo que os verbos

⁹¹ Cf. *Graeca uerba omnia, seu barytona siue perispomena, in tempore imperfecto eandem habent primam personam numeri singularis quam tertia<m> pluralis*, ἐποίουν ἐγώ, ἐποίουν ἐκεῖνοι.

⁹² Mesma forma par a 1ª pe. sg. pres. ind. at. e para a 1ª pe. sg. pres. subj. at.. O que os diferenciam é a conjunção subordinativa condicional ἐὰν.

⁹³ Cf. *prima persona praesentis temporis modi indicatiui eadem <est> in coniunctiuo modo prima persona praesentis*, ποιῶ ἐὰν ποιῶ, [...].

⁹⁴ Cf. *Graecae Latinaeque linguae coniunctissimam cognationem natura dedit*.

⁹⁵ Cf. *Ces deux langues sont liées par une cognatio naturelle, qui se reflète dans la très large concordance de structures grammaticales, de figures et de constructions*.

conservam quase a mesma construção com os casos⁹⁶, como em *miseror illius* [“ter compaixão, piedade”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de *miseror*], *parco illi* [“poupar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de *parco*], *ueneror illum* [“respeitar, honrar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de *ueneror*], φροντίζω τοῦδε [“cuidar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de φροντίζω], πείθομαι τῷδε [“obedecer”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de πείθομαι], φιλῶ τόνδε [“gostar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de φιλέω]⁹⁷ (*De diff.*, GL V, 599, 14-16; seg. 7).

No exemplo apresentado, percebemos o verbo *miseror* tendo como complemento o pronome genitivo *illius*, assim como o verbo grego φροντίζω o pronome τοῦδε no mesmo caso; o verbo *parco* tendo como complemento o pronome dativo *illi*, assim como o verbo grego πείθομαι o pronome τῷδε no mesmo caso e, por fim, o verbo *ueneror* tendo como complemento o pronome acusativo *illum*, assim como o verbo grego φιλῶ o pronome τόνδε no mesmo caso, como pode ser melhor visualizado no quadro abaixo:

Quadro 4 - Exemplos de semelhança na construção dos verbos junto aos casos (regência) gregos e latinos

Grego			Latim			caso
verbo	+	pronome	verbo	+	pronome	
φροντίζω	+	τοῦδε	<i>miseror</i>	+	<i>illius</i>	genitivo
πείθομαι	+	τῷδε	<i>parco</i>	+	<i>illi</i>	dativo
φιλῶ	+	τόνδε	<i>ueneror</i>	+	<i>illum</i>	acusativo

Deste modo, percebemos o esforço do tratado em traçar construções semelhantes entre ambas as línguas, buscando verbos com a mesma “regência”, de certo modo até próximos semanticamente, estabelecendo um paralelo entre eles.

3.2.2 Diferença

Assim como o *De differentiis* trata das semelhanças, apresenta também diferenças internas às línguas e entre elas. Dentro das diferenças intralinguais, o *De differentiis* apresenta alguns fenômenos linguísticos que possuem uma formação diferente da esperada e aparentemente sem explicação⁹⁸. Ao afirmar, por exemplo, que a forma verbal grega do perfeito é maior que o presente (e o futuro) quanto ao número de sílabas⁹⁹, o tratado nos apresenta a seguinte declaração:

⁹⁶ Essa “mesma construção junto aos casos” podemos relacionar à regência verbal, se entendermos qual caso é regido pelo verbo.

⁹⁷ Cf. *Eandem paene cum casibus constructionem seruant, ut miseror illius, parco illi, ueneror illum, φροντίζω τοῦδε, πείθομαι τῷδε, φιλῶ τόνδε.*

⁹⁸ Dentro dos idiomatismos internos à língua grega, o tratado também reconhece os dialetais.

⁹⁹ Cf. *Numquam apud graecos perfectum minus praesenti uel futuro inuenitur.* Trad. “Nunca se encontra entre os gregos um perfeito menor que o presente ou o futuro.” (*De diff.*, GL V, 605, 34-35, seg. 108).

Nunca se encontra entre os gregos o pretérito perfeito em duas sílabas, mas é algumas vezes: de seis sílabas, como *πεπολεμάρχηκα* ["comandar", 1ª pe. sg. perf. ind. at.]; de cinco, como *πεπολέμηκα* ["ir à guerra", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de *πολεμαρκέω*]; de quatro, como *πεποίηκα* ["fazer", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de *ποιέω*]; de três, como *λέλυκα* ["soltar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de *λύω*], e nenhuma vez encontrará menor do que um trissílabo. É necessário, de fato, que a primeira sílaba seja da flexão, como *λε*, a segunda da base, como *λυ*, e a terceira da terminação, como *κα*.¹⁰⁰ (*De diff.*, *GL V*, 605-606, 36-2; seg. 110-111).

Entretanto, logo a seguir, após instituir a regra, o *De differentiis* nos apresenta uma exceção a ela nas seguintes palavras: “Logo, não se encontra o *παρακείμενος*, isto é, o perfeito, menor do que um trissílabo, à exceção de *οἶδα* ["ver, conhecer", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de *εἶδον*], porque é um dissílabo e também um *παρακείμενος* [perfeito].¹⁰¹” (*De diff.*, *GL V*, 606, 5-7; seg. 113). Com isso, percebemos que o verbo *οἶδα* possui uma forma do perfeito diferente do que se esperava, diferença no verbo que, nos termos do tratado, “nem é extraordinária, visto que este verbo em muito se opõe à regra.¹⁰²” (*De diff.*, *GL V*, 606, 7-8; seg. 114).

Apresentando outro exemplo, o *De differentiis* nos traz ainda o argumento de que os verbos terminados em *μι* fogem à regra, uma vez que a quantidade de sílabas do presente é igual ao do perfeito, como verificamos nas palavras a seguir:

De modo semelhante, se por um lado jamais o perfeito que inicia por consoante é igual à sua base quanto ao número de sílabas, o perfeito *τῶν εἰς μι* [dos verbos em *μι*] será contrário a toda regra, porque possui um número igual de sílabas no presente, como *δίδωμι* ["dar", 1ª pe. sg. pres. ind. at. de *δίδωμι*] > *δέδωκα* [1ª pe. sg. perf. ind. at.] e *τίθημι* ["colocar", 1ª pe. sg. pres. ind. at. de *τίθημι*] > *τέθεικα* [1ª pe. sg. perf. ind. at.], por exemplo¹⁰³ (*De diff.*, *GL V*, 605, 30-33; seg. 106).

Após lermos essas palavras, podemos completar que o perfeito dos verbos em *μι* foge à regra no que diz respeito ao seu número de sílabas.

Sobre as diferenças entre as línguas grega e latina (interlingual), o *De differentiis* nos diz que “todavia, em várias coisas elas diferem, possuindo certas propriedades, as

¹⁰⁰ Cf. *Numquam apud graecos praeteritum perfectum in duabus syllabis inuenitur, sed est interdum sex syllabarum, ut πεπολεμάρχηκα, est quinque, πεπολέμηκα, est quattuor, πεποίηκα, est trium, λέλυκα, nec umquam inuenies trissyllabo minus. Necesse est enim ut prima syllaba declinationis sit, ut λε, secunda originis, ut λυ, tertia finalis, ut κα.*

¹⁰¹ Cf. *Ergo παρακείμενος, id est perfectum, minus trissyllabo non inuenitur excepto οἶδα, quod bisyllabum est et παρακείμενος.*

¹⁰² Cf. *Nec mirum, cum hoc uerbum in multis regulae resistat.*

¹⁰³ Cf. *Item cum numquam perfectum a consonanti incipiens par origini suae sit numero syllabarum, aduersabitur regulae omne perfectum τῶν εἰς μι, quia parem praesenti syllabarum numerum tenet, δίδωμι δέδωκα, τίθημι τέθεικα.*

quais são nomeadas por *idiomata*¹⁰⁴, em grego.”¹⁰⁵ (*De diff.*, GL V, 599, 9-10; seg. 4). Deste modo, cada língua tem suas particularidades, idiomatismo, *proprietas*. Definindo o termo, Stoppie *et al.* nos dizem que

Finalmente, há o termo *proprietas*, que é usado para designar o que revela a estrutura particular em uma única língua; este termo tem um valor descritivo e normativo, pois serve não só para caracterizar o idiomatismo de tal estrutura, mas também para rejeitar formas ou construções recebidas em uma das duas línguas, mas inadmissíveis na outra (veja o uso da fórmula *non est latinum*)¹⁰⁶ (STOPPIE *et al.*, 2007, p. 204).

Como observamos, *proprietas* busca definir, no tratado, de forma descritiva e normativa fenômenos linguísticos que encontramos somente em uma determinada língua, não sendo aceita uma reprodução estrutural correspondente¹⁰⁷. O termo *proprietas* é o mesmo por nós nomeado por *idiomata*. Explorando um pouco o termo nas gramáticas

¹⁰⁴ *Idiomata* (ἰδιόματα – nom. n. pl. de ἰδιόμα) tem na sua raiz o adjetivo *ídios* (ἴδιος, nom. m. sg.), *ídiē* (ἴδιη, nom. f. sg.), *ídion* (ἴδιον – nom. n. sg.), este significando o que é próprio de alguém, de algo, logo, aquele, as coisas que são próprias de alguém, de algo. Portanto, o idioma, o idiomatismo (*idiomata*), é aquilo que é próprio de uma língua.

¹⁰⁵ Cf. *In multis tamen differunt et quasdam proprietates habent, quae Graece idiomata uocantur.*

¹⁰⁶ Cf. *Enfin, il y a le terme proprietas, qui sert à désigner ce qui révèle de la structure particulière à une seule langue; ce terme a à la fois une composante descriptive et une valeur normative puisqu'il sert non seulement à caractériser l'idiomaticité de telle structure, aussi aussi à rejeter des formes ou des constructions reçues dans l'une des deux langues, mais irrecevables dans l'autre (cf. l'emploi de la formule non est latinum).*

¹⁰⁷ Caso haja a interferência de outro sistema linguístico na língua latina (embora os gramáticos antigos pareçam ter restringido ao nível lexical), podemos traçar um paralelo ao vício (*uitium*) conceituado por barbarismo (*barbarismus*). Tomando uma das antigas definições como exemplo, somente a título de ilustração, dentre os três tipos de barbarismos definidos por Quintiliano (Quint., *Inst. Or.* I, V, 8-10), relacionamos essa reprodução estrangeira especificamente ao primeiro, quando se introduz um elemento (no caso de Quintiliano uma expressão) de uma língua na outra. Os outros dois dizem respeito (2) ao temperamento bárbaro no falar e (3) ao vício da fala vulgar errada. Cf. *Vnum gente, quale sit si quis Afrum uel Hispanum Latinae orationi nomen inserat: ut ferrum, quo rotae uinciuntur, dici solet "cantus", quamquam eo tamquam recepto utitur Persius (...) Alterum genus barbarismi accipimus, quod fit animi natura, ut is, a quo insolenter quid aut minaciter aut crudeliter dictum sit, barbare locutus existimatur. Tertium est illud uitium barbarismi, cuius exempla uulgo sunt plurima, sibi etiam quisque fingere potest, ut uerbo, cui libebit, adiciat litteram syllabamue uel detrahat aut aliam pro alia aut eandem alio quam rectum est loco ponat.* Tradução de Pereira (2006, p. 107): “Um primeiro tipo se deve à origem dos termos e ocorre quando se introduz uma expressão africana ou espanhola no latim. É o caso de dizer cantus ao referir-se à barra de ferro com que se envolvem as rodas dos carros, ainda que Pérsio se sirva do termo como incorporado à nossa língua. [...]. Temos um segundo tipo de barbarismo, que se refere, agora, ao temperamento das pessoas, qual seja o ato praticado por alguém que fale de modo insolente, ameaçador e cruel, considerando-se então que falou de modo bárbaro. Um terceiro é aquele vício do qual há muitos exemplos entre o vulgo, mas que todos podem praticar, como o de acrescentar, a bel-prazer, uma letra ou uma sílaba à palavra, substituir uma por outra ou colocar a mesma noutro lugar, que não o apropriado”. A definição de Diomedes aqui também pode ser considerada. Cf. *Barbarismus est contra Romani sermonis legem aut scripta aut pronuntiata uitiose dictio, barbarismos est enuntiatione uel scripto una pars orationis corrupta ac per hoc non Latina. Barbarismus est bárbaros lexis, id est barbara dictio* (Diom., *Ars Diom.*, GL I, 451). Tradução de Fortes (2012, p. 129) “Barbarismo é uma palavra escrita ou falada de forma viciosa contra a lei da fala romana; barbarismo é uma parte da oração enunciada ou escrita corrompida e, portanto, não-latina. Barbarismo é barbaros lexis, isto é, palavra bárbara.”

latinas, como exemplo podemos destacar a definição de Carísio [séc. IV d. C.], que dedica o quinto livro de sua arte gramatical a tratar dos *idiomata* gregos e latinos:

Idiomata, os que são da nossa língua, certamente devem ser incontáveis. Eles, de fato, são todos aqueles que proferimos de acordo com o nosso costume e não segundo ao dos gregos. Entretanto, para tratar brevemente, eles se fazem ou a partir dos gêneros dos nomes, os quais nós temos contrário ao costume dos gregos (enquanto dizemos *hic honor* eles ἡ τιμή, para nós do gênero masculino, para eles feminino) ou a partir das significações contrárias dos verbos, assim como *luctor* e παλαίω. Este verbo para nós é passivo, para eles, ativo.¹⁰⁸ (Char., *Ars Char.*, GL, I, 291).

Como temos a oportunidade de perceber, Carísio define, nas linhas apresentadas, o idiomatismo grego e latino em duas categorias. Em uma ele define o idiomatismo pela diferença de gênero nas palavras correspondentes em ambas as línguas. Como exemplo, ele apresenta a expressão *hic honor*, na qual percebemos o pronome masculino *hic* evidenciando o gênero de *honor*, contraposta à expressão ἡ τιμή, na qual temos o artigo feminino ἡ. Quanto à outra categoria, ele a define pela significação oposta de voz ativa/passiva, uma vez que na palavra latina *luctor* observamos a voz passiva e em sua correspondente παλαίω, a ativa. Podemos perceber que, por mais que as línguas possuam elementos suscetíveis a correspondências, como, por exemplo, semânticas, nem sempre o funcionamento gramatical delas corresponde, estando aí o idiomatismo de cada uma. Caso houvesse uma correspondência no nível semântico e gramatical, por exemplo, teríamos uma *cognatio*. A fenômenos semelhantes e mais diversos de idiomatismos, Carísio dedica a quinta parte de sua *ars*.

O *De differentiis*, por outro lado, apresenta fenômenos de idiomatismo diferentes destes, que estão no nível lexical/morfológico. Como exemplo, destacamos o caso ablativo, uma vez que “o ablativo não é admitido na língua grega.¹⁰⁹” (*De diff.*, GL V, 599, 26-27; seg. 8). Também podemos destacar a categoria de número dual, uma vez que ele, segundo o *De differentiis*, não existe na língua latina: “nos números há uma oposição, porque o δῦϊκόν, isto é, o dual, não é admitido em latim. Os gregos, em verdade, nos verbos e nos nomes parecem ter os δῦϊκά [“duais”, ac. n. pl.].¹¹⁰” (*De diff.*, GL V, 606,

¹⁰⁸ Cf. *idiomata quae sunt nostri sermonis innumerabilia quidem debent esse. ea enim sunt omnia quae pro nostro more efferimus et non secundum Graecos. sed ut breuiter dicamus, aut ex generibus nominum fiunt, quae contra morem Graecorum nos habemus (nam cum dicimus hic honor ἡ τιμή, fit apud nos masculini, apud illos feminini generis), aut ex uerborum significationibus contrariis, uelut luctor παλαίω. hoc enim uerbum apud nos passiuè effertur, apud Graecos actiuè.*

¹⁰⁹ Cf. *Ablatiuum Graecia non recipit.*

¹¹⁰ Cf. *In numeris una dissensio est, quod δῦϊκόν, id est dualem, nulla Latinitas admisit, Graeci uero in uerbis nominibusque δῦϊκά uidentur habere.*

29-30; seg. 10). Outro exemplo é o aspecto aoristo, presente somente no sistema verbal da língua grega: “após o mais-que-perfeito, na sequência, trataríamos do tempo indefinido, isto é, *περὶ ἀορίστου* [sobre o aoristo], mas o omitimos devido ao fato de não o termos na língua latina.¹¹¹”¹¹². Aqui vemos o *De differentiis* se atendo a idiomatismos no nível de categorias gramaticais, não no nível lexical, como o faz Carísio.

Com isso, podemos concluir que o tratado se pauta na sua exposição e equiparação dos conceitos de semelhança e diferença, centrais no seu entendimento, estando eles divididos em duas dimensões (intra- e interlingual).

Os exemplos que revelam a semelhança e diferença intra- e interlingual, conforme vimos acima, parece trazer à tona os antigos conceitos de anomalia e analogia linguísticas, tais como já discutidos nos primeiros gramáticos latinos. No *De lingua Latina*, de Varrão (116 a. C. – 27 d. C.), por exemplo, obra com a qual podemos traçar um paralelo, em seus três últimos livros remanescentes (VIII – X)¹¹³, é possível verificar uma discussão dessa ordem, por meio do conceito de *ἀναλογία* (analogia) e *ἀνωμαλία* (anomalia). Tais conceitos são relacionados, respectivamente, à “regra” e “exceção” (CORADINI, 1999, p. 471, 473). A analogia e a anomalia eram dois princípios que, embora defendidos em grau diferente para explicar o funcionamento linguístico, acreditava-se que regiam a língua. Antes de Varrão, havia um embate teórico entre as duas visões, estando os anomalistas ligados aos filósofos estoicos e os analogistas aos filólogos alexandrinos (NEVES, 1987, p. 95-97). O *De lingua Latina* buscou, então, conciliar ambas as visões em um mesmo sistema teórico, afirmando sua coexistência na língua. Para os analogistas, a língua era regida pelo princípio da regularidade, enquanto que, para os anomalistas, pelo da irregularidade (VALENZA, 2007, p. 94).

Nas palavras de Coradini,

Alguns estudiosos, atentos às declinações e conjugações, aproximavam palavras e paradigmas, evidenciando o que havia de semelhante na articulação da língua. De modo geral os analogistas consideravam a linguagem como uma criação convencional, cujos elementos o homem pode conhecer e comutar, como um instrumento útil. Outros, atentos à

¹¹¹Cf. *Post plusquamperfectum consequens erat ut de infinito tempore, id est περὶ ἀορίστου tractaremus; sed ideo praetermittimus, quia eo Latinitas caret.*

¹¹² Enquanto o sistema verbal latino se organiza na oposição aspectual entre o *perfectum* (pontual/resultativo) e *imperfectum* (processual/durativo), o sistema grego se estrutura na oposição entre os aspectos durativo, pontual/resultativo e o aoristo. O aoristo consiste no processo verbal puro e simples sem a ideia temporal. Como nos atesta *De differentiis*, este aspecto não é encontrado no sistema verbal latino.

¹¹³ Acredita-se que Varrão tenha escrito 25 livros no seu *De lingua Latina*. Entretanto, apenas chegou a nós do livro V ao X (CARVALHO, 2013, p. 1245).

multiplicidade dos paradigmas e aos numerosos ‘casos de exceção’, afirmavam a futilidade das regras e dos princípios gerais; declaravam que a anomalia, a “a-norma”, reina sobre a linguagem, isso porque esta é uma criação perfeita e superior, que não se submete a regras que pretendem dirigir sua práxis (CORADINI, 1999, p. 460-461).

Deste modo, parece-nos possível associar o conceito de *analogia*¹¹⁴ à semelhança intralingual, ou seja, uma semelhança que se pode compreender, portanto, como o funcionamento regular, análogo, de “paradigmas formais” (VALENZA, 2007, p. 98) dos elementos internos da língua, seja da grega ou da latina. O mesmo dizemos quanto ao de *anomalia*, e o relacionamos às diferenças intralinguais, aqui relacionamento ao funcionamento díspar de dois elementos análogos.

A relação entre *societas* e *differentia* no nível interlingual também nos lembra das palavras de Varrão no seu *De lingua Latina*, ao afirmar que o latim tem um débito com a língua grega (Varr., *Ling.* 9.31), dando a entender que elas possuem certas semelhanças, e tem certas palavras que são próprias da língua latina (Varr., *Ling.* 5.3), entrevedo suas diferenças.

Outro que nos diz a respeito dessa relação linguística também foi Dionísio de Halicarnasso (60 a. C.), aproximadamente no mesmo tempo de Varrão. Segundo ele “a língua falada pelos romanos não era completamente bárbara nem absolutamente grega, mas uma mistura de ambas, [...]”¹¹⁵ (D. H. *Ant. Rom.*, 1.90.1). Ao dizer que era “nem completamente bárbara”, nos mostra que ele reconhecia certas semelhanças entre elas, e dizendo que “nem absolutamente grega”, suas diferenças.

Percebemos que o tratado se utiliza dessas semelhanças e diferenças de forma funcional, pois as *analogias* e *anomalias* são utilizadas (e na maior parte do texto, como estamos prestes a observar) para mostrar o funcionamento interno de ambas as línguas, embora do grego na maior parte do tempo. Assim, *De differentiis* parece dar maior espaço à exploração das semelhanças intralinguais do grego, o que pode ser comprovado pelo grande uso de paradigmas da língua grega (conforme veremos no item 3.3 *Mapeando e analisando a mudança de código (grego/latim) em De differentiis*). Em segundo lugar, o tratado concede espaço ao exame das semelhanças intralinguais da língua latina.

¹¹⁴ O conceito de analogia (ἀναλογία) utilizado aqui é o apresentado por Varrão. Entretanto, esse conceito remonta aos pensadores helênicos e helenistas, como, deste grupo, os filólogos alexandrinos, e Platão com Aristóteles, daquele (ROBINS, 1983, p. 15). Dentro da gramática, este conceito aparece primeiramente na Τεχνή Γραμματική (*Arte Gramatical*) de Dionísio da Trácia (170-90 a. C.), sendo a quinta parte da gramática (πέμπτον ἀναλογίας ἐκλογισμός, trad. manutenção da analogia) (Dio. Tr., *Tech. Gramm.*, GG, 1,6).

¹¹⁵ Cf. Ῥωμαῖοι δὲ φωνῆν μὲν οὐτ' ἄκρωξ βάρβαρον οὐτ' ἀπηρτισμένως Ἑλλάδα φθέγγονται, μικτὴν δὲ τινα ἐξ ἀμφοῖν, [...].

Estabelecendo os paradigmas e regras de ambas as línguas, o texto parece fazer jus ao título, contrapondo as semelhanças (essa em maior número) e diferenças (em menor número de exemplos) entre o grego e o latim. Em um tratado que leva no título o objetivo primeiro de estabelecer as diferenças e semelhanças dos verbos gregos e latinos, encontrarmos um maior desenvolvimento de reflexões pautadas pelo princípio gramatical da analogia (semelhança interna) e anomalia (diferença interna) da língua grega.

Utilizando a segmentação do texto em unidades de análise, verificamos cada um dos (497) segmentos e identificamos se ele tratava de uma semelhança ou diferença no nível intralingual, esta ainda sobre a língua grega ou latina, ou interlingual. Após analisá-los, os quantificamos e apresentamos o resultado na tabela abaixo¹¹⁶:

Tabela 5 - Quantidade e frequência de análises sobre diferenças ou semelhanças

Subcategorias Categorias	Interlingual		Intralingual			
			Grego		Latim	
Semelhança	62	12,5%	342	68,95%	32	6,45%
Diferença	11	2,22%	16	3,23%	3	0,6%

Além dos segmentos acima expostos, temos outros 30¹¹⁷ (6,03%) que são subtítulos que organizam estruturalmente o tratado, possivelmente inseridos por seus editores.

Podemos observar que temos 342 segmentos (68,95%) do texto tratando de semelhanças (paradigmas) do sistema verbal grego, enquanto que, no mesmo nível, temos apenas 32 segmentos (6,45%) tratando da língua latina. Quanto às diferenças no nível intralingual, temos 16 segmentos (3,23%) tratando de *anomaliae* na língua grega, enquanto que, na língua latina, temos apenas 3 segmentos (0,6%). Contrapondo a língua grega à latina, temos 62 segmentos (12,5%) tratando de suas *societates*, enquanto que, relativo ao idiomatismo entre ambas, temos 11 segmentos (2,22%). Com isso, percebemos quantitativamente que, apesar de receber no título “*Sobre as diferenças e semelhanças do verbo grego e latino*”, o *De differentiis* traz 436 segmentos (87,9%) tratando das semelhanças e apenas 30 segmentos (6,05%) de suas diferenças. Além disso, percebemos também que, entre a língua grega e latina, temos 358 segmentos (72,18%) sobre a língua grega e 35 (7,05%) sobre a latina.

¹¹⁶ Em APÊNDICE B apresentamos a mesma tabela com todos os segmentos correspondentes a cada um dos fenômenos analisados.

¹¹⁷ Segmentos: 1, 5, 11, 44, 59, 71, 99, 128, 134, 166, 173, 177, 189, 197, 226, 265, 294, 332, 344, 363, 415, 424, 425, 427, 432, 439, 449, 450, 455, 478.

Partindo dessas análises, podemos verificar que o *De differentiis* tem mais a língua grega como objeto de investigação do que a língua latina, tratando na maior parte das vezes dos paradigmas do sistema grego. Por essa razão, parece-nos propícia a indagação: embora o texto tenha o latim como metalíngua, poderia ele ter como foco de análise (língua objeto) não o latim, mas a língua grega, voltado, possivelmente, para seu ensino? Se pudermos confirmar essa hipótese, os paradigmas apresentados sobre o latim (em menor número) estariam servindo de base para reflexões à língua grega, valendo-se, assim, como um conhecimento propedêutico. Então, o tratado lançaria mão do conhecimento de paradigmas da língua latina (já de conhecimento dos aprendizes) para, por similitude, apresentar o sistema da língua grega, que, por ser mais desconhecido, estaria mais extensamente representado.

3.3 - Mapeando e analisando a alternância de alfabeto (grego/latim)

Mudança de código pode parecer vago quando não definimos o que entendemos por código. Código pode ter diversas significações, já que podemos entendê-lo como uma língua, um dialeto, uma variedade linguística, um estilo, uma norma ou até mesmo um tipo de registro. Entretanto, estritamente aqui focaremos não no fato de ele ser apenas uma outra língua de outro sistema, mas visamos a sua manifestação gráfica, ou seja, a sua manifestação (sinalização) pela grafia (alfabeto) de outra língua em um documento. Mudança de código definimos como a alternância do código de escrita, ou seja, do alfabeto, num mesmo segmento textual. Deste modo, nos prestamos a analisar no tratado todas as ocorrências de mudança entre as letras gregas e latinas, isto é, locais onde o tratado abandona a grafia dos vocábulos em alfabeto latino (que é metalíngua do tratado) para uso da grafia em caracteres gregos (que nos parece ser sua língua objeto). Entendemos que esse fenômeno se reserva somente às línguas que possuam representações gráficas diferentes, o que sinaliza um conhecimento prévio de tal grafia por parte de seu público para sua leitura. Conjecturamos que o público leitor do tratado, ao se deparar com outra grafia, deveria ter um conhecimento mínimo sobre ela para não ter sua leitura interrompida ou lacunar.

Alguns podem ligar o que chamamos aqui de *alternância de alfabeto* ao conceito sociolinguístico de *code-switching*, ou até *borrowing* (empréstimos de outra língua) (HAMERS e BLANC, 2004). Entretanto, esforçamos em estabelecer suas diferenças, uma vez que nosso conceito é a simples mudança gráfica ocasionada pela alternância de alfabeto de duas línguas. Estabelecemos que a nossa alternância de alfabeto abrange os

conceitos de *code-switching* e *borrowing*, sendo estes fenômenos sociolinguísticos que já possuem suas funções teorizadas e investigadas, definições que reservamos mais à frente quando tratarmos diretamente de cada um dos fenômenos. As funções se estendem por esses fenômenos serem estratégias translinguísticas¹¹⁸ (FORTES, 2014; FORTES e ROCHA, 2016) ao alcance do falante. Com suas peculiaridades funcionais, elas selecionam seu público e deixam transparecer informações sobre seus interlocutores, fato que é aqui o nosso objetivo de investigação. O público que visamos é o coetâneo a Erígena, século IX, uma vez que ancoramos nossas análises sem seu ambiente. Destacamos o fato de acreditamos que, ao mudar o alfabeto, o seu público deve ter uma competência prévia de leitura das letras gregas para a compreensão do tratado atingir a sua integridade, ou haveria a necessidade de um terceiro, o professor, no caso, para suprir essa falta, lendo as palavras gregas. Esse conhecimento que chamamos propedêutico das letras gregas não diz respeito a um domínio, de certo modo prático, que vá além da capacidade de unir e pronunciar duas letras, como o conhecimento teórico gramatical, por exemplo.

Partindo da premissa de que a língua estabelece uma relação entre sujeitos e de que a alternância gráfica muito nos diz sobre seus interlocutores, pretende-se destacar, mapear, categorizar, e analisá-la em *De differentiis*, para, assim, entendendo-a, aferir informações sobre seu enunciador e seu público. Buscamos também mostrar que essa mudança se faz em condições propícias, estratégicas, e tem um propósito definido, como selecionar, ou excluir, seu leitor. Devido a isso, aqui pretendemos analisar exclusivamente as mudanças sinalizadas pelo alfabeto grego no nível lexical, investigando quantitativamente a frequência em que o tratado transita entre a língua grega e latina. Uma vez que a língua é a identidade do falante e que essa estratégia representa o *locus* onde o enunciador manifesta linguisticamente a eleição de seu público, entendendo-a pretendemos construí-lo e compreendê-lo, no sentido de tentar aproximar ao que ele

¹¹⁸ Fortes (2014) e Fortes & Rocha (2016) definem como fenômenos translinguísticos todo e qualquer um que transpareçam, formal ou tematicamente, a presença de outra língua dentro de um discurso gramatical, visando sua exploração linguística de modo a contribuir teoricamente com os objetivos do texto.

Entre os fenômenos translinguísticos, Rocha e Fortes consideram, além dos aqui elencados, o que eles chamam de *utraque lingua*. Este fenômeno se define como as investidas do gramático (no caso Diomedes) em estabelecer uma identidade entre o grego e o latim, entrando ocorrências em que o gramático aplica a regra de uma língua a outra (não havendo a necessidade de ter letras gregas). Não incluímos esse fenômeno aqui devido às diferenças de objetivos. Rocha e Fortes (2016) buscavam compreender na *ars Diomedis* as ocorrências onde o grego se mostrava presente, explícita e implicitamente. Aqui, buscamos compreender em *De differentiis* as ocorrências onde as letras gregas (explicitamente) se mostram presentes, deixando, assim, entrevermos suas estratégias pedagógicas e delinear o seu público alvo.

pode ter sido. Reservamos ao Capítulo IV, que se segue, reflexões sobre as implicações sociolinguísticas desses fenômenos.

Conforme vimos, o texto em questão nos levantou a dúvida, durante sua leitura, se ele não seria, além de uma simples tentativa de destacar o parentesco entre duas línguas, como já disseram¹¹⁹, um projeto de ensinar grego a latinos. Se assim o for, a análise da sua mudança de código poderia nos revelar alguma estratégia pedagógica? Além dessa pergunta, outra que podemos fazer nos é: se acaso essa mudança acarretaria um estranhamento em seu público, sobressaindo ao senso comum ao marcar um momento não esperado intencionalmente, ou se acaso é esperado, estando no senso comum e passando “desapercebidamente”? Essa resposta está na recepção do texto. Devido à profusão das mudanças, como teremos a oportunidade de ver, provavelmente esse fenômeno parece ter sido esperado pelo seu público alvo, pois, se não fosse minimamente compreendida, muito se perderia da integridade do texto e da sua função argumentativa.

Elaboração dos dados

Para o exame que se presta nesta seção, adotamos a mesma segmentação do *corpus* já feita¹²⁰. Como propomos focar sobre o alfabeto grego, foram destacadas as unidades em que encontramos caracteres nessa grafia. Após terem sido destacados os caracteres gregos do texto, os fenômenos que eles representam foram categorizados e, assim, organizados em grupos de acordo com seu uso e sua função no texto. Os caracteres gregos serviram como sinalizadores da ocorrência de mudança gráfica e foram, portanto, considerados como partes do fenômeno somente essas ocorrências¹²¹. Dentre todos os

¹¹⁹ Em BAKKER (2010), em um capítulo intitulado *Greek and Latin Bilingualism* (p. 281) escrito por Bruno Rochette, temos o seguinte subtítulo: *Latin is Greek* (p. 285). Ao lermos, vemos como os romanos viam sua língua frente à grega: “*Latin is a form of Greek.*” (ROCHETTE, 2010, p.285). Vemos que esta tese, o latim sendo apresentado como um dialeto grego, eólico (D. H.. *Rom. Ant.*, 1.90.1; COLLART, 1954, 215-218 *apud* DESBORDES, 2007, p. 221; GABA, 1963, *apud* DESBORDES, 2007, p. 221; WERNER, 1996; ROCHETE, 2010, p. 285), é formada no tempo de Sula (ROCHETTE, 2010, p.285). Para reforçar essa tese, Rochette afirma que Macróbio teria ligado ambas as línguas fortemente para reforçar a ideia de que ao dominar uma domina-se a outra. Cf. *Macrobius (fourth cent. CE) would link the two languages so tightly as to confirm that the study of the one leads necessarily to the mastery of the other.*

¹²⁰ Essa segmentação podemos encontrá-la em ANEXO A.

¹²¹ Raras vezes encontramos no tratado algumas palavras gregas transliteradas para o alfabeto latino. Mesmo entendendo que essas ocorrências se encaixam nos que chamamos fenômenos translinguísticos e reconhecendo sua importância para este trabalho, esses vocábulos não serão considerados. Porém, focaremos nos que, além de alternar o código, alternam o alfabeto, pois assim podemos ver mais especificamente o quão selecionado era seu público.

caracteres gregos no texto latino, podemos adiantar que eles estão organizados em cinco categorias:

- *exempla ficta*;
- *exempla* literários (citações);
- morfemas;
- terminologia gramatical;
- palavras funcionais.

Seu mapeamento¹²² se justifica com o objetivo de que, modelando o nosso fenômeno, possamos ter uma visão ampla de sua ocorrência pela obra, uma vez que a consciência de sua profusão parece corroborar a hipótese de que o tratado vise um público conhecedor do alfabeto grego.

3.3.1 *Exempla ficta* e literários: o modelo de língua

Entendemos por *exempla*¹²³ o uso da linguagem-objeto (grego) como um recurso que o texto latino utiliza para exemplificar e ilustrar o fenômeno gramatical da língua grega exposto. Quanto aos *exempla ficta*, esses são aqueles inventados, forjados, ou usados modelarmente pela tradição gramatical, contrapostos aos *exempla* provenientes de citações literárias. Como nos assegura Colombat (2007, p. 72), na sistematização de uma língua em uma gramática, os exemplos gramaticais são utilizados para promover uma representação da linguagem, assim “testemunhando sempre uma certa realidade linguística[, sendo] o núcleo da língua normatizada” (AUROUX, 1992, p. 67). Desse modo, analisando os exemplos utilizados (o modelo de língua eleito para representá-la como um todo) podemos dizer muito sobre a orientação da gramática, porém, aqui, limitar-nos-emos à análise¹²⁴ de sua disposição por toda a obra, mapeando-os. Os *exempla*

¹²² No APÊNDICE C encontra-se uma tabela com todos os segmentos organizados de acordo com as categorias aqui expostas.

¹²³ *Exempla* é uma palavra latina plural de *exemplum*, significando cópia, imitação, reprodução, exemplo (SARAIVA, p. 449).

¹²⁴ Ao fazermos a análise aqui proposta, não nos passou despercebido em verificar qual modelo de língua foi eleito para servir como modelo pelo tratado gramatical. Superficialmente, podemos dizer que o modelo de língua muito se aproxima ao dialeto encontrado na *Ilíada* e *Odisseia* homéricas. Isso se confirma ao verificarmos que todos os *exempla* literários gregos são citações de Homero. Entretanto, não verificamos, devido à extensão do trabalho, se as características da linguagem homérica correspondem às do grego descrito pelo tratado.

não literários são geralmente palavras que ilustram a estrutura gramatical explicada, como podemos observar pelo exemplo que se segue:

No verbo grego jamais a primeira sílaba é alterada pela preposição, como, por exemplo, em **βάλλω** ["lançar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de βάλλω] > **ἀμφιβάλλω** ["lançar em volta", 1ª pe. sg. perf. ind. at. d e ἀμφιβάλλω], **διαβάλλω** ["lançar através, caluniar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de διαβάλλω], **καταβάλλω** ["derrubar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de καταβάλλω]; **ἄγω** ["conduzir", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de ἄγω] > **συνάγω** ["conduzo junto", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de συνάγω], **προάγω** ["fazer avançar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de προάγω], **διάγω** ["esticar, atravessar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de διάγω]; **φέρω** ["levar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de φέρω] > **προφέρω** ["levar adiante", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de προφέρω], **διαφέρω** ["separar, distinguir", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de διαφέρω]; **δέρω** ["esfolar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de δέρω] > **ἐκδέρω** ["tirar a pele", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de ἐκδέρω] e **φιλῶ** ["gostar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de φιλῶ] > **καταφιλῶ** ["abraçar beijando", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de καταφιλῶ]¹²⁵ (*De diff.*, GL V, 600, 12-14; seg. 22) (g.n.).

Como podemos ver, o texto se utiliza de *exempla* com a função de ilustrar determinado fenômeno linguístico na língua em que está sendo apresentado. No exemplo acima, percebemos que nas palavras gregas, ilustradas pelo tratado por βάλλω ἄγω φέρω δέρω e φιλῶ, quando adicionada uma preposição (prefixo ou pré-verbal), ela não muda a primeira sílaba do verbo, algumas vezes somente o pré-verbal sofre apócope (como exemplo προφέρω = πρόξ + φέρω). De forma melhor estruturada podemos observar este fenômeno no quadro a seguir:

Quadro 6 - *De figuris*, o verbo inalterado por seu prefixo

βάλλω	+	ἀμφί	=	ἀμφιβάλλω
		διά		διαβάλλω
		κατά		καταβάλλω
ἄγω	+	συν	=	συνάγω
		πρός		προάγω
φέρω	+	διά	=	διάγω
		πρός		προφέρω
		ἀνά		ἀναφέρω
δέρω	+	ἐξ	=	ἐκδέρω
φιλῶ	+	κατά	=	καταφιλῶ

De todas as mudanças de código destacada do texto analisado, encontramos 294 segmentos servindo como exemplificação gramatical não literária. Portanto, dos 497

¹²⁵ Cf. *In Graeco uerbo numquam prima syllaba adiecta praepositione uiolatur*, βάλλω ἀμφιβάλλω διαβάλλω καταβάλλω, ἄγω συνάγω προάγω διάγω, φέρω προφέρω διαφέρω ἀναφέρω, δέρω ἐκδέρω, φιλῶ καταφιλῶ.

segmentos totais do texto, 59,15% apresentam *exempla ficta*¹²⁶. Como um dos objetivos deste trabalho é mapear estes segmentos no texto como um todo, podemos visualizar no diagrama de barras abaixo a disposição destes segmentos em relação à totalidade do texto, no qual, assim como em todos os outros seguir, as barras verticais pretas correspondem aos segmentos onde entrevemos o fenômeno em questão e as cinza-claro são segmentos com o valor oposto, ou seja, onde não encontramos *exempla ficta*:

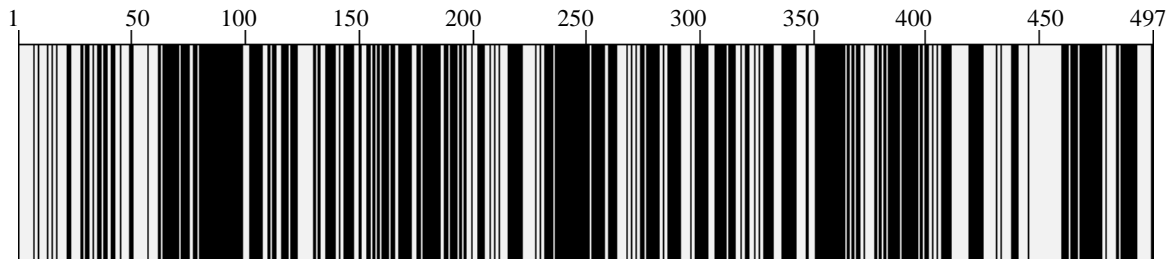


Diagrama 3 - Mapa em barras dos *exempla ficta* na obra *De differentiis*.

Podemos perceber que o uso desse tipo de *exempla* é bem distribuído ao longo do texto, não possuindo uma concentração bem definida e homogênea, mesmo que possamos observar maior densidade entre os segmentos 60 e 100 e próxima aos segmentos 250 e 400.

Outra categoria de alternância alfabética encontrada foi a dos *exempla* literários. Assim como os *ficta* servem para ilustrar um fenômeno gramatical da língua-objeto que está sendo tratado, os *exempla* literários destinam-se à mesma função básica, porém são citações de outros autores. Além disso, enquanto aqueles refletem na obra o modelo de língua-objeto, estes se acrescem de algumas funções a mais, como transparecer em sua seleção do repertório literário quais obras, autores e períodos ilustrariam o padrão linguístico tido como modelo (*cânon*), configurando, portanto, certa *auctoritas* à gramática, conferindo a suas análises uma credibilidade atestada pelo *usus*, “expressão empírica da língua” (FORTES, 2012, p. 160).

Com isso, um texto com pretensões gramaticais, ao fazer uso de citações retiradas de um *corpus* literário, nos deixa entrever seus modelos linguísticos, sua orientação, uma vez que, na sistematização de uma língua em uma gramática, os exemplos gramaticais

¹²⁶ Deve-se destacar que em nossa análise atingimos somente o nível sentencial, rotulando-a de acordo com o fato de possuir ou não o fenômeno em questão. Infelizmente, nossa análise não diz respeito ao nível intrassentencial, permitindo-nos intervir a profusão do fenômeno em cada segmento, tornando-a, assim, limitada. Com isso, um segmento com a realização de um único fenômeno terá o mesmo valor do que um outro mais quantitativamente expressivo do mesmo fenômeno. Em outras palavras, os gráficos têm apenas uma sinalização binária qualitativa, mostrando se determinado segmento possui ou não o fenômeno analisado, não mostrando quantitativamente sua ocorrência em seu interior.

são utilizados para promover uma representação da linguagem (COLOMBAT, 2007, p. 72). Tais citações especificamente utilizadas pela gramática são definidas por Lallot (2007, p. 58) como “fragmentos da língua objeto” (*fragment de la langue objet*) e por Colombat (2007, p. 71) como “fragmento” (*fragment*) ou “fato de língua” (*fait de langue*), ao passo que os exemplos construídos são por este denominados “exemplos” propriamente dito (*exemple*), conhecido aqui pelo termo latino *exempla*.

A utilização de *exempla* literários em uma gramática é uma remota herança da antiga filologia alexandrina na tradição gramatical grega, que, inicialmente, entre outras funções, tinha a pretensão de preservar texto, interpretá-los (hermenêutica), bem como explicá-los e comentá-los (exegese), prestando-se, ademais, a difundir as antigas obras literárias, tidas como os mais importantes marcos da identidade linguística e cultural do povo grego, que, no período de efervescência da antiga filologia (século III a. C.), estava em contato com diversos povos do mediterrâneo e do oriente (CANTÓ, 1997).

Em nosso *corpus*, as citações foram identificadas na edição dos *CGL* utilizada pela marcação de aspas angulares duplas (<<*exempla*>>). As citações em língua latina, em sua maioria, estão referenciadas ao seu determinado autor, diferentemente das gregas, que estão ligadas a um nome somente, Homero, o qual aparece uma única vez ligado à primeira citação grega (*De diff.*, *GL V*, 600, 10; seg. 20)¹²⁷. Quanto aos autores mais citados no tratado, temos Virgílio como modelo de língua latina seguido de Homero. Num total de dez citações, quando se trata de exemplificar o grego, Homero é tido como modelo único, ou seja, de toda a literatura grega aparentemente disponível, Homero fora o único eleito para representar a língua. Não entraremos na discussão de se Homero fora eleito ou se era a única literatura em língua grega disponível. Acreditamos que ele fora eleito, não pelo tratado, mas pela tradição gramatical, que tinha em Homero o paradigma da língua grega. Já no tempo de Erígena, pode ser que ambas opções coexistam, tendo Homero chegado em *De differentiis* com suas citações já cristalizadas, uma vez que muitas das citações de Homero encontradas no tratado já foram utilizadas por outros gramáticos ou comentadores de Homero, como Apolônio Díscolo (c. 140 d. C.) e Aristonico de Alexandria (c. 100 a. C.). Como não temo o objetivo de analisar esse fenômeno, colocamos em notas no APÊNDICE D as citações homéricas do tratado que encontramos durante nossa pesquisa em outros textos.

¹²⁷ Apenas três citações de Virgílio não estão acompanhadas de seu nome (*De diff.*, *GL V*, 624, 32-33; seg. 410 / 624, 39; seg. 411 / 626, 25; seg. 446).

Podemos ver na tabela abaixo¹²⁸ a relação de autores citados pelo tratado bem como, além da quantidade, sua frequência (%):

Tabela 7 - Relação de autores citados em *De differentiis*

Autor	Quantidade (40)	Frequência (%)
Virgílio	11	27,5
Homero	10	25
Cícero	6	15
Salústio	3	7,5
Terêncio	3	7,5
Varrão	2	5
L. Ácio	1	2,5
Lucílio	1	2,5
Desconhecida	1	2,5
Ênio	1	2,5
Propércio	1	2,5

Como pode ser observado, temos Virgílio como o representante da língua latina (27% das citações) e Homero como o da grega (25%). Vale a pena ressaltar que a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero são as únicas obras gregas citadas pelo tratado, sendo cada uma citada cinco vezes (12,5%). Quanto à obra de Virgílio citada, das onze citações duas são de suas *Geórgicas* (5%) e as nove restantes da *Eneida* (22,5%). Interessante notarmos que quase a metade das citações são representadas pelas epopeias de Homero e Virgílio (47,5%). Seguindo os dois autores, temos Cícero com seis citações (15%), sendo cada citação uma obra diferente (2,5%), sendo elas *Pro Tulio*, *De republica*, *De legibus*, *Pro Sestio*, *Pro Quintio* e *In Verrem*. Seguindo Cícero, temos Salústio (7,5%) e Terêncio (7,5%). Quanto Salústio, temos uma citação da *Guerra da Jugurta* e, das duas restantes, uma só é atestada pelo tratado gramatical e a outra só encontrada nos escritos do gramático Probo. Já das citações de Terêncio, temos o *Heautontimorumenos* e *Hecyra*. A outra é composta não por uma citação diretamente, mas por uma alusão ao prefácio da obra *Andria*. Esses quatro primeiros autores latinos (*quadriga*¹²⁹) mais citados no tratado, correspondendo a

¹²⁸ No APÊNDICE D apresentamos todas as citações destacadas e referenciadas em suas respectivas obras.

¹²⁹ “Por exemplo, no final do século IV, Méssio escreveu seus *Exempla elocutionis* (Exemplos de Estilo), tirada dos quatro autores latinos que estavam destinados a formar a *quadriga*, o grupo dos quatro autores-padrão que toda pessoa de cultura deveria conhecer e tomar como paradigmas: Virgílio, Salústio, Terêncio e Cícero (listados nesta ordem no subtítulo da obra de Méssio).” Cf. *For instance, toward the end of the fourth century, Messius wrote his Exempla elocutionis (Examples of Style) drawn from the four Latin authors who were destined to form the quadriga, the group of the four standard authors that every person of culture was supposed to know and take as paradigms: Virgil, Sallust, Terence, and Cicero (listed in this order in the subtitle of Messius’s work)* (RAMELLI, 2015, p. 271).

57,5% das citações, são no século IV de Macróbio os cânones para o ensino, como lemos nas seguintes palavras:

A lista de leituras que deve servir de base para a obtenção do treinamento correspondente à escola primária não sofre modificação alguma; no final do século IV, o manual de Arusiano Mesio aponta Virgílio e Terêncio como poetas favoritos, completando o quarteto com dois escritores de prosa, Cícero e Salústio.¹³⁰ (CANTÓ, 1997, p. 749).

Seguindo, Varrão possui duas citações, sendo uma delas dos *Logistorici*. A outra foi encontrada nas suas *menipeias* (fr. 35.1). Com uma única citação temos L. Ácio (*Andrômeda*), Lucílio (*Saturae, fragmenta*), Ênio (*Anais*) e Propércio (*Elegias*). Até o momento temos uma citação que permanece desconhecida, sendo ela ἄλλ' ὅτε δὴ ῥ' ἄνεσαν (*De diff., GL V, 601, 14; seg. 41*).

Como para este trabalho foram consideradas somente aquelas no idioma grego, ou seja, ou da *Iliada* ou da *Odisseia*, de Homero, isso nos mostra que Homero é ainda o grande modelo linguístico para o grego literário. A seguir podemos visualizar como eles aparecem na obra em estudo:

Como também ocorre em outros verbos, nos quais ora o valor do tempo longo retém o primeiro acento ora a leveza do tempo breve o repele para antes, como em ἐνήσαν ["empilhar", 3ª pe. pl. aor. ind. at. de ἐνώ] > ἔνεσαν ["enviar", 3ª pe. pl. aor. ind. at. de ἐνήμι]: “πολλοὶ δ' ἔνεσαν στονόεντες οἴστοι”¹³¹; ἀνήσαν ["empilhar", 3ª pe. pl. aor. ind. at. de ἐνώ] > ἄνεσαν ["enviar", 3ª pe. pl. aor. ind. at. de ἀνήμι]: “ἄλλ' ὅτε δὴ ῥ' ἄνεσαν”¹³²; κατέχε ["agarrar-se", 3º pe. sg. imperf. ind. at. de κατέχω] > κάτεχε ["agarrar-se", 2ª pe. sg. pres. imperat. at. de κατέχω]: “νῦξ δὲ μάλα δνοφερὴ κάτεχ' οὐρανόν”¹³³; similarmente συνῆψα

¹³⁰ Cf. *La lista de lecturas que deben servir de base para obtener la formación que corres ponde a la escuela del gramático no sufre ya modificación alguna; a finales del si glo IV, el manual de Arusiano Mesio señala a Virgilio y a Terencio como poetas favoritos, completando el cuarteto con dos prosistas, Cicerón y Salustio.*

¹³¹ Cit. de:

ἔνθα δὲ τόξον κεῖτο παλίντονον ἠδὲ φαρέτρην
ιοδόκος, πολλοὶ δ' ἔνεσαν στονόεντες οἴστοι,
δῶρα τά οἱ ξεῖνος Λακεδαίμονι δῶκε τυχίσας
”Ἴφιτος Εὐρυτίδης, ἐπιείκελος ἀθανάτοισι.”
(Hom. *Od.*, φ' 11 - 14) (g.n.)

ou

βῆ ῥ' ἴμεναι μέγαρόνδε μετὰ μνηστῆρας ἀγαυοῦς
τόξον ἔχουσ' ἐν χειρὶ παλίντονον ἠδὲ φαρέτρην
ιοδόκον· πολλοὶ δ' ἔνεσαν στονόεντες οἴστοι.
(Hom. *Od.*, φ' 58 - 60) (g.n.)

Esta passagem, junto com outras de Homero, é também citada pelo gramático grego Apolônio Díscolo em sua obra *De Constructione* (Ap. Dysc., *Constr.* II, 2, 473, 8).

¹³² Citação literária até o momento não encontrada.

¹³³ Cit. de:

νῦξ δὲ μάλα δνοφερὴ κάτεχ' οὐρανόν, οὐδέ τις ἡμεας
ἀνθρώπων ἐνόησε, λάθον δέ ἐ θυμὸν ἀπούρας.”
(Hom. *Od.*, ν' 269 - 270) (g.n.)

["unir", 1ª pe. sg. aor. ind. at. de συνάπτω] > σύναψον ["unir", 2ª pe. sg. aor. imperat. at. de συνάπτω¹³⁴]; συνήξα ["encontrar-se", 1ª pe. sg. aor. ind. at. de σύγω¹³⁵] > σύναξον ["encontrar-se", 1ª pe. sg. aor. ind. at. de σύγω¹³⁶]; συνείλον ["agarrar", 1ª pe. sg. aor. ind. at. do verbo συναιρέω¹³⁷] > σύνελε ["agarrar", 1ª pe. sg. aor. ind. at. de συναιρέω]; συνήλθον ["ir junto", 1ª pe. sg. aor. ind. at. de συνέρχομαι¹³⁸] > σύνελθε ["ir junto", 3ª pe. sg. aor. ind. at. de συνέρχομαι¹³⁹]; οὕτως καὶ [como também] προεῖπον ["predizer", 1ª pe. sg. aor. ind. at. de προεῖπον¹⁴⁰] > πρόειπε ["predizer", 3ª pe. sg. aor. ind. at. de προεῖπον¹⁴¹].¹⁴² (*De diff.*, GL V, 601, 12-17; seg. 41) (g.n.).

No exemplo acima, podemos perceber que em apenas um único segmento temos três citações gregas de Homero, das dez encontradas em todo o tratado. Dentre as duas, apresentamos também a única citação literária cuja referência não foi identificada (ἀλλ' ὅτε δὴ ῥ' ἄνεσαν). Como essa passagem, na nossa pesquisa, só se encontra em nosso *corpus*, levantamos a hipótese de ela ser um *exemplum fictum* que se comporta como uma citação literária entre as de Homero. Percebemos que o tratado pretende falar sobre o recuo do acento devido à duração das sílabas em um vocábulo. Após apresentar *exempla ficta*, o *De differentiis* recorre ao princípio da *auctoritas* para assim dar maior credibilidade à sua análise linguística, mostrando em Homero o uso do fenômeno descrito.

De todos os segmentos da obra *De differentiis*, dentre os quais temos 40 que possuem alguma citação, temos um total de 10 citações gregas, significando 2,01% da totalidade do texto. Podemos perceber que, em relação aos *exempla ficta*, estes estão em

Esta passagem é tampem é citada por Eustáquio de Tessalônica (*Eust. Phil. Comm. Od.*, 48; *Comm. II*, 37).

¹³⁴ A forma σύναψον do verbo συνάπτω pode ser analisada morfológicamente nas seguintes maneiras: part. sg. fut. at. m. voc. ou um part. sg. fut. at. n. nom./voc./ac..

¹³⁵ A forma συνήξα pode morfológicamente ser analisada também como: pertencente ao verbo συνάγνυμι ("quebrar em partes"), 1ª pe. sg. aor. ind. at. ou ao verbo συνήκω ("encontrar-se"), 1ª pe. sg. aor. ind. at..

¹³⁶ A forma σύναξον pode morfológicamente ser analisada também como sendo: a 3ª pe. sg. aor. ind. at. do mesmo verbo σύγω ou a 2ª pe. sg. imperat. aor. do verbo ou συνάγνυμι.

¹³⁷ A forma συνείλον pode morfológicamente ser analisada também como a 3ª pe. pl. aor. ind. at. do verbo συναιρέω, além de poder ser um part. pres. at. m. sg. voc. ou um part. pres. at. n. sg. nom./voc./ac. do verbo συνειλέω ("amontoar junto").

¹³⁸ A forma συνήλθον pode morfológicamente ser analisada também como a 3ª pe. pl. aor. ind. at. do mesmo verbo συνέρχομαι.

¹³⁹ A forma σύνελθε pode morfológicamente ser analisada também como a 2ª pe. sg. aor. imperat. at. do mesmo verbo συνέρχομαι.

¹⁴⁰ A forma προεῖπον pode morfológicamente ser analisada também como a 3ª pe. sg. aor. ind. at. do mesmo verbo προεῖπον.

¹⁴¹ A forma πρόειπε pode morfológicamente ser analisada também como a 2ª pe. sg. aor. imperat. at. do mesmo verbo προεῖπον.

¹⁴² Cf. *Quod euenit et in aliis uerbis, in quibus modo longi temporis pondus priorem retinet accentum, modo correpti leuitas sursum repellit*: ἐνήσαν ἔνεσαν· «πολλοὶ δ' ἔνεσαν στονόεντες ὀϊστοί»· ἀνήσαν ἄνεσαν, «ἀλλ' ὅτε δὴ ῥ' ἄνεσαν»· κατεῖχε κάτεχε, «νὺξ δὲ μάλα δνοφερὴ κάτεχ' οὐρανόν»· item συνήψα σύναψον, συνήξα σύναξον, συνείλον σύνελε, συνήλθον σύνελθε· οὕτως καὶ προεῖπον πρόειπε.

um número bem reduzidos. Assim, enquanto nas citações temos mais latinas que gregas, nos *exempla ficta* temos o contrário.

Assim como foi apresentado um gráfico dispondo os segmentos em análise no item anterior, aqui fazemos o mesmo:

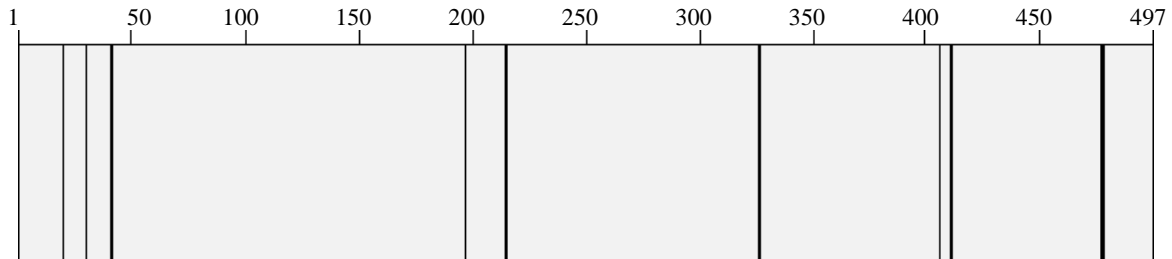


Diagrama 4 - Mapa em barras dos *exempla* literários gregos na obra *De differentiis*.

Exempla ficta vs. Literários

De início, devemos definir o termo *usus* e *consuetudo*, aqui tomados como sinônimos. *Usus* (usos) e *consuetudo* (costume) são as ocorrências empíricas da língua, compondo eles, junto aos termos *auctoritas*, *ratio/analogia*, entre outros, a *Latinitas*, como nos atesta, por exemplo, o gramático Diomedes¹⁴³ (Diom., *Ars Diom.*, GL, I, 439, 10) e o professor de retórica Quintiliano¹⁴⁴ (Quint., *Inst. Or.*, I, 6, 1). Apesar de eles também corresponderem ao uso costumeiro de todos os falantes¹⁴⁵, em uma gramática elas são atestadas através das citações literárias, sendo o uso de acordo com o costume conferido de certa autoridade (*auctoritas*).

Se assumirmos a premissa de que as citações representam o *usus* (o emprego efetivo e real consagrado) e os *exempla ficta*, o sistema da língua com seus paradigmas¹⁴⁶, suas construções reguças, ao compararmos a profusão dos exemplos inventados (59,15% dos segmentos) em relação aos literários (8,04% dos segmentos totais dentre os

¹⁴³ “*Latinitas* é a observância do falar sem corrupção de acordo com a língua romana. Além disso, constitui-se, como atesta Varrão, destas quatro propriedades: natureza, lógica, costume e autoridade. [...]” Cf. *Latinitas est incorrupte loquendi observatio secundum Romanam linguam. constat autem, ut adserit Varro, his quattuor, natura analogia consuetudine auctoritate.*

¹⁴⁴ Existe também um monitoramento para quem fala e para quem escreve. A língua consta de lógica, antiguidade, autoridade e costume (uso). Cf. *Est etiam sua loquentibus observatio, sua scribentibus. Sermo constat ratione uetustate auctoritate consuetudine.*

¹⁴⁵ O poeta Horácio na sua *Carta aos Pisões* nos mostra a sua consciência da mudança linguística, que estava no uso da língua pelos falantes, como podemos ver nas seguintes palavras: “Muitos vocábulos que já estão mortos irão renascer, e também muitos que agora possuem honras irão morrer, se assim o uso desejar, quem possui o arbítrio, o direito e a norma do falar.” Cf. *Multa renascentur quae iam cecidere, cadentque quae nunc sunt in honore uocabula, si uolet usus, quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi.* (Hor., *Epist.*, 70 et seq.).

¹⁴⁶ Fortes (2012, p. 340) nos diz que Prisciano desvincula o conceito *usus* de *Latinitas*, trabalhando a oposição entre *usus* e *ratio*.

quais 2,01% são gregos), podemos deduzir que o *De differentiis* não tinha muito a preocupação em representar o uso da língua grega, o qual se apoia nas citações literárias, mas a sua *ratio*, seu sistema (λόγος). Com essa análise, observamos que, se por um lado, o tratado se presta a representar a língua grega lançando mão de exemplos inventados, representando, assim, seu sistema de paradigmas, em detrimento do uso, observado pelas poucas citações gregas, por outro, em comparação ao que se disse, a língua latina se representa pelo uso em detrimento do seu sistema de paradigmas (*exempla ficta*). O que se disse, representado de modo bivalente, pode ser melhor visualizado no quadro que se segue:

Quadro 8 - Representação do *usus* e da *ratio* da língua grega e latina pelo *De differentiis*

	Grego	Latim
<i>usus</i>	-	+
<i>ratio</i>	+	-

Com isso, somos levados a pensar que os *exempla ficta* são uma estratégia para representar o sistema verbal da língua grega e, com parcimônia, latina, enquanto as citações literárias, inversamente, em maior quantidade representam o uso da língua latina, e, em menor, a grega. Todavia, tomando como um todo, temos ainda assim uma maior densidade dos *exempla* inventados em relação a todas as citações, sugerindo, como um todo, que o *De differentiis* dá maior espaço ao sistema (λόγος/*ratio*) linguístico.

3.3.2 Morfemas: refletindo sobre os mecanismos de descrição e análise linguísticas

Como o tratado gramatical diz respeito principalmente à flexão do verbo grego e, em menor número, do latino, um dos recursos utilizados é a identificação de determinada forma (seja de tempo, voz, número, pessoa ou modo) com o que poderíamos chamar de desinências, ou morfemas característicos, específicos, e que são nomeados, pelo tratado, por *desinentiae*, *litterae*, *syllabae* ou, em casos específicos, *diphthongi*. Desse modo, podemos dizer que um dos recursos para a explicação gramatical e caracterização dos fenômenos linguísticos utilizados é morfológico.

O *De Differentiis*, até onde foi nossa pesquisa, se utiliza de uma abordagem de análise e de caracterização dos fenômenos linguísticos com reflexões de caráter fonético-silábico, morfológico¹⁴⁷. Isso pode ser percebido pela quantidade de vezes em que o

¹⁴⁷ Auroux (1992, p. 104) nos apresenta algumas abordagens dadas à descrição dos fenômenos linguísticos. Dentre elas, temos a morfológica (“a propriedade caracteriza os fenômenos linguístico a partir de sua

tratado diz que a flexão de determinada forma verbal é feita ora com acréscimo ou subtração, ora com a permutação de sílabas (*syllabae*), letras (*litterae*), ou até de duração. Assim, a adição, subtração e permutação são operações lógicas das quais o tratado faz uso para analisar e descrever os fenômenos linguísticos. Por análise agora entendemos sua definição básica de separação em elementos ou em partes componentes. Com essa investigação, procuramos minimamente averiguar seu *modus operandi*. Ilustrando como exemplo de adição, temos:

Assim também, entre os gregos, a primeira pessoa do presente com o *v* adicionado faz o particípio, como em λαλῶ ["falar", 1ª pe. sg. pres. ind. at. de λαλέω] > λαλῶν [part. pres. at. m. sg. nom./voc.] e γράφω ["escrever", 1ª pe. sg. pres. ind. at. δε γράφω] > γράφων [part. pres. at. m. sg. nom./voc.], por exemplo¹⁴⁸ (*De diff.*, GL V, 603, 12-13; seg. 69).

Na passagem acima percebemos que, na língua grega, se tomarmos a primeira pessoa singular do presente do indicativo ativo de um verbo e, ao seu final, adicionarmos a letra -v, teremos, em seguida, um particípio presente ativo no seu caso nominativo singular masculino. Podemos perceber que, a partir de uma forma primitiva (nomeada pelo tratado de *prima positio*), sendo na passagem acima λαλῶ e γράφω, se fazem formas derivadas pela simples adição de letras ou sílabas, no caso os particípios λαλῶν e γράφων com a adição da letra -v.

Agora, como exemplo de subtração, temos a seguinte passagem: “de fato, a terceira pessoa [do subjuntivo] é feita a partir da segunda, tendo a última letra retirada, como temos em ἐὰν ποιῆς [“fazer”, 2ª pe. sg. pres. subj. at. de ποιέω] > ἐὰν ποιῆ [3ª pe. sg. pres. subj. at.], [...]”¹⁴⁹ (*De diff.*, GL V, 619, 35-36; seg. 341). Podemos observar agora que a formação de uma flexão verbal é feita a partir da subtração de uma letra em seu final, de modo que da forma subjuntiva ἐὰν ποιῆς retirada sua última letra, o -ς (σ), temos a 3ª pessoa singular do subjuntivo presente ativo, ἐὰν ποιῆ. Nessa passagem, observamos que a partir de uma forma primitiva temos uma secundária com a subtração de um de seus elementos.

estrutura e variações”), semântica (“concerne a toda propriedade que caracteriza os fenômenos linguísticos a partir da(s) sua(s) relação(ões) com elementos não linguísticos”), funcional (“a propriedade em questão caracteriza os fenômenos linguísticos relacionados com sua inserção em uma unidade superior quer esteja nomeada ou não”), com suas subcategorias, e metalinguística (“a propriedade em questão faz referência ao próprio enunciado linguístico”), seguido de suas subcategorias.

¹⁴⁸ Cf. *Item apud graecos prima persona praesentis adiecto sibi v facit participium*, λαλῶ λαλῶν, γράφω γράφων.

¹⁴⁹ Cf. *Tertia uero persona de secunda fit retracta ultima littera*, ἐὰν ποιῆς ἐὰν ποιῆ, [...].

Como exemplo de permutação de elementos na flexão verbal, temos a seguinte passagem:

O perfeito ativo, que tem desinência em *κα*, se tiver a penúltima sílaba longa por natureza, troca a sílaba final em *μαι* e faz de si passivo, como em *νενόηκα* [“apreender, pensar”, 1ª pe. sg. perf. ind. at. de *νοέω*] > *νενόημαι* [pensar”, 1ª pe. sg. perf. ind. pass.]; *τετίμηκα* [“honrar”, 1ª pe. sg. perf. ind. at. de *τιμάω*] > *τετίμημαι* [1ª pe. sg. perf. ind. pass.] e *κεχρύσωκα* [“dourar”, 1ª pe. sg. perf. ind. at. de *χρυσόω*] > *κεχρύσωμαι* [1ª pe. sg. perf. ind. pass.]¹⁵⁰ (*De diff.*, GL V, 610, 3-6; seg. 178).

Acima, podemos observar como se forma o perfeito passivo, pela troca da sílaba *-κα*, na sua forma ativa, em *-μαι*, desde que que a penúltima sílaba seja longa por natureza, ou seja, um *η*, *ω* ou ditongo. Então, a flexão é feita não somente pela adição ou subtração, mas também pela permutação de elementos.

Como podemos perceber, o tratado estabelece para o processo de flexão verbal uma relação entre formas do verbo, na qual a partir de uma forma primitiva (*prima positio*) temos uma forma derivada. A seguir, ilustraremos as três operações na mesma passagem:

Seguramente, adicionado o *σίγμα* [à primeira pessoa singular do perfeito] é feita a segunda pessoa e, ao contrário, com o sigma retirado e o *ἄλφα* mudado em *ε*, cria-se a terceira: *πεποίηκα* [“fazer”, 1ª pe. sg. perf. ind. at. de *ποιέω*] > *πεποίηκας* [2ª pe. sg. perf. ind. at.] e *πεποίηκε* [3ª pe. sg. perf. ind. at.]. Também a primeira do plural se faz ao adicionar a sílaba *μεν* a si: *πεποίηκα* [1ª pe. sg. perf. ind. at.] > *πεποιήκαμεν* [3ª pe. pl. perf. ind. at.]¹⁵¹ (*De diff.*, GL V, 614, 36-39; seg. 259).

Na passagem, vemos que, a partir da primeira pessoa singular do perfeito ativo com adição (da sílaba *μεν*), subtração (do sigma) e permutação (do alfa em épsilon), temos a segunda pessoa e terceira tanto singular quanto plural. Em outras palavras, se adotamos um verbo qualquer na sua primeira pessoa singular do perfeito e adicionamos ao seu final a letra sigma, temos a segunda pessoa. Agora, se retirarmos o sigma da segunda e trocarmos o alfa final, desinência de primeira pessoa, pelo épsilon, desinência de segunda, temos a segunda pessoa singular. Ainda, por fim, se adicionarmos a sílaba *μεν*, desinência de terceira pessoa plural, ao fim da primeira pessoa singular, temos a terceira pessoa plural do perfeito ativo.

¹⁵⁰ Cf. *Perfectum actiuum quod in κα desinit, si habuerit paenultimam natura longam, transfert finalem syllabam in μαι et facit de se passiuum*, *νενόηκα νενόημαι, τετίμηκα τετίμημαι, κечρύσωκα κечρύσωμαι*.

¹⁵¹ Cf. *Accepto enim σίγμα facit secundam et hoc rursus abiecto atque ἄλφα in ε mutato tertiam creat, πεποίηκα πεποίηκας πεποίηκε: primam quoque pluralem addita sibi μεν syllaba, πεποίηκα πεποιήκαμεν*.

Buscando compreender essas operações, observamos que a partir de um item primitivo A, com os operadores lógicos de adição (+), subtração (-) e permutação de um elemento x em y ($x \rightarrow y$, lê-se, com x trocado por y), temos itens derivados que variam de B a N, sendo N o enésimo item. Essa proposição podemos representar da seguinte maneira, assumindo o exemplo apresentado:

- (I) $A + x = B$
 (II) $B - x \ \& \ (y \rightarrow z) = C$
 (III) $A + k = D$

onde temos:

os itens:	os elementos:
A = πεποίηκα	x = σ
B = πεποίηκας	y = α
C = πεποίηκε	z = ε
D = πεποιήκαμεν	k = μεν

Em outras palavras:

- (I) Com o item A (πεποίηκα) mais o elemento x (σ) temos o item B (πεποίηκας);
 (II) Com o item B (πεποίηκας) menos o elemento x (σ) e com y (α) trocado a z (ε) temos o item C (πεποίηκε);
 (III) Com o item A (πεποίηκα) mais o elemento k (μεν) temos o item D (πεποιήκαμεν).

Interessante notarmos que em II o item A não é, de certa forma, o primitivo, embora podemos observar que poderia ser. Isso nos parece que o tratado utiliza tanto de uma lógica linear para a formação dos itens, no sentido de que temos $A > B > C > \dots > N$, sendo N o enésimo item, quanto de uma lógica radial de derivação, no sentido de que temos $A > B$, $A > C$, ..., $A > N$. Explorando um pouco esses mecanismos lógicos, poderíamos esperar, em vez das duas, somente uma lógica radial considerando:

se	$B = A + x,$
e	$C = B - x \ \& \ (y \rightarrow z),$
logo de	$C = (A + x) - x \ \& \ (y \rightarrow z)$
temos	$C = A \ \& \ (y \rightarrow z).$

Com isso, queremos dizer que para chegarmos ao item C temos $B - x \ (y \rightarrow z)$ ou simplesmente $A \ \& \ (y \rightarrow z)$. Em outras palavras, retomando os exemplos acima, a partir do item A, a primeira pessoa singular do perfeito ativo (πεποίηκα), alternando o elemento

y em z ($y \rightarrow z$), sendo eles o alfa e o épsilon, temos o item C, a terceira pessoa singular do perfeito ativo ($\pi\epsilon\pi\omicron\iota\eta\kappa\epsilon$). Trajetória menor do que caso seguissemos a operação II a partir de do item A para chegar a C. Desse modo, teríamos a lógica radial $A > B$, $A > C$, $A > D$ e $A > N$, sendo o item A o primitivo de B, C, D e N, ao mesmo tempo.

Tendo por base esse raciocínio, podemos entrever que o tratado estabelece uma relação hierárquica entre as formas verbais, uma vez que de uma temos outras derivadas. A seguir, apresentamos uma imagem onde podemos ver representada a relação hierárquica entre os tempos verbais na língua grega, de acordo com o *De differentiis*.

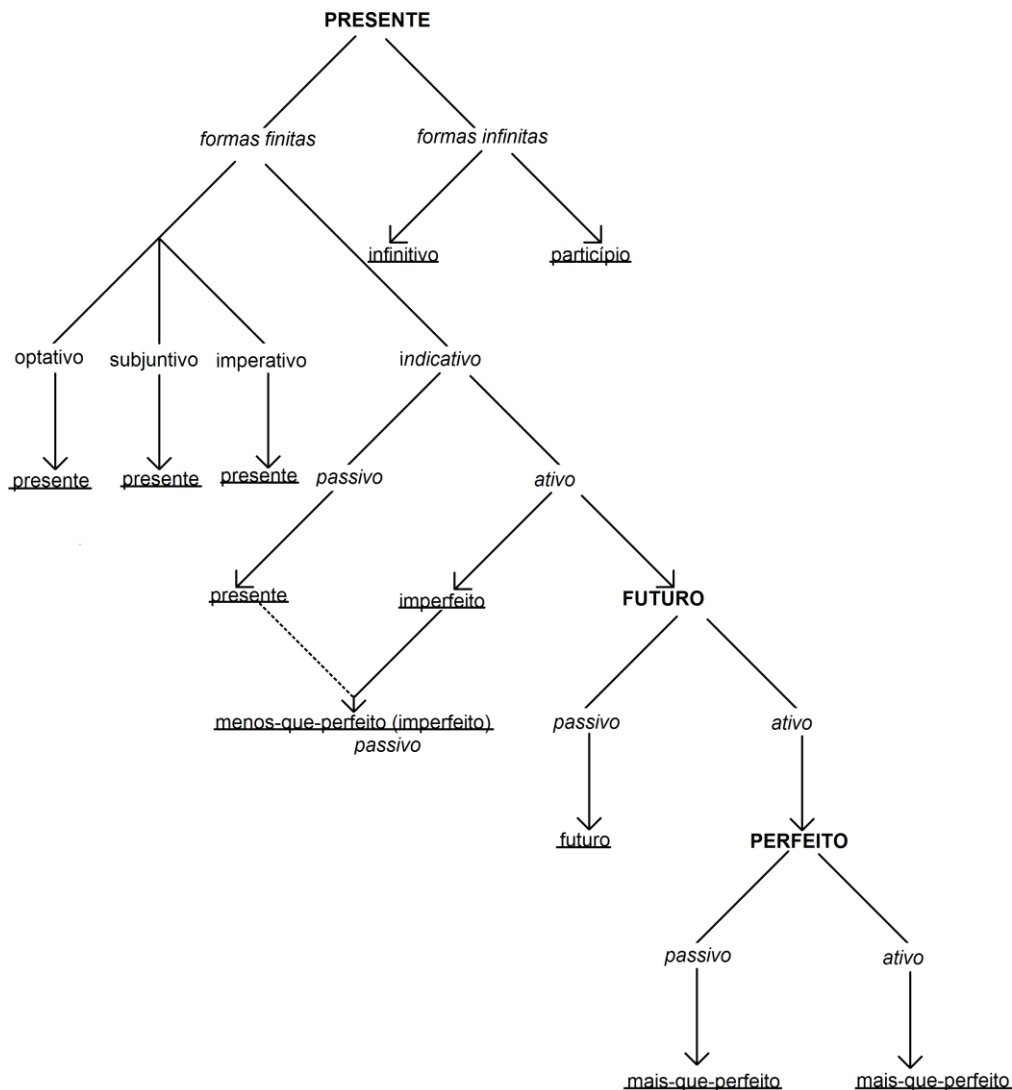


Figura 5 - Relação hierárquica entre tempos verbais primitivos e derivados em *De differentiis*.

Na árvore apresentada acima, temos as formas verbais representadas em nós sublinhados, na sua maioria terminais (folhas), à exceção do presente, futuro, perfeito (considerados o tronco da nossa árvore), presente passivo e imperfecto ativo, servindo todos esses tempos de base para a formação de outros. Como galhos dessa árvore

acrescentamos algumas categorias a fim de estruturá-la, como o a forma finita e infinita, os modos e as vozes verbais.

Podemos observar que o tempo presente é posto como o princípio e raiz para a formação de todos os tempos verbais. A partir dele, após organizarmos os tempos derivados em formas infinitas e finitas, temos nestes o infinitivo, formado a partir da adição da letra -v ao fim da terceira pessoa singular presente¹⁵², e o particípio, como visto, adicionando a letra -v ao fim da primeira pessoa singular do presente, e nas formas infinitas temos os tempos presentes do optativo, subjuntivo, imperativo e os tempos restantes do modo indicativo. Do tempo presente do indicativo temos o presente passivo, o imperfeito ativo (servindo os dois para a formação do tempo menos-que-perfeito¹⁵³, nomenclatura dada ao imperfeito passivo) e o tempo futuro. A partir do tempo futuro temos futuro passivo e da sua forma ativa temos a formação do perfeito. Da forma do tempo perfeito ativo temos a formação do mais-que-perfeito ativo e passivo.

Retomando a nossa investigação sobre as operações lógicas nos *exempla*, identificamos um raciocínio linear e, ao mesmo tempo, um que chamamos radial, nas descrições dos fenômenos linguísticos pelo tratado. Agora, na relação entre os tempos, podemos identificar a mesma lógica. Notamos que no tronco principal dessa árvore temos a precedência do tempo presente em relação ao futuro e destes em relação ao perfeito, na relação linear presente > futuro > perfeito. E também observamos o tempo presente ocupando a posição central, na relação radial: presente > optativo presente; presente > subjuntivo presente; presente > imperativo presente; presente > infinitivo presente; presente > particípio presente; presente > subjuntivo presente; presente > presente passivo; presente > imperfeito ativo e, por fim, presente > futuro ativo. Rearranjando a

¹⁵² “De fato, a sua terceira pessoa [do presente indicativo ativo], com o v adicionado, faz a partir de si o modo infinitivo, como ποιῆ [“fazer”, 3ª pe. sg. pres. ind. at. de ποιέω] > ποιεῖν [inf. pres. at.]; τιμᾶ [“honrar”, 3ª pe. sg. pres. ind. at. de τιμάω] > τιμᾶν [inf. pres. at.] τιμᾶν.” Cf. *Nam tertia persona eius adhibito sibi v facit ex se infinitivum modum, ποιεῖ ποιεῖν, τιμᾶ τιμᾶν, χρυσοῖ χρυσοῦν* (*De diff.*, GL V, 602, 38-39; seg. 64).

¹⁵³ “O tempo menos-que-perfeito [imperfeito], entre os gregos, é originário de dois modos: (1º) ou o tempo presente passivo faz de si o menos-que-perfeito mudando o ditongo αι em ην, adicionando-se o aumento no radical, como em ἄγομαι [“conduzir”, 1ª pe. sg. pres. ind. pass. de αγώ] > ἠγόμην [1ª pe. sg. imperf. ind. pass.] ou em τρέφομαι [“nutrir, criar”, 1ª pe. sg. pres. ind. pass. de τρέφω] > ἐτρέφομην [1ª pe. sg. imperf. ind. pass.]; (2º) ou então o menos-que-perfeito ativo insere a sílaba μη antes da sua última letra, fazendo se passivo, como em ἐποίουν [“fazer”, 1ª pe. sg. imperf. ind. at. de ποιέω] > ἐποιούμην [1ª pe. sg. imperf. ind. pass.] ou em ἔγραφον [“escrever”, 1ª pe. sg. imperf. ind. at. de γράφω] > ἐγραφόμην [1ª pe. sg. imperf. ind. pass.]” Cf. *Minusquamperfectum passivum apud graecos duobus nascitur modis. Aut enim omne praesens tempus passivum mutata in fine ai diphthongo in ην cum adiectione temporis crescentis in capite facit ex se minusquamperfectum, ἄγομαι ἠγόμην, τρέφομαι ἐτρέφομην: aut minusquamperfectum activum ante ultimam litteram suam inserit μη et facit ex se passivum, ἐποίουν ἐποιούμην, ἔγραφον ἐγραφόμην* (*De diff.*, GL V, 609, 32-38; seg. 175).

imagem acima, e considerando essas relações radial e linear, construímos a seguinte imagem:

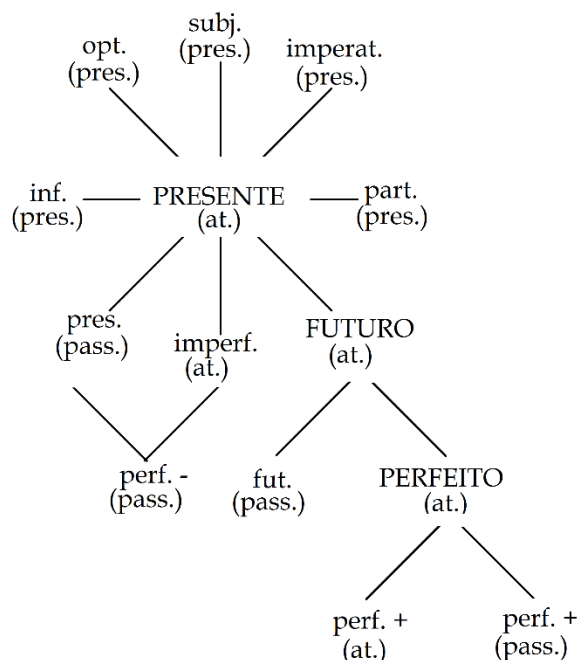


Figura 6 - Lógica linear e lógica radial como operadores de derivação dos tempos no *De differentiis*.

Na imagem podemos observar mais claramente o presente “irradiando” os outros tempos e junto a ele o futuro e o perfeito formando um tronco. Não nos esqueçamos que de cada um desses tempos, representamos pela sua primeira pessoa singular, no caso dos verbos, temos outros galhos, seguindo a lógica linear e radial, até chegarmos a cada uma das formas verbais do sistema linguístico grego.

Interessante notarmos a relação presente–futuro–perfeito. *De differentiis* nos chama a atenção para não nos enganarmos achando que o tempo perfeito deriva do presente, mas sim a partir do futuro, nas seguintes palavras: “o tempo perfeito para os gregos é formado não pelo presente, mas pelo futuro”¹⁵⁴ (*De diff.*, GL, 605, 17-18; seg. 100). A explicação para tal fenômeno é apresentada de duas maneiras. Na primeira, temos uma definição que aparenta ser lógico-semântica, ou até mesmo filosófica, nos seguintes termos: “e nem é sem razão. Tudo aquilo que, de fato, foi feito, primeiramente foi algo que seria feito.”¹⁵⁵ (*De diff.*, GL, 605, 18-19; seg. 101)¹⁵⁶. Deste modo, parece que o fato de a forma verbal do perfeito provir do futuro se justifica pelo fato de uma coisa para ter sido passada, feita, antes ela deveria ter sido planejada, futura. Já o segundo argumento

¹⁵⁴ Cf. *Perfectum tempus apud graecos non a praesenti, sed a futuro figuratur.*

¹⁵⁵ Cf. *Nec sine ratione: omne enim quod factum est prius faciendum fuit.*

¹⁵⁶ Podemos de dizer que essa passagem também se encontra em Macróbio (*Macr.*, *De uerb.*, GL V, 633, 7-9).

se baseia em premissas formais, morfológicas, o que podemos observar nas seguintes palavras:

Em grego, todo o perfeito é proferido maior do que a sua forma primitiva ora por uma sílaba¹⁵⁷ ora por um único tempo¹⁵⁸, como λέλυκα ["soltar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de λύω] e ὤπτῃκα ["assar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de ὀπτάω]¹⁵⁹. E que não te convença que πεποίηκα ["fazer", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de ποιέω] ou πεφίληκα ["gostar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de φιλέω], e similares, não com uma, mas com duas sílabas, excedam a forma primitiva do verbo. Dissemos, na verdade, que a forma primitiva do perfeito não era o presente, mas o futuro, já que excede em uma e não em duas sílabas, como em ποιήσω ["fazer", 1ª pe. sg. fut. ind. at. de ποιέω] > πεποίηκα [1ª pe. sg. perf. ind. at.] e φιλήσω ["gostar", 1ª pe. sg. fut. ind. at. de φιλέω] > πεφίληκα [1ª pe. sg. perf. ind. at.], por exemplo. Isso ainda se comprova pelo seguinte argumento, visto que, com efeito, o tempo perfeito nunca aumenta a partir de sua forma primitiva tanto em sílaba quanto em duração, mas somente por um dos dois. Permanece como ὤπτῃκα ["assar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de ὀπτάω] ou ἠγάπηκα ["amar", 1ª pe. sg. perf. ind. at. de ἀγαπάω] se fossem produzidos a partir das formas presentes ὀπτῶ ["assar", 1ª pe. sg. pres. ind. pass. de ὀπτάω] e ἀγαπῶ ["amar", 1ª pe. sg. pres. ind. pass. de ἀγαπάω]. Não se encontram verbos com um acréscimo tanto de sílaba quanto de duração, o que não se poderia realizar de acordo com a regra. Portanto, derivam do futuro: ὀπτήσω ["assar", 1ª pe. sg. fut. ind. at. de ὀπτάω] > ὤπτῃκα [1ª pe. sg. perf. ind. at.] e ἀγαπήσω ["amar", 1ª pe. sg. fut. ind. at. de ἀγαπάω] > ἠγάπηκα [1ª pe. sg. perf. ind. at.], gerados com o aumento da primeira vogal breve.¹⁶⁰ (*De diff.*, GL V, 610, 3-6; seg. 105).

Partindo da premissa de que o processo de formação de tempos aceita apenas um único acréscimo, seja ele de duração ou de sílabas, o *De differentiis* parece se esforçar em estabelecer uma derivação do perfeito a partir do futuro. A duração de um verbo iniciado por vogal aumenta devido à contração da primeira sílaba do verbo, uma vogal, com a vogal -ε- tida como redobro de formação do tempo, como em ὤπτῃκα termos ε+ὀπτ-. Agora, ele aumenta em sílaba quando a vogal -ε- junto à primeira consoante forma uma nova sílaba chamada redobro, como em λέλυ- termos λ(έ)+λυ-. Segundo o tratado, essa adição já configura a flexão do verbo. Caso ele fosse derivado do presente, ocorreria um aumento tanto de duração quanto de sílaba. Isso verificamos no perfeito ὤπτῃκα, que teve um aumento de tempo ao se derivar do futuro ὀπτήσω (ε + ο = ω). Diferente seria, caso

¹⁵⁷ Quando iniciado por consoante (redobro = primeira consoante do verbo mais a sílaba -ε-).

¹⁵⁸ Quando iniciado por vogal (alongamento = contração da primeira sílaba do verbo, uma vogal, com a vogal -ε-).

¹⁵⁹ ὀπτάω (1ª pe. sg. pres. ind. at.), ὀπτήσομαι (fut.).

¹⁶⁰ Cf. *In Graecis omne perfectum aut syllaba aut uno tempore maius prima positione sui profertur, ut λέλυκα ὤπτῃκα. Nec <te> moueat quod πεποίηκα uel πεφίληκα et similia non una, sed duabus syllabis primam uerbi uincunt positionem. Diximus enim primam perfecti positionem non esse praesens, sed futurum, quod una, non duabus syllabis, superant, ut ποιήσω πεποίηκα, φιλήσω πεφίληκα. Hoc etiam argumento probatur: nam cum numquam perfectum tempus a prima positione sui et syllaba crescat et tempore, sed tantum altero, restat ut ὤπτῃκα ἠγάπηκα, si a praesentibus facta sunt ὀπτῶ ἀγαπῶ, et syllaba maiora inueniantur et tempore, quod fieri per regulam non potest; a futuro igitur ueniunt, ὀπτήσω ὤπτῃκα et ἀγαπήσω ἠγάπηκα, primae uocalis corrreptae productione facta.*

tivesse se derivado do presente ὀπτῶ, tendo, além do aumento de tempo, um aumento da sílaba -κα em seu final, o que, segundo o tratado, não é aceitável pela regra (*regula*) da língua.

Com isso queremos mostrar que o tratado muito se apoia na explicação dos fenômenos linguísticos através de argumentos morfológicos, silábicos, ou seja, formais. Podemos concluir que o tempo presente nele é tomado como o centro de formação para todas as formas verbais do sistema linguístico grego. Além disso, que há uma relação de procedência entre o tempo futuro e perfeito. Esse raciocínio de centralidade do tempo presente nos lembra a reflexão de um pensador que teve grande recepção em Erígena, Agostinho de Hipona. Fundamentando seu “eterno hoje”, Agostinho, em suas *Confissões*, também coloca filosoficamente o tempo presente como o centro de todos os tempos, nas seguintes palavras:

É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras¹⁶¹ (Augus., *Conf.*, XI, 20, 26)¹⁶².

Podemos levantar a questão de se aqui não estarmos diante de uma interseção entre a filosofia e a gramática, na qual vemos reflexões filosóficas moldando a descrição e análise dos fenômenos linguísticos. O mesmo poderíamos dizer da precedência do futuro ao perfeito, uma vez que, conforme vimos, o tratado se esforça em estabelecer tal relação. Contudo, infelizmente não tivemos a oportunidade de investigar essa conjectura.

Como tivemos a oportunidade de ver, sílabas e letras, ou melhor, morfemas, juntos às operações lógicas nos mostram os mecanismos de análise dos fenômenos linguísticos. Desses mecanismos entendemos uma relação hierárquica de precedência, de acordo com uma lógica linear ou radial. Agora, vemos que os mesmos elementos são também utilizados no tratado para a identificação e descrição dos itens linguísticos. A fim de

¹⁶¹ Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. In *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Cf. *Quod autem nunc liquet et claret, nec futura sunt nec praeterita, nec proprie dicitur: tempora sunt tria, praeteritum, praesens et futurum, sed fortasse proprie diceretur: tempora sunt tria, praesens de praeteritis, praesens de praesentibus, praesens de futuris. Sunt enim haec in anima tria quaedam et alibi ea non video, praesens de praeteritis memoria, praesens de praesentibus contuitus, praesens de futuris expectatio.*

¹⁶² AGOSTINHO, *Confessionum Libri Tredecim*, Disponível eletronicamente em: http://www.documenta catholicaomnia.eu/04z/z_0354-0430__Augustinus__Confessionum_Libri_Tredecim__LT.doc.html. Acessado em 18 de agosto de 2018.

ilustrarmos, veremos uma passagem na qual o *De differentiis* caracteriza determinada forma verbal pelas sílabas, morfemas, que o constituem.

Ao todo, são três as sílabas com que os verbos gregos terminam no tempo futuro: (1º) ou, de fato, terminam em **σω**, (2º) ou em **ξω** ou (3º) em **ψω**, como, por exemplo, λαλήσω [“falar”, 1ª pe. sg. fut. ind. at. de λαλέω], πράξω [“atravessar”, 1ª pe. sg. fut. ind. at. de πράσσω] e γράψω [“escrever”, 1ª pe. sg. fut. ind. at. de γράφω], respectivamente, a menos que tenha a consoante líquida antes do **ω** (a quinta conjugação βαρυτόνων [dos baritonos]).¹⁶³ (*De diff.*, GL V, 607, 22-25; seg. 135) (g.n.).

Acima vemos que o recurso para descrição e classificação de um tempo grego, o futuro, é morfológico, com a identificação da última sílaba da palavra, podendo ser em **σω**, como no exemplo a palavra λαλήσω, a qual foi adicionada a letra -σ-formando o futuro; em **ξω**, como na palavra πράξω, a qual teve um fenômeno fonético entre a consoante geminada -σσ- do radical e o -σ- do futuro resultando na consoante dupla -ξ-; ou em **ψω**, como na palavra γράψω, na qual temos a consoante do radical -φ- se associando com a do futuro -σ- formando a dupla -ψ-. Podemos dizer que esse recurso de descrição e análise recorrendo às sílabas e letras se distribui ao longo de todo o tratado.

Uma vez que temos a proposta de mapear e ter uma visão geral de todas as ocorrências em que as letras gregas se mostram no tratado, não poderíamos deixar as análises morfológicas em grego de fora. Esse tipo de mudança de código está presente em 175 segmentos, ou 35,21% do texto. No gráfico a seguir podemos visualizar como esses segmentos se distribuem na sua extensão:

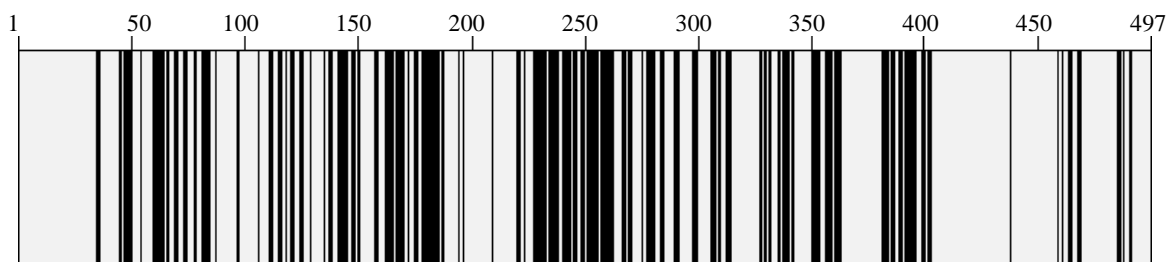


Diagrama 7- Mapa em barras do uso de morfemas gregos na obra *De differentiis*.

Diante do gráfico acima, podemos perceber que o uso de morfemas como unidade de análise linguística se distribui por grande parte do texto, apresentando, ainda assim, algumas pequenas lacunas. Interessante notar que o tratado faz uso ostensivo da

¹⁶³ Cf. *Quod euenit et in aliis uerbis, in quibus modo longi temporis pondus priorem retinet accentum, modo correpti leuitas sursum repellit*: ἐνήσαν ἔνεσαν· «πολλοὶ δ' ἔνεσαν στονόεντες οἴστοί»· ἀνήσαν ἄνεσαν, «ἀλλ' ὅτε δὴ ῥ' ἄνεσαν»· κατεῖχε κάτεχε, «νὺξ δὲ μάλα δνοφερὴ κάτεχ' οὐρανόν»· ἰτεμ συνήψα σύναψον, συνήξα σύναξον, συνεῖλον σύνελε, συνήλθον σύνελθε· οὕτως καὶ προεῖπον πρόειπε.

morfologia como mecanismo de descrição linguística. É comum notarmos o tratado dizer que um tempo é formado acrescentando e/ou retirando e/ou permutando determinada letra de uma forma primitiva.

3.3.3 Terminologia gramatical: transferência tecnológica

Outro tipo de alternância alfabética também se revela no uso da terminologia gramatical grega, ao encontrarmos termos gregos grafados nesse alfabeto. O fato de o tratado se utilizar da terminologia gramatical grega não revela uma particularidade apenas sua, mas da tradição gramatical latina, uma vez que a disciplina gramatical na língua latina já é em si uma transferência da tecnologia grega. Os latinos utilizaram, enriqueceram, adaptaram em certos casos e em outros mudaram a metalinguagem grega. O que podemos dizer sobre o *De differentiis* é que ele utiliza a terminologia gramatical ora latinizada, ora transliterada em caracteres latinos, ora grafadas no próprio alfabeto grego. Quando o tratado translitera ou grava em grego um termo gramatical, estamos diante de uma transferência tecnológica (AUROUX, 1992, p. 21, 43, 74). Dentro dos estudos sociolinguísticos, esse fenômeno é visto como um empréstimo linguístico (*borrowing*) (HAMERS e BLANC, 2004, p. 259; ROCHETTE, 2010, p. 286).

Em nossa pesquisa, no decorrer do tratado, encontramos poucos termos gramaticais que se apresentam nas três ocorrências, em caracteres gregos, latinizados e transliterados. Como exemplo destes, temos os termos que estão ligados à acentuação dos verbos gregos, ou melhor, à sua classificação em dois grandes grupos. São eles o acento agudo e o circunflexo. Esses acentos servem para agrupar a categoria verbal em dois grupos, nos quais cada acento, estando na penúltima sílaba do presente, os difere. Em relação aos verbos perispômenos, podemos ler suas conjugações nas seguintes palavras:

Nos verbos gregos, em sua forma primitiva o acento circunflexo preserva a última sílaba. Destes verbos, temos três conjugações¹⁶⁴, cuja diferença se faz pela segunda pessoa, de modo que na primeira conjugação temos o ditongo final em εις, como λαλεις [2ª pe. sg. pres. ind. at.]; na segunda, o ditongo αις (a quem certamente é inserido o ι, mas nada é percebido pelo som), como τιμῆς [2ª pe. sg. pres. ind. at.] e na terceira o ditongo οις, como στεφανοῖς [2ª pe. sg. pres. ind. at.].¹⁶⁵ (*De diff.*, GL, 601, 23-28; seg. 45).

¹⁶⁴ É esta conjugação representada pelos verbos contratos, os que têm antes do ω final, fazendo com ele a contração, ou, como diz *De differentiis*, antes da desinência de segunda pessoa -ις, as vogais α, sendo esta a primeira conjugação, a vogal ε, sendo a segunda e o “ο”, esta sendo a terceira.

¹⁶⁵ Cf. *apud graecos eorum uerborum, in quorum prima positione circumflexus accentus ultimam syllabam tenet, tres sunt coniugationes, quibus discretionem facit secunda persona, quam prima coniugatio habet in εις diphthongum desinentem, ut λαλεις, secunda in αις, cui ascribitur quidem ι, sed nihil sono confert, ut τιμῆς, tertia in οις diphthongum, ut στεφανοῖς.*

Assim, vemos que o acento circunflexo na penúltima sílaba do verbo presente o coloca na categoria de verbos contractos, o qual na segunda pessoa os classifica de acordo com a vogal que faz contração com o ω , desinência de 1ª pessoa singular. Assim, se a segunda pessoa termina em $-\epsilon\iota\varsigma$, temos a primeira conjugação, como em $\lambda\alpha\lambda\epsilon\iota\varsigma$ cuja primeira pessoa singular é $\lambda\alpha\lambda\tilde{\omega}$ ($\lambda\alpha\lambda\acute{\epsilon}+\omega$). Caso termine em $-\alpha\iota\varsigma$, temos a segunda, como $\tau\iota\mu\tilde{\alpha}\varsigma$, cuja primeira pessoa é $\tau\iota\mu\tilde{\omega}$ ($\tau\iota\mu\acute{\alpha}+\omega$), e possui um iota subscrito, não sendo pronunciado, “percebido pelo som”. Caso termine em $-\omicron\iota\varsigma$, temos um verbo da terceira conjugação, como o verbo $\sigma\tau\epsilon\phi\alpha\nu\tilde{\omicron}\varsigma$, cuja primeira pessoa temos como $\sigma\tau\epsilon\phi\alpha\nu\tilde{\omega}$ ($\sigma\tau\epsilon\phi\alpha\nu\acute{\omicron}+\omega$).

Agora, quanto às conjugações dos verbos agudos, temos seis conjugações nos seguintes termos:

Dos outros verbos, em verdade, em cuja forma primitiva o acento grave marca a penúltima sílaba, temos seis conjugações. Porém, neles a segunda pessoa não faz diferença, visto que, naturalmente em todos, a segunda pessoa é terminada pelo ditongo $\epsilon\iota\varsigma$. Porém, entre essas seis conjugações, as diferenças são depreendidas na primeira pessoa, ao ser buscado, de fato, na forma primitiva de cada verbo, quais letras precedem a letra ω final do verbo. E se tens encontrado antes do ω as letras β , ϕ , π , $\pi\tau$, como em $\lambda\epsilon\iota\beta\omega$ [“derramar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\lambda\epsilon\iota\beta\omega$], $\gamma\rho\acute{\alpha}\phi\omega$ [“escrever”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\gamma\rho\acute{\alpha}\phi\omega$], $\tau\acute{\epsilon}\rho\pi\omega$ [“agradar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\tau\acute{\epsilon}\rho\pi\omega$], $\kappa\acute{\omicron}\pi\tau\omega$ [“bater”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\kappa\acute{\omicron}\pi\tau\omega$], por exemplo, dirás ser da primeira conjugação. Se, porém, encontrares as letras γ , κ ou χ , como em $\lambda\acute{\epsilon}\gamma\omega$ [“dizer”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\lambda\acute{\epsilon}\gamma\omega$], $\pi\lambda\acute{\epsilon}\kappa\omega$ [“trançar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\pi\lambda\acute{\epsilon}\kappa\omega$] ou $\tau\rho\acute{\epsilon}\chi\omega$ [“correr”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\tau\rho\acute{\epsilon}\chi\omega$], por exemplo, chamarás de segunda. Entretanto, se forem as letras δ , θ ou τ , como em $\tilde{\alpha}\delta\omega$, $\pi\lambda\acute{\eta}\theta\omega$ [“estar cheio, completo”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\pi\lambda\acute{\eta}\theta\omega$] ou $\acute{\alpha}\nu\tau\omega$ [“realizar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\acute{\alpha}\nu\tau\omega$], por exemplo, dirás ser a terceira. A quarta será se tiveres ζ η $\delta\upsilon\omicron$ $\sigma\sigma$ [sigma geminado], como em $\phi\rho\acute{\alpha}\zeta\omega$ [“afirmar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\phi\rho\acute{\alpha}\zeta\omega$] ou $\acute{\omicron}\rho\upsilon\sigma\sigma\omega$ [“cavar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\acute{\omicron}\rho\upsilon\sigma\sigma\omega$], por exemplo. Se, no entanto, forem as líquidas λ , μ , ν ou ρ , como em $\pi\acute{\alpha}\lambda\lambda\omega$ [“lançar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\pi\acute{\alpha}\lambda\lambda\omega$], $\nu\acute{\epsilon}\mu\omega$ [“compartilhar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\nu\acute{\epsilon}\mu\omega$], $\kappa\rho\acute{\iota}\nu\omega$ [“julgar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de $\kappa\rho\acute{\iota}\nu\omega$] ou $\sigma\pi\acute{\epsilon}\rho\omega$, por exemplo, a quinta será observada. A sexta será proferida $\delta\iota\acute{\alpha}$ $\kappa\alpha\theta\alpha\rho\upsilon$ $\tau\omicron\upsilon$ ω [segundo a pureza do ω], como em $\acute{\rho}\acute{\epsilon}\omega$ e $\theta\epsilon\rho\alpha\pi\epsilon\upsilon\omega$.¹⁶⁶ (*De diff.*, *GL*, 601, 28-30 - 602, 1-9; seg. 49).

Aqui podemos observar que cada uma das seis conjugações será de acordo com a consoante que precede a desinência $-\omega$ na primeira pessoa singular. Assim, se temos consoantes bilabiais, estamos diante da primeira conjugação. Caso encontremos

¹⁶⁶ Cf. *Eorum uero uerborum, in quorum prima positione grauis accentus paenultimam syllabam signat, sex sunt coniugationes. Sed in his non secunda persona discretionem facit, quippe cum in omnibus secunda persona in $\epsilon\iota\varsigma$ diphthongum finiatur. Sed harum coniugationum in prima persona differentiae deprehenduntur, quaeritur enim in prima positione uerbi cuiusque, quae litterae praecedant ω finalem litteram uerbi. Et si inueneris ante ω β ϕ π $\pi\tau$, $\lambda\epsilon\iota\beta\omega$ $\gamma\rho\acute{\alpha}\phi\omega$ $\tau\acute{\epsilon}\rho\pi\omega$ $\kappa\acute{\omicron}\pi\tau\omega$, primae coniugationis pronuntiabis; si autem reppereris γ κ χ , $\lambda\acute{\epsilon}\gamma\omega$ $\pi\lambda\acute{\epsilon}\kappa\omega$ $\tau\rho\acute{\epsilon}\chi\omega$, secundam uocabis: quodsi δ θ τ , $\tilde{\alpha}\delta\omega$ $\pi\lambda\acute{\eta}\theta\omega$ $\acute{\alpha}\nu\tau\omega$, tertiam dices: quarta erit, si habuerit ζ η $\delta\upsilon\omicron$ $\sigma\sigma$, $\phi\rho\acute{\alpha}\zeta\omega$ $\acute{\omicron}\rho\upsilon\sigma\sigma\omega$: si uero fuerint liquidae λ μ ν ρ , $\pi\acute{\alpha}\lambda\lambda\omega$ $\nu\acute{\epsilon}\mu\omega$ $\kappa\rho\acute{\iota}\nu\omega$ $\sigma\pi\acute{\epsilon}\rho\omega$, quintam notabunt: sexta profertur $\delta\iota\acute{\alpha}$ $\kappa\alpha\theta\alpha\rho\upsilon$ $\tau\omicron\upsilon$ ω , $\acute{\rho}\acute{\epsilon}\omega$ $\theta\epsilon\rho\alpha\pi\epsilon\upsilon\omega$.*

do fenômeno aqui investigado, uma vez que por mais que estão em letras latinas ainda são termos gregos. Entretanto, chamamos a atenção para o fato de que nos interessa analisar somente a densidade dos caracteres gregos no tratado, pois, assim, buscamos investigar quantitativamente as vezes em que temos o alfabeto grego e como é a sua distribuição ao longo do tratado. Em outras palavras, qual a frequência em que o tratado transita entre os alfabetos.

De fato, espera-se que ao descrever e analisar uma língua se utilize das ferramentas (no caso, da metalinguagem) teorizadas para aquele objeto, e *De differentiis*, assim como a tradição gramatical latina, faz bom uso da tecnologia herdada da τεχνή grega. Por outro lado, é curioso notarmos também que algumas vezes o tratado se utiliza de palavras latinas para tratar da língua grega. Isso podemos perceber, a título de exemplificação, nos seus subtítulos, pois, para tratar do, por exemplo, παρακείμενος grego, ele é denominado *perfectum*, do μελλόν, denominado *futurum*, παρατατικόν, *imperfectum*, ὑπερσυντελικόν, *plusquamperfectum*, entre outros exemplos.

Retornando ao conceito de transferência tecnológica, S. Auroux (1992, p. 43), aplicando-o ao contexto da transferência da tecnologia gramatical à gramatização das línguas vernáculas após o século XIII¹⁷⁰, nos apresenta o seguinte esquema:

- [1] ML1 > GL1
- [2] ML2 > GL1
- [3] ML1 > GL2
- [4] ML 2 > GL2
- [5] MLx > GLi, j...k

Aqui vemos [1] a metalinguagem de uma língua (ML1) descrevendo a sua gramática (GL1); [2] a metalinguagem de uma outra língua vernácula (ML2), no caso, descrevendo a gramática da primeira (GL1); [3] a metalinguagem da primeira língua (ML1) descrevendo a língua vernácula (GL2) e [4] uma metalinguagem em língua vernácula (ML2) descrevendo-a (GL2). Em [5] temos as diversas possibilidades dessa transferência, na qual uma metalinguagem x é aplicada à gramática de línguas que variam de i a k. Agora, ao nos depararmos em *De differentiis* com palavras latinas (no sentido quase técnico) descrevendo palavras gregas, podemos representar esse fenômeno no seguinte

¹⁷⁰ Embora o Irlandês tenha sido gramatizado “precocemente” por volta de 650, o fenômeno da gramatização é mais representativo após o ano de 1200 (AUROUX, 1992, p. 38-39).

esquema, no qual MG e ML são, respectivamente, a metalinguagem em língua grega e em língua latina, e LG e LL são a língua latina e a língua grega, respectivamente:

[1] MG > LG

[2] MG > LL

[3] ML > LL

[4] ML > LG

No esquema acima representamos [1] uma metalinguagem grega descrevendo e analisando a própria língua grega. Depois [2], devido ao fenômeno do *utraque lingua*, a tecnologia da metalinguagem grega foi aplicada para descrever e analisar a língua latina. Em seguida, [3] os latinos viram a necessidade de estabelecer seus próprios termos para descrever e analisar sua língua, seja criando, traduzindo, adaptando ou latinizando (transliterando) termos gregos. Quando à constituição de uma terminologia própria latina, essa é uma questão na qual não entraremos. Entretanto, o que vemos em *De differentiis* são esses termos latinos utilizados para tratar da língua grega [4]. Devido a isso, vemos o *perfectum* se referindo ao tempo παρακείμενος grego, *futurum* ao μέλλον, *imperfectum* ao παρατατικόν, *plusquamperfectum* ao ὑπερσυντελικόν, entre outros.

Apesar de encontrarmos termos latinos e latinizados (transliterado) no tratado, há uma predominância de termos latinos em primeiro lugar, termos gregos em segundo e transliterados em terceiro. Os termos em caracteres gregos se encontram em 80 segmentos do nosso *corpus*, (16,09%) dos 497 ao todo. A distribuição do uso da terminologia no alfabeto grego pode ser visualizada no gráfico a seguir:



Diagrama 8 - Mapa em barras do uso da terminologia gramatical grega na obra *De differentiis*.

Sua profusão nos mostra um uso profícuo da terminologia na língua grega, exibindo o grande investimento na descrição desta língua.

3.3.4 Palavras Funcionais: *Code-Switching*

Como um recurso textual, algumas vezes encontramos o uso de palavras funcionais gregas (conjunções, artigos e preposições) no texto latino. Como a preposição rege um caso na língua grega (ou genitivo, ou dativo ou acusativo), quando ela vem preposta a um termo inflexionável (um morfema ou um *exemplum*), ela vem acompanhada pelo artigo grego, como veremos a seguir na parte dedicada a essa discussão. Percebeu-se que quando há a necessidade de utilizar uma preposição (seja complemento verbal ou não) com um item gramatical grego (morfema ou *exemplum*) na sentença, a preposição grega é utilizada (seguida, na maioria das vezes, do artigo grego, marcando o caso), e não a latina. Exemplos do uso das preposições no texto *De differentiis* podem ser vistos abaixo:

Com efeito, ἄβλεπῶ [“negligenciar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de ἀβλεπτέω] não é derivado ἀπὸ τοῦ [a partir de] βλέπω [“olhar”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de βλέπω] (de resto não teria τ), mas ἀπὸ τοῦ [a partir de] ἄβλεπτος [“obscuro”, nom. sg. m./f. de ἄβλεπτος, ov.].¹⁷¹ (*De diff.*, GL V, 601, 1-3; seg. 35) (g.n.).

Aqueles que têm desinência em φα, e antes do α têm γκ, estes no passivo são pronunciados διὰ δύο μῦ [através de dois μ], como τέτυφα [“fumar”, 1ª pe. sg. perf. ind. at. de τύφω] > τέτυμαι [1ª pe. sg. perf. ind. pass.]. Os que, de fato, têm desinência em χα, passam a γμαι, como νένυχα [“furar”, 1ª pe. sg. perf. ind. at. de νύσσω] > νένυμαι [1ª pe. sg. perf. ind. pass.] e πέπληχα [“golpear”, 1ª pe. sg. perf. ind. at. de πλήσσω] > πέπληγμαι [1ª pe. sg. perf. ind. pass.].¹⁷² (*De diff.*, GL V, 610, 16-18; seg. 183) (g.n.).

No primeiro exemplo, apresentando uma origem alternativa ao verbo ἀβλεπῶ, podemos perceber que, como temos a forma verbal grega βλέπω e, em outro sintagma, ἄβλεπτος complementando o verbo *deriuatum est* (“foi derivado”), o uso da preposição grega ἀπὸ (“a partir de”) se fez necessária, regendo o caso genitivo que é realizado no artigo τοῦ. Já no segundo, percebemos o uso da preposição διὰ (“através”) regendo o caso acusativo e tendo como complemento o sintagma δύο μῦ, sendo o caso realizado não no artigo que se faz desnecessário, mas no numeral δύο, ou seja, ainda assim no determinante. Com isso, percebemos um uso conjugado da preposição com o artigo, onde este se faz necessário para evidenciar o caso do sintagma, que teria como núcleo o item lexical nas letras gregas.

¹⁷¹ Cf. *Nam ἄβλεπῶ non ἀπὸ τοῦ βλέπω deriuatum est (ceterum τ non haberet), sed ἀπὸ τοῦ ἄβλεπτος* (g.n.).

¹⁷² Cf. *Quae in φα desinunt uel quae ante α habent γκ, haec διὰ δύο μῦ in passiuo pronuntiantur, τέτυφα τέτυμαι; quae uero in χα, transeunt in γμαι, νένυχα νένυμαι, πέπληχα πέπληγμαι.*

Esse uso da preposição grega está em 3,22% (16 segmentos) das unidades de análise em que foi segmentado todo o texto. Podemos perceber a distribuição deste uso ao longo da obra no seguinte gráfico:

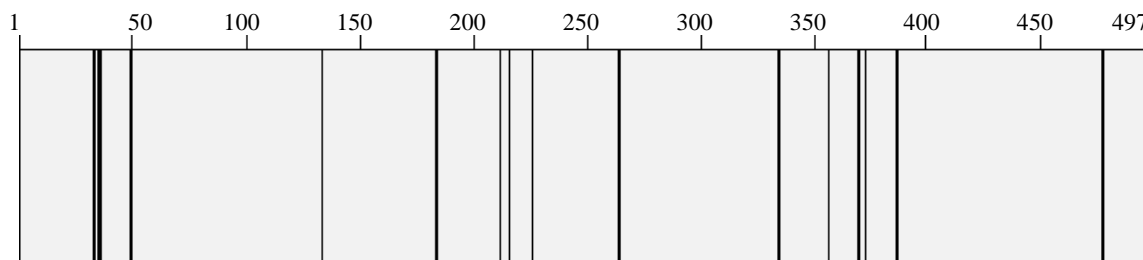


Diagrama 9 - Mapa em barras do uso de preposições gregas na obra *De differentiis*.

Assim como a preposição, outra classe gramatical grega utilizada no texto latino é o artigo. A língua latina carece do determinante artigo. O próprio texto do *De differentiis* pode validar essa afirmação ao dizer que “Com efeito, também às mesmas partes da oração, com exceção do artigo (o que a Grécia sozinha tirou por acaso), a linguagem de uma e da outra é diferenciada, [...]”¹⁷³ (*De diff.*, GL V, 599, 6-7; seg. 3). Entretanto, encontramos alguns usos do artigo grego no texto latino. O artigo se faz necessário como indício do caso de item lexical não flexional, assim denotando o caso do núcleo do sintagma do qual faz parte. Quanto ao uso do artigo grego, encontramos-lo em sintagmas que podem ser organizados em dois grupos:

- (1) complemento de preposição e
- (2) complemento de verbo.

Seu uso é estritamente funcional, uma vez que, como palavra flexional (em caso, número e gênero), estabelece uma relação de concordância, evidenciando o caso, com algum item impossibilitado de realizá-lo. É o que encontramos quando temos, por exemplo, uma desinência morfológica, que está sendo explorada, possuir um caso oblíquo na sentença, seja ele complemento do verbo ou da preposição. Como um item morfológico ou *exempla* não entra no sistema flexional de itens lexicais da língua latina, ele recebe o número singular, gênero neutro e o caso de acordo com sua função sintática, sendo essas categorias flexionais verificáveis no artigo. Como exemplo de um artigo num sintagma complemento de uma preposição (1), temos:

¹⁷³ Cf. *Nam et isdem orationis partibus absque articulo, quem Graecia sola sortita est, isdem paene obseruationibus figuris constructionibus uterque sermo distinguitur, [...]*.

Por essa razão lemos ἡβῶμι [“estra no auge da juventude”, 1ª pe. sg. opt. at. de ἡβάω] e ἡβῶοιμι [1ª pe. sg. pres. opt. at.] entre os gregos, porque, devido ao aumento necessário da sílaba, ἀπὸ τοῦ [a partir de] ἡβῶ [“estra no auge da juventude”, 1ª pe. sg. pres. ind. at. de ἡβάω] é feito ἡβῶμι, καὶ [e] ἀπὸ τοῦ [a partir de] ἡβῶ é feito ἡβῶοιμι.¹⁷⁴ (*De diff.*, GL V, 621, 6-8; seg. 355) (g.n.).

No exemplo acima, o artigo τοῦ está junto com a palavra ἡβῶ no genitivo singular neutro, por serem complementos da preposição ἀπὸ (*apò*) que rege tal caso. Vemos assim a coocorrência entre o uso da preposição e do artigo grego no segmento de um texto latino. Agora, como exemplo do uso do artigo em um sintagma como complemento verbal (2), temos:

Por essa razão o ἰῶτα [iota] será inserido τῷ [à palavra] βοᾶν, para que o ἀπαρέμφατον [infinitivo] não fique sem um ditongo.¹⁷⁵ (*De diff.*, GL V, 622, 41; seg. 383) (g.n.).

Observamos que o artigo τῷ está no dativo singular neutro junto com a palavra βοᾶν, ambos para estarem de acordo com a regência de *ascribitur* (“será inserido”), que exige dativo. É interessante notar que, quando temos um verbo (como *ascribitur*, “inserir”) que atribui caso a dois complementos, estes inflexionais, sendo um direto (acusativo, como ἰῶτα) e outro indireto (dativo ou preposicionado, como o vocábulo βοᾶν), o acusativo não recebe um artigo grego no mesmo caso. Assim, este artifício serve para atribuir a cada complemento o seu respectivo caso.

Em relação aos outros usos de alternância de alfabeto, esse é o que possui menor expressividade quantitativa, estando presente em apenas 26 segmentos, correspondendo a 5,23%. Suas localizações podem ser visualizadas no gráfico a seguir:

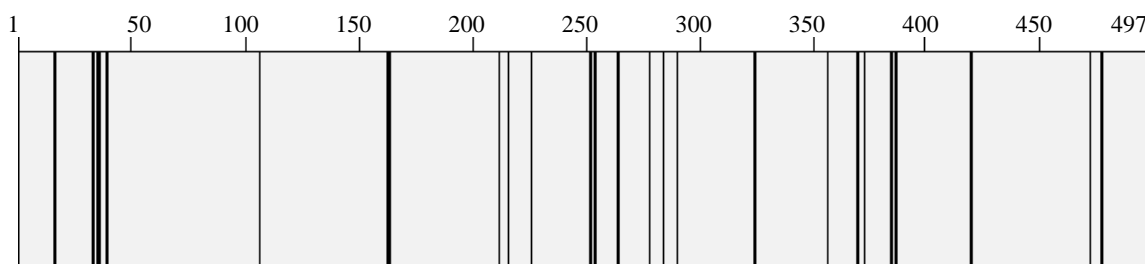


Diagrama 10 - Mapa em barras do uso de artigos gregos na obra *De differentiis*.

Outra categoria de palavra funcional são as conjunções coordenativas gregas. Seu uso mais comum é coordenar duas palavras já em grego. Interessante notar que *De*

¹⁷⁴ Cf. *Ideo ἡβῶμι et ἡβῶοιμι apud graecos legimus, quia propter necessarium augmentum syllabae ἀπὸ τοῦ ἡβῶ fit ἡβῶμι, καὶ ἀπὸ τοῦ ἡβῶω fit ἡβῶοιμι* (g.n.).

¹⁷⁵ Cf. *Ideo τῷ βοᾶν ἰῶτα ascribitur, ne sit ἀπαρέμφατον sine diphthongo* (g.n.).

differentiis, apesar de ser um texto latino, não utiliza da conjunção latina (por exemplo, *et/atque* ou *nec/neque/uel*) para coordenar termos gregos, utilizando a conjunção correspondente grega (no caso, *καὶ*, “e”, e *ἢ*, “ou”), como podemos observar nos exemplos abaixo:

Por essa razão, todavia, omitimos discutir sobre o número dual, sobre o tempo aoristo e sobre vários outros tempos, porque de todos esses carecem os latinos, isto é, *περὶ δευτέρων* [sobre o dual] *καὶ* [e] *μέσων* [voz média] *ἢ* [ou] *παρακειμένων* [perfeito] *ἢ* [ou] *ὑπερσυντελικῶν* [mais-que-perfeito] *ἢ* [ou] *μελλόντων* [futuro], dos quais no lácio é difundido pela Grécia somente.¹⁷⁶ (*De diff.*, *GL V*, 615, 7-10; seg. 163) (g.n.).

Aqui notamos que, para coordenar as palavras gregas *δευτέρων* (“número dual”) e *μέσων* (“voz média”), foi utilizada não a conjunção latina *et/atque*, por exemplo, mas a grega *καὶ*. Esse uso se faz presente somente para coordenar itens lexicais gregos, não latinos, conferindo, assim, maior naturalidade à leitura. Pensamos que o motivo de tal uso seja para dar coerência ao sintagma preposicional grego, uma vez que percebemos estas conjunções estarem em um mesmo sintagma iniciado pela preposição *περὶ* (“sobre, a respeito”). Deste modo, deduzimos que estranhamento causaria se, por ventura, dentro de um sintagma grego encontrássemos um item de outra língua. Isso nos mostra que o tratado procura seguir certa lógica nas suas mudanças de código. Com isso, percebemos que o uso das conjunções gregas está subordinado, nesta ocorrência, ao uso da preposição que inicia um sintagma nesta língua, motivada pela sequência de itens lexicais gregos. Sua estrutura pode ser observada na imagem abaixo:

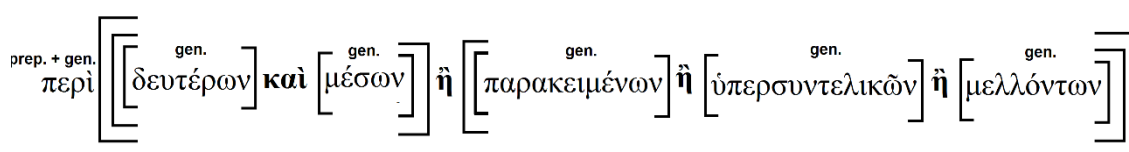


Figura 11 - Estrutura do uso das conjunções gregas.

Outra hipótese que podemos levantar é esses exemplos terem sido retirados em blocos de outros textos, talvez uma gramática grega. Ainda se assim o fosse, não invalidaria o raciocínio de que o leitor do tratado necessitaria do conhecimento de um item funcional da língua grega, uma vez que não é apresentado uma tradução ou explicação prévia.

¹⁷⁶ Cf. *Ideo autem praetermissimus disputare de duali numero et de tempore aoristo et de multiplici ratione temporum, quia his omnibus carent Latini, id est περὶ δευτέρων καὶ μέσων ἢ παρακειμένων ἢ ὑπερσυντελικῶν ἢ μελλόντων, quibus latius Graecia sola diffunditur* (g.n.).

Na imagem podemos visualizar a conjunção regendo itens no caso genitivo, e este itens coordenados pelas conjunções gregas. Percebemos duas unidades de coordenação, ambas separadas pela primeira conjunção de alternância (ἤ). Na primeira, os dois primeiros itens (δευτέρων,” dual”, e μέσον, “voz média”), são os fenômenos que o tratado diz não haver na língua latina, em contraposição aos outros três seguintes (segunda unidade), uma vez que na língua encontramos correspondências, do παρακείμενον ao perfeito, do ὑπερσυντέλικον ao mais-que-perfeito e do μέλλον ao futuro).

A disposição do uso de conjunções gregas no decorrer do texto pode ser visualizada pelo gráfico abaixo, correspondendo a 20 segmentos (4,02%):

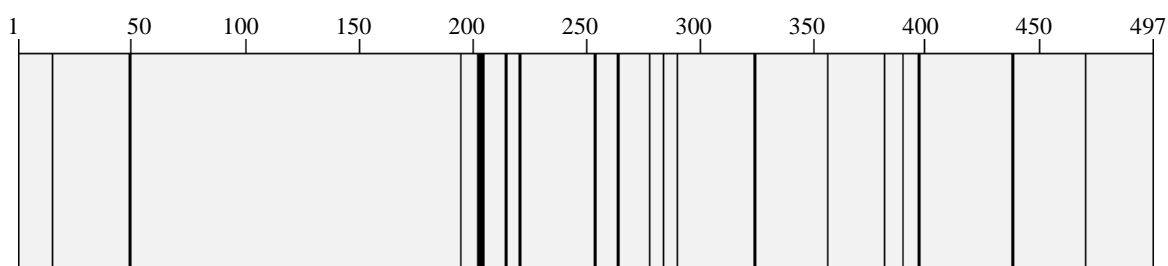


Diagrama 12 - Mapa em barras do uso de conjunções gregas na obra *De differentiis*.

No item a seguir vemos como o que acabamos de descrever se configura como o fenômeno sociolinguístico de alternância de código (*code-switching*).

3.3.5 O uso da alternância alfabética: uma visão panorâmica

Como pudemos perceber, o uso da alternância alfabética está vastamente distribuído pelo texto latino¹⁷⁷, os quais pudemos organizar seus usos em sete categorias. Enquanto palavras constituintes do texto, percebemos que as pertencentes às categorias *exempla* (literário ou não), morfema e terminologia funcionam lexicalmente, enquanto as que as conjunções, artigos e preposições se portam gramaticalmente ao serem funcionais no texto. Podemos organizar os dados de frequência e quantidade das categorias analisadas na seguinte tabela¹⁷⁸:

¹⁷⁷ No APÊNDICE E colocamos justapostos todos os diagramas das categorias até agora apresentados de forma a facilitar a visualização da disposição de todos os segmentos que contém algumas das categorias aqui analisada.

¹⁷⁸ Lembrando que as frequências desta tabela não se excluem mutuamente, sendo que alguns de seus itens se incluem em mais de uma frequência, logo sua soma não fecha em 100% (sendo em 119,89%), porque as frequências são de naturezas diferentes, ou seja, um segmento pode aparecer, por exemplo, na frequência da categoria de “artigo” e ao mesmo tempo na de “preposição”, havendo interseções entre seus itens constituintes. No APÊNDICE F temos um diagrama de Venn onde pode melhor ser visualizado os itens que estão em interseção com mais de uma categoria. Chama-se a atenção para o fato de, no momento, não ter

Tabela 9 - Relação de cada categoria com sua frequência e quantidade de uso

Uso	Categoria	Quantidade	Frequência (%)	
Grupo I Lexical	<i>Exempla</i>	<i>ficta</i>	294	59,15
		Literário	10	2,01
	Morfema		175	35,21
	Terminologia		80	16,09
Grupo II Funcional	Preposição		16	3,22
	Artigo		26	5,23
	Conjunção		20	4,02

Como pode ser lido, os caracteres gregos distribuídos pelo texto se prestam, na maioria das vezes, a ilustrar, através de exemplos, o conteúdo gramatical que está sendo tratado. Em seguida, outro grande uso é para destacar qual morfema é utilizado para identificar ou construir a flexão gramatical em questão. Além desse, temos também seu uso para nomear o fenômeno descrito, fazendo uso da terminologia gramatical em caracteres gregos. Esses usos mais frequentes são formados por elementos que chamamos de itens lexicais. Outros usos, menos recorrentes, são formados por unidades que chamamos de itens funcionais, pois eles exercem seu papel da mesma maneira caso fossem o termo latino correspondente. Nesse segundo grupo, vemos conjunções e preposições gregas sendo utilizadas quando elas têm como complemento, no caso das preposições, ou coordenam, no das conjunções, palavras do grupo I. Além de preposições e conjunções, temos o artigo que, ausente no sistema latino, torna-se um recurso para identificar, ao concordar, o caso de um item inflexionável (como *exempla* ou unidades morfológicas, por exemplo). Nesse caso, percebemos o sistema de uma língua fazendo uso de um elemento pertencente ao sistema de outra quando ele se faz necessário. Podemos dizer que os itens funcionais se fazem imprescindíveis¹⁷⁹ quando há a presença no mesmo sintagma de itens lexicais gregos, ou seja, quando itens gregos são núcleos de sintagmas.

Os fenômenos deste segundo grupo, conjugados ou não ao primeiro, são os que nos permitem defini-los como *code-switching*. *Code-switching* (mudança de código) é

sido encontrado um digrama que contemple sete grupos, somente seis. Devido a essa falta, houve a necessidade de agrupar os *exempla* (literários e não literários) em um único grupo.

¹⁷⁹ Na maioria das vezes, o item lexical grego inflexionável, quando não elemento único do sintagma, vem acompanhado de algum especificador latino (*littera, syllaba*), este identificando o caso do sintagma, como podemos observar no exemplo: *In praesenti enim tempore μεν syllaba semper adicitur*; [...]. Trad.: “Seguramente, no tempo presente a sílaba μεν sempre é adicionada, [...]” (*De diff.*, GL V, 612, 38-39; seg. 231). Nessa passagem, temos a palavra *syllaba* (nom. sg. f.) realizando o caso do elemento μεν, fazendo do sintagma, assim, sujeito do verbo *adicitur*.

usualmente descrito como “o uso alternado de duas línguas ou variedades linguísticas dentro de uma mesma sentença ou durante uma mesma conversação¹⁸⁰” (HOFFMANN, 1991, p. 110). Weinreich (1953) se prestou a falar dessa alternância entre códigos. No entanto, ele valoriza a interferência de uma língua em outra como um fenômeno negativo, sendo ela uma deficiência do falante¹⁸¹ bilíngue em se comunicar, necessitando, na falta de palavras, recorrer a outra língua como um refúgio. Todavia, *code-switching* se mostra muito diferente disso, manifestando-se, na maioria das vezes, como uma escolha consciente da língua que, através de uma condição de agência do falante, a torna sistemática e significativa, como tivemos a oportunidade de observar. Como acreditamos o tratado estar ensinando a língua grega, não configuramos os itens lexicais (primeiro grupo) como *code-switching*, apenas os do segundo (itens funcionais). Os do primeiro estão em outras categorias de fenômenos, como, por exemplo, os empréstimos (*borrowing*) de termos da gramática grega. Vale a ressalva de *code-switching* ser um fenômeno definido principalmente para a fala, o que não encontramos em nosso *corpus*, apenas a modalidade escrita.

Entretanto, percebemos que, apesar disso, o conceito se aplica a alguns fenômenos em nosso *corpus*, no qual observamos a alternância de caracteres latinos para o grego naturalmente, sem um aviso prévio ou tradução. Em muitos casos, o falante tem controle do código que está usando. Hamers e Blanc (2004, p. 267) expressou essa oscilação na definição de *code-switching* ao dizer que há os que o compreendem ou como “o resultado de uma competência do bilíngue ou como resultado de uma falta de competência do falante em uma segunda língua”¹⁸². Além de ser vista como uma competência, o *code-switching* pode “estar ligado à criação, ao exercício, à manutenção ou à mudança de relações de poder” (HELLER, 1995, p. 159), uma vez que a escolha da língua a ser utilizada também tanto escolhe quanto exclui o público em vista. Além dessa oscilação (se é uma competência ou falta de competência do falante), podemos encontrar *code-switching* algumas vezes classificado em três tipos: (1) de expressões (*tag-switching*¹⁸³)

¹⁸⁰ Cf. [...] *the alternate use of two languages or linguistic varieties within the same utterance or during the same conversation.*

¹⁸¹ O conceito de *code-switching* foi pensado para a modalidade falada da língua. Entretanto, aqui por falante entendemos, e deve-se entender como, a voz enunciatória inserida em uma comunidade linguística que se expressa através do tratado *De differentiis*.

¹⁸² Cf. [...] *results from the bilingual's competence and code-switching resulting from a speaker's lack of competence' in the second language.*

¹⁸³ Romaine (1990, p. 122) acrescenta dizendo que “*tag-switching* compreende a inserção de um marcador de uma língua em uma sentença que é inteiramente de outra língua, por exemplo. *you know, mean, etc.*”

(incluindo exclamações ou interjeições), (2) intrassentencial e (3) intersentencial (POPLACK, 1980). Este segundo grupo (funcional) relacionamos ao fenômeno sociolinguístico de *code-switching* intrassentencial, uma vez que, conjugado com uma grande ocorrência de itens lexicais gregos (na maioria das vezes *exempla ficta*), o tratado usa deste artifício para manter certa coerência em suas construções.

A utilização da mudança de código aqui analisada nos faz questionar o quão criativo se torna o sujeito no uso de sua língua, fazendo ele a escolha da língua a ser utilizada conscientemente, o quão hábil ele se faz para legitimar o uso de um recurso de outra língua na sua. Com isso, confirmamos que essa mudança, através de uma condição de agência do falante, se faz sistemática e significativa. Além do sujeito enunciatório, outra pergunta se faz ao sujeito enunciatário, a seu público e leitor. Aqui é o ponto mais relevante para este trabalho.

Ao analisar a mudança de código em um texto, tomamos consciência não somente da habilidade de transitar entre códigos do enunciatório, mas também a qual público ele direciona seu discurso, a qual público ele projeta a habilidade de ler seu texto. Apesar de propormos que o texto tivesse como objetivo o ensino da flexão verbal grega a falantes e usuários do latim, caso ele estivesse a simplesmente comparar o sistema flexional verbal de ambas, ainda assim poderíamos supor que seu público devesse ter um mínimo de conhecimento para leitura dos caracteres gregos. Analisando tais mudanças, bem como as descrições gramaticais da língua latina, para nós tidas como base para explicação de fenômenos na língua grega, percebemos que seu público deve ter um conhecimento propedêutico da gramática latina, certo nível e certo contato com a língua, necessitando de uma negociação *a priori*, destinando-o a um público específico. Talvez esse contato não tenha se formalizado ainda, ou vem sendo feito gradualmente, vindo o *De differentiis* a contribuir com essa formalização do conhecimento da gramática grega, no caso do verbo.

Como consideramos a edição de Kiel, fomos à versão digital do manuscrito *Codex Parisinus 7186*¹⁸⁴ e verificamos se encontraríamos algum traço de que os caracteres gregos estariam transliterados, ou teriam facilitada a sua leitura. Como pode ser visto na reprodução de uma de suas páginas abaixo, os caracteres gregos não eram transliterados

Cf. *Tag-switching involves the insertion of a tag in one language into an utterance which is otherwise entirely in the other language, e.g. you know, I mean, etc.*

¹⁸⁴ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b100337366/f1.image>. Acessado em 18 de setembro de 2018.

ou recebam qualquer marca que auxiliasse sua leitura para os latinos, o que não invalida as ideias que aqui levantamos. No manuscrito percebemos anotações extratextuais que não encontramos em Kiel, como referência das citações. Entretanto, nenhuma delas diz respeito à leitura do grego.

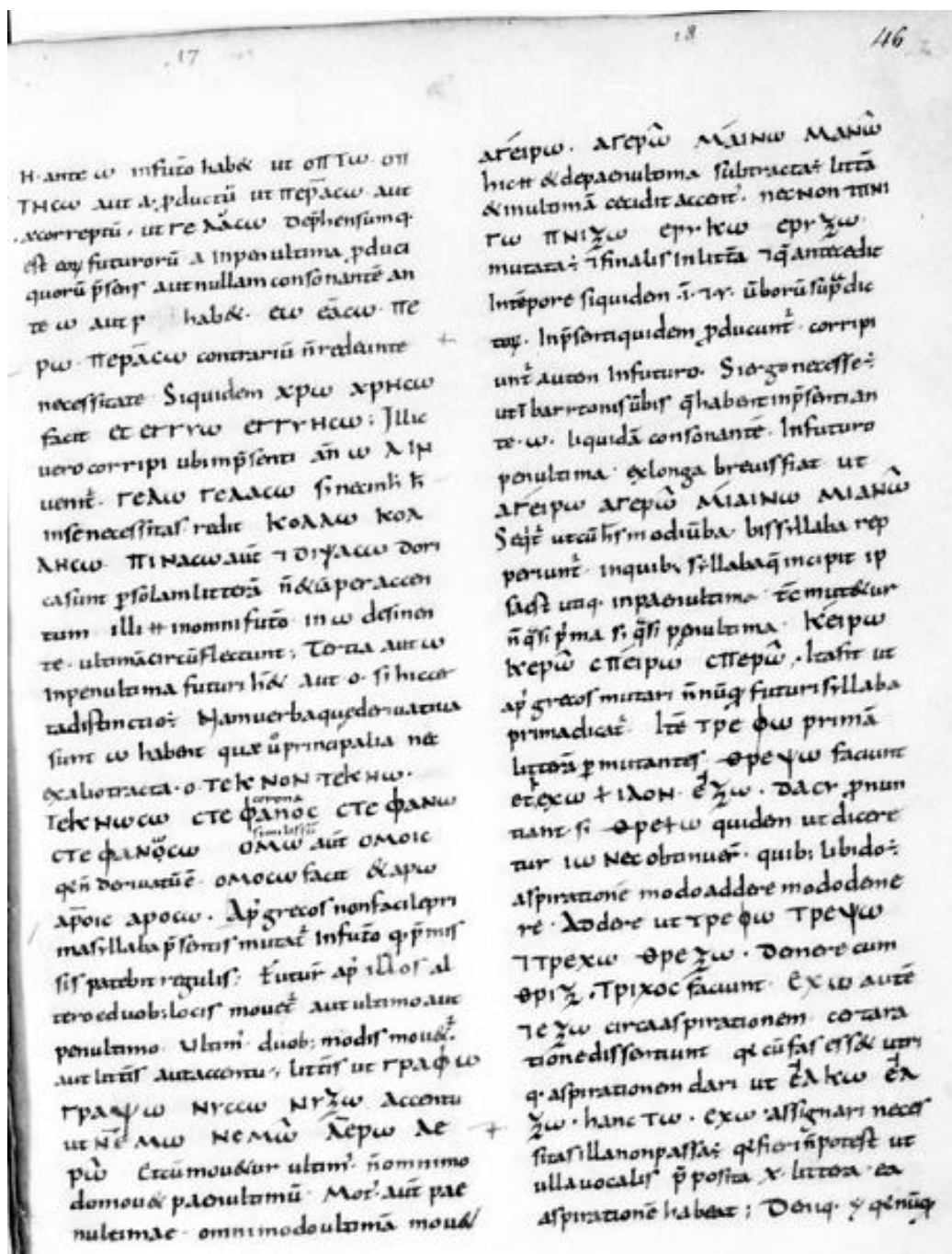


Figura 13 - Reprodução digitalizada do manuscrito *Codex Parisinus 7186*, p. 46

O conhecimento durante o século IX da língua grega não era vasto como no período da Antiguidade (antes do século VI a. C.) (MARTORELI, 2014). Entretanto, o

renascimento carolíngio caracterizou-se pela volta à antiga cultura romana (McKITTERICK, 1989), na qual o grego gozava de grande prestígio. Tendo sido Erígena, além de filósofo cristão, também professor de grego e tradutor¹⁸⁵ da patrologia grega na corte de Carlos, o Calvo, essas evidências em torno da língua grega (de sua descrição e do emprego no tratado) nos levam a crer que esse texto fazia parte de um projeto pedagógico (estando ele ligado direta ou indiretamente ao ensino) do professor de grego que fora Erígena, sendo possivelmente destinado a um público (talvez alunos) com um domínio do alfabeto grego, como pode ser visto pela presença dele no tratado. Assim sendo, podemos supor que esse público era selecionado, servindo a mudança de código como uma estratégia pedagógica. Se assim não o for, era imprescindível a presença de um mediador, um *magister*, para suprir essa falta e não permitir que o texto se torne lacunar. Mais uma vez reforçamos o quão hábil é o enunciador que facilmente e estrategicamente transita entre os dois códigos, selecionando o seu público e instruindo-o.

185 "Agora, como se sabe, Eriugena também é conhecido na história da filosofia como um tradutor de obras gregas para o latim. Sua tradução mais importante do *corpus dionisiacum*, mas também executa a tradução dos *Ambigua et Quaestiones ad Thalassium* de Máximo el Confesor (s. VII), o *De Opificio Hominis*, Gregorio de Nisa (s. IV), que intitula *De Imagine*, e *De Fide*, Epifanio de (s. IV). Escrever um comentário sobre o *De Nuptiis* de Marciano Capela, e outro sobre *As Hieraquías* de Dionósio. Nós podemos dizer, sem dúvida, que a tarefa de tradutor resulta de uma decisiva influência na gestação de seu próprio pensamento". (STROK, 2014, p. 127). Cf.: *Ahora bien, como se sabe, Eriúgena es conocido también en la historia de la filosofía como traductor de obras griegas al latín. Su traducción más importante es la del corpus dionisiacum, pero también realiza la traducción de los Ambigua y Quaestiones ad Thalassium de Máximo el Confesor (s. VII), el De hominis opificio de Gregorio de Nisa (s. IV), que titula De imagine, y el De fide de Epifanio (s. IV). Sobre el De nuptiis de Marciano Capela, escribe un comentario, y otro sobre las Jerarquías de Dionisio. Podemos afirmar, sin duda, que su tarea de traductor resulta de una decisiva influencia en la gestación de su propio pensamiento.*

Capítulo 4 – O panorama sociolinguístico do *De differentiis*

Neste quarto capítulo, buscamos algumas reflexões sobre o texto como produto de seu ambiente de idealização e o seu panorama sociolinguístico. Tendo isso em vista, procuramos relacionar a pesquisa sobre Erígena e seu círculo com as análises apresentadas do nosso *corpus*, observando em que medida Erígena, enquanto professor de grego e tradutor, inserido em um círculo intelectual cristão, num tempo historicamente com suas características, transpõe seu ofício em *De differentiis* e assim nos permite ligá-lo a este contexto de ensino. Neste capítulo buscamos analisar e compreender em qual contexto social e político o *De differentiis* está inserido. Nesta análise da dimensão social e política,

[...] interessa o aspecto social como parte do processo histórico de formação e desenvolvimento de uma ciência ou área de saber e de suas práticas discursivas, revelando posicionamentos ideológicos, sociais e históricos, em torno do estabelecimento de **retóricas** (formas e tipos de discurso adotados) típicas de comunidades de pesquisadores era restrito, com dificuldades em firmar um sistema de ensino/aprendizagem eficaz, por outro, o conhecimento insular da língua, em especial *Scotia* (hoje Irlanda), além de seu prestígio, e intelectuais (BATISTA, 2013, p. 57, grifo do autor)

Aqui, há a necessidade de se levantar questões culturais como: o enfraquecimento do conhecimento da língua grega no continente europeu do século IX, bem como a sua necessidade, que justificasse uma demanda pelo seu ensino e como era a educação da língua grega neste contexto. Seguindo a essas considerações, antes de desenvolvermos nossa proposta, apresentamos algumas outras possíveis “finalidades” que nosso *corpus* satisfazia. Sendo assim, aqui investigamos se podemos ler nosso *corpus* contribuindo com questões “teóricas”, como, (I) ao afirmar uma cognação entre ambas as línguas, estabelecer uma identidade advinda do grego, assim, elevando a língua do Lácio ao prestígio da grega através do fenômeno *utraque lingua*¹⁸⁶, e também com questões “práticas”, como (II) o ensino do grego.

Com isso, buscamos refletir sobre as possíveis marcas textuais e contextuais capazes de nos possibilitar dizer que ele foi usado para ensinar grego a latinos, cumprindo um projeto pedagógico, não se limitando a um tratado gramatical que almejasse somente comparar uma língua à outra. Deste modo, podemos investigar em que medida pode se dizer que o *De differentiis* não tem por finalidade apenas ser uma gramática comparada

¹⁸⁶ “Um fenômeno codificado em uma língua seria válido para as duas” (FORTES, 2012, p. 182).

(o que inegavelmente é inerente à sua essência) entre o grego e o latim no ambiente de Erígena, mas que utiliza o conhecimento gramatical do seu público quanto à morfologia verbal latina (esse um conhecimento propedêutico) para, ao contrastá-la à grega, ensinar esta. Assim, de acordo com V. Law (2003, p. 4), colocamos ao texto a questão “Por que?” de ele apresentar as características que o definem.

4.1 Grego vs. Latim

Apesar de nossa pesquisa ser sobre o *De differentiis*, ao investigarmos possíveis razões para ele sugerir uma reflexão gramatical que contraste o sistema verbal de duas línguas, percebemos que os motivos podem ser anteriores ao século IX. Com essas palavras, queremos dizer que mais fundamentadas as razões estariam se investigássemos o texto que serviu de base para a sua redação. Como não entramos na discussão do que temos em *De differentiis* ser de Erígena e não de Macróbio, assumimos que a comparação já estava presente no *De uerbis*. Sendo assim, é sobre ele que começamos nossas reflexões, nas cercanias do século V.

O que levou o *De uerbis* a fazer uma comparação entre ambas as línguas é uma questão que dificilmente pode ser respondida. O que podemos reconhecer é que essa comparação pode ter um importante impacto no pensamento gramatical, pois essa é uma das poucas obras que tem a pretensão de fazer de maneira sistematizada a comparação entre as línguas grega e latina¹⁸⁷. Postas essas palavras, não sabemos se o texto de Macróbio nasce para reforçar a teoria antiga de uma suposta proveniência do latim a partir do grego, ou para elevar ao prestígio da língua da cultura (o grego) uma língua “quase bárbara” (o latim) (DEBORDES, 2007, p. 221), ou para ensinar a latinos a língua de Homero, ou até, de Platão, ou outra hipótese plausível que possa vir. A seguir desdobramos brevemente essas hipóteses.

4.1.1 Uma cognação comum

Hoje se acredita que a relação entre as línguas grega e latina se dá pelo seu ancestral comum: o indo-europeu. Inclusive, o grego e o latim tomaram caminhos

¹⁸⁷ Encontramos outras obras com a mesma pretensão, como, por exemplo, o *Hermeneumata* de Dosíteu e o último livro das *Institutiones grammaticae* de Prisciano, entre outras.

diferentes, não havendo, portanto, uma relação de derivação de uma da outra¹⁸⁸. Em um *Companion* da Língua Grega Antiga (BAKKER, 2010, p. 281), num capítulo intitulado *Greek and Latin Bilingualism*, escrito por Bruno Rochette, temos o seguinte subtítulo: *Latin is Greek* (p. 285). Lendo-o, vemos como os romanos viam sua língua frente à grega: *Latin is a form of Greek*¹⁸⁹ (ROCHETTE, 2010, p.285). Vemos que esta tese, o latim sendo apresentado como um dialeto grego, o eólico (COLLART, 1954, 215-218 *apud* DESBORDES, 2007, p. 221; GABA, 1963, *apud* DESBORDES, 2007, p. 221; ROCHETTE, 2010, p. 285; WERNER, 1996; D. H. *Rom. Ant.*. 1.90.1¹⁹⁰), é formada no tempo de Sula (ROCHETTE, 2010, p.285).

Enquanto o *De uerbis* nos diz que “[A Natureza] deu aos gregos e latinos sozinhos tanto o encanto do som quanto a disciplina da arte e também na própria brandura do falar uma cultura similar e uma cognação por demais próxima” (Macr., *De uerb.*, GL, 631, 9-11)¹⁹¹, as primeiras palavras do prefácio do *De Differentiis* reiteram dizendo que “a natureza deu à língua grega e latina uma cognação por demais próxima”¹⁹² (*De diff.*, GL, 633, 1-4; seg. 2). Com estas palavras, vemos que a noção de cognação (*cognatio*) estava claramente presente em ambos os textos. Como veremos, a mesma ideia encontramos em outros intelectuais antigos e tardo-antigos.

Gramáticos como Prisciano (séc. V), Carísio (séc. IV d. C.) e o alexandrino Filoxenos (séc. IV d. C.), entre outros, escreveram sobre a semelhança entre ambas as línguas, nascendo, assim, a identificação linguística dos romanos com os gregos no fenômeno conhecido como *utraque lingua* (uma e outra língua), no qual – como nos diz o *De Differentiis* em seu prefácio, lembrando-nos Terêncio em seu exórdio da peça *Andria* – “aquele que aprender um pouco mais ou menos qualquer uma das duas artes, ambas conhecerá”¹⁹³ (*De diff.*, GL, 599, 8; seg. 3). O gramático Varrão (116 – 27 a. C.) reconhece em seu *De lingua Latina* o débito que tem a língua latina à grega (Varr., *Ling.*

¹⁸⁸ No ANEXO B reproduzimos o modelo atual de uma árvore das línguas indo-europeias desenvolvido por Gray e Atkinson (2003, p. 437) em seu artigo intitulado *Language-Tree Divergence Times Support the Anatolian Theory of Indo-European Origin*. Nela podemos visualizar que, com destaque circular nosso, o grego e o latim, representado pelas línguas neolatinas, vieram de um tronco diferente, não derivando esta daquela.

¹⁸⁹ Trad.: “O latim é uma forma do grego”.

¹⁹⁰ [...] ἤς ἐστὶν ἡ πλείων Αἰολίς, [...]. Trad.: [...] é de grande parte do eólico, [...].

¹⁹¹ Cf. *solis Graecae Latinaeque et soni leporem et artis disciplinam atque in ipsa loquendi mansuetudine similem cultum et coniunctissimam cognationem dedit*.

¹⁹² Cf. *Graecae Latinaeque linguae coniunctissimam cognationem natura dedit*.

¹⁹³ Cf. *qui utramvis artem didicerit ambas nouerit*.

9.31), mas também deixa claro que algumas palavras são próprias da língua dos romanos (Varr., *Ling.* 5.3).

Esse fenômeno foi o que proporcionou a projeção da gramática elaborada para a língua grega à língua latina pelos gramáticos latinos, estabelecendo eles, assim, um paralelo entre a sistematização de ambas as línguas. Macróbio, assim como os gramáticos citados, procura estabelecer o mesmo paralelo. Agora, não se sabe se seus escritos gramaticais, o *De uerbis*, vieram para ratificar essa teoria, assim servindo a ela, ou se dela fazem uso para outro fim.

4.1.2 O latim ao *status* do grego

Desde que o latim admite a barbárie, deixa de ser bárbaro. Não há barbarismo nas línguas bárbaras que são uniformemente dedicadas à alteridade. Por outro lado, pode-se distinguir um latim puro de formas corrompidas, onde a alteridade foi insinuada, mas da qual se pode e deve erradicá-lo¹⁹⁴ (DESBORDES, 2007, p. 96).

O grego, junto com seu povo, era uma língua que estava fortemente ligada à cultura, especialmente para os romanos. Basta lembrarmos que a literatura latina começou com a tradução de uma obra grega, a epopeia homérica *Odisseia*, pelo escravo e professor grego Lívio Andronico (280-205 a. C.), que resolveu traduzir a mais renomada da *paideia* para o ensino (WARMINGTON, 1935). Essa admiração cultural em relação aos gregos pode ser vista na poesia de Horácio ao escrever que “a Grécia, capturada, capturou o feroz vencedor e as artes introduziu no rústico Lácio¹⁹⁵” (Hor. *Epist.* II, 1, 156-157), mostrando-nos que, quando os romanos submeteram os gregos ao seu poder, os romanos se submeteram de certo modo ao “gênio” grego. Ainda na literatura de tempos remotos, servindo como ilustração, Dionísio de Halicarnasso escreveu no primeiro livro de sua obra *Antiguidades Romanas* que os romanos não tinham somente um débito linguístico com os gregos, mas também cultural, uma vez que eles, ao colonizá-los, mudaram em muito seus costumes. Diz ele que o latim é uma língua que tem muito da grega, mas nem tudo, e que a grande felicidade dos romanos foi admirar os gregos, como podemos ver a seguir:

¹⁹⁴ Cf. *Dès lors que le latin admet le barbarisme, il cesse d'être barbare. Il n'y a pas de barbarismes dans les langues barbares qui sont uniformément vouées à l'alterité. On peut en revanche distinguer un latin pur des formes corrompues, où l'alterité s'est insinuée, mais d'où l'on peut et l'on doit l'extirper.*

¹⁹⁵Cf. *Graecia capta ferum uictorem cepit e artis intulit agresti Latio.*

A língua falada pelos romanos não era completamente bárbara nem absolutamente grega, mas uma mistura de ambas, de grande parte do eólico, e a única desvantagem que eles experimentaram de sua mistura com essas várias nações é que não pronunciam todos os sons corretamente. Porém, eles preservaram todos os outros indícios de uma origem grega mais do que qualquer outro colono. Não fora meramente recente, pois uma vez que eles desfrutaram toda a maré de boa fortuna para instruí-los nas comodidades da vida que eles começaram a viver humanamente. Nem fora meramente por terem primeiramente visado a conquista de países que se encontravam além-mar, depois de derrubar os impérios cartagineses e macedônios, mas sim a partir do momento em que se juntaram à fundação da cidade que viveram como gregos, e eles não tentaram nada mais ilustre na busca da virtude naquele momento do que anteriormente¹⁹⁶ (D. H.. *Ant. Rom.*. I.90.1-2).

Agora, voltando ao nosso *corpus*, se por um lado ler que o latim tem parte da língua grega nos lembra esta passagem no início do *De differentiis*: “a natureza deu à língua grega e latina uma cognação por demais próxima¹⁹⁷” (*De diff.*, *GL*, 599, 5; seg. 2), por outro, ler que a língua latina não é absolutamente grega nos lembra a seguinte: “todavia, em várias coisas se diferem possuindo certas propriedades, as quais são nomeadas em grego por *idiomata*¹⁹⁸” (*De diff.*, *GL*, 599, 9-10; seg. 4). Dentre esses idiomatismos, podemos destacar, a título de ilustração, o artigo, “[...] o que a Grécia sozinha tem por acaso [...]”¹⁹⁹ (*De diff.*, *GL*, 599, 6-7; seg. 3), ou o “ablativo [que] não é admitido na língua grega”²⁰⁰ (*De diff.*, *GL*, 599, 16-17; seg. 8), além de “o *δυϊκόν*, isto é, o dual, não é admitido em latim²⁰¹” (*De diff.*, *GL*, 599, 19-20; seg. 10), indo contra os preceitos da *Latinitas*²⁰².

¹⁹⁶Cf. Ῥωμαῖοι δὲ φωνὴν μὲν οὐτ' ἄκρως βάρβαρον οὐτ' ἀπηρτισμένως Ἑλλάδα φθέγγονται, μικτὴν δὲ τινα ἐξ ἀμφοῖν, ἧς ἐστὶν ἡ πλείων Αἰολίς, τοῦτο μόνον ἀπολαύσαντες ἐκ τῶν πολλῶν ἐπιμιξιῶν, τὸ μὴ πᾶσι τοῖς φθόγγοις ὀρθοεπεῖν, τὰ δὲ ἄλλα, ὅπο-σα γένους Ἑλληνικοῦ μηνύματ' ἐστὶν ὡς οὐχ ἕτεροί τινες τῶν ἀποικισάντων διασώζοντες, οὐ νῦν πρῶτον ἀρξάμενοι πρὸς φιλίαν ζῆν, ἠνίκα τὴν τύχην πολλὴν καὶ ἀγαθὴν ῥέουσιν διδάσκαλον ἔχουσι τῶν καλῶν οὐδ' ἀφ' οὗ πρῶτον ὠρέχθησαν τῆς διαποντίου τὴν Καρχηδονίων καὶ Μακεδόνων ἀρχὴν καταλύσαντες, ἀλλ' ἐκ παντὸς οὗ συνωκίσθησαν χρόνου βίον Ἑλλήνα ζῶντες καὶ οὐδὲν ἐκπρεπέστερον ἐπιτηδεύοντες πρὸς ἀρετὴν νῦν ἢ πρότερον. μυρία δ' εἰς τοῦτο λέγειν ἔχων καὶ πολλοῖς τεκμηρίοις χρῆσθαι δυνάμενος ἀνδρῶν τε μαρτυρίας φέρειν οὐκ ἀξίων ἀπιστεῖσθαι, πάντα ἀναβάλλομαι ταῦτα εἰς τὸν περὶ τῆς πολιτείας αὐτῶν συγγραφησόμενον λόγον. νυνὶ δὲ ἐπὶ τὴν ἐξῆς διήγησιν τρέπομαι τὴν ἀνακεφαλαίωσιν τῶν ἐν ταύτῃ δεδηλωμένων τῆ βίβλῳ τῆς ἐχομένης γραφῆς ποιησάμενος ἀρχήν.

¹⁹⁷ Cf. *Graecae Latinaeque linguae coniunctissimam cognationem natura dedit.*

¹⁹⁸ Cf. *In multis tamen differunt et quasdam proprietates habent, quae Graece idiomata uocantur.*

¹⁹⁹ Cf. [...] *quem Graecia sola sortita est, [...].*

²⁰⁰ Cf. *Ablatiuum Graecia non recipit.*

²⁰¹ Cf. *δυϊκόν, id est dualem, nulla Latinitas admisit.*

²⁰² *Latinitas* é o que caracteriza a língua latina e a conserva em sua essência, sua pureza (*puritas*), tornando-a não corrompida pelo que se considera erro (*soloecismus*) ou corrupção da língua por estrangeirismo (*barbarismus*), segundo tratados de retórica e *artes grammaticae*. Dentre as *artes*, temos a de Diomedes que define o termo dizendo que “é a observância do falar sem corrupção de acordo com a língua romana” (Cf. *est incorruptae loquendi obseruatio secundo Romanum linguam* – Diom., *Ars Diom.*, *GL*, I, 439, 10). *Latinitas* é um termo oriundo da retórica, tendo seu primeiro registro, até onde se sabe, no tratado já atribuído ao orador Cícero, datado cerca da década de 80 d. C., *Retórica a Herênio* (DESBORDES, 2007, p. 92). No tratado, sua definição aparece nos seguintes termos: “*Latinitas* é o que confere pureza à língua, removidos

O grego era, principalmente para os primeiros romanos, a língua em que as grandes obras foram escritas, como, por exemplo, as grandes epopeias homéricas fundadoras da literatura ocidental, as obras dos pré-socráticos, de Platão, Aristóteles e dos filósofos helenísticos, obras que instituíram a filosofia, além das obras que fundaram a arte do teatro e as que firmaram a poesia em sua acepção mais ampla (KATZ, 2010, p. 357).

Enquanto o grego era a língua ligada à cultura, o latim, por outro lado, era a língua do povo dominador, do poder, da política. De tal modo, a língua latina ficou a serviço da dominação política, enquanto o grego ficou da cultural. Dentro da literatura, representando o espírito romano, Virgílio, na sua epopeia, nos deixa entrever o que os romanos colocaram como destino para si ao dizer que devem “Tu, romano, com autoridade reger os povos, (esta será a arte para vocês) e com paz impor os costumes”²⁰³ (Verg., *Aen.* VI, 851-2). Podemos interpretar tais palavras vendo a língua como o objeto imposto aos povos, representando-se nos “costumes”, e como o instrumento de dominação, ao “reger os povos”, sendo o latim a língua oficial onde se estendia seu império. Em suma, com paz o latim era imposto e com autoridade servia para reger. Promover o *status* do latim é, de certa forma, uma maneira de fazer com que a língua do dominador seja almejada de aprendizado pelos dominados. Desbordes no elucida dizendo que

O bilinguismo largamente praticado pela elite romana (Kaimio 1979), desenvolvimento de toda uma cultura fundada sob um modelo grego, mostra ao mesmo tempo que os romanos reconhecem um valor particular ao helenismo. O argumento linguístico é assim uma parte importante na tentativa de uma unificação dos vencedores e dos vencidos, os primeiros se beneficiam do prestígio cultural grego e os segundos do prestígio político dos romanos.²⁰⁴ (DEBORDES, 2007, p. 221).

Com isso vemos que os latinos reconheciam um *status* à língua grega e tanto eles se favoreciam desse valor cultural quanto os gregos do valor político romano. Chama-se a atenção para dizer que este prestígio não era à língua grega *lato sensu*, mas, *stricto*

todos os vícios” (Cf. *Latinitas est, quae sermonem purum conseruat, ab omni uitio remotum*) (*Her.* 4, 17, 9-10). Díaz y Díaz (1951, p. 33) nos diz que o termo é um decalque do grego ἐλληνισμός (a pureza do falar grego).

²⁰³ Cf. *tu regere imperio populos, Romane, memento / (hae tibi erunt artes), paci que imponere morem.*

²⁰⁴ Cf. *Le bilinguisme largement pratiqué par l'élite romaine (Kaimio 1979), le développement de toute une culture fondée sur des modèles grecs, montrent dans le même temps que les Romains reconnaissent une valeur particulière à l'hellénisme. L'argument linguistique est ainsi une pièce importante dans la tentative d'unification des vainqueurs et des vaincus, les premiers bénéficiant du prestige culturel grec et les seconds du prestige politique des Romains.*

sensu, à língua grega literária, consagrada e preservada nas gramáticas e obra literárias. Não era o grego comum (κοινή) falado pelo povo, pelos escravos, mas o que registra as obras insígnias e nelas se perpetua.

Macróbio e seu tratado, junto com outros intelectuais latinos, podem entrar na tentativa de estabelecer uma promoção da língua latina ao compará-la com a língua grega, pondo-a não somente como a língua do poder, mas também uma língua tão culta quanto a grega, na qual foram escritas grandes obras. Talvez aqui vemos um possível motivo para encontrarmos as citações literárias latinas mais frequentes tanto em número quanto em diversidade, em relação às citações gregas, que são todas de Homero²⁰⁵. Como tivemos a oportunidade de ver, das 40 citações 10 eram gregas, e todas de Homero, metade da *Ilíada* e *Odisseia*. Agora, as 29 restantes estão distribuídas entre autores como Virgílio, 11 citações; Cícero, 6; Salústio, 3; Terêncio, 3; Varrão, 2; L. Ácio, 1; Lucílio, 1; Ênio, 1 e Propércio, com 1 citação.

Voltando à literatura, já em Cícero (106-43 a. C.), como filósofo, percebemos uma inclinação a esse respeito, pois a língua latina seria capaz e equipada tanto quanto a grega para se prestar à filosofia, como vemos ao escrever que “a língua latina de nenhum modo é débil, como o povo acha, mas, de fato, é mais rica em palavras do que a grega”²⁰⁶ (Cícero. *Fin.* 1.10. 4 - 6). Devido a esse pensamento, Cícero escreve seus tratados filosóficos na língua do Lácio (Cic., *Fin.* 1.10), usando o neologismo como mecanismo para levar a língua a falar do que falavam os gregos (NICOLAS, 2005; MORAES, 2017).

4.1.3 Comparação entre as línguas ou o ensino de uma delas?

Uma necessidade que proporcionou o nascimento da gramática no período conhecido como helenístico (séc. III a. C.) foi a de ler os textos antigos, além de preservá-los, pois estes já não mais estavam provavelmente legíveis, para a maioria. Neves especifica dizendo que a inacessibilidade dizia respeito “especialmente à língua do passado, mais especificamente à língua literária” (NEVES, 1987, p. 105). Eruditos de Alexandria, ao se depararem com diversos manuscritos que deveriam ser de um mesmo texto, viram que eles possuíam consideráveis diferenças provenientes das suas cópias. Assim nasceu a Filologia, como nos declara S. Aurox a seguir:

²⁰⁵ No item 3.2.1.2 *Exempla literário*, desenvolvemos melhor nossa investigação sobre as citações literárias em *De differentiis*.

²⁰⁶ *Latinam linguam non modo non inopem, ut vulgo putarent, sed locupletiore etiam esse quam Graecam.*

O nascimento da gramática não se pode dissociar do trabalho dos filólogos alexandrinos. Embora, no início, os trabalhos do filólogo e do gramático fossem distintos, com o tempo as tarefas, antes de exclusividade do filólogo, tais como a preservação e explicação dos textos, se tornaram parte da tarefa do gramático. Dessa maneira, o gramático se tornou aquele responsável pela conservação da tradição (e, portanto, da cultura) escrita (AUROUX, 1989, p. 200).

Além de preservação da cultura material (manuscritos), o filólogo também preservava a imaterial (a literatura e sua leitura). Uma das principais obras a ser ensinada era a homérica, visto ela ter a maior concentração de citações nas obras que viriam a ser chamadas de gramáticas. A necessidade de conhecer Homero era tal, que basta lembrarmos da primeira obra literária escrita em solo latino e qual a sua finalidade: foi a tradução da *Odisseia* por um escravo grego para ensinar latim, de certo modo ensinando Homero como consequência. Com isso, somos levados a crer que, além de todas as outras funções, uma delas era ler Homero. Homero, após a cultura grega encontrar seu lugar junto à romana, fazia parte da cultura pagã.

Como tivemos a oportunidade de ver nos capítulos anteriores, um dos propósitos que Cameron (2011) atribui a Macróbio é a preservação da cultura clássica pagã. Assim, sua *Saturnália* viria a retratar uma antiga festividade romana (GUERREIRA, 1997b, p. 789). Já em relação a *De uerbis*, podemos levantar a hipótese de que Macróbio, portanto, poderia estar escrevendo um tratado comparando o latim ao grego não com objetivo final de mostrar as semelhanças ou diferenças entre ambas as línguas, mas possivelmente estaria se apoiando no conhecimento linguístico do latim para ensinar grego, ou melhor, dar aos latinos do século IV um instrumento para acessar à cultura clássica em língua grega. Os gramáticos latinos, enquanto os gregos se preocupavam em ler Homero, se preocupavam em ler, além deste, obras importantes para sua cultura, como os mais citados nas gramáticas: Virgílio, Cícero, Terêncio, entre outros. Cameron isso nos confirma ao dizer que “a cultura que foi transmitida desta forma era estritamente clássica em essência, ainda com base nos autores padrão - Cícero, Salústio, Lívio, Horácio e Virgílio, em latim.”²⁰⁷ (CAMERON, 1993, p. 152). Sobre o esforço dos gramáticos a partir do século IV em resgatar os textos pagão, temos as seguintes palavras:

O quarto século nos transmitiu um conjunto de obras gramaticais de natureza escolar e normativa que, como vimos, haviam se estabelecido em Roma no primeiro século. Essa gramática é um sinal, ao mesmo tempo, da tremenda importância que adquire, como ponte entre dois períodos, a escola da qual a ascensão da literatura pagã começa no momento a que estamos nos referindo. Nessa escola desenvolve um movimento literário que chegou ao sexto e sétimo

²⁰⁷ Cf. *The culture that was handed on in this way was strictly classical in character, still based on the standard authors – in Latin, Cicero, Sallust, Livy, Horace and Virgil.*

século, cuja finalidade era preservar a literatura pagã transmitida e usá-la para a compreensão do mundo contemporâneo. Donato, Sêrvio e Mario Vitorino são peças fundamentais nesta tarefa: textos corrigidos são estabelecidos, comentários são produzidos para as obras literárias mais importantes e os recursos teóricos necessários são preparados através de textos didáticos de conteúdo gramatical e retórico.²⁰⁸ (GUERREIRA, 1997b, p. 781).

Podemos perceber que, no tempo de Macróbio, o embate entre novos valores e antigos estava dando outra utilidade aos gramáticos, a de guardiões da língua latina (*custos sermonis*) (KASTER, 1997, 1980). Macróbio, além de ter um escrito gramatical, foi um filósofo neoplatônico, como já se disse (RAMELLI, 2015, p. 272). O neoplatonismo estava em ascensão no seu período (BROWN, 1996). Novamente Cameron nos auxilia ao escrever que

No final do século IV, no entanto, muitos cristãos e pagãos foram profundamente influenciados por ele [neoplatonismo], especialmente na forma mais intelectual desenvolvida no século III por Plotino e Porfírio, assim como membros da classe senatorial de Roma tinham assistido palestras de Plotino, de acordo com *A Vida de Plotino*, de Porfírio. Familiaridade com os escritos de Platão era parte do equipamento mental de muitos da classe alta romana, entre os quais Agostinho, que no Livro XVII das *Confissões*, tenta conciliar os pontos de vista cristão e platônico da criação. Mário Vitorino traduziu obras de Plotino e Porfírio para o latim, e Calcídio traduziu *Timeu*, de Platão; depois, Macrobius e Sêrvio mostraram o conhecimento das doutrinas neoplatônicas²⁰⁹ (CAMERON, 1993, p. 165).

Com isso, podemos ser levados a entender que Macróbio escrevera seu tratado para tornar acessível um instrumento que trouxesse consigo a cultura pagã, mesmo que representada na língua grega, junto a antigos valores. Seja para ler Homero ou a filosofia neoplatônica em língua grega.

²⁰⁸ Cf. *El siglo iv nos ha transmitido un conjunto de obras gramaticales de corte escolar y normativo que, como se ha visto, se habían afianzado en Roma ya desde el siglo i. Esta gramática es signo a la vez de la tremenda importancia que adquiere, como puente entre dos épocas, la escuela de la que parte el auge de la literatura pagana en el momento al que nos referimos. En esa escuela se desarrolla un movimiento literario que llegó hasta el siglo vi y vil, cuyo propósito era conservar la literatura pagana transmitida y utilizarla para la comprensión del mundo contemporáneo. Donato, Servio y Mario Victorino son piezas fundamentales en este quehacer: se establecen textos corregidos, se producen comentarios a las más importantes obras literarias y se preparan los recursos teóricos necesarios a través de textos didáticos de contenido gramatical y retórico.*

²⁰⁹ Cf. *In the late fourth century, however, many Christians as well as pagans were deeply influenced by it, especially in the more intellectual form developed in the third century by Plotinus and Porphyry, just as members of the senatorial class of Rome had attended Plotinus's lectures, according's Life Plotinus. Acquaintance with the writings of Plato was part of the mental equipment of many upper-class Romans, among them Augustine, who in Book XVII of the Confessions seek to reconcile Christian and the Platonic views of Creation. Marius Victorinus translated works by Plotinus and Porphyry into latin, and Calculus translated Plato's Timaeus; later Macrobius and Servius both show knowledge of Neoplatonism doctrines.*

Uma passagem no *De uerbis* que nos chama a atenção é a alusão que ele faz ao prefácio do *Andria*, Terêncio. A passagem aludida é a seguinte: “qualquer um que conhecer direito qualquer uma das obras ambas terá conhecido”²¹⁰ (Ter., *And.*,10). Tanto o *De uerbis* (*De uerb.*, GL, 631, 13-14) quanto o *De differentiis* (*De diff.*, GL, 599, 11-12; seg. 3) possuem a seguinte passagem alusiva: “aquele que aprender um pouco mais ou menos qualquer uma das duas artes, ambas conhecerá”²¹¹. Interessante observarmos que, enquanto em *Andria* temos a palavra *norit* (conhecer), no *De uerbis* temos a palavra *didicerit* (aprender), como podem ser observadas em negrito a seguir:

*propemodum qui utramuis artem **didicerit** ambas nouerit*
*qui utramvis recte **norit** ambas nouerit*

Chama a atenção também a palavra introduzida *artem* (arte), acima sublinhada.

Com isso, podemos perceber que o tratado deixa entender que abordará do ensino de uma das artes, da gramática de uma língua, além de que quem aprender qualquer uma das duas a outra também saberá. Já foi dita a semelhança que se acreditava ter entre a língua grega e latina (*utraque lingua*). Com isso, podemos entender que o tratado usa do conhecimento de uma língua, o latim, para o ensino de outra, o grego, uma vez que quem souber a língua latina quase que consequentemente sabe, ou aprender facilmente, a grega. Acreditamos ser este o real motivo para tal comparação entre ambos sistemas linguísticos: usar do conhecimento da língua latina para ensinar a grega.

²¹⁰ Cf. *qui utramvis recte norit ambas nouerit*.

²¹¹ Cf. *propemodum qui utramuis artem didicerit ambas nouerit*.

4.2 O grego no século IX e seu ensino

Podemos afirmar que no século IX temos um renascimento da cultura clássica (grega e latina) (HUGH GRAHAM, 1923). O renascer dessa cultura estava imbricado na volta da língua grega, assim como no estudo do latim clássico, pois possivelmente ela tinha serventia aos intelectuais da época. Talvez possamos dizer que novos paradigmas de pensamento, diferentes dos de tempos atrás, como antes ao século IV, estavam se firmando. Na parte ocidental, a língua grega estava ficando cada vez mais restrita ao ambiente religioso, uma vez que, ao lado da língua hebraica, estava preservada nos originais das Sagradas Escrituras, além de estar inscrita na cruz de Cristo (MORAN, 2012, p. 172; HERREN, 2015, p. 65). Esse fato outorgou à língua grega certo prestígio a partir do fim da Antiguidade Tardia (MORAN, 2012, p. 172).

Macróbio e Erígena, cada qual em seu ambiente, viam em um tratado que coteje a língua grega com a latina uma necessidade específica, dificilmente a mesma. Acima, buscamos algumas hipóteses para o texto de Macróbio. O tempo dele tinha suas preocupações, como proporcionar meios para a sobrevivência da cultura clássica frente às mudanças no paradigma de pensamento do homem na Antiguidade Tardia (CAMERON, 2011). Possivelmente, o principal fator que favoreceu essa mudança foi religioso (VEYNE, 2011), como podemos ler nas palavras a seguir:

Na opinião de alguns historiadores, na história da humanidade não houve nenhum tempo de ruptura maior do que aquele que marca o fim do antigo mundo e o conflito final entre o paganismo e do Cristianismo, um conflito que culmina no final do século IV, período em que se localiza a maioria dos autores e obras, enquadrados no título deste tema. A resistência pagã à ascensão do Cristianismo é encabeçada pelo Senado Romano, em torno do qual a classe que o sustenta produzirá as obras aqui estudadas. O triunfo de Teodósio em Frigido supôs o fim do renascimento dos valores pagãos iniciados por Juliano. Com a morte de Teodósio, há uma clara fragmentação do poder, um forte aumento do Cristianismo e uma pressão determinada dos povos germânicos. A fundação de Constantinopla fez com que Roma perdesse seu posto de capital. Resta, no entanto, a ideia de uma cidade eterna e um núcleo de pagãos está ciente do valor histórico que isso tem, bem como o seu dever de defender Roma e seu culto. Este conservadorismo inspira uma nostalgia romântica que tenta esverdear o ideal do círculo de Cipião e a revitalização das obras clássicas. Este mundo conturbado é um excelente terreno fértil para uma série de obras que tem como tema e propósito principal o aspecto educativo e a tentativa de transmitir e preservar as fundações culturais de uma civilização que rapidamente está em mudança e que aos olhos dos pagãos está se desmoronando²¹² (GUERREIRA, 1997b, 783-784).

²¹² Cf. *Según la opinión de algunos historiadores, en la historia de la humanidad no ha habido ningún momento de ruptura mayor que el que marca el fin del mundo antiguo y el conflicto final entre paganismo y cristianismo, un conflicto que culmina en las postrimerías del siglo IV, época en la que se sitúan la mayoría de los autores y obras, encuadrados en el título de este tema. La resistencia pagana al ascenso del cristianismo está encabezada por el Senado Romano, en tomo al cual y a la clase que lo sustenta se*

Por outro lado, o tempo de Erígena objetivava resgatar os instrumentos que outrora serviram para promover a cultura clássica, mas agora servem ao sagrado também. Dentre tais instrumentos, temos a língua, majoritariamente grega e em certas doses latina, uma vez que resgatá-la imbrica no resgate da cultura intimamente ligada a ela (dois elementos indissociáveis), a cultura clássica se torna um meio onde o fim é o acesso à literatura religiosa. A respeito do grego desde o tempo de Macróbio até Erígena, Moran nos elucida dizendo que

o conhecimento do grego no Ocidente é considerado geralmente como tendo diminuído acentuadamente no final do século V, quando os esforços de compilação dos escritores latinos Boécio, Macróbio e Marciano Capela forneceram os principais pontos de acesso às culturas literárias gregas para a geração subsequente²¹³ (MORAN, 2012, p. 172).

Das palavras acima, chamamos a atenção para o nome de Macróbio como um promotor da cultura clássica, especificamente da língua grega, na Antiguidade Tardia. Graças a seu esforço em representar a língua grega que podemos ver Erígena em uma geração subsequente dando uso a seu trabalho. Se Macróbio escreveu o tratado para preservar a língua grega, Erígena o retoma para “ressuscitá-la”, em certa medida.

Devido a essa mudança de conhecimento das línguas, não somente a língua grega como até mesmo a latina podiam ser consideradas, guardadas as suas proporções, línguas estrangeiras (WRIGHT, 2006), ou melhor, seu processo de aquisição era como o de uma segunda língua. Ao encontro dessas palavras, no que diz respeito à língua latina, vem Auroux (1992, p. 42) ao dizer que “para um europeu do século IX, o latim é antes de tudo uma segunda língua que ele deve aprender”. Assim, enquanto o grego tinha o prestígio de língua a ser aprendida, o latim tinha a necessidade. Inclusive, as gramáticas, a partir de um momento, serviram a este propósito de ensino, seja no século IV com Donato,

van a producir las obras aquí estudiadas. El triunfo de Teodosio en Frigido supuso el fin del renacimiento de los valores paganos iniciado por Juliano. A la muerte de Teodosio se observa una clara fragmentación del poder, un fuerte ascenso del cristianismo y una decidida presión de los pueblos germánicos. La fundación de Constantinopla ha hecho perder a Roma su rango de capital. Permanece, sin embargo, la idea de una ciudad eterna y un núcleo de paganos es consciente del valor histórico que esto tiene, así como de su deber de defender a Roma y su culto. Este conservadurismo inspira una nostalgia romántica que intenta reverdecer el ideal del círculo de los Escipiones y la revitalización de las obras clásicas. Este conflictivo mundo es un excelente caldo de cultivo para una serie de obras que tienen como tema y propósito principal el aspecto educativo y la pretensión de transmitir y preservar las bases culturales de una civilización que cambia rápidamente y que a los ojos de los paganos se está desmoronando.

²¹³ Cf. *Knowledge of Greek in the West is generally held to have declined sharply by the end of the fifth century, when the compilatory efforts of Latin writers Boethius, Macrobius and Martianus Capella provided the main points of access to Greek literary cultures for subsequent generation.*

Nônio Marcelo, Macróbio, Sérvio, Diomedes, (GUERREIRA, 1997b) ou no nascimento dos Estados Modernos e sua centralização política e cultural (AUROUX, 1992): “uma gramática pode ter por finalidade a aprendizagem de línguas estrangeiras” (AUROUX, 1992, p. 29).

Entretanto, diferentemente de outras línguas estrangeiras, o grego e o latim não eram consideradas línguas bárbaras, mas a língua da cultura, no caso do grego, do poder, no do latim, e das Sagradas Escrituras, no de ambas junto ao hebraico. Essas línguas são consideradas as *tres linguae sacrae*²¹⁴, termo cunhado por Isidoro de Sevilha (560-636 d. C.), em sua *Etymologiae*, 9.I.2-3 (MORAN, 2012, p. 173). Agostinho isso nos atesta ao dizer que, quanto à inscrição na cruz de Cristo,

E fora escrito em hebraico, grego e latim: rei dos judeus. Essas três línguas obviamente naquele lugar eram proeminentes em relação as outras: o hebraico, por causa dos judeus que gloriaram na lei de Deus; o grego, por causa da sabedoria de seu povo, o latim por causa dos romanos que imperaram por muitos e quase todos os povos até o momento.²¹⁵ (August. *Ciuit.* 18.43.8).

Além disso, Agostinho chama o grego de língua preeminente ao nomear Jerônimo como um *homo doctissimus et omnium trium linguarum peritus* (homem doutíssimo e perito de inteiro nas três línguas). Auroux (1992, p. 47-48) nos diz que o “acesso a um *corpus* de textos sagrados” e o “acesso a uma língua de cultura” foi o que favoreceu massivamente a língua grega, “cujo conhecimento permanece fraco no Ocidente medieval, ainda que não negligenciável”.

Se por um lado no continente o grego, embora não tivesse perdido seu prestígio, o conhecimento da língua era restrito, com dificuldades em firmar um sistema de ensino/aprendizagem eficaz, por outro, o conhecimento insular da língua, em especial *Scotia* (hoje Irlanda), além de seu prestígio, mantinha-se fértil. O ensino da língua no continente só se mostra firme quando ele conhece os irlandeses (HUGH GRAHAM, 1923; MORAN, 2012).

Observando o ambiente de ensino, percebemos que a escola estava cada vez mais intimamente ligada ao sistema monástico durante a Idade Média (HUGH GRAHAM,

²¹⁴ Cf. *Tres sunt autem linguae sacrae: Hebraea, Graeca, Latina, quae toto orbe maxime excellunt*. Trad. Três são, porém, as línguas sagradas, hebraico, grego e latim, as quais em todo o mundo são grandemente proeminentes.

²¹⁵ Cf. *et erat scriptum Hebraice, Graece et Latine: rex Iudaeorum. Hae quippe tres linguae ibi prae ceteris eminebant: Hebraea, propter Iudaeos in Dei lege gloriantes Graeca, propter gentium sapientes Latina, propter Romanos multis ac pene omnibus iam tunc gentibus imperantes*.

1923). Moran (2012; HUGH GRAHAM, 1923) atribui o conhecimento do grego no Ocidente entre o sétimo e nono século aos irlandeses. Durante o século XIX, período que ficou conhecido pelo idealismo romântico, a Irlanda (outrora *Scotia*) era vista como o “santuário do aprendizado clássico na bárbara Idade das Trevas²¹⁶”, pensamento esse que se mostra na asserção de Trauber (1891 *apud* MORAN, 2012, p. 173): “qualquer um no continente que conhecesse grego durante a época de Carlos, o Calvo, [rei do reino Franco Ocidental, 843-877] ou era um irlandês ou sem dúvida adquirira esse conhecimento de um, caso contrário esse conhecimento era uma fraude²¹⁷”. Entretanto, reagindo a essa posição, Mario Espósito (1912) vem afirmar que o conhecimento de grego na Irlanda se deu a partir do século IX, sendo ele antes disso “quase inexistente” (ESPOSITO, 1912, p. 683). Inclusive, mesmo no século IX, Espósito (1912, p. 683) nos diz que o conhecimento de grego “dos irlandeses nos círculos carolíngios (com exceção de Erígena) era um conhecimento impreciso e acrítico”. Aqui entrevemos mais uma vez o notável conhecimento de Erígena da língua grega, agora se destacando não somente de seus contemporâneos, mas também de seus conterrâneos. Tanto que o permitiu (havendo dúvidas quanto à autoria) escrever as seguintes palavras em uma tradução dos quatro Evangelhos: *Cerne: labore meo lingua Pelasga patet* (eis que, graças aos meus esforços, a língua dos Pelasgos está mais clara).²¹⁸

Moran (2012, p. 174) nos diz que, se por um lado o conhecimento da língua grega estava restrito a certos círculos intelectuais, o de seu alfabeto parecia ser amplamente conhecido²¹⁹. Essa afirmação ratifica nossa análise, no capítulo anterior, dos caracteres gregos presentes no *De differentiis*. Isso pode ser atestado pelas abreviações de *nomina sacra*, como, por exemplo, ΔΜ (*Deum*), ΙΗC (ΙΗCΟΥC, *Iesus*), ΧΡC (ΧΡΙCΤΟΥC, *Christos*). Além disso, copiando a obra *Vita Columbae* de Adomnano (679-704), um escriba irlandês Dorbbéne nos deixa entrever o conhecimento do alfabeto grego ao utilizá-lo para escrever palavras gregas (ΠΗΠΙCΤΗΡΑ, *peristera*, “pombo”), transliterar palavras latinas (ΦΙΝΙΤΥΡ CΗΚΥΝΑΥC ΛΙΒΕΡ – *finitur secundus liber*, “acaba o segundo

²¹⁶ Cf. *Sanctuary for learning classical during the barbarian Dark Ages* (MORAN, 2012, p. 173).

²¹⁷ Cf. *anyone on the Continent who knew Greek during the time of Charles the Bald [King of the West Franks, 843-877] was either an Irishman or without question had acquired this knowledge from an Irishman, or else the report which surrounded the person with such renown was a fraud.*

²¹⁸ Cf. *One westerner, possibly John Scottus Eriugena the Irish polymath, felt that he had achieved his desired goal when he appended these words to a Latin translation of the four Gospels: Cerne: labore meo lingua Pelasga patet (Behold: through my efforts the Pelasgian tongue is made clear)* (HERREN, 2015, p. 65).

²¹⁹ Cf. *The Greek alphabet and its Classical Latin transliteration were widely known* (MORAN, 2011, p. 33).

livro”) e ainda irlandesas (KOPKUPETI – *Corcu Réti*, “grupo populoso”). Um século depois, encontra-se o *Livro de Armagh* (807 d. C.) onde vemos o *Pater Noster* latino transliterado, mecanicamente (MORAN, 2011, p. 35-36), no alfabeto grego (fol. 36ra), o qual reproduzimos abaixo a título de ilustração:

ΠΑτηρ νοστερ κυι · εκ · ιν καελίς | κ̄ιφικητυρ · νομεν · τυυμ |
 αδυενιατ · ρεγνυμ · τυυμ | φιατ · υολυνταc · τυα · cικυτ | ιν καελω · εκ
 ιν τερρα · πανē | νοστρυμ · κοτιδιανυμ · δα | νοβίc · ἡοδιε · εκ · διμιττε
 | νοβίc · δεβιτα · νοστρα · cικυτ | εκ · νοc διμιccιμυc · δεβιτω | ριβυc
 νοcτρίc · | εκ νή · πατια | ριc νόc ινδυκι ιντεμπτα | τιωνεμ · cεδ
 λιβερα · νόc · αμαλω.

Figura 14 - No livro de *Armagh* o *pater noster* transliterado em caracteres gregos.

Esse tipo de texto contribuiu para o estudo de como era a pronúncia do grego no início da Idade Média (MORAN, 2011). Como exemplos, vemos uma marca da nasalização em πανε, transliterando *panem* (“pão”); a ausência da aspiração marcada pelo “h”, como vemos em οδιε, transliterando *hodie* (“hoje”); a vogal grega υ transliterando na mesma palavra o “u” vocálico e consonantal em υολυνταc (*uoluntas*, “vontade”) e, por fim, o sigma geminado (cc) transliterando o “t” geminado latino, na palavra διμιccιμυc (*dimittimus*, “perdoamos”). Moran (2012, p. 175), em nota, nos diz que, além disso, o alfabeto grego era usado, como no *Manuscrito Schaffhausen*, como recurso tipográfico para dar ênfase a alguma palavra ou ainda para escrever palavras estrangeiras, como o uso do itálico nos dias de hoje. Reforçando tais palavras temos Herren dizendo que

Há pouca dúvida de que alguns ocidentais estavam preocupados em adquirir a habilidade básica de escrever palavras em letras gregas, como é demonstrado pelos numerosos exemplos do alfabeto grego que encontramos nos manuscritos ocidentais, especialmente aqueles escritos entre o final do século VIII e o décimo século. Esses alfabetos são frequentemente acompanhados por seus nomes gregos, e às vezes por seus equivalentes numéricos gregos, porque os gregos empregavam letras como numerais²²⁰ (HERREN, 2015, p.70).

Retomando nossa análise no capítulo anterior, com essas palavras vemos que a grande quantidade de letras gregas²²¹ em *De differentiis* não parecia, portanto, no século

²²⁰ Cf. *There is little question that a number of westerners were concerned to acquire the basic skill of writing words in Greek letters, as is demonstrated by the numerous examples of the Greek alphabet we find in western manuscripts, especially those written between the late eighth and the tenth century. These alphabets are frequently accompanied by their Greek letter names, and sometimes by their Greek numerical equivalents, because the Greeks employed letters as numerals.*

²²¹ A título de ilustração, utilizando ferramentas quantificadoras eletrônicas (*word conter*), de um total de 11.220 palavras (caracteres entre espaços) no *De differentiis*, 2.697 (24,03%) eram gregas. De um total de 63.626 caracteres (excluídos espaços), 15.389 (24,18%) são gregos. Com isso, podemos dizer que praticamente ¼ do tratado está codificado em caracteres gregos.

IX, um obstáculo à sua leitura, permitindo a um público se iniciar, por seu intermédio, no efetivo aprendizado da língua.

Se o conhecimento do alfabeto parecia amplo, quando investigamos o conhecimento da língua além deste nível (como lexical, gramatical), vemos que ele se concentrava nos limitados círculos intelectuais irlandeses. Sedúlio Escoto escrevia salmos em grego com sua tradução para o latim justaposta. No nível lexical, no século IX encontramos alguns glossários que traziam palavras gregas e suas respectivas traduções para o latim²²². Auroux (1992, p. 67-68) nos mostra a estreita relação que há entre os dicionários e a aprendizagem de línguas estrangeiras, embora situe esta afirmação para o contexto de gramatização de meados do século XIV/XV. Todavia, observamos essa relação antes mesmo do período por ele preconizado. Segundo ele,

Os dicionários – no sentido em que os entendemos hoje, não faziam parte da tradição linguística inicial. Para nós, com efeito, uma gramática dá procedimentos gerais para engendrar/decompor enunciados, enquanto o dicionário fornece os *itens* que se trata de arranjar/interpretar segundo este procedimento (AUROUX, 1992, p. 71, grifos do autor).

Deste modo, enquanto a gramática se debruçava e servia ao ensino da sintaxe, o dicionário dava conta da semântica, se assim podemos dizer. Ambos juntos caminharam e serviram a um objetivo comum a partir do momento em que se viu na gramática além da função descritiva, também pedagógica, uma vez que “a gramática se torna simultaneamente uma técnica pedagógica de aprendizagem das línguas e um meio de descrevê-las” (AUROUX, 1992, p. 36).

Esses glossários foram classificados pertencentes ao gênero *hermeneumata*. Definindo o gênero, Moran (2011, p. 185) nos diz que esse gênero “deriva de antigos textos escolares destinados à instrução bilíngue elementar”²²³. Aprofundando no gênero, vemos Carlotta Dionisotti (1982, p. 86-88) estruturando-o em quatro partes principais. Na primeira temos um dicionário alfabético, uma lista de palavras, que tem como foco nos verbos. Na segunda, uma lista de palavras agora organizada por tópicos (*capitula*), como nome de deuses, partes do corpo, casas e templos, e assim por diante. Na terceira encontramos pequenos *colloquia*, sendo pequenas cenas dramatizadas do cotidiano, como uma conversa entre *magister* e *discipulus*. Por fim, na quarta parte temos extratos de textos para uma prática de leitura, com das fábulas de Esopo, de livros mitológicos ou

²²² No *corpus glossariorum latinorum* (GOETZ, 1894) encontramos exemplos de glossários latim-latim.

²²³ Cf. *These derives from late antique classroom text intended for elementary bilingual instruction*.

gnômicos. A exemplo destes, podemos citar os glossários irlandeses O'Mulconry e o notável *Hermeneumata Ps. Dositheana*, um livro escolar bilíngue datado comumente no século III d. C..

Outro gênero que está intimamente ligado ao ensino de línguas eram os *idiomata*. Enquanto aqueles estavam no nível lexical, estes se definem como uma “lista de particularidades comparadas na gramática do grego e latim”²²⁴ (MORAN, 2011, p. 185). Os *idiomata* tem como foco (I) na classe nominal, e em lista de nomes gregos e latinos com gêneros diferentes (*idiomata generum*); (II) verbos que regem casos diferentes (*idiomata casuum*) e (III) nomes defectivos (*singularia/pluralia tantum*). Como exemplo, temos as listas associadas o nome de Carísio, o qual disse ter tido os *idiomata* entre suas fontes (MORAN, 2011, p. 185).

Moran (2011, p. 186) destaca dois grandes dicionários do período medieval. O primeiro se intitula glossário Herlian Grego-Latim, como 270 páginas, editado por Georg Goetz em seu segundo volume (p. 213-482) do *Corpus Glossariorum Latinorum*. Esse glossário é datado por volta do século VIII d. C.. Em 1904 Joseph Vendryes observou que o texto possuía inscrições em Irlandês Antigo, levando-o a pensar ter o exemplar pertencido, organizado e escrito por um irlandês. O outro dicionário é conhecido como *Ps. Philoxenus*, segundo Moran (2011; HERREN, 2015, p. 68; DIONISOTTI, 1988, p. 7) o único que sobreviveu deste período, tendo sido ele compilado por gregos que precisavam aprender latim. Em conclusão a seu artigo, Moran nos mostra que ambos dicionários serviram de base para outros irlandeses e para o ensino da língua grega na ilha.

Moran não explora, mas nos deixa como últimas palavras a principal hipótese aqui levantada sobre *De differentiis*. Após nos dizer que havia um rico material lexical greco-latino disponível, a maior dificuldade em aprender o idioma estava na ausência de fontes gramaticais, em especial para o uso do verbo²²⁵ (MORAN, 2011, p. 191). Entretanto, a seguir em seu texto lemos que:

²²⁴ [...], *list peculiarities in the comparative grammar of Greek and Latin*.

²²⁵ Cf. *The main challenge for anyone attempting to acquire a reading knowledge of Greek in this period was the absence of sources for grammatical information, particularly in relation the verbal system*. Harren (2015, p. 67), citando Dionisotti (1988, p. 24-26), nos diz que, apesar do *De differentiis* apresentar os paradigmas da flexão verbal, uma gramática de Eutyches, comentada por Sedúlio Escoto, oferecia paradigmas do verbo de maneira mais eficiente. Cf. *Other traces of a more complete grammar are to be found in Sedulius Scottus's commentary on the grammar of Eutyches, which gives fuller paradigms of verbs than those found in the De verborum Graeci et Latini differentiis uel societatibus of Macrobius*.

Isso foi descoberto mais tarde na gramática comparativa de Macróbio do verbo grego e latino, extraída por Erígena no século IX, e o interesse contemporâneo em produzir manuscritos bíblicos bilíngues sugere que esse seja outro caminho para um estudo mais avançado do grego.²²⁶ (MORAN, 2011, p. 191).

Com essas palavras, observamos um possível ambiente pedagógico para *De differentiis* dentro de um interesse religioso de produção bilíngue de obras sagradas, e, no século IX, a exegese bíblica, como lemos em “no século IX, os centros que possuíam esses recursos os usariam exclusivamente para fins acadêmicos, entre os quais a principal exegese bíblica.”²²⁷ (HERREN, 2015, p. 68). Hugh Graham (1923, p. 99) nos apresenta palavras semelhantes ao nos dizer que “no ensino do grego a monges irlandeses foi usado o *Hermeneumata* de Ps. Dositheu, o trabalho de Macróbio *De Differentiis et Societatibus Graeci Latini Verbi*, glossários latinos e traduções justapostas.”²²⁸. Trauber (1891, p. 58, *apud* HUGH GRAHAM, 1923, p. 99; 144) nos diz que, se não fossem os irlandeses terem usado as obras de Ps. Dositheu e de Macróbio, provavelmente elas não teriam sobrevivido até nossos dias²²⁹. A essas palavras vão ao encontro as de Harren (2015, p. 67), ao dizer que, graças a Dionisotti (1988) ter mostrado que sobreviveu dos séculos IX e X sete manuscritos gramaticais gregos²³⁰, nos diz que *De differentiis* sobreviveu num grupo de cinco manuscritos carolíngios.

Com isso, vemos que, enquanto o estudo de grego na Irlanda no século VIII/IX, diferentemente do continente, era um terreno fértil com grandes conhecedores da língua, no continente ele estava começando a se fazer necessário enquanto não havia intelectuais com um conhecimento profundo da língua. Harren (2015) nos apresenta, em contrapartida, as letras gregas no continente, dizendo que nem toda obra em grego foi trabalho dos eruditos irlandeses. Entretanto, segue dizendo que isso pode ser dito a partir do fim do século IX, pois até esse período “os irlandeses detinham o monopólio desse pequeno empreendimento”²³¹ (HERREN, 2015, p. 74). Dentre seus maiores expoentes

²²⁶ Cf. *This was latter discovered in Macrobius' comparative grammar of the Greek and Latin verb, excerpted by Eriugena in the ninth century and the contemporary interest in producing bilingual biblical manuscripts suggest that this this was another avenue into a more advanced study of Greek.*

²²⁷ Cf. *In the ninth century, the centres that possessed these resources would have used them exclusively for scholarly purposes, chief among them being biblical exegesis.*

²²⁸ Cf. *In teaching Greek the Irish monks used the Hermeneumata of the Pseudo-Dositheus, the work of Macrobius De differentiis et Societatibus Graeci Latini Verbi, Latin glosses and interlinear versions.*

²²⁹ Cf. *With regard to the Pseudo-Dositheus and the book of Macrobius, Traube believes that were it not for the fact that these books were used by the Irish in teaching Greek both would have been lost to the after-world.*

²³⁰ Cf. *There she showed that portions of a Greek grammar survived in a group of seven manuscripts dated to the ninth and tenth centuries.*

²³¹ Cf. *Until the late ninth century the Irish had a monopoly on this tiny enterprise.*

temos Erígena. Aqui também podemos observar que desde o século IX (HUGH GRAHAM, 1891) o *De differentiis* parecia, portanto, estar ligado a um projeto de ensino de grego a latinos. “Que o conhecimento do grego era indispensável para um estudo das Escrituras seria suficiente para explicar o estudo do grego nas escolas monásticas irlandesas”²³² (HUGH GRAHAM, 1923, p. 146), do que podemos concluir que um dos objetivos de seu aprendizado estava em ler, traduzir, verter e escrever textos sagrados para o latim (MORAN, 2011, p. 191).

²³² Cf. *That a knowledge of Greek was indispensable for a study of the Scriptures would in itself be sufficient to account for the study of Greek in the Irish monastic schools.*

Considerações Finais

História - qualquer tipo de história - não é apenas uma questão de narrar quando algo aconteceu: isso é apenas o começo. A parte interessante vem quando você começa a perguntar *por quê*. Somente quando você pergunta por que algo aconteceu em um determinado momento, em um determinado lugar, envolvendo essas pessoas em particular, você começa a ver padrões e a fazer conexões; é só então que a história começa a fazer sentido. Que tipo de resposta você dá à questão "Por quê"? Não é como perguntar "Quem?" ou "Onde?" ou "Quando", que convidam a respostas muito limitadas. "Como?" permite um escopo mais amplo, mas "Por quê?" é a pergunta mais livre de todas²³³ (LAW, 2003, p. 4).

As palavras de V. Law acima nos mostram a pergunta que, para ela, é digna de estar na essência do trabalho historiográfico. As outras estão apenas a seu serviço. História, nesse sentido, não é apenas marcar cronologicamente quando algo aconteceu, listar os envolvidos ou lugar palco desses acontecimentos, sendo isso apenas o começo de tudo. Enquanto perguntas do tipo "quando?", "quem?", "onde?" são limitadas, questionando o "como?" temos um escopo um pouco maior. Entretanto, a pergunta "por que?" é a mais livre e a que, por conexão, dá sentido às outras.

Tendo por base essa reflexão e em mãos um tratado gramatical em latim, este trabalho procurou colocar a questão ligada à gênese da mudança: por que determinado objeto apresentar as características que o definem? Podemos dizer que a principal característica do nosso *corpus* é o cotejo que ele faz entre o sistema verbal latino e grego, na medida em que destaca as suas diferenças e semelhanças, como sugere seu título.

Contudo, na análise do tratado, podemos depreender que esses conceitos, semelhança e diferença, são mais amplos do que à primeira vista parecem. Eles não se restringem às semelhanças e diferenças entre a língua grega e latina, mas, além disso, internamente ao sistema de cada uma delas. Deste modo, em um nível interlingual (entre as línguas), temos as *cognationes* e *idiomata*, bem como, em um intralingual (interno à língua), as *analogiae* e *anomaliae*. Tivemos a oportunidade de ver que mais da metade do texto trata das regras e paradigmas de flexão verbal da língua grega (*analogiae*), seguido quantitativamente da relação de semelhança (*cognatio*) entre as línguas. Essas relações são, juntas, mais de ¾ do tratado. A partir dessa característica constatada, somos

²³³ *History - any kind of history - isn't just a matter of chronicling what happened when: that is only the beginning. The interesting part comes when you start asking why. Only when you ask why something happened at a particular time, in a particular place, involving those particular people, do you start to see patterns and to make connections; it is only then that history begins to make sense. What kind of answer do you give to a 'Why?' question? It's not like asking 'Who?' or 'Where?' or 'When?', which invite very limited answers. 'How?' allows rather more scope, but 'Why?' is the freest of all.*

levados à questão essencial da historiografia, segundo V. Law: o porquê do tratado se dedicar a apresentar o sistema verbal grego e, algumas vezes, contrapô-lo ao latino. Disso decorreu nossa hipótese principal: *De differentiis* possui uma proposta de ensino da língua grega e se utiliza do conhecimento propedêutico do seu público sobre a língua latina como estratégia pedagógica.

Encontramos na Historiografia da Linguística as bases para desenvolvermos nossa pesquisa, uma vez que ela estabelece que “os objetos primários que se devem estudar são textos (publicados ou não publicados)” (SWIGGERS, 2013, p. 41), e que o “objetivo fundamental do historiador é o de reconstruir o ideário linguístico e seu desenvolvimento através da análise de textos situados em seu contexto” (SWIGGERS, 2013, p. 43). Com isso, começamos a delinear nossas categorias analíticas, o texto e o seu contexto. Seguindo essa linha de raciocínio, nos três princípios historiográficos de Konrad Koerner (2014a) encontramos uma estrutura para abordá-los. Enquanto o primeiro consiste em contextualizar determinada ideia linguística em seu clima intelectual, o segundo incide em reconstruir o pensamento sobre a linguagem considerando a imanência do texto. O terceiro princípio se faz ao inserirmos essa pesquisa na Linguística, estabelecendo relações entre o pensamento antigo e o contemporâneo sobre a linguagem.

Seguindo o primeiro princípio, das perguntas elencadas por V. Law, colocamos ao *corpus* as questões “quem?”, “quando?” e “onde?”. Dessas três, destacamos como central a que tem como resposta a pessoa ligada ao texto. A pergunta “quem?” é a que ancora nossa análise no eixo espaço-temporal da história, caro ao primeiro princípio. De imediato, vemos que o *De differentiis* é um tratado ligado a dois nomes: Macróbio e Erígena. Investigando qual a relação de ambos com o tratado, assumimos que o *De differentiis* é um texto próximo a Erígena, o qual parafraseou dos escritos de Macróbio, hoje fragmentários, aqui intitulado *De uerbis*. Ao contrapormos o *De differentiis* ao *De uerbis*, observamos que, nas passagens correspondentes entre ambas as obras, as quais justificam a paráfrase, temos alguns elementos idiossincráticos ao nosso *corpus*, levando-nos, assim, a considerá-los como próprios de Erígena, o que direcionou nosso estudo a seu contexto. Outros dados corroboraram essa premissa, como a própria declaração atribuída a Erígena, de ter parafraseado a obra para aprender sobre as regras do grego. Apesar de encontrarmos nosso *corpus* editado nas obras de Macróbio, muitas vezes fazendo referência ao nome de Erígena, concluímos que a categoria de análise autor estaria preenchida pelo filósofo medieval. Não consideramos Erígena autor primeiro do

texto, apenas alguém que teve acesso a ele. Por fim, fundamentamos nossa análise do tratado nesse ambiente.

Investigando dados biográficos a ele atribuídos por historiadores da Filosofia, vimos que, além da sua importância como pensador para o ambiente intelectual medieval e para a Igreja Católica do século IX, na corte de Carlos, o Calvo, Erígena exerceu o ofício de tradutor e professor das artes liberais na escola palatina. Com isso começamos a ver uma conexão entre ele e o tratado, além de nossa hipótese, lembrando as palavras de V. Law, começar a fazer sentido. Além disso, vimos que o conhecimento da língua grega de Erígena estava entre os mais notáveis de seu tempo e que o estudo dessa língua encontrou um ambiente profícuo entre seus conterrâneos da ilha da *Scotia*.

Estabelecer um tempo e lugar específico nos forneceu diretrizes na investigação do segundo princípio historiográfico, no qual, levantando a questão “o que?”, buscamos entender um pouco mais das características inerentes ao nosso *corpus*. Além dessa pergunta, buscamos também responder à pergunta que, para V. Law, é a que nos oferece um escopo mais amplo que essas: “como?”. Pautamos nossa análise na presença das letras gregas no tratado, analisando, descrevendo, mapeando e compreendendo a alternância entre o alfabeto grego e latino. Vimos que seu uso foi profícuo no decorrer do texto. A maior concentração das letras gregas está no uso de *exempla ficta*, que, contrapostos aos *exempla* literários, nos mostra a preocupação do tratado em representar a *ratio* da língua, em vez seu *usus*. Em seguida, vemos o uso do que chamamos de morfemas gregos. Eles, conjugados às operações lógicas de adição, subtração e permutação de um elemento morfológico a uma forma primitiva, mostra os seus mecanismos de descrição e análise, permitindo-nos entrever uma lógica linear em uma lógica radial de derivação/flexão. Em terceiro lugar, temos o uso da terminologia técnica da gramática grega. Apesar de encontrarmos termos metalinguísticos latinos, a presença de categorias gramaticais gregas nos mostra o fenômeno da transferência tecnológica em duas direções: a metalinguagem grega presente em um contexto latino, a qual não é uma inovação do tratado, e termos da gramática latina aplicados à língua grega, a qual podemos considerar um fenômeno *sui generis*. Em menor número de ocorrências, mas não por isso menos significativas, temos o uso de palavras funcionais, como artigo, preposição e conjunções gregas. A alternância de código (*code-switching*), neste caso, nos mostra que o tratado estava inserido em um contexto bilíngue, ou seja, seu público, apesar de estar, aparentemente, aprendendo regras para a flexão verbal, possuía uma competência, mínima que seja, para transitar entre ambos os códigos, no que diz respeito a essas

categorias. Analisando essas categorias tivemos a oportunidade de, buscando investigar estratégias pedagógicas, apresentar uma descrição do nosso *corpus* na reconstrução de seu ideário linguístico.

Com a grande presença do alfabeto grego no tratado, concluimos que, para sua leitura não se tornar lacunar, ou seu público deveria possuir uma habilidade propedêutica de leitura, conhecimento do alfabeto grego, ou o tratado carecia da figura de um *magister*. Ambas as hipóteses não se autoexcluem, uma vez que Erígena estava no círculo pedagógico e o conhecimento do alfabeto grego em seu tempo se mostrava amplo, embora o conhecimento da língua grega que vá além das letras, do seu sistema gramatical, se mostrava deficiente. Isso observamos ao analisar o panorama sociolinguístico do século IX na Europa Medieval, investigando as circunstâncias que justificam a necessidade do *De differentiis*. Parece-nos, portanto, que ele vinha suprir essa carência. De fato, encontramos relatos de pesquisadores do ensino do grego na Irlanda medieval (*Scotia*) que vão ao encontro da nossa hipótese. Inclusive, graças a esse ofício, segundo eles, o tratado pôde chegar até nós. O grego tinha um grande prestígio entre os intelectuais cristãos. Por isso, possivelmente, aqui estava a utilidade de seu ensino, o contato com os textos Sagrados em língua grega. A ausência de registros do profícuo ensino do grego no Renascimento Carolíngio, em especial na corte de Carlos, o Calvo, apenas de uma sombra da língua sobre um grupo restrito de intelectuais da época, corrobora com o que observamos na análise dos caracteres gregos: o tratado, conseqüentemente o ensino do grego, se destinava a seletos grupos.

Este trabalho buscou contribuir para os estudos sobre o pensamento gramatical antigo, bem como para a História da Linguística, enquanto ciência que busca, investigando línguas, construir seu próprio pensamento sobre elas. Além disso, tivemos a oportunidade de investigar um pouco sobre o ensino do grego no século IX da Europa medieval, contribuindo com a descrição de um tratado gramatical que pode estar ligado diretamente a esse ofício.

Com isso, lembrando as palavras aqui em epígrafe, podemos perceber que, após colocarmos a pergunta “por que?” e levantarmos uma hipótese, somos motivados a fazer outras questões que a confirmem ou refutam. Mesmo que o tratado, ao estabelecer uma comparação entre as línguas, reforce a antiga teoria do latim ter advindo do grego e promova a língua latina ao *status* dela, encontramos dados, de certa forma suficientes, que nos permitam pensar essa comparação como um recurso pedagógico. Deste modo, com este trabalho apresentamos uma leitura, que busca questionar o motivo de ele fazer

o que faz, para um tratado gramatical em latim sobre a língua grega. Por mais que pareça uma resposta, o motivo apresentado, o qual nosso trabalho buscou tanger, é apenas uma hipótese que carece mais investigação, uma vez que nosso trabalho possui suas limitações práticas. No fim de tudo, podemos perceber que, questionando o motivo e investigando-o, nas palavras de V. Law, as coisas começam a fazer, por conexão, sentido.

Referências Bibliográficas

Edições do Corpus

CORPUS Grammaticorum Latinorum. Disponível em: <http://kaali.linguist.jussieu.fr/CGL/index.jsp>. Acessado em: 16 fev. 2016.

MACRÓBIO. *De differentiis et societatibus Graeci Latinique uerbi*. In: KEIL, Heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*, vol. 5, 599-629. Leipzig: Teubner, 1868.

MACROBIUS, A. T.; IANUS, L.. *Macrobiani Theodosii. Opera quae Supersunt: Excussis exemplaribus tam manu exaratis quam typis descriptis emendavit. indicesque adiecit*. vol. 1. Godofred Bassius: 1848.

PAOLIS, P. de (ed.). *Macrobiani Theodosii: De uerborum Graeci et Latini Differentiis vel Societatibus Excerpta (Testi Grammaticali Latini, 1.)* ill. Urbino: Quattro Venti, 1990.

PUTSCHEN, H.. *Grammaticae Latinae Auctores antiqui: cum indicibus locupletissimis*. Wechelius: 1605.

Dicionários

SARAIVA, F. R. dos S.. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

GLARE, P. G. W. et al (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

HOUAISS A.. *Dicionário Houaiss da língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Objetiva, 2001.

SCHAD, S.. *A lexicon of Latin grammatical terminology*. Studia Erudita. Roma: Fabrizio Serra, 2007.

Edições de Textos Latinos

AGOSTINHO. *Aurelii Augustini Ars grammatica breuiata*. Edição de C. F. Weber. Marburg: Elwert, 1861.

_____. *Confessionum Libri Tredecim*. Disponível eletronicamente em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0354-0430_Augustinus_Confessionum_Libri_Tredecim_IT.pdf.html. Acessado em 18 de agosto de 2018.

_____. *De Ciuitate Dei*, I.-XIII. Ex recensione B. Dombart quartum recognovit A. Kalb. Leipzig: Teubner, 1928.

_____. *Soliloquiorum Libri Duo*. In *Documenta Catholica Omnia*, Ed. Migne JP. Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0354-0430_Augustinus_Soliloquiorum_Libri_Duo_LT.doc.html. Acessado em 25 de maio de 2018.

APOLÔNIO DÍSCOLO, *De Constructione*, ed. G. Uhlig, *Grammatici Graeci*, vol. 2. Leipzig: Teubner, 1910 [repub. Hildesheim: Olms, 1965].

ARISTONICO DE ALEXANDRIA. *De signis Iliadis*, ed. L. Friedl *reliquiae mendatiores*. G Dieterich, 1853 (repr. Amsterdam: Hakkert, 1965).

AULO ÉLIO. *Noctes Atticae*. Vols. 1–2, ed. K. Marshall, 19689-6.

AVIANUS, *Fabulae*, ed. Robinson Ellis. Oxford: Trinity College, 1887.

CALCIDIUS, *Commentarius in Timaeum*, ed. J.H. WASZINK, *Timaeus a Calcidio translatus commentarioque instructus (Plato Latinus 4)*. London-Leiden: Warburg Institute-Brill, 1962.

CARÍSIO. *Charisii Ars*. In KEIL, H. (ed.). *Grammatici Latini*, I, 1-296. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

CÍCERO. *Brutus*. In *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*. Fasc. 4, ed. E. Malcovati, 1970.

_____. *De Divinatione*. In *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*. Part 4, Vol. 2, ed. C. F. W. Mueller, 1890.

_____. *De Finibus Bonorum et Malorum*. In *Scripta Quae Manserunt Omnia*. Fasc. 43, ed. T. Schiche, 1915.

_____. *De Officiis*. In *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*. Fasc. 48, ed. C. Atzert, 1932.

_____. *De oratore*. In *Scripta Quae Manserunt Omnia*. Fasc. 5, ed. P. Reis, 1932.

_____. *De Republica*. In *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*. Part 4, Vol. 2, ed. C. F. W. Mueller, 1890.

_____. *Epistulae ad Atticum*. In *Cicero's Letters to Atticus*. 6 vols., ed. D. R. Shackleton Bailey, 1965–1968.

_____. *Epistulae ad Familiares*. In *Cicero: Epistulae ad Familiares*. 2 vols., ed. D. R. Shackleton Bailey, 1977.

_____. *Finibus Bonorum et Malorum*. In *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*. Fasc. 43, ed. T. Schiche, 1915.

_____. In *Cicéron: Traité des Lois*, ed. G. de Plinval, 1968.

_____. *In Verrem*. In *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 3, ed. W. Peterson, 1917.

_____. *Lucullus*. In *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*. Fasc. 42, ed. O. Plasberg, 1922.

- _____. *Manilia*. In *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 1, ed. A. C. Clark, 1905.
- _____. *Pro Balbo*. In *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 5, ed. W. Peterson, 1911.
- _____. *Pro Quinctio*. In *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 4, ed. A. C. Clark, 1909.
- _____. *Pro Sestio*. In *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 5, ed. W. Peterson, 1911.
- _____. *Pro Tullio*. In *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 6, ed. A. C. Clark, 1911.

CLAUDIUS CLAUDIANUS. *Commentarius (sub auctore Melampode vel Diomede)*, ed. A. Hilgard, *Grammatici Graeci*, vol. 1.3. Leipzig: Teubner, 1901 (repr. Hildesheim: Olms, 1965)

_____. *De Bello Gildonico*. ed. Maurice Platnauer. Cambridge: Harvard Univ. Press: 1922.

DIOMEDES. *Diomedis ars*. In: KEIL, H. (ed.). *Grammatici Latini*, I, 299-529. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981]

DIONÍSIO DA TRÁCIA. *Dionysii Thracis ars grammatica*. Edição de G. Uhlig. In: SCHNEIDER, R.; UHLIG, G. (ed.). *Grammatici Graeci*, I. Leipzig: Teubner, 1878-1910 [repub.: Hildesheim: Olms, 1965]

DIONÍSIO DE HALICARNASO. *Antiquitatum Romanarum quae supersunt*. In *Aedibus B.G. Teubneri*. Karl Jacoby (ed.). 4 vols. Leipzig: Keyboarding, 1885. Vol. 1 e 2.

ÊNIO. *Annales*. In *The Annals of Q. Ennius*, ed. O. Skutsch. Oxford: Clarendon Press, 1985.

ERÍGENA. *De diuisione natura*. Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877_Joannes_Scotus_Erigena_Peri_Physeon_Merismou_Id_Est_De_Diuisione_Naturae_Libri_Quinque_MLT.pdf.html. Acessado em 1 de setembro de 2017.

_____. *Expositiones super Ierarchias sancti Dionysii*. In TURNHOUT (ed.) *Corpus Christianorum. Continuatio Medieualis*, 1975. p. 139.

_____. *Versio Operum Dionysii Areopagitae*. Disponível em http://www.documenta_catholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877_Joannes_Scotus_Eriugena_Versio_Operum_Dionysii_Areopagitae_LT.doc.html. Acessado em 18 de agosto de 2018.

_____. *Commentarium In Sanctum Evangelium Secundum Joannem*. Disponível em http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0815-0877_Joannes_Scotus_Erigena_Commentarium_In_Sanctum_Evangelium_Secundum_Joannem_MLT.pdf.html. Acessado em 18 de agosto de 2018.

EUSTÁCIO DE TESSALÔNICA. *Commentarii ad Homeri Iliadem*, ed. M. van der Valk, *Eustathii archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad Homeri Iliadem pertinentes*, vols. 1-4. Leiden: Brill, 1971.

_____. *Commentarii ad Homeri Odysseam*, ed. G. Stallbaum, *Eustathii archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad Homeri Odysseam*, 2 vols. in 1. Leipzig: Weigel: 1826. [repub. Hildesheim: Olms, 1970].

HOMERO. *Ilias*, ed. T.W. Allen, *Homeri Ilias*, vols. 2-3. Oxford: Clarendon Press, 1931.

_____. *Odyssea*, ed. P. Von der MÖMMERUM. Helbing & Lichtenhahn, 1962.

HORÁCIO. *Epistulae* In *Q. Horati Flacci Opera*, ed. F. Klingner, 1959.

ISIDORO DE SEVILA. *Etymologiarum sive Originum Libri XX*. W. M. Lindsay (ed.). *Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum sive Originum libri XX*. Oxford: 1911.

JEAN SCOT, *Expositiones in Ierarchiam caelestem*, IX, 199-200. In BARBET, J. (ed.), *Corpus Christianorum: Continuatio mediaevalis XXXI*. Turnhout 1975.

KEIL, H. [ed.]. *Grammatici Latini*. vol. 5. Leipzig: Teubner, 1868.

LUCÍLIO. *Saturae, fragmenta*. In *C. Lucilii Carminum Reliquiae*. Vol. 1, ed. F. Marx, 1904.

LÚCIO ÁCIO. *Andromeda*. In *tragoediae (Scaenicae Romanorum Poesis Fragmenta*. Vol. 1, ed. verse 100-118. O. Ribbeck, 1897.

MACRÓBIO. *Commentary on the Dream of Scipio*. trad. William Harris Stahl. Nova Iorque: Columbia University Press, 1952.

_____. *De uerbo*. In: KEIL, Heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*. vol. 5, 634-654. Leipzig: Teubner, 1868.

_____. *Exempla barytonorum secundum Macrobius Theodosium/ Exempla perispomenorum secundum Macrobius Theodosium*. In: KEIL, Heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*. vol. 5, 655. Leipzig: Teubner, 1868.

PLAUTO. *Poenulus*. In *Plauti Comoediae*. Vol. 2, ed. F. Leo, 1896.

PORFÍRIO. *Quaestionum Homericarum ad Odysseam pertinentium reliquiae*. ed. H. Schrader, *Porphyrii quaestionum Homericarum ad Odysseam pertinentium reliquiae*. Leipzig: Teubner, 1890.

PROBO, *Fragmenta Probi*, In. *De M. Valerio Probo Berytio Capita Quattuor, Accedit Reliquiarum Conlectio*, ed. J. Aistermann, 1910.

PROPÉRCIO. *Elegiae* ed. G. P. Goold, Loeb Classical Library. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1990.

[PS.-CÍCERO]. *Rhetorica ad Herennium* In [sp.] M. Tulli Ciceronis, *scripta Quae Manserunt Omnia*. Fasc. 1, ed. F. Marx, 1923.

QUINTILIANO. M.. *Fabii Quintiliani Institutionis oratoriae libri duodecim*. Edição de M. Winterbottom. Oxford: Clarendon, 1989, 2 vol.

SALÚSTIO, *Bellum Iugurthinum*. In *C. Sallusti Crispi Catilina, Iugurtha, Fragmenta Ampliora*, ed. A. Kurfess, 1957.

TERÊNCIO. *Andria*, In *P. Terenti Afri Comoediae*. ed. R. Kauer; W. M. Lindsay; O. Skutsch, 1958.

_____. *Hecyra*, In *P. Terenti Afri Comoediae*. ed. R. Kauer; W. M. Lindsay; O. Skutsch, 1958.

VARRÃO. *De Lingua Latina*. In *M. Terenti Varronis De Linguae Latinae Quae Supersunt*, ed. G. Goetz; F. Schoell, 1910.

_____. *Logistorici*. In *I Logistorici*, ed. E. Bolisani, 1937.

_____. *Menippeae*. In *Petronii Saturae, Adiectae Sunt Varronis et Senecae Saturae Similesque Reliquiae*, ed. F. Bücheler, 1963.

VIRGÍLIO. *Aeneis*. In *P. Vergili Maronis Opera*. ed. R. A. B. Mynors, 1972.

_____. *Georgica*. In *P. Vergili Maronis Opera*, ed. R. A. B. Mynors, 1972.

VITRÚVIO. *De Architectura*. In *Vitruvii de Architectura*, ed. F. Krohn, 1912.

Textos Modernos

ABBAGNANO, N.. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ADAMS, J. J.. *Bilingualism and the Latin Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

AGOSTINHO. *Confissões*. In *Os Pensadores*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ALTMAN, C.. *Historiografias Linguísticas: três questões em produção linguística brasileira*. Texto crítico elaborado como exigência parcial para Concurso de Livre-Docência em Historiografia Linguística no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, 2001. Ms.

_____. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. *Revista Argentina de Historiografia Linguística*, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em <http://www.rah1.com.ar/index.php/rahl/article/view/12>. Acessado em 09 de setembro de 2018.

_____; BATISTA, R. de O. (org.). Dossiê Historiografia da Linguística. *Revista Todas as Letras*, vol. 14, n. 1, p. 11-120, 2012.

ARMSTRONG, A. H.. *The Cambridge History of Later Greek and Early Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

AUROUX, S. *Histoire des idées linguistiques*. Tomo I. Paris: Pierre Mardaga, 1989.

_____. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Orlandi. Campinas, UNICAMP, 1992.

BAKKER, E. J. (org.). *A companion to the ancient Greek language*. John Wiley & Sons, 2010.

BATISTA, R.. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

BIELER, L.; SHARPE, R.. *Ireland and the Culture of early Medieval Europe*. vol. 263. Londres: Ashgate Publishing Company, 1987.

BROWN, P.. *The Rise of Western Christendom: Triumph and Diversity, AD 200-1000*. Oxford: B.H. Blackwell, 1996.

BRUCKER, J. J.. *Historia Critica Philosophiae: a mundi inounabuilis ad noatram usqve aetatem deducta*. [HCP]. vol. III. Hildesheim: Olms, 1975.

BUNGE, M.. *Ciência e desenvolvimento*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

BYRON, M. S.. *Ezra Pound's Eriugena*. London, New Delhi, New York, Sydney: Bloomsbury Academic, 2014.

CAMERON, Alan. The Date and Identity of Macrobius. In: *The Journal of Roman Studies*, vol. 56, part. 1 & 2, 1966, p. 25-38.

_____. *The Last Pagans of Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

CAMERON, Averil. *The Later Roman Empire AD 284-430*. London: Fontana Press, 1993.

CANTÓ, J.. Los Grammatici: críticos literarios, eruditos y comentaristas. In: CODOÑER, C. (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 1997. p. 741-772.

CARABINE, D.. *John Scottus Eriugena*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CARVALHO, A. C. S.. O Conceito de analogia sob a ótica de Marcos Terêncio Varrão. In. *Estudos Linguísticos*. 42(3), p. 1244-1253, São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/42/el42_v3_set-dez_23_v2.pdf. Acessado em 31 de outubro de 2017.

COLOMBAT, B.. *La consruction, la manipulation de l'exemple et ses effers sur la description dans la tradition grammaticale latine*. In. FURNIER, Jean-Marie (org.). *Langages*. França: 2007/2 (n° 166). p. 71-85.

CODOÑER, C. (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 1997.

COPLESTON, F. C.. *A History of Philosophy*. Vol. 2. New York: Doubleday, 1993.

CORADINI, H.. *Metalinguagem na obra De Lingua Latina de Marcos Terêncio Varrão*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP-FFLCH-DLCV, 1999.

COURCELLES DUCLOW, D.. ‘Secundum rei vim vel secundum cognoscentium facultatem: Knower and Known in the Consolation of Philosophy of Boethius and the Proslogion of Anselm’. In INGLIS, J. (ed.). *Medieval philosophy and the classical tradition: in Islam, Judaism and Christianity*. London: Routledge Curzon, 2002. p. 126–50.

DE PAOLIS, P.. La parentela lingüística fra greco e latino nella tradizione grammaticale latina. In HAVERLING, G. V. M. (ed.). *Acts of the 16th International Colloquium on Latin Linguistics*, june 6th – 11th. Uppsala, 2011.

DESBORDES, F.. *Idées grecques et romaines sur le langage – travaux d’histoire et d’épistémologie*. Lion: ENS editions, 2007. p. 610-624.

_____. L’ars grammatica dans la période post-classique: Le Corpus grammaticorum latinorum. In AUROUX, S.; HERAUSGEGEBEN; KOERNER E. F. K.; NIEDERE, G. J.; VERSTEEGH, K. (ed.). *History of the language sciences: an international handbook on the evolution of the study of language from the beginnings to the present*. vol. 1. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000. p. 466-484.

DEZOTTI, L. C.. *A invenção das classes de palavras*. João pessoa: Editora da UFPB, 2013.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C.. *Latinitas – sobre la evolución de su concepto*. In: *Emerita*, n. 19, 1951, p. 34-40.

DIONISOTTI, A. C.. From Ausonius’ schooldays? A schoolbook and its relatives. In *The Journal of Roman Studies* 72, p. 83-125.1982. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/299118>. Acessado em 09 de julho de 2018.

DUCLLOW, D. F.. Divine Nothingness and Self-Creation in John Scottus Eriugena. In _____. *Masters of Learned Ignorance: Eriugena, Eckhart, Cusanus*. Aldershot: Routledge, 2006. p. 23-39.

DUFFY, S.. *Medieval Ireland: An Encyclopedia*. Routledge, 2005.

ESPOSITO, M.. *The knowledge of Greek in Ireland during the Middle Ages*. Studies 1, p. 665-683. 1912 (Reimpr. em M. Lapidge, 1988).

EZQUERRA, A. A.. La elegia latina entre la Republica y el siglo de Augusto. In: CODOÑER, C. (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 1997. p. 191-211.

FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FERREIRA, F. G.. A Dialética Hegeliana: uma tentativa de compreensão. In *Rev. Estudos Legislativos*. ano 7, nº 7, p. 167-184. Porto Alegre: 2013. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/45379750/a-dialetica-hegeliana-uma-tentativa-de-compreensao>. Acessado em: 15 de agosto de 2018.

FLAMANT, J.. *Macrobe et le néo-platonisme latin - à la fin du IV^e siècle: Études Préliminaires aux Religions Orientales dans l’Empire Romain*, vol. 58. Leiden: Brill, 1977.

FLOOD, J. M.. *Ireland: Its Saints and Scholars*. Dublin: Talbot Press, 1918. Disponível em: <https://archive.org/details/irelanditssaints00floodoft>. Acessado em 11 de julho de 2018.

FLOSS, H. J.. *Johannis Scoti: Opera quae supersunt omnia*. Patrologia Latina CXXII, Paris, 1853.

FORTES, F. S.; ROCHA, E. L.. Análises translinguísticas na gramática de Diomedes: ocorrências de code-switching e utraque lingua. In. *Estudos Linguístico e Literários*. nº 55, p. 235-249. Salvador, 2016. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/17231/12858>. Acessado em 16 de fevereiro de 2018.

FORTES, F., ROCHA, E. L. F., FREITAS, F. A. S., MORAES, H. S., & SILVA, H. C. A.. Reabilitando os pensadores antigos para uma Linguística no século XXI. In *Codex: Revista de Estudos Clássicos*, 4(2), 53-73. Rio de Janeiro, 2016.

FORTES, F. S.. A Linguística e sua História ou: como os linguistas olham para a Antiguidade. In: SILVA, R.G.A.; FORTES, F.S.; SILVA, C.R.T. (Org) *Ciências Humanas em Debate*. Recife: EDUFRPE, 2011. P. 132-162.

_____. *Sintaxe Greco-Romana: Prisciano de Cesareia e Apolônio Díscolo na história do pensamento gramatical antigo*. Tese (Doutorado em Linguística: Estudos Clássicos) Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2012.

_____. Comparações e contrastes entre o grego e o latim como estratégia explicativa no De constructione, de Prisciano (Séc. VI DC). In. *Classica -Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, vol. 27, n. 2, p. 31-51. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/221/253>. Acessado em 16 de fevereiro de 2018.

FREITAS, F. A. S.. *O pensamento ramatical de Santo Agostinho*. Dissertação (mestrado em Linguística), Universidade Federal ed Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2016.

GOETZ, G.. *Placidus. Liber glossarum [excerpta] Glossaria reliqua*. Vol. V. Lipsiae: 1894.

GRAY, R. D.; ATKINSON, Q. D.. Language-tree divergence times support the Anatolian theory of Indo-European origin. In *Nature*, vol. 426, n. 6965, p. 435-439, dezembro 2003.

GUERRERA, A. R.. Literatura Técnica de la época republicana. In: CODOÑER, C. (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 1997a. p. 755-772.

_____. Los Escritos Gramaticales (y la Erudición) em el Siglo IV. In: CODOÑER, C. (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 1997b. p. 783-794.

HAMERS, J. F.; BLANC, M. H. A.. *Bilinguality and Bilingualism*. 2ª ed.. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HANKEY, W. J.. Augustinian Immediacy and Dionysian Mediation in John Colet, Edmund Spenser, Richard Hooker and the Cardinal de Bérulle. In COURCELLES

DUCLOW, D.. *Augustinus in der Neuzeit*, Colloque de la Herzog August Bibliothek de Wolfenbüttel. Turnhout: Editions Brepols, 1998. p. 125–60.

HANKEY, W.; GERSON, L. P.. John Scotus Eriugena 45. In LOYD, P. G. (ed.)-*The Cambridge History of Philosophy in Late Antiquity*, vol. 2, p. 829-840. Cambridge: Cambridge University Press: Cambridge, 2010.

HEBERLE, H.; MEIRELLES, G. V.; da SILVA, F. R.; TELLES, G. P.; MINGHIM, R. *InteractiVenn*: a web-based tool for the analysis of sets through Venn diagrams. BMC Bioinformatics 16:169 2015. Disponível em: <http://www.interactivenn.net/index.html>. Acessado em 10 de julho de 2018.

HELLER, M. Code-switching and the politics of language. In MILROY, L.; MUYSKEN, P. (ed.). *One speaker, two languages: Cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge University Press, 1995. p. 158-174.

HERREN, M. W.. Pelasgian fountains: learning Greek in the early Middle Ages. In ARCHIBALD, E. P.; BROCKLISS, W.; GNOZA, J.. *Learning Latin and Greek from Antiquity to the Present*. p. 65-82. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

HINOJO, G.. La Historiografía de Finales de la República. In CODÓN, C. (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 1997. p. 272-292.

HOFFMANN, C., *An Introduction to Bilingualism*. London and New York: 1991

HOVDHAUGEN, E.. *Foundations of Western Linguistics*. From the beginning to the end of the first millennium A.D. Oslo: Universitetsforlaget, 1984.

HUGH GRAHAM, M.A, *The Early Irish Monastic Schools: A Study of Ireland's Contribution to Early Medieval Culture*. Dublin: Talbot Press, 1923.

JEAUNEAU, E.. Jean Scot Érigène et le grec, In ALMA. *Bulletin du Cange*, 1977-1978, Vol. XLI, p. 5-50, Belgique, Bruxelles Union Académique Internationale, 1979.

KASTER, R. A.. *Guardians of Language: The Grammarian and Society in Late Antiquity*. California: University of California Press, 1997.

_____. Macrobius and Servius: Verecundia and the Grammarians's Function. In *Havard Studies in Classical Philology*, vol. 84, p. 219-262. Havard: Department of Classics, 1980. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/311051>. Acessado em 25 de julho de 2015.

_____. The Grammarian's Authority. In *Classical Philology*, vol. 75, n. 3, p. 216-241. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

KATZ, J. T.. Inherited Poetics. In: BAKKER, E. J. (org.). *A companion to the ancient Greek language*. John Wiley & Sons, 2010. p. 357-369.

KAVANAGH, C. The Philosophical Importance of Grammar for Eriugena. In McEVOY, J.; DUNNE, M.. *History and Eschatology in John Scottus Eriugena and His Time: Proceedings of the Tenth International Conference of the Society for the Promotion of Eriugenian Studies*, Maynooth and Dublin, August 16–20, 2000. Leuven: Leuven

University Press, 2002. p. 61-76. Disponível em https://books.google.com.br/books?id=z4Fpr2MDD6YC&pg=PA61&lpg=PA61&dq=The+Philosophical+Importance+of+Grammar+for+Eriugena&source=bl&ots=8JL-1fzI_S&sig=VHYx2VXZGVzWpi618ata7a9mgXA&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwictY621aXTAhVGipAKHcHtB_EQ6AEIKjAA#v=onepage&q=The%20Philosophical%20Importance%20of%20Grammar%20for%20Eriugena&f=false. Acessado em 24 de outubro de 2016.

KEIL, H. [ed.]. *Grammatici Latini*. vol. 5. Leipzig: Teubner, 1868.

KENT, R. G.. *Varro: on the latin language*. vol. II. Cambridge: Harvard University Press, 1979. 676 p..

KNOWLES, D.. *The Evolution of Medieval Thought*. 2ª ed.. London: Longman, 1988.

KOERNER, E. F. K.. História da Linguística. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. nº 46 – 1º semestre de 2014. Rio de Janeiro, 2014a. p. 9-22. Disponível em <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/4/6>. Acessado em: 14 de agosto de 2018.

_____. O problema da metalinguagem na historiografia da linguística. Trad. Cristina Altman. In: *Quatro décadas de Historiografia Linguística: Estudos Seleccionados*. Vila Reval: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, p. 75-90. 2014b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/292976292_Quatro_decadas_de_historiografia_linguistica_estudos_seleccionados. Acessado em 24 de outubro de 2016.

_____. Models in Linguistic Historiography. In: _____. *Practicing Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1989. 47-60.

KYTZLER, B.. Cicerón. In CODOÑER, C. (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 1997. p. 330-344.

LAGERLUND, H. (ed.). *Encyclopedia of medieval philosophy: philosophy between 500 and 1500*. vol. I. London & New York: Springer Science & Business Media, 2010.

LALLOT, Jeans. “Dis-moi comment tu traites les exemples, je te dirai quel grammarien tu es.” Application à Apollonius Dyscole. In. FURNIER, Jean-Marie (org.). *Langages*. França: 2007/2 (nº 166). p. 57-70.

LAW, V. *The Insular Latin Grammarians*. Woodbridge: The Boydell Press, 1987.

_____. Language and its student: the history of Linguistic. In COLLINGE, N. E.. *Encyclopedia of Language*, Londres/Nova York: Taylor & Francis, [1990] 2005. p. 426-455.

_____. *The History of Linguistic in Europe from Plato to 1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Trad. de B. Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 2003.

LOYD, P. G.. *The Cambridge History of Philosophy in Late Antiquity*. Vol. I. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LUHTALA, A.. Time and the Substantivam Verb in Eurigena. In McEVOY, J.; DUNNE, M.. *History and Eschatology in John Scottus Eriugena and His Time: Proceedings of the Tenth International Conference of the Society for the Promotion of Eriugenian Studies*, Maynooth and Dublin, August 16–20, 2000. Leuven: Leuven University Press, 2002. p. 77-90.

MACRÓBIO. *Oeuvres de Macrobe*, trad. Ch. de Rosoy. Vol. I. Paris: F. Didot, 1827.

_____. *Commentary on the Dream of Scipio*. trad. William Harris Stahl. Nova Iorque: Columbia University Press, 1952.

_____. *Saturnales*. trad. Fernando Navarro Antolín. Madri: Gredos, 2010.

_____. *Macrobius: Saturnalia, Volume III: Books 6-7*. Trad. Robert Kaster. Havard: Loeb Classic Library, 2011.

MALKEIL, Y.; LANGDON, M.. History and Histories of Linguistics. In *Romance Philology*, nº 22. p. 530-569. 1969.

MARTORELLI, L. (ed.). *Greco antico nell'Occidente carolingio: Frammenti di testi attici nell' Ars di Prisciano*. vol. 159. Zurich, New York: 2014.

McKITTERICK, R.. *The Carolingians and the written word*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

MORAES, H. S.. *A filosofia em letras latinas: identidade e consciência linguística nos Acadêmico de Cícero*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

MORAN, D.. John Scottus Eriugena. In: ZALTA, E. N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2008, Disponível em <https://plato.stanford.edu/entries/scottus-eriugena/>. Acessado em 31 de maio de 2017.

_____. Johannes Scottus Eriugena. In OPPY, G.; TRAKAKIS, N. N. (org.). *Medieval Philosophy of Religion: The History of Western Philosophy VII*. London & New York: Routledge, 2014.

MORAN, P.. *A Living Speech? The Pronunciation of Greek in Early Medieval Ireland*. Ériu LXI, p. 29-57. 2011.

_____. Greek in early medieval Ireland. In MULLEN, A.; JAMES, P. (eds.). *Multilingualism in the Graeco-Roman worlds*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 172–192.

MULLEN, A.; PATRICK, J. (eds). *Multilingualism in the Graeco-Roman worlds*. Cambridge University Press, 2012.

MÜLLER, H.. Challenges to Classical Education in Late Antiquity: The Case of Augustine of Hippo. In BLOOMER, W. M. (ed). *A companion to ancient education*. Vol. 120. John Wiley & Sons, 2015. p. 357-371.

NEVES, M. H. de M. *A vertente grega da gramática tradicional*. 2. ed. São Paulo: Hucitec; [Brasília]: Editora Universidade de Brasília, 1987.

NICOLAS, C.. *Sic enim appello . . .* Essai sur l'autonymie terminologique gréco-latine chez Cicéron. Louvain and Paris. 2005.

OTTEN, W.. The Pedagogical Aspect of Eurigena's Eschatology: Paradise between the Latter and the Spirit. In McEVOY, J.; DUNNE, M.. *History and Eschatology in John Scotus Eriugena and His Time*: Proceedings of the Tenth International Conference of the Society for the Promotion of Eriugenian Studies, Maynooth and Dublin, August 16–20, 2000. Leuven: Leuven University Press, 2002. p. 509-527.

PEREIRA, M. A.. *Quintiliano Gramático: o papel do mestre de gramática na Instituição oratória*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

POCIÑA, A.. Épica y Teatro: La primera poesía, desde sus comienzos hasta el siglo I a. C.. In CODOÑER, C. (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 1997. p. 13-70.

POPLACK, S.. Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPANOL: toward a typology of code-switching. In *Linguistics* 18, 581–618, 1980.

PUGH, R. B.; CRITTALL, E. (ed.). House of Benedictine monks: Abbey of Malmesbury'. In *A History of the County of Wiltshire*. Vol. III. London: Victoria County History, 1956. p. 210-231. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/vch/wilts/vol3/pp210-231#h3-0002>. Acessado em 1 de setembro de 2017.

RAMELLI, I. L. E., late Antiquity and the Transmission of Education Ideals and Methods, The Western Empire. In BLOOMER, W. M. (ed). *A companion to ancient education*. Vol. 120. John Wiley & Sons, 2015. p. 267-278.

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Trad.: Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

ROCHA, E. L. F.. *A Ars grammaticae de Diomedes reflexos do bilinguismo greco-latino*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

ROCHETTE, B.. Greek and Latin Bilingualism. In: BAKKER, Egbert J. (org.). *A companion to the ancient Greek language*. John Wiley & Sons, 2010. p. 281-294.

ROMAINE, S.. *Bilingualism*, 2ª ed. Oxford:1990.

ROQUES, R. Traduction ou interpretation? Breves remarques sur Jean Scot traducteur de Denys. In O'MEARA, J.J.; BIELER, L. (ed.). *The Mind of Eriugena*. Dublin: Irish University Press, 1973.

ROREM, P.. *Eriugena's Commentary on the Dionysian Celestial Hierarchy*. Toronto, Ontario, Canada: Pontifical Institute Of Mediaeval Studies, 2005. Disponível em: <http://www.pims.ca/pdf/st150.pdf>. Acessado em 1 de setembro de 2017.

SANTOS, M. M.. *Dionísio da Trácia, Arte*. São Paulo: Letras Clássicas, n. 11, p. 153-179, 2007. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/82556/85531>. Acessado em 25 de julho de 2018.

SAUSSURE, F.. *Curso de Linguística Geral*. Cultrix: São Paulo, 1975 [1915].

SHELDON-WILLIAMS, I. P.. Eriugena's Interpretation of the Pseudo-Dionysius In. LIVINGSTONE, E. (ed.). *Studia Patristica*. Berlin: Akademie, 1975. p. 151.

_____. The Greek Christian Platonist Tradition from The Cappadocians to Maximus And Eriugena In. ARMSTRONG, A. H. *The Cambridge History of Later Greek and Early Medieval Philosophy*. Cambridge University Press, 2008. p. 425-531.

STOPPIE, K., P. SWIGGERS & A. WOUTERS.. 'La terminologie grammaticale en context bilingue: Macrobe et l'analyse de la diathèse verbale', in: BASSET, L.; BIVILLE, F.; COLOMBAT, B.; SWIGGERS, P. & WOUTERS, A. (eds.), *Bilinguisme et terminologie grammaticale grécolatine*. Leuven – Paris – Dudley MA, 2007. p. 203–224.

STROK, N.. La Vinculación de Juan Escoto Eriúgena con la Tradición en las Obras de Brucker, Tennemann y Rixner. In: *Ideas y Valores: Revista Colombiana de Filosofía*. Colômbia: Universidad Nacional de Colombia. Agosto de 2014. Vol. 63, Núm. 155, p. 123-143. Disponível em: http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/idval/rt/printerFriendly/36466/html_5. Acessado em 6 de abril de 2017.

SWIGGERS, P.. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa* nº 44/5, p. 39-59, jul./dez. 2013. Disponível em <http://docplayer.com.br/21969863-A-historiografia-da-linguistica-objeto-objetivos-organizacao.html>, acesso 24 de outubro de 2016

_____. História e Historiografia de Linguística: Status, Modelo e Organização. Trad. Cristina Altman. In: *Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura* nº 14. p. 38-53. 2012. Disponível em: <https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/297572/1/PTEutomia.p>, acesso 24 de outubro de 2016.

_____. The History writing of Linguistics: a methodological note. In *General Linguistics*, n. 21, vol. 1, p. 11-16, 1981.

TOVAR, R. C.. Lucilio, *inventor* de la sátira romana. In CODOÑER, C. (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 1997. p. 71-84.

TRAUBER, L.. O Roma nobilis. Philologische Untersuchungen aus dem Mittelalter. In: *Abhandlungen der Historischen Klasse der Königlich-Bayerischen Akademie Wissenschaften Bd.* p. 299-395.: 1891. Disponível em http://digital.bib-bvb.de/view/bvbsingle/single.jsp?dvs=1531347641326~775&locale=en_US&VIEWER_URL=/view/bvbsingle/single.jsp?&DELIVERY_RULE_ID=39&bfe=view/action/singleViewer.do?dvs=&frameId=1&usePid1=true&usePid2=true, cessado em 11 de julho de 2018.

TROUILLARD, J.. La *Virtus Gnostica* selon Jean Scot Érigène. In *Revue de théologie et de philosophie* 115, 1983. p. 331–54.

VALENZA, Giovanna Mazzaro. *O embate Analogia X Anomalia no De lingua Latina de Varrão*. Revista X, vol. 1, p. 93-108. Curitiba, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/5440>. Acessado em 25 de maio de 2018.

VAN RIEL, G.. Eurigenian Studies 1995-2000. In McEVOY, J.; DUNNE, M.. *History and Eschatology in John Scottus Eriugena and His Time: Proceedings of the Tenth International Conference of the Society for the Promotion of Eriugenian Studies, Maynooth and Dublin, August 16–20, 2000*. Leuven: Leuven University Press, 2002. p. 611-637.

VEYNE, P.. *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Trad. de Marcos de Castro. Civilização Brasileira, 2011.

VIDAL, J. L.. Virgílio. In CODOÑER, C. (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 1997. p. 154-190.

WARMINGTON, E. H.. *Remains of old latin*. Vol. 1. Loeb Classical Library, 1935.

WEINREICH, U.. *Languages in Contact: Findings and Problems*. New York: 1953.

WERNER, J.. “Περὶ τῆς Ῥωμαϊκῆς διαλέκτου ὅτι ἐστὶν ἐκ τῆς Ἑλληνικῆς.” In SCHMIDT, E. G. (ed.). *Griechenland und Rom. Vergleichende Untersuchungen*. Tbilisi, Erlangen, and Jena. Univ.-Verlag: 1996. p. 323–33.

WRIGHT, R.. The study of Latin as a foreign language in the Early Middle Ages. In AUROUX, S.; HERAUSGEGEBEN; KOERNER E. F. K.; NIEDERE, G. J.; VERSTEEGH, K. (ed.). *History of the language sciences: an international handbook on the evolution of the study of language from the beginnings to the present*. vol. 3. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2006. p. 501-509.

APÊNDICE A – Tradução das passagens comuns ao *De differentiis* e ao *De uerbis*.

De uerbis

- 3 [A Natureza] deu aos gregos e latinos sozinhos tanto o encanto do som quanto a disciplina da arte e também na própria brandura do falar uma cultura similar e uma cognação por demais próxima.
- 4 Com efeito, também às mesmas partes da oração, com exceção do artigo (o que a Grécia sozinha tirou por sorte), e também uma e outra língua é distinguida pelas mesmas observações entre as partes uma a uma, na maior parte das vezes os pares em uma e outra composição da figura, de forma que "aquele que aprender um pouco mais ou menos qualquer uma das duas artes, ambas conhecerá".
- 5 Mas, porque, assim, a natureza tolera, para que deste modo algo não possa ser similar a outro, de modo que seja a mesma coisa a ele (é necessário, de fato, que tudo aquilo que é similar com alguma diferença retroceda daquilo ao qual é conferido), de tal modo que, quando as partes da oração em uma língua e outra apertada entre si seriam vencidas pela semelhança, tiveram, entretanto, certas propriedades, às quais separadamente seriam notáveis e que pelo nome grego são chamadas *idiomata*.
- 6 Do mesmo modo a primeira semelhança do verbo de uma e outra é isto: (1ª) que o neutro desses verbos são voltados ao caso, (2ª) depois que um e outro está ligado pela pessoa, número, figura, conjugação, tempo e modo (o que os gregos chamam *enclisin* e os latinos junto com as formas derivadas colocaram na qualidade) e voz, o que junto aos gregos é chamado de *diathesis*, desses, mais engenhosamente do que o examinado um a um, os verbos que nestes são diferentes não serão desconhecidos.

De differentiis

- 2 A natureza deu à língua grega e latina uma cognação por demais próxima.
- 3 Com efeito, também às mesmas partes da oração, com exceção do artigo (o que a Grécia sozinha tirou por acaso), a linguagem de uma e da outra é diferenciada, mais ou menos, pelas mesmas observações quanto às construções e figuras, de forma que "aquele que tiver aprendido um pouco mais ou menos qualquer uma das duas artes conhecerá ambas".
- 4 Todavia, em várias coisas elas diferem, possuindo certas propriedades, as quais são nomeadas, em grego, por *idiomata*.
- 6 Quanto aos verbos de uma e de outra língua, eles se flexionam em **pessoa, número, figura, conjugação, tempo, modo** (o que os gregos chamam *ênclise*, e os latinos, junto com as formas, colocaram na qualidade) e **voz** (o que entre os gregos é chamado de *diathesis*).

- 8 A primeira semelhança de um verbo e outro está nisto: com efeito, tanto o neutro é declinado nos casos quanto similarmente ambos conservam quase todos os casos, como em *misereor illius* (genitivo), *parco illi* (dativo), *ueneror illum* (acusativo), e φροντίζω τοῦδε, πείθομαι τῷδε, φιλῶ τόνδε, respectivamente.
- 9 O ablativo, de fato, ou, dizem o que é o sétimo, o grego não admite.
- 10 A similaridade nas pessoas é a mesma para eles também, porque em um verbo III e outro existem as mesmas pessoas, primeira *uoco*, segunda, *uocas*, terceira, *uocat*, e καλῶ καλεῖς καλεῖ, respectivamente.
- 12 Mas nos números há esta única oposição, porque o δυϊκόν, isto é, o dual, nenhum uso na *Latinitas* admite.
- 14 Nos comentários gramaticais Nigídio diz que o verbo *autumo* é composto a partir da preposição *ab* e do verbo *aestimo*, e é dito *autumo* cair em desuso, assim como se dissesse *abaestimo*, porque significaria de todo *aestimo*.
- 15 Mas *autumo* não significa isto somente, *aestimo*, mas tanto *dico* quanto *censeo* simplesmente não são proferidos como tempos um a um.
- 16 Também como exemplo uma declinação do verbo é notada: τύπτω faz o perfeito em τέτυφα, e é seguido por outra declinação do mesmo tempo, que chamam perfeito médio: τέτυπα; do mesmo modo o mais-que-perfeito em ἐτετύφειν, e o mais-que-perfeito médio em ἐτετύπειν; o ἀορίστου [aoristo] em ἔτυψα, e o μέσου ἀορίστου [aoristo médio] em ἔτυπον.
- 17 O futuro primeiro faz τύψω, o futuro segundo, τυπῶ.
- 7 Conservam quase a mesma construção com os casos, como em:
- | | | |
|---|--|---|
| <i>misereor
illius</i> | <i>parco illi</i> | <i>ueneror
illum</i> |
| φροντίζω
τοῦδε
(<i>phontízō
touíde</i>) | πείθομαι
τῷδε
(<i>peíthomai
tôide</i>) | φιλῶ
τόνδε
(<i>philô
tónde</i>) |
- 8 O ablativo não é admitido na língua grega.
- 9 A similaridade das pessoas é a mesma para eles: primeira, *uoco*; segunda, *uocas*; terceira, *uocat*; e καλῶ (*kalô*), καλεῖς (*kaleís*), καλεῖ (*kaleî*), respectivamente.
- 10 Nos números há uma oposição, porque o δυϊκόν (*dyikón*), isto é, o dual, não é admitido em latim. Os gregos, em verdade, nos verbos e nos nomes parecem ter os δυϊκά (*dyiká*) [duais].
- 26 Nigídio, entretanto, considera que o verbo *autumo* é composto a partir da mesma preposição, como se fosse *ab* mais *estimo*, assim *abnumero* é composto da mesma preposição mais *numero*.
- 27 Em verdade, *autumo* significa tanto *dico* quanto *censeo*.
- 57 E, como exemplificação, que a flexão de um verbo seja mostrada: τύπτω (*týptō*) faz o perfeito em τέτυφα (*tétypha*), e segue outra flexão do mesmo tempo, porque o médio perfeito é pronunciado τέτυπα (*tétypa*). Igualmente, o mais-que-perfeito é ἐτετύφειν (*etetyphein*); o médio mais-que-perfeito médio, ἐτετύπειν (*etetypein*). O ἀορίστου [aoristo] (*aorístou*), que é ἔτυψα (*étypsa*), tem o μέσου ἀορίστου [aoristo médio] (*mésou aorístou*) ἔτυπον (*étypōn*). O futuro primeiro faz τύψω (*týpsō*), o futuro segundo, τυπῶ (*typō*).
- 57 E, como exemplificação, que a flexão de um verbo seja mostrada: τύπτω (*týptō*) faz

- 22 Todos os verbos dos gregos que terminam em ω , sejam perispōmenos ou barítonos, em qualquer uma conjugação ele, tanto na primeira quanto na segunda pessoa, conservam o número das sílabas.
- 25 Mas nos gregos todo o tempo presente que é terminado em $\mu\alpha\iota$ às vezes reduz uma sílaba na segunda pessoa, como, por exemplo, $\phi\iota\lambda\omicron\upsilon\mu\alpha\iota > \phi\iota\lambda\tilde{\eta}$; $\gamma\rho\acute{\alpha}\phi\omicron\mu\alpha\iota > \gamma\rho\acute{\alpha}\phi\tilde{\eta}$, e similares, visto que na voz ativa uma pessoa e outra conservaria o mesmo número sílabas.
- 28 Do mesmo modo, regularmente é necessário com antecedência advertimos que para os gregos o tempo perfeito não é formado a partir do presente, mas do futuro, como se [fosse] de alguma base primordial sua origem.
- 31 Tudo aquilo que, de fato, foi feito primeiramente foi algo que deve ser feito, depois foi feito, e isso que é pretérito foi algum dia futuro.
- 33 Do mesmo modo, nunca para os gregos o pretérito perfeito é encontrado em duas sílabas, mas é algumas vezes: de seis sílabas, como $\pi\epsilon\pi\omicron\lambda\epsilon\mu\acute{\alpha}\rho\chi\eta\kappa\alpha$; de cinco, como $\pi\epsilon\pi\omicron\lambda\epsilon\mu\eta\kappa\alpha$; de quatro, como $\pi\epsilon\pi\omicron\iota\eta\kappa\alpha$; de três, como $\lambda\acute{\epsilon}\lambda\upsilon\kappa\alpha$, e nem alguma vez encontrarás^[2ª] menor do que um trissílabo.
- 34 É necessário, na verdade, que seja a primeira sílaba da declinação, a segunda
- o perfeito em $\tau\acute{\epsilon}\tau\upsilon\phi\alpha$ (*tétypha*), e segue outra flexão do mesmo tempo, porque o médio perfeito é pronunciado $\tau\acute{\epsilon}\tau\upsilon\phi\alpha$ (*tétypa*). Igualmente, o mais-que-perfeito é $\acute{\epsilon}\tau\epsilon\tau\acute{\omicron}\phi\epsilon\iota\nu$ (*etetyphein*); o médio mais-que-perfeito médio, $\acute{\epsilon}\tau\epsilon\tau\acute{\omicron}\phi\epsilon\iota\nu$ (*etetypein*). O aorísto [aoristo] (*aorístou*), que é $\acute{\epsilon}\tau\upsilon\psi\alpha$ (*étypsa*), tem o μέσου aorísto [aoristo médio] (*mésou aorístou*) $\acute{\epsilon}\tau\upsilon\psi\omicron\nu$ (*étypōn*). O futuro primeiro faz $\tau\acute{\omicron}\psi\omega$ (*týpsō*), o futuro segundo, $\tau\upsilon\psi\acute{\omicron}$ (*typō*).
- 60 Todos os verbos dos gregos que terminam em ω ($\acute{\omicron}$), sejam perispōmenos ou barítonos, em qualquer conjugação, tanto na primeira quanto na segunda pessoa conservam o mesmo número de sílabas.
- 62 Na verdade, todo tempo presente que termina em $\mu\alpha\iota$ (*mai*) às vezes reduz uma sílaba na segunda pessoa, como, por exemplo, $\phi\iota\lambda\omicron\upsilon\mu\alpha\iota$ (*philoúmai*) > $\phi\iota\lambda\tilde{\eta}$ (*philēi*); $\tau\iota\mu\acute{\omicron}\mu\alpha\iota$ (*timōmai*) > $\tau\iota\mu\tilde{\alpha}$ (*timāi*); $\sigma\tau\epsilon\phi\alpha\omicron\upsilon\mu\alpha\iota$ (*stephanoúmai*) > $\sigma\tau\epsilon\phi\alpha\omicron\iota$ (*stephanoī*); $\lambda\acute{\epsilon}\gamma\omicron\mu\alpha\iota$ (*légomai*) > $\lambda\acute{\epsilon}\gamma\tilde{\eta}$ (*légei*) e $\gamma\rho\acute{\alpha}\phi\omicron\mu\alpha\iota$ (*gráphomai*) > $\gamma\rho\acute{\alpha}\phi\tilde{\eta}$ (*gráphēi*), ao passo que, na voz ativa, uma pessoa e outra conservaria o mesmo número de sílabas.
- 100 O tempo perfeito entre os gregos é formado não pelo presente, mas pelo futuro.
- 101 E nem é sem razão. Tudo aquilo que, de fato, foi feito, primeiramente foi algo que seria feito.
- 110 Nunca se encontra entre os gregos o pretérito perfeito em duas sílabas, mas é algumas vezes: de seis sílabas, como $\pi\epsilon\pi\omicron\lambda\epsilon\mu\acute{\alpha}\rho\chi\eta\kappa\alpha$ (*pepolemárchēka*); de cinco, como $\pi\epsilon\pi\omicron\lambda\epsilon\mu\eta\kappa\alpha$ (*pepolémēka*); de quatro, como $\pi\epsilon\pi\omicron\iota\eta\kappa\alpha$ (*pepoiēka*); de três, como $\lambda\acute{\epsilon}\lambda\upsilon\kappa\alpha$ (*léluka*), e nenhuma vez encontrarás^[2ª] menor do que um trissílabo.
- 111 É necessário, de fato, que a primeira sílaba seja da flexão, como $\lambda\epsilon$ (*le*), a segunda da

- da origem e a terceira do final, como λέλυκα: a primeira sílaba λε é da declinação, que introduz uma grande evidência, λυ é da origem, porque a base primordial do verbo inicia a partir desta e κα é do final.
- 35 E que nem te [2ª] abale οἶδα, porque é de suas sílabas, com efeito é tido como παρακείμενος [perfeito].
- 36 De fato, este verbo corrompido em diferentes maneiras é ensinado: com efeito, à exceção deste, nenhum tempo perfeito inicia a partir do ditongo οι.
- 37 A origem deste verbo é εἶδω, e não se julgou ser mudado o ει em οι de forma não corrompida e intacta.
- 38 Desde então εἶδεν deve estar no pretérito mais-que-perfeito.
- 39 Do mesmo modo, três são as sílabas que nos verbos gregos fazem a terminação no tempo futuro: (1º) ου, de fato, tem fim em σω, (2º) ου em ξω ου (3º) em ψω, como, por exemplo, λαλήσω, πράξω e γράψω, respectivamente.
- 40 Do mesmo modo, Todo o tempo presente para os gregos que tem desinência em ω no modo indicativo da voz ativa no verbo perispômeno, se for da segunda conjugação, faz uso no seu fim da sílaba μαι e faz assim de si passivo, como, por exemplo, βοῶ > βοῶμαι e τιμῶ > τιμῶμαι. Se, de fato, for da primeira ou da terceira, o passivo é criado ao mudar o ω em ου e também recebida similarmente a sílaba μαι, como
- base, como λυ (ly), e a terceira da terminação, como κα (ka).
- 113 Logo, não se se encontra o παρακείμενος (*parakeímeos*), isto é, o perfeito, menor do que um trissílabo, à exceção de οἶδα (*oída*), porque é um dissílabo e também um παρακείμενος [perfeito] (*parakeímenos*).
- 115 Porque, com essa exceção, encontrarás [2ª] nenhum perfeito que comece pelo ditongo οι (*oi*).
- 116 Do mesmo modo, quando a forma primitiva do verbo começa pelo ditongo ει (*ei*), ela não é mudada em nenhum tempo: a base do verbo, que é εἶδω (*eídō*), mudou ει (*ei*) em οι (*oi*).
- 117 Todas as vezes que o perfeito se origina a partir de uma vogal longa, é necessário que o mais-que-perfeito sempre se inicie a partir da mesma. Regra esta que este verbo não obedece, uma vez que o mais-que-perfeito é εἶδεν, posto que o perfeito é οἶδα (*oída*).
- 135 Ao todo, são três as sílabas com que os verbos gregos terminam no tempo futuro: (1º) ου, de fato, terminam em σω, (2º) ου em ξω (*xō*) ου (3º) em ψω (*psō*), como, por exemplo, λαλήσω (*lalésō*), πράξω (*práxō*) e γράψω (*grápsō*), respectivamente, a menos que tenha a consoante líquida antes do ω (*ō*) (a quinta conjugação βαρυτόνων [dos barítonos] (*barytónōn*)).
- 167 Todo o tempo presente entre os gregos que tem desinência em ω no modo indicativo da voz ativa nos verbos perispômenos, se for da segunda conjugação, faz uso no seu fim da sílaba μαι e faz de si, assim, passivo, como, por exemplo, βοῶ (*boō*) > βοῶμαι (*boōmai*) e τιμῶ (*timō*) > τιμῶμαι (*timōmai*). Se, de fato, for da primeira ou da terceira conjugação, o passivo é criado ao mudar o ω em ου e também recebida similarmente a sílaba μαι, como em φιλῶ (*philō*) >

- em φιλῶ > φιλοῦμαι e χρυσῶ > χρυσοῦμαι, por exemplo.
- 42 Tanto para os gregos quanto para os latinos quaisquer verbos são defectivos na declinação.
- 43 Destes verbos dos gregos é esta a definição: de fato, dizem nos III modos dos verbos encontrar defeito, ou no entendimento que exige, ou nas letras não encontradas ou no uso abandonado.
- 44 Destes nos dois primeiros servimos [1ª] à necessidade, no terceiro submetemos à reverência da antiguidade.
- 45 Pelo entendimento os verbos são defectivos todos aqueles que são ditos πεποιημένα, isto é, os que para a similaridade do som de qualquer um são expressos, como λίγξε βίος, σίζε ὀφθαλμός e similares.
- φιλοῦμαι (*philoumai*) e χρυσῶ (*chryso*) > χρυσοῦμαι (*chrysoûmai*), por exemplo.
- 479 Tanto entre os gregos quanto entre os latinos os verbos são defectivos na flexão.
- 480 De fato, dizem nos três modos dos verbos encontrar defeito, ou no entendimento que exige, ou nas letras não encontradas ou no uso abandonado.
- 481 Nos primeiros dois pela necessidade, no terceiro, de fato, submetemos à reverência da antiguidade.
- 482 São defectivos pelo entendimento aqueles que são ditos πεποιημένα (*pepoiēména*), isto é, os que para a similaridade do som de qualquer um são expressos, como λίγξε (*línxe*), βίος (*biós*), σίζε (*síze*), ὀφθαλμός (*ophthalmós*) e similares.

APÊNDICE B – Segmentos que tratam sobre semelhanças e diferenças

Tabela 10 - Segmentos que tratam sobre diferenças ou semelhanças entre a língua grega e latina

Subcategorias Categorias	Interlingual	Intralingual	
		Grego	Latim
Semelhança	2, 3, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 20, 22, 51, 56, 124, 137, 208, 219, 311, 321, 333, 334, 343, 345, 346, 348, 349, 365, 372, 373, 374, 375, 387, 390, 400, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 416, 417, 418, 419, 421, 423, 429, 430, 436, 443, 456, 457, 477, 479, 480, 481, 491, 492, 493, 494, 495, 496	28, 29, 30, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 319, 320, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 388, 389, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 420, 422, 437, 438, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490	19, 21, 26, 27, 32, 43, 52, 123, 126, 127, 282, 292, 293, 304, 318, 347, 428, 431, 433, 434, 435, 440, 441, 442, 444, 445, 446, 447, 451, 452, 453, 454
Diferença	4, 8, 10, 16, 33, 125, 133, 263, 264, 426, 448	17, 23, 31, 35, 36, 37, 68, 79, 85, 106, 113, 114, 115, 146, 147, 161	18, 24, 25

APÊNDICE C – Categorias de mudança de alfabeto com seus respectivos segmentos

Tabela 11 - Todos os segmentos em que encontramos alternância para o alfabeto grego em suas respectivas categorias

<i>Exempla</i>	7, 9, 13, 15, 16, 17, 22, 23, 28, 30, 31, 33, 35, 36, 38, 39, 41, 42, 45, 49, 50, 57, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 112, 113, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 150, 153, 154, 156, 158, 160, 161, 162, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 190, 191, 192, 194, 196, 199, 202, 203, 204, 207, 209, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 227, 229, 231, 232, 233, 234, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 267, 269, 271, 273, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 283, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 295, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 306, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 314, 317, 319, 320, 323, 325, 327, 328, 329, 330, 331, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 346, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 364, 366, 368, 369, 371, 376, 378, 380, 382, 383, 384, 385, 386, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 396, 398, 399, 401, 403, 405, 406, 407, 408, 409, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 429, 431, 436, 437, 438, 443, 458, 459, 460, 462, 463, 464, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 477, 482, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 497
Citações	20, 30, 41, 196, 214, 325, 404, 409, 475, 476
Morfemas	35, 36, 45, 47, 48, 49, 50, 54, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 69, 70, 73, 74, 78, 81, 82, 83, 84, 87, 97, 106, 111, 112, 115, 116, 118, 120, 121, 124, 125, 129, 135, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 157, 158, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 194, 196, 209, 220, 221, 223, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 266, 267, 269, 270, 275, 277, 278, 279, 280, 283, 284, 289, 290, 291, 297, 298, 299, 305, 306, 307, 309, 312, 313, 314, 327, 329, 331, 335, 337, 338, 339, 341, 350, 351, 352, 353, 356, 357, 358, 360, 361, 362, 381, 382, 383, 385, 386, 388, 389, 391, 392, 393, 394, 395, 398, 399, 401, 402, 437, 458, 459, 460, 463, 464, 467, 468, 484, 485, 487, 490
Terminologia gramatical	10, 34, 37, 49, 57, 64, 70, 90, 113, 119, 122, 124, 129, 130, 133, 161, 186, 200, 202, 203, 204, 210, 215, 220, 225, 231, 232, 235, 242, 252, 253, 255, 257, 261, 262, 263, 267, 274, 276, 279, 321, 323, 329, 333, 334, 336, 364, 369, 370, 376, 377, 378, 380, 381, 383, 386, 388, 389, 390, 392, 393, 395, 397, 399, 401, 402, 405, 443, 456, 457, 459, 460, 462, 468, 469, 470, 471, 473, 474, 484
Artigo	16, 33, 35, 36, 49, 106, 162, 163, 211, 215, 225, 251, 253, 269, 306, 307, 319, 334, 355, 368, 371, 383, 385, 418, 470, 475
Conjunções	15, 49, 194, 202, 203, 204, 214, 220, 253, 263, 277, 283, 289, 323, 355, 380, 388, 395, 436, 468
Preposições	33, 35, 36, 49, 133, 183, 211, 215, 225, 263, 334, 355, 368, 371, 385, 475

APÊNDICE D – Citações literárias em *De differentiis*

Quadro 12 - Citações literárias em *De differentiis*

Autor	Seg.	Citação	Obra
Ácio	127 ²³⁴	<i>nisi quia tua facultas nobis tulat operam</i>	<i>Androm.</i> , 100 – 102
Cícero	127 ²³⁵	<i>explicauit</i>	<i>Tul.</i> , sec. fr. 2a/b, l. 1
Cícero	343 ²³⁶	<i>qui poterit socios tueri</i>	<i>Rep.</i> I, 20,4-6
Cícero	344	<i>libenter tibi, Laeli, uti eum desideras equidem concessero</i>	<i>Leg.</i> , atribuído pelo texto
Cícero	410 ²³⁷	<i>rei publicae dignitas me ad se rapit et haec minora relinquere hortatur</i>	<i>Sest.</i> , sec. 7, l. 13-14; sec. 8, l. 1
Cícero	411 ²³⁸	<i>consilium cepisse hominis fortunas funditus euertere</i>	<i>Quin.</i> , 53, 9-16
Cícero	413 ²³⁹	<i>Charidemum cum testimonium dicere audistis</i>	<i>Verr.</i> , 2.I.52.3-5
desc.	41 ²⁴⁰	ἀλλ' ὅτε δὴ ῥ' ἄνεσαν/ ἄλλτε δῆριν ἀνῆσαν	Desc.
Ênio	444 ²⁴¹	<i>contempsit fonte, quibus ex erugit aquae uis</i>	<i>Ann.</i> , 482
Homero	20 ²⁴²	προπροκυλινδόμενος	<i>Il.</i> , X', 219 - 221

²³⁴ Cit. de:

*Quot luna circlos annuo in cursu institit
Cum ninxerint caelestium molem mihi
Nisi quid tua facultas nobis tulat opem, peream.*
(g.n.) (Acc., *Androm.*, 100 – 102).

²³⁵ Esta citação faz parte de fragmentos atribuídos a este texto de Cícero (Cic., *Tul.*, sec. fr. 2b l.). Aulo Gélío nos dá a mesma observação quanto a este uso feito pelo orador Cícero na seguinte passagem das suas *Noites Áticas*: *sicuti est hercle, quod 'explicauit' dicere maluit quam 'explicuit', quod esse iam usitatus coeperat* (g.n.) (Gell., *Noct. Att.* I, 7, 20, 3 – 5). Numa rápida pesquisa pela base de dados do *PHI* encontramos a predominância deste uso principalmente nos textos de Cícero (Cic., *Tul.*, fr2a, 1; Cic., *Leg. Man.*, 30, 4; Cic., *Bal.*, 17, 6; Cic., *Orat.*, II, 48, 4; Cic., *Orat.*, III, 37, 6; Cic., *Orat.*, III, 70, 10; Cic., *Brut.*, 206, 1; Cic., *Orat.*, 102, 3; Cic., *Leg.*, II, 14, 6; Cic., *Luc.*, 102, 10; Cic., *Fin. bon.*, I, 72, 13; Cic., *Fin.*, II, 18, 10; Cic., *Diuin.*, I, 6, 6; Cic., *Diuin.*, I, 13, 4; Cic., *Off.*, III, 7, 10; Cic., *Ep. Fam.*, IX, 25, 1, 8; Cic., *Ep. Att.*, X, 6, 1, 3). Encontramos outras, sendo uma do arquiteto Vitruvius (Vitr., *Arch.*, X, 13, 3, 4; X, 13, 8, 6) e outra de Plauto (Plau., *Poen.*, 750).

²³⁶ Cit. de:

*Nihil est adhuc disputatum, et, quoniam
est integrum, libenter tibi, Laeli, ut de eo disseras,
equidem concessero.*
(g.n.) (Cic., *Rep.* I, 20,4-6).

²³⁷ Cit. de: [...]; *sed mihi ante oculos obversatur rei publicae dignitas, quae me ad sese rapit, haec minora relinquere hortatur.* (Cic., *Sest.*, sec. 7, l. 13-14; sec. 8, l. 1).

²³⁸ Cit. de: *Quid ago?' Si me hercule haec tecum duo verba fecisses: 'Quid ago?' respirasset cupiditas atque avaritia, paulum aliquid loci rationi et consilio dedisses, tu te conlegisses, non in eam turpitudinem venisses ut hoc tibi esset apud talis viros confitendum, qua tibi vadimonium non sit obitum, eadem te hora consilium cepisse hominis propinqui fortunas funditus evertere* (g.n.) (Cic., *Quin.*, 53, 9-16).

²³⁹ Cit. de: *Qua de re Charidemum Chium testimonium priore actione dicere audistis, [...]* (g.n.) (Cic., *Verr.*, 2.I.52.3-5).

²⁴⁰ Cit. lit. até o momento não encontrada.

²⁴¹ Cit. de: *Contempsit fontes quibus ex erugit aquae uis* (g.n.) (Enn., *Ann.*, 482).

²⁴² Cit. de:

“οὐ οἱ νῦν ἔτι γ' ἔστι πεφυγμένον ἄμμε γενέσθαι,
οὐδ' εἴ κεν μάλα πολλὰ πάθοι ἐκάεργος Ἀπόλλων
προπροκυλινδόμενος πατρὸς Διὸς αἰγιόχοιο”.
(g.n.) (Hom., *Il.*, X', 219 - 221)

Homero	30 ²⁴³	χερνίψαντο δ' ἔπειτα	<i>Ody.</i> , ρ', 526 - 529 <i>Il.</i> , A', 449 - 450
Homero	41 ²⁴⁴	πολλοὶ δ' ἔνεσαν στονόεντες οἴστοί	<i>Ody.</i> , φ' 11 - 14 <i>Ody.</i> , φ' 58 - 60
Homero	41 ²⁴⁵	νῦξ δὲ μάλα δνοφερὴ κάτεχ' οὐρανόν	<i>Ody.</i> , ν' 269 - 270
Homero	404 ²⁴⁶	νῆα κατειρύσθαι	<i>Ody.</i> , ξ' 332
Homero	409 ²⁴⁷	θαρσῶν νῦν, Διόμηδες, ἐπὶ Τρώεσσι μάχεσθαι	<i>Il.</i> , E', 123-126
Homero	475 ²⁴⁸	πεπληγῶς ἀγορηθῆν	<i>Il.</i> , B' 263-264

ou de:

“ἔνθεν δὴ νῦν δεῦρο τόδ' ἵκετο πῆματα πάσχων
προπροκυλινδόμενος· στεῦται δ' Ὀδυσῆος ἀκοῦσαι
ἀγχοῦ, Θεσπρωτῶν ἀνδρῶν ἐν πίονι δήμῳ,
ζωοῦ· πολλὰ δ' ἄγει κειμήλια ὄνδε δόμονδε.
(g.n.) (Hom., *Od.*, ρ', 526 - 529).

Citado também por Apolônio Díscolo (Ap. Dysc., *Constr.*, II, 2, 446, 10) e Eustácio de Tessalônica em (Eust. Phil., *Comm. Il.*, IV, 608, 18 & Eust. Phil., *Comm. Od.*, II, 159, 4).

²⁴³ Cit. de

χερνίψαντο δ' ἔπειτα καὶ οὐλοχύτας ἀνέλοντο.
τοῖσιν δὲ Χρύσης μεγάλ' εὐχέτο χεῖρας ἀνασχῶν
(g.n.) (Hom., *Il.*, A', 449 - 450).

Passagem também citada por Eustácio de Tessalônica (Eust. Phil., *Comm. Il.*, I, p. 203, 2) e por Dionísio de Halicarnasso, poeta que escreveu sobre a dívida latina aos gregos (Dion. Hal., *Ant. Rom.*, VII, 72, 16, 6).

²⁴⁴ Cit. de:

ἔνθα δὲ τόξον κεῖτο παλίντονον ἠδὲ φαρέτρη
ιοδόκος, **πολλοὶ δ' ἔνεσαν στονόεντες οἴστοί**,
δῶρα τὰ οἱ ξεῖνος Λακεδαιμόνι δῶκε τυχίσας
Ἴφιτος Εὐρυτίδης, ἐπιείκελος ἀθανάτοισι.”
(g.n.) (Hom., *Od.*, φ' 11 - 14)

ou

βῆ ῥ' ἵμεναι μέγαρόνδε μετὰ μνηστήρας ἀγαυοῦς
τόξον ἔχουσ' ἐν χειρὶ παλίντονον ἠδὲ φαρέτρη
ιοδόκον· **πολλοὶ δ' ἔνεσαν στονόεντες οἴστοί**.
(g.n.) (Hom., *Od.*, φ' 58 - 60).

Esta passagem, junto com outras de Homero, é também citada pelo gramático grego Apolônio Díscolo em sua obra *De Constructione* (Ap. Dysc., *Constr.*, II, 2, 473, 8).

²⁴⁵ Cit. de:

νῦξ δὲ μάλα δνοφερὴ κάτεχ' οὐρανόν, οὐδέ τις ἡμεας
ἀνθρώπων ἐνόησε, λάθον δὲ ἐ θυμὸν ἀπούρας.”
(g.n.) (Hom., *Od.*, ν' 269 - 270).

Esta passagem é também citada por Eustácio de Tessalônica (Eust. Phil., *Comm. Od.*, II, 48, 37).

²⁴⁶ Cit. de:

ᾧμοσε δὲ πρὸς ἔμ' αὐτόν, ἀποσπένδων ἐνὶ οἴκῳ,
νῆα κατειρύσθαι καὶ ἐπαρτέας ἔμμεν εταίρους,
οἱ δὴ μιν πέμψουσι φίλην ἔς πατρίδα γαῖαν.
(g.n.) (Hom., *Od.*, ξ' 332).

²⁴⁷ Cit. de:

ἀγχοῦ δ' ἴσταμένη ἔπεα πτερόεντα προσηύδα·
θαρσῶν νῦν Διόμηδες ἐπὶ Τρώεσσι μάχεσθαι·
ἐν γάρ τοι στήθεσσι μένος πατρώϊον ἦκα
ἄτρομον, οἷον ἔχεσκε σακέσπαλος ἱππότης Τυδεύς·
(g.n.) (Hom., *Il.*, E', 123-126)

²⁴⁸ Cit. de:

[...],
αὐτὸν δὲ κλαίοντα θοὰς ἐπὶ νῆας ἀφήσω
πεπλήγων ἀγορηθῆν ἀεικέσσι πληγῆσιν.
(g.n.) (Hom., *Il.*, B' 263-264).

Homero	475 ²⁴⁹	ἀμφοτέρω κεκοπώς	<i>Il.</i> , N' 59-61
Homero	476 ²⁵⁰	ῥάβδω πεπληγυῖα	<i>Ody.</i> , κ' 237-238 <i>Ody.</i> , κ' 318, 319 <i>Ody.</i> , π' 454-456
Homero	476 ²⁵¹	πεπληγώς ἀγορηθεν	<i>Il.</i> , B' 263-264
Lucílio	311 ²⁵²	<i>prodes amicis</i>	<i>Sat. fr.</i> , 1268
Propércio	442 ²⁵³	<i>candidus augustae sternuit omen Amor</i>	<i>Eleg.</i> , 2.3.23-24

²⁴⁹ Cit. de:

Ἦ καὶ σκηπανίῳ γαιήοχος ἐννοσίγαιος
ἀμφοτέρω κεκόπων πλήσεν μένεος κρατεροῖο,
 γυῖα δ' ἔθηκεν ἔλαφρὰ πόδας καὶ χεῖρας ὑπερθεν.
 (g.n.) (*Hom.*, *Il.*, N' 59-61),

Apolônio Díscolo, como podemos observar, faz uso da mesma passagem como exemplum em sua obra ramatical: “Ὁμόλογον οὖν τὸ **ἀμφοτέρω κεκοπώς** {N 60} ἢ [...]” (g.n.) (*Ap. Dysc.*, *Constr.*, 2.2.297.7-8). O mesmo podemos dizer de Aristonico: “A. Ar. 150. <**ἀμφοτέρω κεκοπώς**>: ἡ διπλῆ ὅτι ἀντὶ τοῦ κόπων.” (g.n.) (*Arist. Al.*, *Sig. Il.*, 13.60.1).

²⁵⁰ [...].
 αὐτὰρ ἐπεὶ δῶκέν τε καὶ ἔκπιον, αὐτίκ' ἔπειτα
ῥάβδω πεπληγυῖα κατὰ συφεοῖσιν ἐέργυν.
 (g.n.) (*Hom.*, *Od.*, κ' 237-238)
 [...].
 αὐτὰρ ἐπεὶ δῶκέν τε καὶ ἔκπιον οὐδέ μ' ἔθελεξε,
ῥάβδω πεπληγυῖα ἔπος τ' ἔφατ' ἔκ τ' ὀνόμαζεν.
 (g.n.) (*Hom.*, *Od.*, κ' 318, 319)
 [...].
 σὺν ἱερεύσαντες ἐνιαύσιον. αὐτὰρ Ἀθήνη
 ἄγχι παρισταμένη Λαερτιάδην Ὀδυσῆα
ῥάβδω πεπληγυῖα πάλιν ποίησε γέροντα,
 (g.n.) (*Hom.*, *Od.*, π' 454-456)

Passagem também citada por outros autores, como pelo gramático Apolônio Díscolo:

[...] ἢ **ῥάβδω πεπληγυῖα** {κ 238} <ἢ>[...] (g.n.) (*Ap. Dysc.*, *Constr.*, 2.2.297.11-13)

e Aristonico de Alexandria:

[...] εἶτα ἐπιφέρει “οὐκ ἄν τις μιν ἀνήρ” Q. cf. F. Ar. 32. <**ῥάβδω πεπληγυῖα**> (g.n.) (*Arist. Al.*, *Sig. Od.*, 10.238.1),

[...]: ἡ διπλῆ ὅτι παθητικῶς δεδοκημένος ἀντὶ τοῦ δοκεῶν, ἐπιτηρῶν, ὡς <**ῥάβδω πεπληγυῖα**> (κ 238). A (g.n.) (*Arist. Al.*, *Sig. Il.*, 15.730.2-3).

Também o filósofo neoplatônico Porfírio faz uso dessa passagem Homérica:

[...] πῶς δὲ, εἰ ἡ ῥάβδος ἢ μεταμορφουσα – ἐπὶ γοῦν τοῦ Ὀδυσσεῶς λέγει <**ῥάβδω πεπληγυῖα**> (v. 319) –, ἔπειτὰ φησὶ θαυμάζειν ὡς οὐ τι πῶν τάδε φάρμακ' ἐθέλχθη; ἀλλ' ἕτερόν ἐστι τὸ λεγόμενον (g.n.) (*Porph.*, *Quaes. Od.*, 10.329.23-25). Além desse, encontramos a mesma passagem sendo referenciada por Eustácio de Tessalônica (*Eust. Phil.*, *Comm. Od.*, 1.278.34; *Eust. Phil.*, *Comm. Od.*, 1.383.7; *Eust. Phil.*, *Comm. Od.*, 2.131.43); em uns comentários gramaticais gregos sem autoria certa (*Comm.* 56.10); além de outros.

²⁵¹ Cit. de:

αὐτὸν δὲ κλαίοντα θοὰς ἐπὶ νῆας ἀφήσω
πεπλήγων ἀγορηθεν ἀεικέσσι πληγῆσιν.
 (*Hom.*, *Il.*, B' 263-264).

²⁵² Fragmento de suas Sátiras.

pro obtuso ore pugil piscin<e>nsis reses
p<o>dicis, Hortensi, est ad eam rem nata palaestra.

prodes amicis

pulchre inuitati acceptique benigne
 (*Lucil.*, *Sat. fr.*, 1268).

²⁵³ Cit. de:

Non tibi nascenti primis, mea vita, diebus
candidus argutum sternuit omen Amor?
 (g.n.) (*Prop.*, *Eleg.*, 2.3.23-24).

Salústio	409 ²⁵⁴	<i>pleraque tempora in uenando agere, leonem atque alias feras primus aut in primis ferire, plurimum facere, minimum de se loqui</i>	<i>Bell. Iug.</i> , VI, 1,6 – 2,1
Salústio	409 ²⁵⁵	<i>hic ubi primum adoleuit, non se luxuriae neque inertiae corrumpendum dedit, sed, ut mos gentis illius est, iaculari, equitare, et cum omnes gloria anteiret, omnibus tamen carus esse</i>	Citado por Probo
Salústio	445 ²⁵⁶	<i>cum inferior omni uia grassaretur</i>	Atestado somente por este texto
Terêncio	3 ²⁵⁷	<i>propemodum qui utramuis artem didicerit ambas nouerit</i>	<i>Andr.</i> , 10
Terêncio	411 ²⁵⁸	<i>it ad eam uisere</i>	<i>Hec.</i> , 188-189
Terêncio	312 ²⁵⁹	<i>bono animo es</i>	<i>Heauton.</i> IV, 6, 18 (v. 822)
Varrão	412 ²⁶⁰	<i>et ut matrem audiui dicere</i>	<i>Log.</i> , 69.1
Varrão	495 ²⁶¹	<i>genunt</i>	<i>Men.</i> 36.1]
Virgílio	20 ²⁶²	<i>pede prosubigit terram</i>	<i>Georg.</i> III, 255 – 257
Virgílio	127 ²⁶³	<i>passis crinibus</i>	<i>Aen.</i> I, 479 – 481
Virgílio	293 ²⁶⁴	<i>scio me Danais e classibus unum</i>	<i>Aen.</i> III, 602

²⁵⁴ Cit. de: [...]; *ad hoc pleraque tempora in uenando agere, leonem atque alias feras primus aut in primis ferire: plurimum facere, [et] minimum ipse de se loqui* (g.n.) (*Sal.*, *Bell. Iug.*, VI, 1,6 – 2,1).

²⁵⁵ Esta passagem é também utilizada por Marco Valério Probo para exemplificar o tópico “*De Significationibus siue generibus uerborum* (Prob., *Frag. Probi*, 86, 3-6), Diomedes, em sua *Ars*, no tópico *De Infinitiuo Siue Perpetuo Modo* (Diom., *Ars Diom.*, GL vol. I, 341, 4-9). Esta passagem é dita ser de Salústio, como nos atesta o gramático Probo:

“Destá maneira especial a maioria dos escritores antigos de história indicaram os tempos imperfeitos do indicativo, como está em Salústio: ‘*hic ubi primum adoleuit, non se luxui neque inertiae corrumpendum dedit, sed, ut mos gentis illius est, iaculari equitare cursu cum aequalibus certare, et cum omnis gloria anteiret. Omnibus carus esse*’.” (g.n.) (Probo, *Frag. Probi*, 86, 1-6). Cf. “*In hac qualitate plerumque ueteres praecipue historiarum scriptores imperfecta tempora indicatiui significant, quale est apud Sallustium: 'hic ubi primum adoleuit, non se luxui neque inertiae corrumpendum dedit, sed, ut mos gentis illius est, iaculari equitare cursu cum aequalibus certare, et cum omnis gloria anteiret. Omnibus carus esse', [...]*.”

²⁵⁶ Fragmento de Salústio atestado somente por este texto.

²⁵⁷ Alusão ao prefácio de *Andria*, Terêncio: *qui utramvis recte norit ambas nouerit* (Ter., *Andr.*, 10).

²⁵⁸ Cit. de: *Nostra ilico it visere ad eam: admisit nemo* (g.n.) (Ter., *Hec.*, 188-189).

²⁵⁹ Cit. De:

Cl. perii. Sy. bono animo es: iam argentum ad eam deferes quod ei pollicitu's. Cl. garris. unde? Sy. a tuo patre.
(g.n.) (Ter. *Heauton.* IV, 6, 18 (v. 822)).

²⁶⁰ Cit. de: *et ut matrem audiui dicere*.” (g.n.) (Varr., *Log.*, 69.1). “e de modo que eu ouvi a mãe dizer”.

²⁶¹ Em uma pesquisa pelos textos de Varrão na base de dados do *PHI*, encontramos a ocorrência do vocábulo acima somente nas suas menipeias (fr. 35.1): *sed quod haec loca aliquid genunt* (g.n.) (Varr., *Men.* 36.1).

²⁶² Cit. de:

ipse ruit dentesque Sabellicus exacuit sus et pede prosubigit terram, fricat arbore costas atque hinc atque illinc umeros ad uulnera durat.
(g.n.) (Verg., *Georg.* III, 255 - 257, In. MYNORS, 1972).

²⁶³ Cit. de:

interea ad templum non aequae Palladis ibant crinibus Iliades passis peplumque ferebant suppliciter, tristes et tunsae pectora palmis;
(g.n.) (Verg., *Aen.* I, 479 – 481).

²⁶⁴ Cit. de:

[...]. *scio me Danais e classibus unum et bello Iliacos fateor petiisse penatis.*
(g.n.) (Verg., *Aen.*, III.602).

Virgílio	293 ²⁶⁵	<i>non ego cum Danais</i>	<i>Aen.</i> IV.425
Virgílio	293 ²⁶⁶	<i>modo Iuppiter assit</i>	<i>Aen.</i> III. 116
Virgílio	293 ²⁶⁷	<i>si duo praeterea</i>	<i>Aen.</i> XI, 285
Virgílio	311 ²⁶⁸	<i>huc ades, o Linae</i>	<i>Georg.</i> , II, 4-7
Virgílio	410 ²⁶⁹	<i>hortor amare focos</i>	<i>Aen.</i> , III, 134
Virgílio	411 ²⁷⁰	<i>sed si tantus amor casus cognoscere nostros</i>	<i>Aen.</i> , II, 10-13
Virgílio	411 ²⁷¹	<i>et cantare pares et respondere parati</i>	<i>Ecl.</i> 7.1-5
Virgílio	446 ²⁷²	<i>hastamque receptat ossibus haerentem</i>	<i>Aen.</i> , 10.380-384

²⁶⁵ Cit. de:

[...]:
non ego cum Danais Troianam excindere gentem
Aulide iuravi classemue ad Pergama misi,
 [...]?
 (g.n.) (Verg., *Aen.*, IV.425).

²⁶⁶ Cit. de:

Nec longo distant cursu: modo Iuppiter adsit,
tertia lux classem Cretaeis sistet in oris.'
 (g.n.) (Verg., *Aen.*, III. 116).

²⁶⁷ Cit. de:

[...].
Si duo praeterea talis Idaea tulisset
terra uiros, ultro Inachias uenisset ad urbes
Dardanus, et uersis lugeret Graecia fatis.
 (g.n.) (Verg., *Aen.*, XI, 285-287)

²⁶⁸ Cit. de:

[...].
huc, pater o Linae: tuis hic omnia plena
muneribus, tibi pampineo grauidus autumnno
floret ager, spumat plenis uindemia labris;
 (g.n.) (Verg., *Georg.*, II, 4-7).

²⁶⁹ Cit. de:

Ergo audius muros optatae molior urbis
Pergameamque uoco, et laetam cognomine gentem
hortor amare focos arcemque attollere tectis.
 (g.n.) (Verg., *Aen.*, III, 134).

²⁷⁰ Cit. de:

Sed si tantus amor casus cognoscere nostros
et breuiter Troiae supremum audire laborem,
quamquam animus meminisse horret luctuque refugit,
incipiam.
 (g.n.) (Verg., *Aen.*, II, 10-13).

²⁷¹ Cit. de:

Forte sub arguta consederat ilice Daphnis,
compulerantque greges Corydon et Thyrsis in unum,
Thyrsis ouis, Corydon distentas lacte capellas,
ambo florentes aetatibus, Arcades ambo,
et cantare pares et respondere parati.
 (g.n.) (Verg., *Ecl.* 7.1-5).

²⁷² Cit. de:

Obuius huic primum fati adductus iniquis
fit Lagus. hunc, uellit magno dum pondere saxum,
intorto figit telo, discrimina costis
per medium qua spina dabat, hastamque receptat
ossibus haerentem. [...].
 (g.n.) (Verg., *Aen.*, 10.380-384).

APÊNDICE E – Mapas em barras das categorias de mudanças de alfabeto justapostos

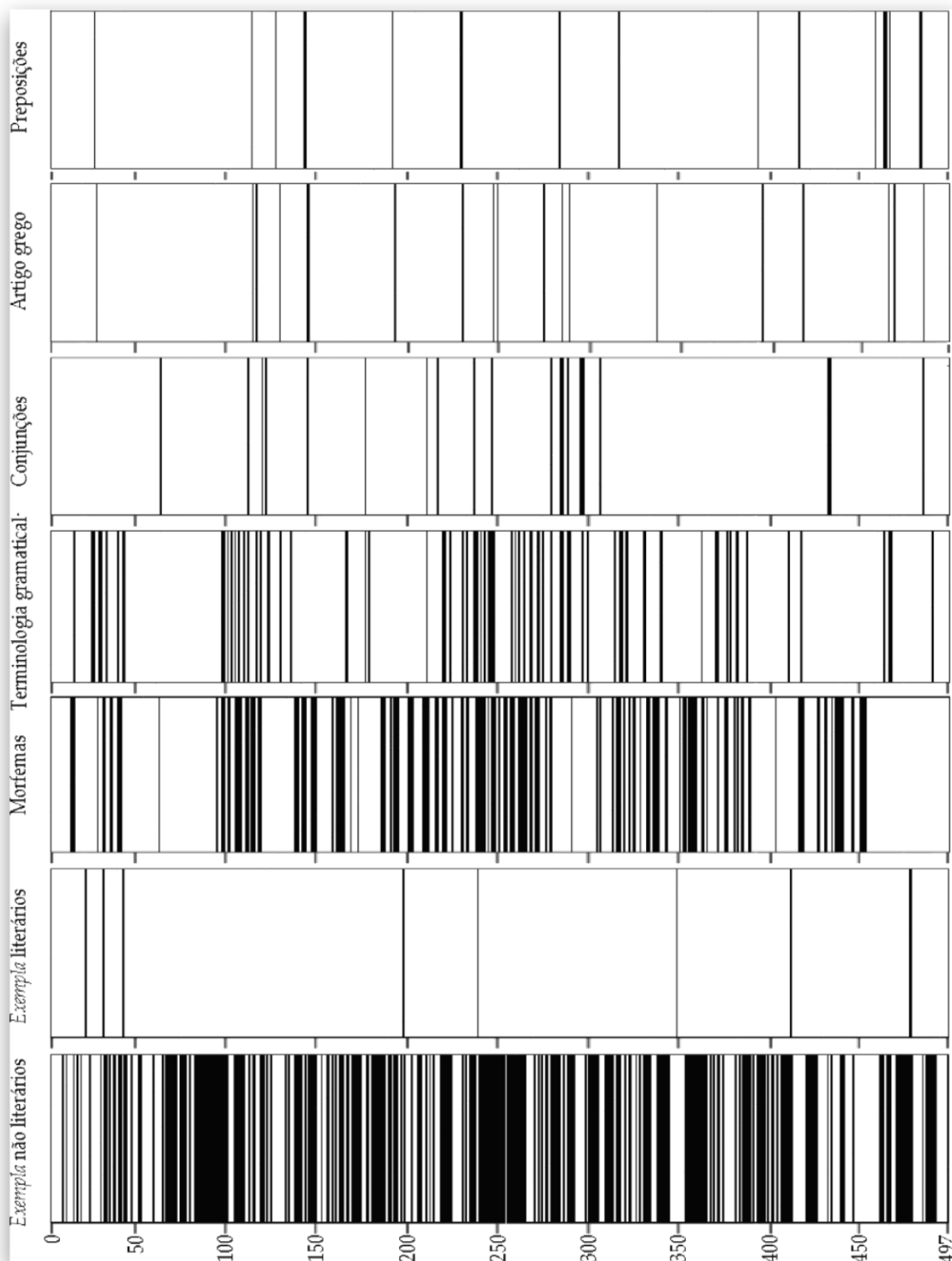


Diagrama 15 - Mapas em barras da localização de todas as categorias justapostas.

ANEXO A – Corpus segmentado²⁷⁴

MACROBIUS AMBROSIUS THEODOSIUS DE DIFFERENTIIS ET SOCIETATIBUS GRAECI LATINIQUE VERBI

- 1 **Praefatio**
- 2 *Graecae Latinaeque linguae coniunctissimam cognationem natura dedit.*
- 3 *Nam et isdem orationis partibus absque articulo, quem Graecia sola sortita est, isdem paene observationibus figuris constructionibus uterque sermo distinguitur, ut ‘propemodum qui utramvis artem didicerit ambas nouerit’.*
- 4 *In multis tamen differunt et quasdam proprietates habent, quae Graece idiomata uocantur.*
- 5 **I - De uerborum utriusque linguae differentiis uel societatibus**
- 6 *Accidunt uerbis utriusque linguae persona numeri figura coniugatio tempus modus, quem Graeci enclisin uocant, Latini cum formis in qualitate posuerunt, genus, quod apud graecos diathesis nuncupatur.*
- 7 *Eandem paene cum casibus constructionem seruant, ut misereor illius, parco illi, ueneror illum, φροντίζω τοῦδε, πείθομαι τῷδε, φιλῶ τόνδε.*
- 8 *Ablatiuum Graecia non recipit.*
- 9 *Eadem illis personarum similitudo: prima uoco, secunda uocas, tertia uocat, καλῶ καλεῖς καλεῖ.*
- 10 *In numeris una dissensio est, quod δυϊκόν, id est dualem, nulla Latinitas admisit, Graeci uero in uerbis nominibusque δυϊκά uidentur habere.*
- 11 **II - De figuris**
- 12 *Figurae ambobus non sine discretionem pares.*
- 13 *Nos dicimus curro percurro, illi τρέχω διατρέχω.*
- 14 *Quattuor quoque modis et haec et illa conponuntur, ex duobus integris produco, ex integro et corrupto perficio, ex corrupto et integro accedo, ex duobus corruptis occipio.*
- 15 *Similiter ἐκ δύο τελείων συντρέχω, ἐκ τελείου καὶ ἀπολείποντος προσκυνῶ, ἐξ ἀπολείποντος καὶ τελείου συμβάλλω, ἐκ δύο ἀπολείπόντων κωμωδῶ.*
- 16 *Sunt quaedam conposita quae non possunt resolui, ut suspicio conplector [ita apud illos τὸ μὲν συντρέχω].*
- 17 *Sunt apud graecos admissa post conpositionem, cum essent simplicia non recepta: νομῶ nihil significat, tamen οἰκο<νο>μῶ dicitur: similiter δομῶ et δομεύω, οἰκοδοῶ et βυσσοδομεύω conponuntur.*
- 18 *Ita facior et grego non dicunt<ur>, conficior uero et afficior et congreco probe dicunt<ur>.*
- 19 *Vtrique uerbo binae praepositiones iunguntur:*
- 20 *Homerus προπροκυλινδόμενος, Vergilius «pede prosubigit terram».*
- 21 *Latinitas conpositi uerbi saepe primam syllabam mutat, teneo contineo; saepe non mutat, lego neglego.*
- 22 *In Graeco uerbo numquam prima syllaba adiecta praepositione uiolatur, βάλλω ἀμφιβάλλω διαβάλλω καταβάλλω, ἄγω συνάγω προάγω διάγω, φέρω προφέρω διαφέρω ἀναφέρω, δέρω ἐκδέρω, φιλῶ καταφιλῶ.*
- 23 *Vltro equidem intemerato uerbo praepositio saepe corrumpitur, λέγω συλλέγω, βάλλω συμβάλλω, τρέχω ἐκτρέχω.*
- 24 *Hoc item in Latinis, fero efero.*
- 25 *Aufugio et aufero a praepositione ab conponuntur, et in his solis ab mouetur in <au> auctore Cicerone, sensumque habent retrorsum trahendi.*
- 26 *Nigidius tamen putat uerbum autumo <ex> eadem praepositione conponi, quasi ab et estimo, sicut abnumero idem est et numero.*
- 27 *Autumo uero et dico et censeo significat.*
- 28 *Graeca uerba, quando conponuntur cum praepositione, eundem accentum sine dubio seruant, καταγράφω, περιφέρω, ἀναγλύφω, ὑπομένω, διατρέχω, καταλαλῶ, προορῶ.*
- 29 *Cum uero eis alia pars orationis adiungitur, modo mutant priorem, modo tuentur accentum.*
- 30 *Seruant in his, τίω ἀτίω, ὄσσω κακόσσω, unde κακοσσομένος, νίπτω χερνίπτω, unde et «χερνίψαντο δ’ ἔπειτα», κιθαρίζω χοροκιθαρίζω.*
- 31 *In aliis mutant, γλύφω καλαμογλυφῶ, γράφω χειρογραφῶ, σθένω εὐσθενῶ, σέβω εὐσεβῶ.*
- 32 *Latini similiter seruant, praepono praecurro; mutant, colligo affero.*

²⁷⁴ A edição que se segue é a de H. Keil, *GL V*, 599-629.

- 33 *apud latinos nulla praepositio adiuncta mutat coniugationem, clamo clamas, declamo declamas; Graeci non numquam in conpositione mutant coniugationem, συλῶ συλᾶς, ιεροσυλῶ ιεροσυλεῖς, τιμῶ τιμᾶς, ἀτιμῶ ἀτιμοῖς, πειρῶ πειρᾶς, ἐμπειρῶ ἐμπειρεῖς, licet sint qui dicant haec non σύνθετα, sed παρασύνθετα, id est non ipsa conposita, sed ex conpositis facta nominibus, ut ιεροσυλῶ non sit ἀπὸ τοῦ συλῶ, sed ἀπὸ τοῦ ιερόσυλος, et ἀτιμῶ non ἀπὸ τοῦ τιμῶ, sed ἀπὸ τοῦ ἄτιμος, et ἐμπειρῶ non ἀπὸ τοῦ πειρῶ, sed ἀπὸ τοῦ ἔμπειρος.*
- 34 *Et haec uocant παρασύνθετα quae ex συνθέτοις, id est ex conpositis, ueniunt.*
- 35 *Nam ἀβλεπτῶ non ἀπὸ τοῦ βλέπω deriuatum est (ceterum τ non haberet), sed ἀπὸ τοῦ ἄβλεπτος.*
- 36 *Contra χειροκοπῶ non ἀπὸ τοῦ κόπτω (ceterum τ haberet), sed ἀπὸ τοῦ χειροκόπος.*
- 37 *Vnde haec nomina σύνθετα uocant et uerba ex ipsis facta παρασύνθετα.*
- 38 *Sunt alia conposita quae foris declinantur, καθαρωδῶ ἐκιθαρώδουν, δημηγορῶ ἐδημηγόρουν, παιδαγωγῶ ἐπαιδαγώγουν, δυσφορῶ ἐδυσφόρουν.*
- 39 *Intus uero declinantur καταγράφω κατέγραφον, περιτρέχω περιτρέχον, διαβάλλω διέβαλλον, quae imperatiuo faciunt κατάγραφε περίτρεχε διάβαλλε.*
- 40 *Accentus autem de uerbo non tolleretur, nisi ei praecedentem partem orationis conpositio agglutinasset.*
- 41 *Quod euenit et in aliis uerbis, in quibus modo longi temporis pondus priorem retinet accentum, modo correpti leuitas sursum repellit: ἐνήσαν ἔνεσαν· «πολλοὶ δ' ἔνεσαν στονόεντες οἴστοι»· ἀνήσαν ἄνεσαν, «ἀλλ' ὅτε δὴ ῥ' ἄνεσαν»· κατεῖχε κάτεχε, «νὺξ δὲ μάλα δνοφερὴ κάτεχ' οὐρανόν»: item συνῆψα σύναψον, συνῆξα σύναξον, συνεῖλον σύνελε, συνῆλθον σύνελθε· οὕτως καὶ προεῖπον πρόειπε.*
- 42 *Memineris nullam fere inueniri apud latinos praepositionem quae nihil addat sensui, sicut apud graecos saepe praepositio nullam sensus facit permutationem: hoc est enim εὔδω quod καθεύδω, hoc est ἔζομαι quod καθέζομαι, hoc μῦω quod καμμῦω.*
- 43 *Sicut surgo et consurgo.*
- 44 **III - De coniugationibus**
- 45 *apud graecos eorum uerborum, in quorum prima positione circumflexus accentus ultimam syllabam tenet, tres sunt coniugationes, quibus discretionem facit secunda persona, quam prima coniugatio habet in εις diphthongum desinentem, ut λαλεῖς, secunda in αις, cui ascribitur quidem ι, sed nihil sono confert, ut τιμᾶς, tertia in οις diphthongum, ut στεφανοῖς.*
- 46 *Eorum uero uerborum, in quorum prima positione grauis accentus paenultimam syllabam signat, sex sunt coniugationes.*
- 47 *Sed in his non secunda persona discretionem facit, quippe cum in omnibus secunda persona in εις diphthongum finiatur.*
- 48 *Sed harum coniugationum in prima persona differentiae deprehenduntur, quaeritur enim in prima positione uerbi cuiusque, quae litterae praecedant ω finalem litteram uerbi.*
- 49 *Et si inueneris ante ω β φ π πτ, λειβω γράφω τέρπω κόπτω, primae coniugationis pronuntiabis; si autem reppereris γ κ χ, λέγω πλέκω τρέχω, secundam uocabis: quodsi δ θ τ, ἄδω πλήθω ἀνύτω, tertiam dices: quarta erit, si habuerit ζ ἦ δύο σσ, φράζω ὀρύσσω: si uero fuerint liquidae λ μ ν ρ, πάλλω νέμω κρίνω σπείρω, quintam notabunt: sexta profertur διὰ καθαροῦ τοῦ ω, ῥέω θεραπεύω.*
- 50 *Non nulli et septimam esse uoluerunt praecedentibus ξ ψ, ἀλέξω ἔψω.*
- 51 *apud latinos, quorum nullum uerbum in finalem syllabam admittit accentum, cessant differentiae quas apud graecos circumflexus grauisue fecerunt, quorum alterum in uerbis ultimae, alterum paenultimae Graeciam diximus deputasse.*
- 52 *Restat igitur Latinitati in his unus accentus, grauem dico, qui solus Romana uerba sortitus est; sed hoc proprium in uerbis Latinis habet, quod non semper, ut apud graecos, ubi fuerit, in paenultimam syllabam cadit, sed saepe et a fine tertiam tenet, ut aggero refero.*
- 53 *Quod apud Graecos non potest euenire, apud quos in communi lingua fieri non potest, ut, cum finalis syllaba longa est, tertius a fine habeatur accentus.*
- 54 *Ω autem naturaliter longum est.*
- 55 *Ergo numquam accentus in huius modi uerbis apud illos in tertium gradum syllabarum recedit.*
- 56 *Singula tempora Graecorum uerborum non simpliciter, sicut Latinitas compendio utitur, proferuntur.*
- 57 *Et ut exempli causa unius uerbi declinatio notetur, τύπτω perfectum facit τέτυπα, et sequitur altera eiusmodi temporis declinatio, quod medium perfectum uocant, τέτυπα: item plusquamperfectum ἐτέτυπειν, medium plusquamperfectum ἐτέτυπειν· ἀορίστου ἔτυπα, μέσου ἀορίστου ἔτυπον: futurum primum facit τῦψω, futurum secundum τυπῶ.*
- 58 *Similiter in passiuo uariantur tempora.*
- 59 **IV - De tempore praesenti**

- 60 *Graecorum uerba omnia quae in ω exeunt, seu perispomena seu barytona sint, in quacumque coniugatione eundem tam in prima quam in secunda persona seruant numerum syllabarum.*
- 61 *Omnia uero in μαι terminata uaria syllabarum uicissitudine pensantur.*
- 62 *porro praesens omne tempus quod in μαι terminatur omni modo in secunda persona unam syllabam minuit, φιλοῦμαι φιλή, τιμῶμαι τιμᾶ, στεφανοῦμαι στεφανοῖ, λέγομαι λέγη, γράφομαι γράφη, cum in actiuo pares syllabas utraque persona seruauerit.*
- 63 *Item apud graecos praesens tempus primae positionis, quod in ω exit, alios modos de se generat.*
- 64 *Nam tertia persona eius adhibito sibi ν facit ex se infinitiuum modum, ποιεῖ ποιεῖν, τιμᾶ τιμᾶν, χρυσοῖ χρυσοῦν: tertia enim coniugatio περισπωμένων οι diphthongum in prima positione tantum tenet, in reliquis autem uerbi declinationibus mutat eam in ου.*
- 65 *Sed et in barytonis eadem infiniti modi creandi obseruatio reperitur, τύπτει τύπτειν, λέγει λέγειν et cetera.*
- 66 *Nec non et imperatiuum modum eadem tertia persona de se creat, in perispomenis quidem accentu ad superiorem syllabam translato, ποιεῖ ποιεῖ, τιμᾶ τίμα, χρυσοῖ χρῦσοι, in barytonis autem subtracto ι, λέγει λέγε, γράφει γράφε, ἄρχει ἄρχε.*
- 67 *In coniunctiuo modo nihil omnino mutatur, sed prima persona praesentis temporis modi indicatiui eadem <est> in coniunctiuo modo prima persona praesentis, ποιῶ ἐὰν ποιῶ, βοῶ ἐὰν βοῶ, θέλω ἐὰν θέλω, γράφω ἐὰν γράφω.*
- 68 *Verum differentiam facit secunda persona, ποιῶ ποιεῖς, ἐὰν ποιῶ ἐὰν ποιῆς.*
- 69 *Item apud graecos prima persona praesentis adiecto sibi ν facit participium, λαλῶ λαλῶν, γράφω γράφων.*
- 70 *Praesens tempus Graecorum uerborum quod in μαι syllabam terminatur in περισπωμένους quidem, si abiciat μαι syllabam, facit imperatiuum, φιλοῦμαι φιλοῦ, τιμῶμαι τιμῶ, χρυσοῦμαι χρυσοῦ, in barytonis uero, si abiecta μαι syllaba accipiat υ litteram, λέγομαι λέγου, γράφομαι γράφου.*
- 71 V - De praeterito imperfecto**
- 72 *Graeca uerba omnia, seu barytona siue perispomena, in tempore imperfecto eandem habent primam personam numeri singularis quam tertia<m> pluralis, ἐποίουν ἐγώ, ἐποίουν ἐκεῖνοι.*
- 73 *Item in Graecis uerbis omnibus quorum positio prima in ω desinit imperfectum tempus ultimam syllabam suam ab his incipere litteris facit, a quibus ultima syllaba praesentis coepit, τιμῶ ἐτίμων, γράφω ἔγραφον, τρέχω ἔτρεχον, aut, si uocalis sola illic fuit, et hic in capite ultimae syllabae uocalis erit, ποιῶ ἐποίουν, θεραπεύω ἐθεράπευον.*
- 74 *Omne Graecorum imperfectum actiuum uel actiuo simile in ν litteram desinit: sed barytona in breuem syllabam finiuntur, id est in ου semper, ἔτρεχον ἔγραφον: perispomena uero uel a uerbis in μι exeuntibus longa terminantur, ἐκάλουν ἐτίμων ἐδήλουν ἐτίθην.*
- 75 *Denique ῥίπτω, quia modo acuto modo circumflexo accentu pronuntiat, et ἔρριπτον et ἔρρίπτον facit; κύω propter eandem causam et ἔκυνον et ἐκύουν.*
- 76 *Et hoc etiam obseruandum, ut aut imperfectum retineat numerum syllabarum quem praesens habet aut crescat una.*
- 77 *Manet aequalitas in illis quorum praesens a uocali coepit, incrementum patiuntur quorum praesens a consonante inchoat, ἄγω ἤγον, λέγω ἔλεγον.*
- 78 *Nec sine ratione: nam quae syllaba non crescunt adiectione temporis crescunt, dum incipientem uocalem de breui longum faciunt, ut ἄγω, α breuis mutata est in η longam, ἤγον.*
- 79 *Saepe tamen licentia poetica incremento carent.*
- 80 *Non numquam prima ipsa uocalis, si breuis est, immobilis manet, sed uocalem alteram recipit, ut iunctae longam faciant syllabam, ἔχω εἶχον, ἔλκω εἶλκον, ἔρω εἶρπον.*
- 81 *Aliquotiens nec mutata nec altera recepta quae fuit ipsa producit, ἰδρῶ ἰδρουν, ὑδρεῶ ὑδρευον ι et υ in praesenti correpta, in imperfecto uero longa pronuntiat.*
- 82 *Υιοθετῶ autem manet ut fuit, υιοθέτουν, quia non potuit habere quo cresceret: in praesenti enim longa fuit diphthongi priuilegio: licet in diphthongis maxime communibus permutatio sit recepta in diphthongos longiores, ut αι et οι quia communes sunt et non numquam pro breuibis habentur, in η aut in φ mutantur, αἰνῶ ἤνουν, οἰκῶ ὄκουν.*
- 83 *Nec me praeterit etiam αυ diphthongum, quae numquam pro communi habita est, solere mutari, αὐλῶ ἠῦλουν, αὐχῶ ἠῦχουν, licet ου et ει immutabiles maneant, οὐρῶ οὔρουν, οὐτάζω οὔταζον, εἰκονίζω εἰκόνιζον, εἰκάζω εἰκαζον· τὸ γὰρ ἤκαζον Ἀττικόν.*
- 84 *Ω et η multo constantius manent, quod incrementum perfectio tanta non recipit, ὠνοῦμαι ὠνούμην, ἠχῶ ἠχουν.*
- 85 *Excipiuntur ἐορτάζω et ὀψειω.*
- 86 *Cum enim apud graecos omnia imperfecta numquam medias, sed tantum ultimam uel primam moueant, illorum alterum solam mediam mouit, ἐώρταζον, cum ἠόρταζον facere debuisset, alterum et primam et mediam, ὀψειω ὄψεον.*

- 87 Ὅρῳ enim et ἑώρων non sunt contra regulam, quia ὅρῳ cum ὄρων facere debuit, ex abundantia principio ε addita est, et fecit pro ὄρων ἑώρων, ut οἰνοχοῶ ὄνοχόουν, et tamen dicitur ἑφνοχόουν, et pro ἦν ἦην dicunt.
- 88 Non solum in uerbis haec superuacua adiectio, sed etiam in nominibus usurpata est, ἔδνα ἔεδνα et similia.
- 89 Ἀναβαίνω et ἐπέχω non primam, sed secundam syllabam mutauerunt, quia prima non uerbi, sed praepositionis est: uerba enim sunt βαίνω ἔχω et faciunt ἔβαινον εἶχον, inde ἀνέβαινον ἐπέχον.
- 90 Ἀναισχυντῶ mutauit primam, ἠναισχύντουν, quia ex nomine conpositum est, id est ῥῆμα ὀνομαστικόν, ἀναισχυντος ἀναισχυντῶ.
- 91 Verba autem ex conpositis nominibus parasyntheta uocantur et a prima syllaba declinantur, ut φίλιππος φιλιππίζω ἐφιλιππιζον: licet non ignorem quod σύμμαχος et συνήγορος conposita sint nomina et ex se faciant uerba parasyntheta, συμμαχῶ συνηγορῶ, quae tamen non foris, sed intus declinantur, συμμαχῶ συνεμάχουν, συνηγορῶ συνηγόρουν: sed hoc ideo, quia praepositio hic habet significationem suam.
- 92 Ceterum ubi nullus ex praepositione sensus accedit, foris declinatur imperfectum, id est adicitur illi uocalis, tamquam praesens tempus incipiat a consonanti, καθίζω ἐκάθιζον, καθεύδω ἐκάθευδον: hoc est enim ἴζω quod καθίζω, hoc εὔδω quod καθεύδω, quia praepositio nihil significat.
- 93 Vbi uero additur ex praepositione sensus, tunc in declinatione imperfecti quaerimus, unde incipiat uerbum ipsum sine praepositione; et si uerbum a uocali incipit, quamuis praepositio habeat consonantem, uerbi tamen uocalem ex breui mutamus in longam, ut συνάγω συνῆγον, quia aliud est ἄγω, aliud συνάγω.
- 94 Item si praepositio quae sensum confert incipiat a uocali incipiente uerbo a consonante, imperfectum manente eadem nec mutata praepositionis uocali aliam addit consonanti uerbi uocalem, ut est ἐπνχάιρω ἐπέχαιρον, quia aliud est, ἐπνχάιρω, aliud χαιρώ.
- 95 Sane hoc obseruatur, ut uocalis quae additur consonanti breuis sit, quia non potest ultra unum tempus excrescere, λέγω ἔλεγον, λέγομαι ἐλεγόμην.
- 96 Vnde βούλομαι et δύναμαι secundum communem regulam ex se faciunt ἐβουλόμην ἐδυνάμην: sed quod saepe legimus ἡβουλόμην ἡδυνάμην Attica licentia est.
- 97 Vltima quoque syllaba imperfecti non nihil diuersitatis habet, ut in perispomenis prima et tertia in ον mittant, ἐποίουν ἐχρύσουν, secunda in ων, ἐβῶων, quae fiunt in passiuo uel passiuo similibus ἐποιούμην ἐχρυσούμην ἐβῶώμην.
- 98 Apud Graecos solus definitiuus modus praesens ab imperfecto disiungit, ceteri omnes modi iungunt, ut φιλῶ ἐφίλουν: at in imperatiuo φίλει praesens et imperfectum confunditur; similiter in coniunctiuo ἐάν φιλῶ et in optatiuo εἰ φιλοῖμι et in infinitiuo φιλεῖν utrumque simul tempus appellant.
- 99 VI - De tempore perfecto**
- 100 Perfectum tempus apud graecos non a praesenti, sed a futuro figuratur.
- 101 Nec sine ratione: omne enim quod factum est prius faciendum fuit.
- 102 In Graecis omne perfectum aut syllaba aut uno tempore maius prima positione sui profertur, ut λέλυκα ὄπτηκα.
- 103 Nec <te> moueat quod πεποίηκα uel πεφίληκα et similia non una, sed duabus syllabis primam uerbi uincunt positionem.
- 104 Diximus enim primam perfecti positionem non esse praesens, sed futurum, quod una, non duabus syllabis, superant, ut ποιήσω πεποίηκα, φιλῆσω πεφίληκα.
- 105 Hoc etiam argumento probatur: nam cum numquam perfectum tempus a prima positione sui et syllaba crescat et tempore, sed tantum altero, restat ut ὄπτηκα ἡγάπηκα, si a praesentibus facta sunt ὀπτῶ ἀγαπῶ, et syllaba maiora inueniantur et tempore, quod fieri per regulam non potest; a futuro igitur ueniunt, ὀπτήσω ὄπτηκα et ἀγαπήσω ἡγάπηκα, primae uocalis correptae productione facta.
- 106 Item cum numquam perfectum a consonanti incipiens par origini suae sit numero syllabarum, aduersabitur regulae omne perfectum τῶν εἰς μι, quia parem praesenti syllabarum numerum tenet, δίδωμι δέδωκα, τίθημι τέθεικα.
- 107 Sed non ita est: δώσω enim δέδωκα fecit et θήσω τέθεικα et creuit syllaba.
- 108 Numquam apud graecos perfectum minus praesenti uel futuro inuenitur.
- 109 Item cum praesens a uocali incipit, omni modo in praeterito mouetur in longam.
- 110 Numquam apud graecos praeteritum perfectum in duabus syllabis inuenitur, sed est interdum sex syllabarum, ut πεπολεμάρχηκα, est quinque, πεπολέμηκα, est quattuor, πεποίηκα, est trium, λέλυκα, nec unquam inuenies trisyllabo minus.

- 111 *Necesse est enim ut prima syllaba declinationis sit, ut λε, secunda originis, ut λυ, tertia finalis, ut κα.*
- 112 *Quicquid igitur plus fuerit, ad mediam syllabam, quae quidem originis est, refertur; declinatio uero et finis singulas possident, ut est πεφίληκα, πε declinationis, φίλη originis, κα finis.*
- 113 *Ergo παρακείμενος, id est perfectum, minus trisyllabo non inuenitur excepto οἶδα, quod bisyllabum est et παρακείμενος.*
- 114 *Nec mirum, cum hoc uerbum in multis regulae resistat.*
- 115 *Nullum namque perfectum hoc excepto ab οι diphthongo inchoare reperies.*
- 116 *Item cum prima uerbi positio ει diphthongo inchoat, in nullo tempore mutatur: huius uerbi origo, id est εἶδω, mutauit ει in ου.*
- 117 *Quotiens perfectum a longa oritur, necesse est plusquamperfectum ab eadem semper incipere, quod hoc uerbum neglegit: nam plusquamperfectum εἶδεν est, cum perfectum οἶδα sit.*
- 118 *Deinde omne participium in ως desinens solam ultimam syllabam in ἄλφα mutando idem tempus efficit, γεγραφεκώς γεγράφηκα, λελυκώς λέλυκα: εἰδώς autem non facit εἶδα, sed οἶδα.*
- 119 *Solus igitur iste παρακείμενος uitiis obsessus non nocebit.*
- 120 *omne uerbum Graecum, si in praesenti a simplici excepto ρ incipit consonante, primam in tempore perfecto syllabam geminat, γράφω γέγραφα, λέγω λέλεχα, nec talis geminatio praepositionis adiectu impeditur, προκομίζω προκεκόμικα, συγγράφω συγγέγραφα.*
- 121 *Omne perfectum tempus in perispomenis uel solum primum in barytonis desinit aut in κα aut in φα aut in χα, τετήρηκα γέγραφα πέπληχα, adeo ut omne paene uerbum similitudinem declinationem sequatur, τηρῶ τηρεῖς, χωρῶ χωρεῖς, τετήρηκα κεχώρηκα: γράφω γράφεις, τρέφω τρέφεις, γέγραφα τέτραφα: πλήττω πλήττεται, τάττω τάττεται, πέπληχα τέταχα.*
- 122 *Nec te moueat quod, si Graecum uerbum incipiat ab una de his litteris quas δασέα σύμφωνα uocant, cum ad geminationem uenitur, non δασύ iteratur, sed αντίστοιχον eius, θαρρῶ τεθάρρηκα, φονεύω πεφόνευκα, χρίω κέχρικα.*
- 123 *in Latinis uero eadem littera geminatur, fallo fefelli.*
- 124 *F enim apud Latinos δασύ non est, quia nec habent consonantes δασείας, et F digamon est Αιολέων, quod illi solent magis contra uim aspirationis adhibere: tantum abest ut pro φ habendum sit.*
- 125 *Ipsam autem φ adeo Latinitas non recipit, ut pro eo etiam in Graecis nominibus p et h utatur, ut Philippus Phaedon.*
- 126 *Frigeo frixi facit a secunda coniugatione, frigo uero frixi a tertia, unde frixum frixorium, id est calefactorium.*
- 127 *Similiter aceo aces acui, unde inchoatiuum acesco, et acuo acuis acui; fero tuli et tollo tuli, sustulo sustuli adtuli: Accius uero in Andromeda etiam ex eo quod est tulo quasi a themate tulat declinat, «nisi quia tua facultas nobis tulat operam»: uertor et uerror uersus sum; patior et pandor passus sum, non paesus: Vergilius «passis crinibus»: explico explicui, quia plico plicui; sed Cicero pro Tullio «explicauit» ait.*
- 128 **VII - De plusquamperfecto**
- 129 *In Graecis uerbis quae in ω exeunt omne perfectum tempus mutat in fine α in ειν et facit plusquamperfectum, quod illi ὑπερσυντελικόν uocant.*
- 130 *In capite uero, si perfectum a uocali incipit, ab eadem uocali et plusquamperfectum incipiat necesse est, ἔφθαρκα ἐφθάρκειν, εἴρηκα εἰρήκειν: si uero initium perfecti consonans fuerit, tunc ὑπερσυντελικός ab adiecta sibi uocali incipit, πεποίηκα ἐπεποιήκειν, γέγραφα ἐγεγράφειν.*
- 131 *Nec inmerito: bina enim tempora, ut et supra diximus, naturalis quaedam cognatio copulauit, cum praesenti imperfectum, cum perfecto plusquamperfectum, cum aoristo Graecorum futurum.*
- 132 *Ideo apud illos sicut incipiente praesenti a uocali imperfectum similiter a uocali incipit, si uero praesens a consonante coepit, additur imperfecto uocalis, φθειρω ἔφθειρον, ita et plusquamperfectum simili obseruatione de initio perfecti cognati sibi leges assumit, excepto eo quod breuem quam in principio perfecti repperit non mutat in longam, sicut mutat imperfectum de capite praesentis acceptam, ἄγω ἤγον.*
- 133 *Post plusquamperfectum consequens erat ut de infinito tempore, id est περί ἀορίστου tractaremus; sed ideo praetermittimus, quia eo Latinitas caret.*
- 134 **VIII - De futuro**
- 135 *Tres sunt omnino syllabae quae in Graecis uerbis futuro tempore terminum faciunt: aut enim in σω exit aut in ξω aut in ψω, λαλήσω πράξω γράψω, nisi quod quinta βαρυτόνων ante ω liquidam suam retinet.*
- 136 *Item Graeca uerba, si perispomena sint cuiuscumque coniugationis, ultra numerum syllabarum praesentis augent una syllaba futurum, ποιῶ ποιήσω, τιμῶ τιμήσω, δηλῶ δηλώσω: barytona in*

- quacumque coniugatione eundem numerum seruant, λέγω λέξω, ἄγω ἄξω, ἐγείρω ἐγερω, ἦνιοχεύω ἦνιοχεύσω.*
- 137 *In Graecis Latinisque uerbis paenultima praesentis manet in futuro, ἀγαπῶ ἀγαπήσω, γὰ μᾶνσι; θεραπεύω θεραπεύσω, πεινῶ μᾶνσι; cogito cogitabo, γι μᾶνσι.*
- 138 *Si uerbum barytonon sit habens in praesenti μετάβολον ἀντὶ τοῦ ω, id est liquidam consonantem, tunc paenultima, quae in praesenti longa fuit, fit breuis in futuro, πλύνω πλυνῶ, κρῖνω κρινῶ, ἐγείρω ἐγερω.*
- 139 *Diximus perispomena augere una syllaba futurum, quia crescit ultima, φιλῶ φιλήσω, νικῶ νικήσω, στεφανῶ στεφανώσω.*
- 140 *Sed non semper sub eadem praecedentis litterae obseruatione succedit adiectio.*
- 141 *Nam in prima coniugatione ἀντὶ τοῦ η ἀντὶ τοῦ ε ἀντὶ τοῦ σω reperitur, πωλῶ πωλήσω, φορῶ φορέσω.*
- 142 *Et apud illos, quotiens in futuro ε ἀντὶ τοῦ σω ponitur, breuem esse praesentis paenultimam obseruatum est.*
- 143 *Nec tamen reciproca est necessitas, ut, quotiens breuis est paenultima praesentis, ε ἀντὶ τοῦ σω sit in futuro: ecce enim νοῶ νοήσω, φιλῶ φιλήσω.*
- 144 *Secunda coniugatio ἀντὶ τοῦ η ἀντὶ τοῦ σω in futuro habet, ut ὀπτῶ ὀπτήσω, ἀντὶ τοῦ α productum, ut περάσω, ἀντὶ τοῦ α correptum, ut γελάσω.*
- 145 *Deprehensumque est eorum futurorum ἀ ἀντὶ τοῦ ω ἀντὶ τοῦ ρ habet, ἐδῶ ἐάσω, περῶ περάσω, <in> contrarium non redeunte necessitate, siquidem χρῶ χρήσω facit et ἐγγυῶ ἐγγυήσω: illic uero corripi, ubi in praesenti ἀντὶ τοῦ ω λ inuenitur, γελῶ γελάσω.*
- 146 *Sed nec in hoc haec in se necessitas redit, κολλῶ κολλήσω.*
- 147 *Πεινάσω ἀντὶ τοῦ α ἀντὶ τοῦ δω Dorica sunt per solam litteram, non etiam per accentum: illi enim in omni futuro in ω desinente ultimam circumflectunt.*
- 148 *Tertia ἀντὶ τοῦ ω in paenultima futuri habet ἀντὶ τοῦ ο.*
- 149 *Sed hic certa distinctio est.*
- 150 *Nam uerba quae deriuatiua sunt ω habent; quae uero principalia nec ex alio tracta ο, τέκνον τεκνῶ τεκνώσω, στέφανος στεφανῶ στεφανώσω· ὁμῶ ἀντὶ τοῦ ο ἀντὶ τοῦ ομοῖς, quia non deriuatum est, ὁμῶσιν facit et ἀρῶ ἀροῖς ἀρόσω.*
- 151 *apud graecos non facile prima syllaba praesentis mutatur in futuro, quod praemissis patebit regulis.*
- 152 *Futurum apud illos ἀντὶ τοῦ α ἀντὶ τοῦ β in duobus locis mouetur, ἀντὶ τοῦ ω ἀντὶ τοῦ ο.*
- 153 *Ultimus duobus modis mouetur, ἀντὶ τοῦ ω ἀντὶ τοῦ α: litteris, ut γράφω γράψω, νύσσω νύξω, accentu, ut νέμω νεμῶ, δέρω δερῶ.*
- 154 *Et cum mouetur ultimus, non omni modo mouet paenultimum; motus autem paenultima omni modo ultimam mouet, ἀγείρω ἀγερω, μιáινω μιανῶ.*
- 155 *Hic enim et de paenultima subtracta est littera, et in ultimam cecidit accentus.*
- 156 *Nec non et πνίγω πνίξω, ἐρύκω ἐρύξω.*
- 157 *Mutata est et finalis in littera et quae antecedit in tempore, siquidem ι et υ uerborum supra dicatorum in praesenti quidem producuntur, corripiuntur autem in futuro.*
- 158 *Si ergo necesse est ut in barytonis uerbis quae habent in praesenti ἀντὶ τοῦ ω liquidam consonantem in futuro paenultima ex longa breuis fiat, ut ἀγείρω ἀγερω, μιáινω μιανῶ, sequitur ut, cum huius modi uerba bisyllaba reperiuntur, in quibus syllaba quae incipit ipsa est utique paenultima, tunc mutetur non quasi prima, sed quasi paenultima, κείρω κερῶ, σπείρω σπερῶ.*
- 159 *Ita fit ut apud graecos mutari non numquam futuri syllaba prima dicatur.*
- 160 *Item τρέφω primam litteram permutantes θρέψω faciunt et ἔχω ψιλόν, ἔξω δασύ pronuntiant.*
- 161 *Sed θρέψω quidem ut diceretur Ἴωνες obtinuerunt, quibus libido est aspirationem modo addere, modo demere: addere, ut τρέφω θρέψω et τρέχω θρέξω, demere, cum θριξ τριχός faciunt.*
- 162 *Ἐχω ἀντὶ τοῦ α ἀντὶ τοῦ ε circa aspirationem certa ratione dissentiunt, quia, cum fas esset utriusque aspirationem dari, ut ἔλκω ἔλξω, hanc τῶ ἔχω assignari necessitas illa non passa est, qua fieri non potest ut ulla uocalis praeposita χ litterae aspirationem habeat.*
- 163 *Denique υ, quia numquam sine aspiratione incipit, numquam χ litterae praepositur, ne alterius natura uioletur, ἀντὶ τοῦ υ, si incipiat sine aspiratione, ἀντὶ τοῦ χ, si qua uocalem cum aspiratione sustineat.*
- 164 *Futurum ergo ἔξω, subducta aspiratione necessitate χ litterae, spiritum uehementiorem aut recepit aut tenuit.*
- 165 *In non nullis uero uerbis in μι exeuntibus fit primae syllabae non permutatio, sed amissio, ut τίθημι θήσω, δίδωμι δώσω, κίχρημι χρήσω.*
- 166 **IX - De praesenti tempore passiuo**

- 167 *Omne praesens tempus apud graecos in ω desinens modi indicatiui generis actiui uerbi perispomeni, si secundae coniugationis sit, adhibet fini suo μαι syllabam et facit de se passiuum, βοῶ βοῶμαι, τιμῶ τιμῶμαι: si uero sit primae uel tertiae, ω in ου mutato et accepta similiter μαι passiuum creat, φιλῶ φιλοῦμαι, χρυσῶ χρυσοῦμαι.*
- 168 *Permutationem autem ω in ου de circumflexo accentu nasci indicio est futurum linguae Doricae, quod hanc permutationem, cum in alterum genus transit, sibi uindicat, ποιησῶ ποιησοῦμαι, λεξῶ λεξοῦμαι.*
- 169 *At in barytonis omnibus in ο mutato et adiecta μαι passiuum figuratur, λέγω λέγομαι, τύπτω τύπτομαι, ἠνιοχεύω ἠνιοχεύομαι.*
- 170 *Ita ergo breuiter definiteque dicendum est: omne praesens passiuum habet in paenultima aut ω aut ου aut ο, τιμῶμαι φιλοῦμαι γράφομαι; quae aliter habuerint, ex illis uerbis sunt, quorum prima positio in μι exit, quae semper passiui paenultimam breuem faciunt, ut τίθεμαι ἴσταμαι δίδομαι.*
- 171 *Item ex secunda uel tertia coniugatione eadem est secunda persona passiui, quae actiui tertia, νικᾷ ἐκείνος, νικᾷ σύ, στεφανοῖ ἐκεῖνος, στεφανοῖ σύ.*
- 172 *Item praesens quod in μαι desinit, seu perispomenon seu barytonon et cuiuscumque coniugationis sit, praeter illa quorum prima positio in μι exit, secundam personam una syllaba minorem profert, λαλοῦμαι λαλῆ, τιμῶμαι τιμᾶ, στεφανοῦμαι στεφανοῖ, λέγομαι λέγη, θεραπεύομαι θεραπεύη.*
- 173 X - De tempore minusquamperfecto passiuo**
- 174 *Minusquamperfectum passiuum apud graecos duobus nascitur modis.*
- 175 *Aut enim omne praesens tempus passiuum mutata in fine αι diphthongo in ην cum adiectione temporis crescentis in capite facit ex se minusquamperfectum, ἄγομαι ἠγόμην, τρέφομαι ἐτρεφόμην: aut minusquamperfectum actiuum ante ultimam litteram suam inserit μη et facit ex se passiuum, ἐποίουν ἐποιούμην, ἔγραφον ἔγραφόμην.*
- 176 *apud graecos minusquamperfectum passiuum minorem syllaba in uerbis omnibus profert secundam personam praeter illa quae in μι exeunt, ἐποιούμην ἐποιοῦ, ἐτιμῶμην ἐτιμῶ, ἐδηλούμην ἐδηλοῦ, ἐλεγόμην ἐλέγου.*
- 177 XI - De perfecto et plusquamperfecto passiuo**
- 178 *Perfectum actiuum quod in κα desinit, si habuerit paenultimam natura longam, transfert finalem syllabam in μαι et facit de se passiuum, νενόηκα νενόημαι, τετίμηκα τετίμημαι, κεχρύσωκα κεχρύσωμαι.*
- 179 *Si uero paenultima breuis sit, σίγμα superaddit ultimae (oportet enim paenultimam in hoc tempore aut natura aut positione longam fieri), τετέλεκα τετέλεσμαι, γεγέλακα γεγέλασμαι, ἦροκα ἦροσμαι.*
- 180 *Denique et in sexta uerbi barytoni, quia interdum in illa paracimenes habet paenultimam longam, interdum breuem, ubi longa est, tantum mutat κα in μαι; ubi uero breuis est, addit et σίγμα, θεραπεύω τεθεράπευκα τεθεράπευμαι, σβεννύω ἔσβεκα ἔσβεσμαι, ζύω ἔζυκα ἔζυσμαι.*
- 181 *Λέλυκα autem λέλυμαι et τέθυκα τέθυμαι non carent uitio, quia, cum breuis <sit> υ, σ non recipiunt.*
- 182 *Sane in barytonis tertia coniugatio, et cum paenultimam longam habeat, tamen adhibet σίγμα, πέπεικα πέπεισμαι.*
- 183 *Quae in φα desinunt uel quae ante α habent γκ, haec διὰ δύο μῦ in passiuo pronuntiantur, τέτυφα τέτυμμαι; quae uero in χα, transeunt in γμαι, νένυχα νένυγμαι, πέπληχα πέπληγμαι.*
- 184 *Cum ante ultimam syllabam aut ρ aut λ reperitur, κα transit in μαι, ἔψαλκα ἔψαλμαι, κέκαρκα κέκαρμαι.*
- 185 *Idem seruant et uerba quae in prima positione ν habent in ultima syllaba, κρίνω κέκρικα κέκριμαι, πλύνω πέπλυκα πέπλυμαι.*
- 186 *Ἵπερσυντελικός passiui generis de paracimeno suo nascitur.*
- 187 *Ille enim incipiens a uocali in ην terminum mutat et hunc efficit, ἐφθαρμαι ἐφθάρμην, ἦττημαι ἦττήμην.*
- 188 *At si ille coepit a consonanti, hic praeter finis mutationem quam diximus etiam uocalem principio suo adhibet, πεποίημαι ἐπεποιήμην, ἐλέγμαι ἐλελέγμην.*
- 189 XII - De futuro passiuo**
- 190 *Paenultima syllaba apud graecos futuri actiui quarta fit a fine passiui, νοήσω νοηθήσομαι, θεραπεύσω θεραπευθήσομαι, ἐλάσω ἐλασθήσομαι.*
- 191 *Secunda persona minor syllaba fit quam prima, λαληθήσομαι λαληθήσει, τιμηθήσομαι τιμηθήσει.*
- 192 *Illa uero species propria Graecorum est, quod habent in genere passiuo futurum quod rem significat non multo post sed mox futuram, ut πεποιήσομαι γεγράσομαι.*
- 193 *Hoc autem tempus ex perfecto eiusdem generis nascitur.*
- 194 *Insertis enim secundae personae perfecti duabus litteris, ο καὶ μ, futurum paulo post, quod Atticum uocatur, efficitur, πεποίησαι πεποιήσομαι, γέγραψαι γεγράψομαι.*
- 195 *Nec ab re erat paulo post futurum ex paulo ante transacto tempore procreari.*

- 196 *Inueniuntur huius modi tempora figurata et ex uerbis in ω exeuntibus, ut est δεδουκήσω, quod proprium Syracusanorum est, et δεδώσω, ut apud Dracontem «ἀτὰρ καὶ δῶρα δεδώσομεν», quasi paulo post dabimus.*
- 197 **XIII - De modis de indicatiuo, qui et definitiuus**
- 198 *Indicatiuus habet absolutam de re quae agitur pronuntiationem.*
- 199 *Nam qui dicit ποιῶ ostendit fieri; qui autem dicit ποίει ut fiat imperat; qui dicit εἰ ποιοῖμι optat ut fiat; qui dicit ἐὰν ποιῶ necdum fieri demonstrat; cum dicit ποιεῖν, nulla definitio est.*
- 200 *Solus igitur definitus perfectam rei definitionem continet: unde Graeci ὀριστικὴν ἔγκλισιν, Latini modum definitiuum uocitauerunt.*
- 201 *Denique omnia tempora in hoc solo modo disiuncta et libera proferuntur.*
- 202 *Dicunt enim ἐνεστῶτος ποιῶ, παρατατικῶ ἐποίουν: at in imperatiuo iunguntur haec tempora ἐνεστῶτος καὶ παρατατικῶ ποίει, item in coniunctiuo ἐνεστῶτος καὶ παρατατικῶ ἐὰν ποιῶ, et in optatiuo ἐνεστῶτος καὶ παρατατικῶ εἰ ποιοῖμι, in infinito ἐνεστῶτος καὶ παρατατικῶ ποιεῖν.*
- 203 *Similiter indicatiuus παρακειμένου facit πεποίηκα et ὑπερσυντελικῶ ἐπεποιήκειν: imperatiuus uero παρακειμένου καὶ ὑπερσυντελικῶ facit πεποίηκε πεποιηκέτω, et coniunctiuus παρακειμένου καὶ ὑπερσυντελικῶ ἐὰν πεποιήκω, optatiuus παρακειμένου καὶ ὑπερσυντελικῶ εἰ πεποιήκοιμι, infinitus πεποιηκένα.*
- 204 *Rursus indicatiuus utitur temporibus separatis, cum dicitur ἀορίστου ἐποίησα, μέλλοντος ποιήσω: sed imperatiuus facit ἀορίστου καὶ μέλλοντος ποιήσον, coniunctiuus ἀορίστου καὶ μέλλοντος ἐὰν ποιήσω: optatiuus uero et infinitus haec sola tempora proferunt separata, ποιήσαμι καὶ ποιήσοιμι et ille ποιῆσαι καὶ ποιήσειν.*
- 205 *Optatiuus Graecorum nec minusquamperfectum nec plusquamperfectum tempus admisit.*
- 206 *Vtrique ergo modum integritate temporum liberum contractis et coartatis iure praepouunt.*
- 207 *Deriuatiua uerba, id est quae ex uerbis aliis deriuantur, non nisi ex definitiuo originem sortiuntur, ut est θρῶ principale et ex eo deriuatiuum θραύω.*
- 208 *Sicut apud Latinos meditatiua et inchoatiua et frequentatiua uerba sunt ex definitiuo modo uerborum principalium deriuata.*
- 209 *Speciatim uero uerba apud graecos quae in μι exeunt ex definitiuo tracta sunt uerbi in ω exeuntis, ut τιθῶ τίθημι, διδῶ δίδωμι, ἰστῶ ἴστημι.*
- 210 *Item nomina ex uerbis nascentia, quae illi ὀνόματα ῥηματικά uocant, de hoc solo modo sub uaria uel personarum uel temporum declinatione procedunt.*
- 211 *Nam nomen γράμμα ex prima persona, id est γέγραμμαι, natum et nomen ψάλτης ex tertia persona, quae est ἔψαλται, profectum litterarum quae in utroque sunt similitudo docet; item τύμμα ἀπὸ παρακειμένου τοῦ τέτυμμαι, ποιήσις autem ἀπὸ μέλλοντος τοῦ ποιήσω conposita sunt.*
- 212 *Omnia tamen haec nomina ab indicatiuo ueniunt.*
- 213 *Denique stoici hunc solum modum rectum, ueluti nominatiuum, et reliquos obliquos, sicut casus nominum, uocauerunt.*
- 214 *Rationabiliter autem declinatio ab actiuo inchoat, quod actus passionem praecedat; bene etiam a prima, non alia persona, quod prima de tertia ad secundam loquitur; apte quoque a singulari numero, καὶ γὰρ πᾶς ἀριθμὸς ἐκ μονάδων σύγκεται ἢ ἐκ μονάδος κατάγεται, et si omnis multitudo constat ex singulis, recte est praemissa unitas et secuta populositas.*
- 215 *Iuste etiam a praesenti: ex instanti enim tempore possunt reliqua cognosci, non instans apparebit ex reliquis, siquidem [ἀπὸ τοῦ] λείβω λείβεις ποιεῖ ἀόριστον ἔλειψα, μέλλοντα λείψω item ἀπὸ τοῦ λείπω fit ἀόριστος ἔλειψα καὶ μέλλον λείψω.*
- 216 *Cum ergo dico uel ἔλειψα uel λείψω, quod esse uelim huius praesens uerbi tempus, incertum est; cum autem dico λείπω aut λείβω, de reliquis eius temporibus nemo dubitat.*
- 217 *Ἡρχόμην imperfectum tempus est a praesenti ἔρχομαι, similiter a praesenti ἄρχομαι.*
- 218 *Cum ergo dico ἠρχόμην, incertum relinquo, utrum ueniebam an incipiebam intellegi uelim, et ideo ἐνεστῶς eius in dubio est, ἔρχομαι sit an ἄρχομαι: cum uero dico ἄρχομαι aut ἔρχομαι, nihil de imperfecto dubitabitur.*
- 219 *Coniugationum quoque diuersitates in Graeco Latinoque uerbo praesens facit, ποιεῖς τιμᾶς στεφανοῖς: non nisi instantis secunda persona discernit: ceterum in πεποίηκα et τετίμηκα, in ποιήσω et τιμήσω, item in ἐποίουν et ἐχρῶσουν nulla discretio.*
- 220 *Sed et in βαρυτόνοις τύπτω primae esse coniugationis faciunt π καὶ τ, quae in praesentis prima persona ω litteram antecedunt, quae signa desunt et in τέτυφα et in ἔτυψα et in τύψω.*
- 221 *Λέγω propter γ secundae est, quod signum habere desinit in λέλεχα ἔλεξα λέξω: sic in reliquis coniugationibus.*
- 222 *Praesens tempus ostendit et genera uerborum.*
- 223 *Nam actiuum aut neutrum Graecus intellegit, si in ω praesens desinat, passiuum uel commune et his similia, si in μαι.*

- 224 *Declinandi autem uerbi series non nisi cum de modis tractatur apparet.*
- 225 *Hinc modus apud graecos ἔγκλισις nuncupatur, id est ἐν ᾧ ἡ κλίσις.*
- 226 **XIV - De declinatione indicatiui**
- 227 *Omne apud graecos uerbum indicatiuum in ω desinens, seu barytonon seu perispomenum sit, seu praesentis seu futuri, omni modo in secundae personae fine diphthongum habeat necesse est, id est ἰῶτα uel cum ε, ut ποιεῖς, uel cum α, ut τιμᾶς, uel cum ο, ut δηλοῖς; in omni autem futuro cum ε, ut οἴσεις βοήσεις χρυσώσεις λέξεις τύψεις.*
- 228 *Item in omni Graeco uerbo cuius prima positio in ω desinit secunda persona amisso σίγμα tertiam facit.*
- 229 *Omne uerbum in ω desinens cuiuscumque coniugationis et temporis ἰσοσυλλαβεῖ in prima secunda et tertia persona, ποιῶ ποιεῖς ποιεῖ, ἐρῶ ἐρᾶς ἐρᾶ, ἀργυρῶ ἀργυροῖς ἀργυροῖ, λέγω λέγεις λέγει, λέξω λέξεις λέξει, νοήσω νοήσεις νοήσει.*
- 230 *In uerbis in ω desinentibus prima pluralis a prima singulari fit, operose tamen ac uarie.*
- 231 *In praesenti enim tempore μεν syllaba semper adicitur; sed modo nihil additur uel permutatur, ut in secunda perispωμένων, βοῶ βοῶμεν, τιμῶ τιμῶμεν, φανερῶ φανεροῦμεν: in reliquis autem, id est barytonis omnibus uel etiam perispωμένων futuris, ω in ο transferentes, λέγω λέγομεν, τρέχω τρέχομεν, θεραπεύω, θεραπεύομεν, λαλήσω λαλήσομεν, ἐάσω ἐάσομεν, ἀργυρώσω ἀργυρώσομεν.*
- 232 *Secunda pluralis a tertia singulari nascitur: primae quidem et secundae syzygiae perispωμένων instanti τε addentes, ποιεῖ ποιεῖτε, βοᾷ βοᾶτε, in tertia uero ultimum ἰῶτα in u mutantem et idem τε addentes, χρυσοῖ χρυσοῦτε: at in omnibus barytonis et in perispωμένων futuris ipsum ἰῶτα ultimum detrahentes et eandem addentes syllabam τε, πέμπει πέμπετε, τρέχει τρέχετε, ἀθλεύει ἀθλεύετε.*
- 233 *Ποιήσει ποιήσετε, ἀροτριάσει ἀροτριάσετε, ἰδρώσει ἰδρώσετε.*
- 234 *Tertiam quoque personam pluralem eorundem uerborum de prima eiusdem numeri faciunt μεν mutantem in σι, et quia pluralis tertia semper exigit paenultimam longam, ideo in praesentibus perispomenis, in quibus hoc euenit, solam facit mutationem syllabae, ut diximus, μεν in σι, φιλοῦμεν φιλοῦσι, τιμῶμεν τιμῶσι, στεφανοῦμεν στεφανοῦσι.*
- 235 *At in barytonis et in perispωμένων futuris addit paenultimaε υ, ut longam ex breui faciat.*
- 236 *Ἔχομεν ἔχουσι, πέμπομεν πέμπουσι, λαλήσομεν λαλήσουσι· ο enim littera, cum apud illos naturaliter corripitur, adiecta υ producit, ut in nominibus κόρη κόρος, κούρη κούρος, Ὀλυμπος Οὔλυμπος, eademque retracta corripitur, βούλεται βόλεται, τετράπους τέτραπος.*
- 237 *Omne ergo uerbum Graecum quod in σι reppereris terminari tertiae personae pluralis esse pronuntia excepto ἐσσί, quod solum, cum sic desinit, secundae est, cuius prima ἐσμί et pluralis prima ἐσμέν.*
- 238 *Omnia autem uerba in μι mutant μι in σίγμα et faciunt secundam personam, φημί φής, τίθημι τίθης.*
- 239 *Sic debuerat ἐσμί ἐσσ.*
- 240 *Sed quia nulla syllaba in geminum σίγμα desinit, additum est ἰῶτα, ἐσσί, et propter differentiam a secunda singulari tertia persona, quae similiter ἐσσί debuerat fieri, assumpsit ταῦ, ἐστί.*
- 241 *Verba enim in μι terminata tertiam personam in σι mittunt, δίδωσι ἴστησι.*
- 242 *Omne παρατατικόν naturaliter in ον terminatur et secundam personam ν in σίγμα mutando et ο in ε transferendo figurat, ἔλεγον ἔλεγες, ἔφερον ἔφερες: tertia de secunda ultimaε litterae detractio procedit.*
- 243 *Sed quod perispomena in ουν uel in ων desinunt, ἐκάλουν ἐχρύσουν ἐτίμων, duarum syllabarum in unam contractio fecit.*
- 244 *Nam integrum erat ἐκάλειν ἐχρύσοον ἐτίμαον, ex quo cum breues duae contrahuntur, in unam longam coalescunt.*
- 245 *Ideo ε et ο <et ο et ο> in ου familiarem sibi diphthongum conuenerunt, ἐκάλειν ἐκάλουν, ἐχρύσοον ἐχρύσουν· α uero et ο in ω, ἐτίμαον ἐτίμων.*
- 246 *Ideo et secunda persona ω in α, unde fuerat natum, reducit, ἐτίμων ἐτίμας· ου autem diphthongum illic seruat, ubi repperit primam eius litteram familiarem primae positioni fuisse, χρυσοῖς ἐχρύσουν ἐχρύσους: ibi transit in ει, ubi eis primae positioni meminit contigisse, καλεῖς ἐκάλουν ἐκάλεις.*
- 247 *In omnibus uero diuersitatibus detractio finalis litterae personam, ut diximus, tertiam facit, ἐποίεις ἐποίηι, ἐβόας ἐβόα, ἐκεραύνους ἐκεραύνου, ἔλεγες ἔλεγε, ἔφερες ἔφερε.*
- 248 *Ex hoc apparet quod in ἔλεγεν et ἔφερον ν superuacuum est et integrum est ἔλεγε ἔφερε, quod asserit et apostrophus, quae facit ἔλεγ' ἔφερ'.*
- 249 *Quando enim hoc usurparetur, si ν naturaliter adhaereret, cum duas litteras numquam apostropho liceat excludi? indicio est <et> imperatiuus, cuius secunda persona praesentis semper de tertia imperfecti indicatiui nascitur amissa in capite uel syllaba uel tempore, ἐκάλει κάλει, ἐτίμα τίμα, ἐδήλου δήλου, ἤγου ἄγου.*

- 250 *Ergo si imperatius λέγε, ibi sine dubio ἔλεγε, non ἔλεγεν.*
- 251 *Sed ε littera saepe sibi τὸ ν familiariter adhibet.*
- 252 *Testes huius rei Αιολεῖς, apud quos λεγόμεθα φερόμεθα et similia finale ἄλφα in ε mutant, et mox ε aduocat sibi τὸ ν, et fit prima persona λεγόμεθεν φερόμεθεν.*
- 253 *Contra siquando ε in ἄλφα mutatur, ν inde discedit, sicut Δωριεῖς τὸ πρόσθεν πρόσθα dicunt καὶ τὸ ἔνθεν ἔνθα: sed et Ἴωνες, cum ἦδεν ἦδεα faciunt, et ἐστήκειν ἐστήκεα, ν repudiant, ne cum ἄλφα iungatur.*
- 254 *Ex his omnibus facile colligitur sufficere tertiae personae de secunda faciendae, si σίγμα retrahatur, quod et in capite Graeci pronomini saepe contingit, σέθεν ἔθεν, σοὶ οἶ.*
- 255 *Graeci primam pluralem παρατατικοῦ faciunt interponentes με ante ν finale primae singularis, ἐνόουν ἐνοοῦμεν, ἐώρων ἐωρῶμεν, ἐφάνερον ἐφανεροῦμεν, ἔλεγον ἔλέγομεν: et secunda illis pluralis efficitur addita τε tertiae singulari, ἐποίει ἐποιεῖτε, ἐτίμα ἐτιμᾶτε, ἴδρου ἰδροῦτε, ἔλεγε ἔλέγετε: ex quo iterum ν littera superuacua probatur.*
- 256 *Tertia uero pluralis in hoc tempore semper eadem est primae singulari, ἐγάμουν ἐγῶ, ἐγάμουν ἐκεῖνοι: sic ἐτίμων, sic ἐστεφάνουν, sic ἔτρεχον.*
- 257 *Vnde Δωριεῖς in illis uerbis quae in ον mittunt paratiticon et propter βραχυκαταληξίαν in tertia a fine patiuntur accentum tertiam numeri pluralis discretionis gratia βαρυτονοῦσιν, ἔτρεχον ἐγῶ προπαροξυτόνως, ἔτρεχον ἐκεῖνοι βαρυτόνως.*
- 258 *Prima persona paracimeni semper in α terminatur, et de hac ceterae sine operosa circuitione nascuntur.*
- 259 *Accepto enim σίγμα facit secundam et hoc rursus abiecto atque ἄλφα in ε mutato tertiam creat, πεποίηκα πεποίηκας πεποίηκε: primam quoque pluralem addita sibi μεν syllaba, πεποίηκα πεποιήκαμεν.*
- 260 *Si pro μεν τε acceperit, secunda pluralis est, πεποιήκατε: si σι, tertia, πεποιήκασι.*
- 261 *Ἵπερσυντελικός de prima persona facit tres singulares, tres uero plurales de tertia singulari: ἐπεποιήκειν ν in σίγμα mutato fit ἐπεποιήκεις, ν abiecto fit ἐπεποιήκει.*
- 262 *Ipsam uero ἐπεποιήκει assumpta μεν facit ἐπεποιήκειμεν, assumpta τε ἐπεποιήκειτε: si σαν acceperit, pluralem tertiam ἐπεποιήκεισαν: nam ἐπεποιήκεσαν correpta paenultima Ἴωνες protulerunt.*
- 263 *Ideo autem praetermissimus disputare de duali numero et de tempore aoristo et de multiplici ratione temporum, quia his omnibus carent Latini, id est περὶ δευτέρων καὶ μέσων ἢ παρακειμένων ἢ ὑπερσυντελικῶν ἢ μελλόντων, quibus latius Graecia sola diffunditur.*
- 264 *De passiuā igitur declinatione dicamus.*
- 265 **XV - De passiuā declinatione**
- 266 *Graeci actiuo instanti uerborum in ω exeuntium addunt syllabam μαι, et fit passiuum.*
- 267 *Quae syllaba omni uerbo sola sociatur, ita ut ω prius ultimum nunc paenultimum aut maneat, ut in secunda περισπωμένων, ἄροτριῶμαι, aut in ο diphthongum transeat, ut in prima et tertia, κινουῦμαι στεφανουῦμαι, aut in ο corripitur, ut in omnibus barytonis, πλέκομαι ἄγομαι.*
- 268 *Ergo numquam passiuum Graecum inuenitur non suo actiuo maius.*
- 269 *Verbum Graecum in μαι desinens, si in secunda persona μ in σίγμα demutet, hoc aut est praesens τῶν εἰς μι, ut τίθημι τίθεμαι τίθεσαι, δίδωμι δίδομαι δίδοσαι, ἴστημι ἴσταμαι ἴστασαι, aut est τῶν εἰς ω temporis praeteriti perfecti, πεφίλημαι πεφίλησαι, τετίμημαι τετίμησαι, et in his semper ἰσοσυλλαβεῖ primae secunda persona.*
- 270 *Alioquin reliqua omnia quae in μαι desinunt, siue praesentis seu futuri sint, tam passiuī generis quam communis unam secundae personae syllabam detrahunt.*
- 271 *Καλοῦμαι καλῆ, ὀρώμαι ὀρᾶ, δηλοῦμαι δηλοῖ, βλέπομαι βλέπη, τιμηθήσομαι τιμηθήση, λεχθήσομαι λεχθήση, τιμήσομαι τιμήση, λέξομαι λέξη.*
- 272 *Et ut aduertat faciliori compendio, quae Graeca uerba passiuā secundam personam minorem syllaba proferant, accipe generalis regulae repertam necessitatem.*
- 273 *Omnis apud illos prima persona passiuā, quae actiuo suo syllaba maior est, haec syllabam detrahit de secunda; quae aequalis actiuo est, parem et in secunda tenet: φιλῶ φιλοῦμαι, quia passiuum maius actiuo est.*
- 274 *Φιλῆ facit, ἔλκω ἔλκομαι ἔλκη, ἔλεγον ἔλεγόμην ἔλεγου, ἐβόων ἐβόωμην ἐβοῶ, λαλήσω λαληθήσομαι λαληθήση: contra εἶρηκα εἶρημαι, quia par actiuo suo est, facit secundam ἰσοσύλλαβον primae, εἶρησαι, εἰρήκειν εἰρήμην εἶρησο, λελάληκα λελάλημαι λελάλησαι, ἐλεαλήκειν ἐλεαλήμην ἐλεάλησο.*
- 275 *In omni uerbo cuiuscumque temporis prima persona in μαι terminata translato μ in τ litteram migrat in tertiam seruato numero syllabarum.*
- 276 *Sed paenultimam retinet in παρακειμένῳ quidem omne uerbum, πεφίλημαι πεφίληται, in praesenti uero sola tertia συζυγία περισπωμένων, χρυσοῦμαι χρυσοῦται.*

- 277 *Ceterum prima transfert in ει diphthongum, quae in prima uerbi positione fuerat eius indicium, καλοῦμαι καλεῖται, ὅτι καλῶ καλεῖς, secunda in α propter eandem causam, τιμῶμαι τιμᾶται, ὅτι τιμᾶς.*
- 278 *Nam et χρυσοῦται ideo retinuit ου, quia propinqua priori est: utraque enim diphthongus οι et ου per ο litteram conponuntur.*
- 279 *Futurum autem περισπωμένων et in barytonis tam praesens quam futurum ο litteram quae fuit paenultima primae, per tertiam in ε transfert, ut naturaliter breuis <mutetur> in natura breuem, φιληθήσομαι φιληθήσεται, λέγομαι λέγεται, λεχθήσομαι λεχθήσεται.*
- 280 *Cuiuscumque uerbi passiuī uel passiuo similis prima persona pluralis in quocumque tempore in θα syllabam desinit, νοούμεθα ἐνοούμεθα νενοήμεθα ἐνενοήμεθα νοηθησόμεθα: ἀόριστον enim, qui solus in μεν exit, ἐνοήθημεν, transeo, quia Latini ignorant.*
- 281 *Per omnia tempora primam personam pluralem maiorem proferunt singulari, ποιῶ ποιοῦμεν, ἐποῖον ἐποιοῦμεν, πεποιήκα πεποιήκαμεν, ἐπεποιήκειν ἐπεποιήκειμεν, ποιήσω ποιήσομεν: sic et ποιοῦμαι ποιοῦμεθα, ἐποιοῦμην ἐποιοῦμεθα, πεποιήμαι πεποιήμεθα, ἐπεποιήμην ἐπεποιήμεθα, ποιηθήσομαι ποιηθησόμεθα.*
- 282 *Sic et apud latinis amo amamus, amabam amabamus, amaui amauiimus, amaueram amaueramus, amabo amabimus; sic et amor amamur, amabar amabamur, amabor amabimur.*
- 283 *In Graecis uerbis secunda persona pluralis actiua unam ultimae syllabae suae litteram τ mutat in σ καὶ θ et fit passiuā, ποιεῖτε ποιεῖσθε, γράφετε γράφεσθε: quod non mireris in praeteritis perfectis non euenire, cum πεποιήκατε πεποιήκασθε non faciat, sed πεποιήσθε, nec λελύκατε λελύκασθε, sed λέλυσθε, nec πεφράκατε πεφράκασθε, sed πέφρασθε et similia.*
- 284 *Alia enim regula his temporibus obuiauit, cuius imperium est ut omnia uerba quorum prima persona in θα exit secundam minorem syllaba proferant.*
- 285 *Si ergo fecisset πεποιήκασθε, par foret numerus syllabarum cum prima πεποιήμεθα, si λελύκασθε, cum λελύμεθα, si πεφράκασθε, cum πεφράμεθα.*
- 286 *Ideo necessario syllaba media subtracta resedit πεποιήσθε λέλυσθε πέφρασθε.*
- 287 *Ceterum ποιεῖτε ποιεῖσθε λέγετε λέγεσθε priori regulae obsequitur, quia non repugnat sequenti: ποιοῦμεθα enim ποιεῖσθε, λεγόμεθα λέγεσθε.*
- 288 *In uerbis passiuīs uel passiuo similibus persona tertia singularis addito ν ante τ cum primae personae paenultima tertiam pluralem facit, λέγεται λέγονται, ποιεῖται ποιοῦνται, πεποιήται πεποιήνται, εἶρητο εἶρηντο, ἐλέγετο ἐλέγοντο, ἐὰν λέγηται ἐὰν λέγωνται, εἰ λέγοιτο εἰ λέγοιτο.*
- 289 *Vnde illa praeterita perfecta quae his litteris in medio contexta sunt, ut in tertia persona plurali ν non possit adiungi, aduocant sibi participia: τέτυπται, quia inter λ et τ ν esse non potuit, cui nec finali esse post λάμβδα nec incipere ante ταῦ fas erat, factum est τετυλμένοι εἰσίν· γέγραπται similiter, quia inter π καὶ τ non admittebat ν, γεγραμμένοι εἰσίν, τέτυπται τετυμμένοι εἰσίν, ἐσφράγισται ἐσφραγισμένοι εἰσίν et similia.*
- 290 *Omne Graecum uerbum indicatiuum cuiuscumque generis in prima sui positione aut in ω exit, ut λαλῶ πλαυτῶ, aut in μαι, ut λαλοῦμαι βούλομαι, aut in μι, ut φημί τίθημι: licet et in α esse credatur, quia ἐγγήγορα non nulli ausi sunt primum thema uerbi pronuntiare.*
- 291 *apud graecos ω non solum in uerbis, sed in omni parte orationis littera est naturaliter longa: Latinorum uerborum finale ο sunt qui longum aestiment, sunt qui breue definiant.*
- 292 *Nam scribone caedone ο non minus consensu omnium productum habet, quam amone doceone nutrione.*
- 293 *Ego tamen de re, quae auctores magni nominis dubitare fecit, certam quidem non ausim ferre sententiam; adseuerauerim tamen Vergilium, cuius auctoritati omnis retro aetas et quae secuta est uel sequetur libens cesserit, ο finale in uno omnino uerbo aduerbio nomine, uno pronomine, corripuisse, scio modo duo ego, «scio me Danais e classibus unum», «modo Iuppiter assit», «si duo praeterea», «non ego cum Danais».*
- 294 **XVI - De imperatiuo modo**
- 295 *Semper apud graecos modi indicatiui temporis praesentis secunda persona pluralis eadem est quae et imperatiui: ποιεῖτε et <in> indicatiuo secunda est et in imperatiuo, τιμᾶτε χρυσοῦτε·γράφετε ποιεῖσθε τιμᾶσθε χρυσοῦσθε λέγεσθε γράφεσθε et similia.*
- 296 *Hac regula memoriae mandata alteram subiciemus, ut una ex utraque obseruandae rationis necessitas colligatur.*
- 297 *Omne uerbum quod in μεν desinit qualem paenultimam habuerit in prima persona, talem transmittit secundae, id est tempus retinet uel productae uel breuis syllabae, λαλοῦμεν λαλεῖτε, quia in prima ου erat, et in secunda ει diphthongus aequae longa successit: τιμῶμεν τιμᾶτε, μα longa syllaba locum quem in <prima> μω habuerat occupauit: στεφανοῦμεν στεφανοῦτε, eadem diphthongus perseuerauit: λέγομεν, quia ο littera breuis est, λέγετε, ε aequae natura breuem recipit.*

- 298 *At in coniunctiuo, quia producit paenultimam, εὖν λέγωμεν, ideo et in secunda persona, εὖν λέγητε, produxit ε in η mutando.*
- 299 *Si igitur φεύγωμεν primam personam imperatiui esse dicemus, sequetur ut, quia in μεν exit ω praecedente, etiam secundae personae paenultimam ex necessitate producat.*
- 300 *Quod si est, φεύγητε faciet, quem ad modum εὖν λέγωμεν εὖν λέγητε.*
- 301 *Sed constitit eandem semper esse secundam personam imperatiui, quae et indicatiui fuit; φεύγετε autem in indicatio fuit, non φεύγητε.*
- 302 *Ex his colligitur neque aliam imperatiui secundam personam esse nisi φεύγετε, nec in declinatione φεύγετε secundam esse posse post φεύγωμεν, et ideo φεύγωμεν non potest imperatiui prima esse persona.*
- 303 *Manifestum est ergo imperatiuum nec singularem nec pluralem habere primam personam.*
- 304 *Cum autem dicimus fugiamus discamus nutriamus aremus doceamus et similia, ad exhortatiuum sensum, non ad imperatiuum modum pertinere dicenda sunt.*
- 305 *apud graecos imperatiuus singularis actiuus temporis praesentis et praeteriti imperfecti, in secunda scilicet persona, aut in ει aut in α aut in ου aut in η aut in θι terminatur.*
- 306 *Prima tria ad perispomena pertinent, νόει τίμα δήλου, quartum ad barytona, λέγε γράφε, quintum ad uerba τὰ εἰς μι, ut ἴσταθι ὄμνυθι φάθι.*
- 307 *Sed et illa similem habent terminum, quorum infinitiuus in ναι exit, et si non sint τῶν εἰς μι, βῆθι βῆθι, νυγῆθι νυγῆθι, δαμῆθι δάμηθι: excepta sunt εἶναι δοῦναι θεῖναι.*
- 308 *Ceterum νενοηκέναι uel huic similia ut magis νενόηκε νενοηκέτω quam νενόηθι faciat, multiplex ratio cogit, de qua unum pro exemplo argumentum ponere non pigebit.*
- 309 *Quae in θι exeunt ab infinitis in ναι desinentibus necesse est ut sint infinitis suis ἰσοσύλλαβα, νύγηθι νυγῆθι, δάμηθι δαμῆθι, βῆθι βῆθι.*
- 310 *Πεποιήθι autem πεποηκέναι aequalitate iam caruit: inde non receptum est πεποιήθι, sed πεποιήκε.*
- 311 *Similiter apud latinos imperatiuus nascitur ab infinito abiecta ultima, cantare canta, monere mone, legere lege, ambire ambi, ferre fer, esse es et ades et prodes: Lucilius «prodes amicis», Vergilius «huc ades, o Lenae», Terentius «bono animo es»: facere face, dicere dice, et per syncopam fac dic.*
- 312 *Graeci secundae personae addita τω syllaba tertiam eiusdem praesentis efficiunt, ποίει ποιεῖτω, τίμα τιμάτω, χρύσου χρυσούτω, λέγε λεγέτω.*
- 313 *Quodsi secunda in θι desiit, ipsam mutant in τω, βῆθι βήτω.*
- 314 *Τε uero syllabam adicientes praesenti singulari imperatiuo pluralem faciunt, ποίει ποιεῖτε, βόα βοᾶτε, δήλου δηλοῦτε, τύπτε τύπτετε: tertiam pluralem faciunt addendo σαν tertiae singulari, ποιεῖτω ποιεῖτωσαν.*
- 315 *Hanc declinationem, quae decursa est, Graeci duobus simul temporibus adsignant, instanti et praeterito imperfecto.*
- 316 *Et re uera, si pressius quaeras, magis de imperfecto quam de instanti natum apud illos imperatiuum uidebis.*
- 317 *Tertia enim imperfecti indicatiui persona capite deminuta uel in syllaba uel in syllabae tempore facit imperatiui secundam, ἐλάλει λάλει, ἐβόα βόα, ἐστεφάνου στεφάνου, ἔλεγε λέγε, ἤγε ἄγε, εἶλκε ἔλκε: ita et in passiuus, ἐνοοῦ νοοῦ, ἐτιμῶ τιμῶ, ἐχρυσοῦ χρυσοῦ, ἐτύπτου τύπτου, ἤγου ἄγου, εἴλκου ἔλκου.*
- 318 *Latini non aestimauerunt ullum praeteritum imperatiuo dandum, quia imperatur quid, ut aut nunc aut in posterum fiat: ideo praesenti et futuro in modi huius declinatione contenti sunt.*
- 319 *Sed Graeci introspecta sollertius iubendi natura animaduenterunt posse conprehendi praecepto tempus elapsum, ut est ἡ θύρα κεικλείσθω, quod aliud est quam ἡ θύρα κλειέσθω.*
- 320 *Nam κλειέσθω cum dico, ostendo hactenus patuisse; cum uero dico κεικλείσθω, hoc impero, ut claudendi officium iam peractum sit.*
- 321 *Quod et Latinitas iubendum nouit, cum περιφραστικῶς dicit: ostium clausum sit.*
- 322 *Hinc iam per omnia praeteriti tempora declinatio uagatur, sed utroque perfecto simul iuncto.*
- 323 *Dicunt enim παρακειμένου και ὑπερσυντελικῶς νενίκηκε νενικηκέτω et νενίκησο νενικήσθω.*
- 324 *Quod quam necessarium sit, hinc sumpto argumento requiratur.*
- 325 *Ponamus senatum pugnaturo consuli uel militibus imperare conficiendi belli celeritatem, πρὸ ὄρας ἔκτης ἢ συμβολῆ πεπληρώσθω uel ἡ μάχη πεποιήσθω uel ὁ πόλεμος νενικήσθω.*
- 326 *Futurum quoque suum Graeci cum aoristo iungunt, quia iisdem signis <in> indicatio utrumque dinoscitur.*
- 327 *Nam si aoristus desinat in σα, futurum in σω terminatur, ἐλάλησα λαλήσω: si hoc in ξα, illud in ξω, ἔπραξα πράξω; si in ψα, in ψω, ἔπεμψα πέμψω.*
- 328 *Ergo λάλησον πράξον πέμψον adsignantur simul utrique tempori, quia utriusque signa demonstrant.*

- 329 *Tertia uero persona magis aoristum respicit quam futurum: facit enim λαλησάτω πραξάτω πεμψάτω, cum σα ξα ψα χαρακτήρες sint αορίστου.*
- 330 *Idem sonat et plurale ποιήσατε, cuius tertia persona rursus cum additamento tertiae singularis efficitur ποιησάτωσαν.*
- 331 *Et ut hoc idem tempus, id est futurum imperatiui, passiuum fiat, sumitur aoristus infiniti, et nulla omnino littera mutata tantumque accentu sursum ad praecedentem syllabam tracto futurum imperatiui passiuum fit, ποιῆσαι ποιήσαι, λαλήσαι λάλησαι, cuius tertia persona fit de tertia actiuum mutato τ in σθ, ποιησάτω ποιησάσθω, sicut et ποιείτε ποιείσθε et ποιήσατε ποιήσασθε.*
- 332 **XVII - De coniunctiuo modo**
- 333 *Coniunctiuua Latinorum, quae ὑποτακτικά Graecorum, causam uocabuli ex una eademque origine sortiuntur.*
- 334 *Nam ex sola coniunctione quae ei accidit coniunctiuus modus appellatus est, unde et Graeci ὑποτακτικὸν διὰ τοῦ ὑποτετάχθαι uocitauerunt.*
- 335 *Apud quos hoc habet praecipuum hic modus, quod omne tempus eius actiuum primam personam singularem in ω mittit, εἴαν ποιῶ εἴαν πεποιήκω εἴαν ποιήσω, adeo ut et illa uerba quae in μι exeunt, cum ad hunc modum uenerint, redeant ad illa in ω desinentia de quibus deriuata sunt, τιθῶ τίθημι et in coniunctiuo εἴαν τιθῶ, item διδῶ δίδωμι εἴαν διδῶ.*
- 336 *Ἐποτακτικά Graecorum syllabas quae in aliis modis breues fuerunt in sua declinatione producant, λέγομεν εἴαν λέγωμεν.*
- 337 *Sed et ei diphthongum in ῆτα mutant, λέγω λέγεις, εἴαν λέγω εἴαν λέγῃς, et quia natura uerborum omnium apud graecos haec est, ut ex prima persona in ω exeuntium secunda in duas uocales desinat, ideo εἴαν λέγῃς cum ι ascripto post η profertur, ut duarum uocalium salua sit ratio.*
- 338 *Tertia uero persona de secunda fit retracta ultima littera, εἴαν ποιῆς εἴαν ποιῆ, et quia, ut diximus, amore productionis ο pluralis indicatiui in ω mutant, λέγομεν εἴαν λέγωμεν, in secunda quoque persona ε in η transferunt, λέγετε εἴαν λέγητε, tertia εἴαν λέγωσιν, quia omne uerbum apud graecos quod exit in μεν mutat μεν in σιν et personam tertiam facit.*
- 339 *Horum passiuua de actiuis ita formantur, ut, primae personae actiuae si addas μαι syllabam, passiuum eiusdem temporis facias, εἴαν ποιῶ εἴαν ποιῶμαι [εἴαν πεποιήκω εἴαν πεποιήκωμαι], εἴαν ποιήσω εἴαν ποιήσωμαι.*
- 340 *Item actiuum tertia secunda passiuum est, εἴαν ποιῶ εἴαν ποιῆς εἴαν ποιῆ, εἴαν ποιῶμαι εἴαν ποιῆ.*
- 341 *Haec eadem actiuum tertia addita sibi ται syllaba passiuam tertiam facit, εἴαν ποιῆ εἴαν ποιῆται.*
- 342 *Graeci in coniunctiuo modo tempora bina coniungunt.*
- 343 *Proprium Latinorum est ut modo indicatiua pro coniunctiuis, modo coniunctiuua pro indicatiuis ponant: Cicero de legibus tertio «qui poterit socios tueri» * idem Cicero in primo de re publica «libenter tibi, Laeli, uti eum desideras equidem concessero».*
- 344 **XVIII - De optatiuo modo**
- 345 *De hoc modo quaestio Graeca praecessit, si praeteritum tempus possit admittere, cum uota pro rebus aut praesentibus aut futuris soleant agitari, nec in spem possint transacta reuocari; pronuntiatumque est praeteritum quoque tempus optanti necessarium, quia saepe in longinquis quid euenit nescientes optamus euenisse quod nobis commodet.*
- 346 *Qui enim Olympicae palmae desiderium habuit domi residens ipse, certatum equos suos cum aurigante filio misit, transacto iam die qui certamini status est, exitum adhuc nesciens et desiderium uotis adiuuans, quid aliud dicere existimandus est quam εἶθε ὁ υἱός μου νενικήκοι? haec et quaestio et absolutio cum Latinitate communis est, quia in causa pari haec uox esse deberet optantis, utinam filius meus uicerit.*
- 347 *Sed rari Latinarum artium auctores admiserunt in optatiuo declinationem praeteriti perfecti, utinam uicerim.*
- 348 *In hoc enim modo Latini tempora Graecorum more coniungunt, imperfectum cum praesenti, plusquamperfectum cum perfecto, et hoc adsignant duobus antecedentibus, quod in coniunctiuo praeteriti imperfecti fuit, utinam legerem, hoc duobus sequentibus, quod in coniunctiuo plusquamperfecti fuit, utinam legissem, et hoc dant futuro, quod habuit coniunctiuus praesentis, utinam legam.*
- 349 *Sunt tamen qui et praeterito perfecto adquiescant, utinam legerim, quorum sententiae Graeca ratio, quam supra diximus, opitulatur.*
- 350 *In Graeco optatiuo quae in μι exeunt actiuua tantum sunt, quae in μην passiuua tantum uel passiuis similia, λέγοιμι λεγοίμην.*
- 351 *Sed quae in ην exeunt praecedente uocali modo actiuua, modo passiuua sunt; et <actiuua> non nisi ex illis uerbis ueniunt quae in μι exeunt, φαίην δοίην, passiuua autem et de iisdem uerbis fiunt, ut δοθείην τεθείην, et de exeuntibus in ω, ut νυγείην δαρείην.*
- 352 *Actiuua ergo quae in μι exeunt mutant μι in μην et passiuua faciunt, λέγοιμι λεγοίμην.*

- 353 *Quae uero in ην exeunt, μ interserunt et in passiuum transeunt, τιθείην τιθείμην, διδοίην διδοίμην.*
 354 *Graeci omne tempus optatiui modi maius syllaba proferunt, quam fuit in indicatiuo, ποιῶ ποιόμην, πεποιήκα πεποιήκοιμι, ποιήσω ποιήσοιμι: aoriston enim praetereo, quod Latinitas nescit.*
 355 *Ideo ἡβῶμι et ἡβῶοιμι apud graecos legimus, quia propter necessarium augmentum syllabae ἀπὸ τοῦ ἡβῶ fit ἡβῶμι, καὶ ἀπὸ τοῦ ἡβῶω fit ἡβῶοιμι.*
 356 *Omne apud graecos optatiuum singulare habet sine dubio in paenultima diphthongum quae per ι conpronitur, λέγοιμι γράφοιμι σταίην δοίην.*
 357 *Vnde et ἡβῶοιμι, post ω ascribitur ι, ne sine hac uocali optatiui paenultima proferatur.*
 358 *Graeca quae in μι exeunt ι ultimum in εν mutant et fiunt pluralia, ποιοῖμι ποιοῖμεν, γράφοιμι γράφοιμεν.*
 359 *Semper apud graecos pluralis prima persona aut unam uocalem habet in paenultima praecedentem, ut σταίημεν νυγείημεν, aut duas, ut λέγοιμεν γράφοιμεν.*
 360 *Sed priora fine mutato in σαν tertiam personam de se efficiunt, sequentia uero μ subtracto idem faciunt, σταίημεν σταίησαν, λέγοιμεν λέγοιεν.*
 361 *Passiua Graecorum quae in μην exeunt hanc ipsam syllabam in ο mutant et secundam personam faciunt, ποιόμην ποιοῖο, γραφοίμην γράφοιο: quae uero in ην, ν in ζ mutant et faciunt secundam, σταίην σταίης, δοίην δοίης.*
 362 *Ipsa uero secunda persona, si in ο exit, addit τ et facit tertiam ποιοῖο ποιοῖτο, γράφοιο γράφοιτο; quae in ζ desinit, hoc amittit et facit tertiam, σταίης σταίη, δοίης δοίη.*
 363 **XIX - De infinito modo**
 364 *Infinitum modum, quem ἀπαρέμφατον dicunt, quidam Graecorum inter uerba numerare noluerunt, quia nullius ἐγκλίσεως uerbum uerbo alterius iunctum efficit sensum (quis enim dicat βουλοίμην λέγω, λέγοιμι βούλομαι, γράφοιμι τρέχω?); aparemphatum uero cum quolibet modo iunctum facit sensum, θέλω γράφειν, θέλε γράφειν, εἰάν θέλω γράφειν, εἰ θέλοιμι γράφειν.*
 365 *Similiter et apud Latinos dici non potest uelim scribo, debeam curre et similia.*
 366 *Dicuntque aduerbium esse magis, quia infinitum, sicut aduerbium, praepositur et postpositur uerbo, ut γράφω καλῶς, καλῶς γράφω, scribo bene, bene scribo, Ἑλληνιστὶ διαλέγομαι, διαλέγομαι Ἑλληνιστὶ, Latine loquor, loquor Latine; ita et hoc, θέλω γράφειν, γράφειν θέλω, uolo scribere, scribere uolo, ἐπίσταμαι τρέχειν, τρέχειν ἐπίσταμαι, scio loqui, loqui scio.*
 367 *Nec mirum aiunt, cum multa aduerbia nascantur a uerbis, hoc quoque ex uerbo esse profectum.*
 368 *Si enim ἐλληνίζω Ἑλληνιστὶ facit et κάμνω ἀκμητὶ, cur non et ἀπὸ τοῦ γράφω nascatur aduerbium γράφειν? hoc etiam addunt: si ab eo quod est γράφω cum fit γράφω, iam uerbum non dicitur, sed participium, quia ultimam mutat et personam amittit, cur non et γράφειν in alterum nomen migret ex uerbo, cum non solum finem moueat, sed etiam significationem personae numerique perdat, maxime cum, sicut participium in distinctionem personarum additamento pronominis mutatur.*
 369 *Ἐμὲ φιλῶν, σὲ φιλῶν, ἐκεῖνον φιλῶν, ita et ἀπαρεμφάτω contingit, ἐμὲ φιλεῖν, σὲ φιλεῖν, ἐκεῖνον φιλεῖν? sed illi qui talia de infinito putant hac maxime ratione uincuntur, quod in aduerbio temporum significationes non de eiusdem soni inflexione nascuntur, sed ut tempora mutantur et uoces, νῦν πάλαι ὕστερον, nunc antea postea; in infinito autem uox eadem paululum flexa tempus immutat, γράφειν γεγραφέναι γράψαι, scribere scripsisse scriptum iri.*
 370 *Nec omne ἀπαρέμφατον cuiuscumque uerbo iunctum sensum exprimit, sed illis tantum quae nullam rem per se dicta significant, quae ab illis προαιρετικά, ab his arbitraria non absurde uocari possunt, quia per ipsa significatur dispositionem seu amorem uel arbitrium subesse nobis rei adhuc incertae, sed per adiunctionem uerbi alterius exprimentae.*
 371 *Nam ἐσθίω μετὰ τοῦ τύπτειν aut περιπατῶ μετὰ τοῦ πλουτεῖν iungi non possunt.*
 372 *Item lego cum sedere iunctum aut scribo cum caedere nullam efficit sensus perfectionem, quia et lego rem significat et sedere, et scribo similiter et caedere.*
 373 *Si uero dixero uolo aut opto aut soleo aut incipio et similia, nullam rem ex huius modi uerbi pronuntiatione significo; et haec sunt uel talia quae bene aparemphtatis implicantur, ut ex uno arbitrium, ex altero res notetur, uolo currere, opto inuenire, dispono proficisci, soleo scribere.*
 374 *Ex hoc situr maximam uim uerbi in infinito esse modo.*
 375 *Siquidem uerba rerum nomina sunt, et uidemus ab aparemphtatis rei significationem alteris quoque uerbis non habentibus accommodari.*
 376 *Adeo autem hic modus absolutum nomen rerum est, ut in significationibus rerum, quas Aristoteles numero decem κατηγορίας uocat, quattuor per ἀπαρέμφατον proferantur, κείσθαι ἔχειν ποιεῖν πάσχειν.*
 377 *Graeco uocabulo propterea dicitur ἀπαρέμφατον, quod nullum mentis indicat affectum.*
 378 *Nam γράφω τύπτω τιμῶ et rem et ipsum animi habitum expressit agentis; γράφειν uero uel τύπτειν uel τιμᾶν nullam continet affectus significationem, quia incertum est quid sequatur, θέλω μέλλω διατυπῶ, an contra οὐ θέλω οὐ μέλλω οὐ διατυπῶ.*

- 379 *Hinc de ipsius declinatione tractemus.*
- 380 *Graeci infiniti unum tempus duo tempora conplectitur indicatiui modi: ποιῶ ἐποίουν in indicatiuo, in infinito autem ita pronuntiat, ἐνεστῶτος καὶ παρατατικοῦ ποιεῖν, item πεποίηκα ἐπεποιήκειν et in infinito παρακειμένου καὶ ὑπερσυντελικῶς πεποιηκέναί.*
- 381 *apud graecos omne ἀπαρέμφατον aut in v desinit aut in ai diphthongum.*
- 382 *Sed et cum in v desinit, diphthongus praecedat necesse est, ut ποιεῖν χρυσοῦν.*
- 383 *Ideo τῷ βοῶν ἰῶτα ascribitur, ne sit ἀπαρέμφατον sine diphthongo.*
- 384 *Vnde quae in ην desinunt, ut ζῆν πεινῆν διωγῆν, non sunt communia, sed Dorica, ut ὄρην.*
- 385 *Eiusdem sunt dialecti et quae in εν exeunt, ut ἀπὸ τοῦ νοεῖν νοέν et ἀπὸ τοῦ δασμηφορεῖν δασμηφορέν: licet sint et communia in εν, sed integritatis extremitate praecisa, ut est ἀπὸ τοῦ ἔμεναι ἔμεν, ἀπὸ τοῦ δόμεναι δόμεν.*
- 386 *Perfecti temporis indicatiui Graecorum tertia persona fini suo adiecta vna syllaba transit in ἀπαρέμφατον, πεποίηκε πεποιηκέναί, λέλεχε λελεχέναί.*
- 387 *Latini primae personae perfecti addunt geminatum ss et e, dixi dixisse.*
- 388 *Graeci ἀπαρέμφατα sua actiua in ai desinentia per omnes semiuocales litteras proferunt excepto ζ, στεῖλαι νεῖμαι χρῆναι σπεῖραι νοῆσαι λέξαι γράψαι: excepta sunt εἶπαι καὶ ἐνέγκαι, quae sola non semiuocales sortita <sunt>, sed mutas.*
- 389 *Passiua uero per unam tantum litteram θ proferuntur praemissa aut liquida, κεκάρθαι τετίλθαι ἐρράνθαι, aut σ, λέγεσθαι φιλεῖσθαι, aut altera ex mutis quae uocantur δασεῖαι, id est siue χ, ut νενύχθαι, siue φ, ut γεγράφθαι.*
- 390 *Cum Latini nullum infinitum monosyllabum habeant, Graeci paucissima habent, quae referuntur ad solam secundam συζυγίαν περισπωμένων, ut σπᾶν θλᾶν.*
- 391 *Etenim πνεῖν χεῖν ρεῖν non sunt integra, sed ex collisione contracta: fuit enim integritas πνέειν χέειν ρέειν, et medio ε subtracto in unam syllabam sunt redacta et ex themate uerborum ueniunt πνέω χέω ρέω.*
- 392 *Nullum enim Graecum uerbum ἀπαρέμφατον ex uerbo in ω desinente factum non eundem numerum syllabarum tenet, qui in prima positione uerbi fuit, νοῶ νοεῖν, τιμῶ τιμᾶν, χρυσοῦ χρυσοῦν, τρέχω τρέχειν, τύπτω τύπτειν: sic πνέω πνέειν, χέω χέειν, ρέω ρέειν, ex quibus πνεῖν χεῖν ρεῖν sunt facta.*
- 393 *Ἀπαρέμφατα quae in v desinunt, si de uerbo sunt perispomeno, amisso v et accepta syllaba σθαι faciunt ex se passiua, ποιεῖν ποιεῖσθαι, τιμᾶν τιμᾶσθαι, δηλοῦν δηλοῦσθαι.*
- 394 *Quodsi sint de barytono, etiam ι amittunt, λέγειν λέγεσθαι, γράφειν γράφεσθαι.*
- 395 *Fiunt et de indicatiuo passiuo: mutat enim τ in σ καὶ θ et facit ἀπαρέμφατον.*
- 396 *Nec solum hoc in praesenti tempore, sed <et> in praeterito et futuro, φιλεῖται φιλεῖσθαι, πεφίληται πεφίλησθαι, φιληθήσεται φιληθήσεσθαι.*
- 397 *Est et alia diligentior obseruatio circa παρακειμένον.*
- 398 *Nam quotiens in paenultima habet κ, tunc amissa utraque syllaba et accepta σθαι in passiuum transit, πεπατηκέναί πεπατησθαι, γεγελακέναί, γεγελάσθαι, πεπλυκέναί πεπλύσθαι: aut interdum θαι solam accipit sine σ, sed tunc quotiens ante κ liquida reperitur, ut τετιλκέναί τετίλθαι, κεκαρκέναί κεκάρθαι, ἐρραγκέναί ἐρράνθαι: unde intellegitur in hoc uerbo γ, quod fuit ante κ, δυνάμει v fuisse.*
- 399 *Quodsi παρακειμένος actiuus habuit in paenultima aut φ aut χ, tunc quoque θ accipit, γεγραφέναί γεγράφθαι, νενυχέναί νενύχθαι.*
- 400 *Latini futuri infinitum faciunt adiuncto participio uel magis gerundi modo ire seu iri et uel in passiuo doctum iri uel in actiuo doctum ire pronuntiant.*
- 401 *Ἀπαρέμφατα quae in θαι exeunt aut tertium a fine acutum sortiuntur, ut λέγεσθαι γράφεσθαι, aut secundum, ut τετίλθαι κεκάρθαι, aut circumflectunt paenultimam, ut ποιεῖσθαι νοεῖσθαι.*
- 402 *Ἀπαρέμφατον quod in θαι exit, si habeat in paenultima, modo praesentis temporis est, modo praeteriti perfecti, et hanc diuersitatem discernit accentus.*
- 403 *Nam si tertius a fine sit, praesens tempus ostendit, ut ὄλλυσθαι ῥήγνυσθαι ζεύγνυσθαι: si secundus, praeteritum perfectum, ut λελύσθαι ἐξύσθαι.*
- 404 *Vnde εἰρυσθαι, si in capite habeat accentum, σημαίνει ἔλκεσθαι, quod est praesentis; si in paenultima sit, σημαίνει εἰλύσθαι, quod est praeteriti, «νήα κατειρύσθαι».*
- 405 *In ἀπαρεμφότοις conpositio non mutat accentum, sed hunc conposita custodiunt, qui simplicibus adhaerebat, φιλεῖσθαι καταφιλεῖσθαι, κεῖσθαι κατακεῖσθαι.*
- 406 *Denique καταγραψαι, quia et actiui aparemphati est et passiuui imperatiui, cum est aparemphati, in uerbo habet accentum, καταγράψαι, at cum est imperatiui, ad praepositionem recurrit, κατάγραψαι.*
- 407 *In infinito Graeco praeteritum perfectum, si dissyllabum fuerit, omni modo a uocali incipit, ὦφθαι εἶρχθαι.*

- 408 *Si ergo inueniantur dissyllaba huius modi a consonantibus incipientia, manifestum est non esse integra, ut πέρθαι βλήσθαι δέχθαι, quorum integra sunt πεπέρθαι βεβλήσθαι δεδέχθαι.*
- 409 *Graeci aparemphato non numquam pro imperatiuo utuntur, Latini pro indicatiuo: «θαρωῶν νῦν, Διόμηδες, ἐπὶ Τρώεσσι μάχεσθαι», id est μάχου, hic pro imperatiuo; at pro indicatiuo Sallustius «hic ubi primum adoleuit, non se luxuriae neque inertiae corrumpendum dedit, sed, ut mos gentis illius est, iaculari, equitare, et cum omnes gloria anteiret, omnibus tamen carus esse», idem «pleraque tempora in uenando agere, leonem atque alias feras primus aut in primis ferire, plurimum facere, minimum de se loqui».*
- 410 *Infinutum non numquam pro coniunctiuo ponunt: Cicero pro Sestio «rei publicae dignitas me ad se rapit et haec minora relinquere hortatur» pro hortatur ut relinqam; «hortor amare focos» pro hortor ut ament.*
- 411 *Ponunt et pro gerundi modo: Cicero pro Quintio «consilium cepisse hominis fortunas funditus euertere» pro euertendi; Vergilius «sed si tantus amor casus cognoscere nostros» pro cognoscendi; et aliter Terentius in hecyrā «it ad eam uisere» pro uisitatum; «et cantare pares et respondere parati» pro ad respondendum.*
- 412 *Ponunt et pro participio praesentis: Varro in Scaeuolam «et ut matrem audiui dicere».*
- 413 *Cicero in Verrem «Charidemum cum testimonium dicere audistis» pro dicentem.*
- 414 *Eant nunc qui infinito calumniantur et uerbum non esse contendunt, cum pro omnibus fere uerbi modis probetur adhiberi.*
- 415 **XX - De impersonalibus**
- 416 *Sunt impersonalia Graecis Latinisque communia, sunt tantum concessa Latinitati.*
- 417 *Decet me te illum nos uos illos impersonale est; sed et Graeci hoc uerbo similiter utuntur, πρέπει ἐμοὶ σοὶ ἐκείνῳ ἡμῖν ὑμῖν ἐκείνοις.*
- 418 *Hoc autem impersonale nascitur a uerbo deceo deces decet <decemus decetis decent>, πρέπει πρέπει πρέπει προέπον προέποντες; decent domum columnae, πρέπειουσιν τῇ οἰκίᾳ οἱ κίονες.*
- 419 *Placet mihi lectio uerbum est, placet mihi legere impersonale est: ita et apud graecos ἀρέσκει μοι ἡ ἀνάγνωσις ad personam relatum est, ἀρέσκει μοι ἀναγιγνώσκειν impersonale est * contingit me uenisse.*
- 420 *Similiter apud graecos συνέβη μοι ἡ ἐλπὶς declinationis est, συνέβη με ἐλληλυθῆναι impersonale est.*
- 421 *Poenitet me hoc est quod apud illos μεταμέλει μοι.*
- 422 *Inpersonalia apud graecos per tempora non flectuntur: nam impersonaliter τρέχεται περιπατεῖται nemo dicit.*
- 423 *Nullum impersonale in pluralis numeri forma inuenitur: nam bene legitur [liber] impersonale est, libri autem [bene] leguntur elocutio est Graecae similis αἱ βιβλοὶ ἀναγιγνώσκονται.*
- 424 **XXI - De formis uel speciebus uerborum**
- 425 *His subiunguntur quae uerborum formae uel species nominantur, meditatiua inchoatiua frequentatiua et usurpatiua.*
- 426 *Quae sunt fere propriae Latinitatis, licet meditatiuam etiam Graeci habere putantur.*
- 427 **De meditatiua.**
- 428 *Est autem meditatiua quae significat meditationem rei cuius imminet et speratur effectus, ut parturio, quod est parere meditor, esurio, esse meditor; et sunt semper tertiae coniugationis productae.*
- 429 *Huic similis in Graecis quoque uerbis inuenitur species, θανατιῶ δαιμονιῶ βινητιῶ οὐρητιῶ ἐρωτιῶ.*
- 430 *His enim uerbis temptamentum quoddam rei et meditatio, non ipse effectus, exprimitur.*
- 431 *His similia uidentur ῥηγείω ὀκνεῖω γαμησειῶ πολεμησειῶ βρωσειῶ.*
- 432 **De inchoatiua**
- 433 *Inchoatiua forma est quae iam aliquid inchoasse testatur, ut pallecit, cui necdum diffusus est totus pallor.*
- 434 *Et haec forma semper in sco quiescit (nec tamen omnia in sco inchoatiua sunt) et semper, dum sit deriuatiua, tertiae coniugationis fieri cogitur.*
- 435 *Haec forma praeteritum nescit habere tempus perfectum.*
- 436 *Quid enim simul et adhuc incipere et iam praeterisse dicatur? hanc quoque formam sunt qui Graecis familiarem dicant, adserentes hoc esse μελαινομαι καὶ θερμαίνομαι, quod est nigresco et calesco.*
- 437 *Seda pud illos <quoque> aliqua huius significationis in σκω exire contendunt, τελίσκω γαμίσκω τιτρώσκω γηράσκω.*
- 438 *Διδάσκω autem, licet eiusdem finis sit, nemo tamen perfectum et non inchoatiuum esse dubitauit.*

439 **De frequentatiua**

440 *Frequentatiua forma compendio Latinitatis obsequitur, cum uno uerbo frequentationem administrationis ostendit.*

441 *Haec forma non numquam uno gradu, non numquam duobus deriuatur, ut cano canto cantito; nec tamen est in posterioribus maior quam in prioribus frequentationis expressio, sicut nec in diminutiuis secundus gradus minus priore significat, anus anilla anicula.*

442 *Sternuto frequentatiuum est a principali sternuo: Propertius «candidus augustae sternuit omen Amor».*

443 *Pulto sunt qui accipiant pro eo quod est pulso et Ἀττικισμόν quendam Latinitatis existiment, ut apud illos θάλασσα θάλαττα, πλάσσω πλάττω: sed pultare est saepe pulsare, sicut tractare est saepe trahere.*

444 *Eruclat frequentatiuum est a principali erugit: <Ennius «contempsit fonte, quibus ex erugit» aquae uis».*

445 *Et grassatur iteratio est a graditur: Sallustius «cum inferior omni uia grassaretur».*

446 *Sunt quaedam huius formae sine substantia principalis, cyathissare tympanissare crotalissare: sunt quae magis moram quam iterationem explicant, «hastamque receptat ossibus haerentem».*

447 *Hic enim recipiendi difficultas sub specie frequentationis exprimitur.*

448 *Hanc formam in Graecis uerbis inuenire non potui.*

449 **De usurpatiua**

450 *Hanc quidam gerundi modum uel participalem uocant, quia uerba eius paene omnia similia participiis sunt et sola significatione distantia.*

451 *Nam uado salutatum hoc est dicere: uado salutare aut ut salutem.*

452 *Item ad salutandum eo participium esse iam desinit, nisi adieceris uel hominem uel amicum: hac enim adiectione participii uim tenebit; sed tunc, cum ex uerbo est habente passiuam declinationem, ut ad uidendum, ad salutandum.*

453 *Ad declamandum uero cum dico, non possum adicere illum, quia declamor Latinum non est.*

454 *Haec forma Latinitati non solum praestat ornatum, sed illud quoque, ut aliquid habere uideatur quod Graeci iure desiderent.*

455 **XXII - De generibus uerborum**

456 *Quod Graeci διαθέσεις ῥημάτων uocant, hoc Latini appellant genera uerborum: affectus enim Graeco nomine διάθεσις nuncupatur.*

457 *Graeci igitur διαθέσεις hac distinctione definiunt.*

458 *Quae in ω exeunt actiuam uim significantia et iunguntur casibus uel genitiuo uel datiuo uel accusatiuo et accepta μαι syllaba transeunt in passiuam, haec actiua dixerunt, ut ἄρχω σου, κελεύω σοι, τιμῶ σε: haec adsumpta μαι passiuam fiunt.*

459 *Contra παθητικά dixerunt quae in μαι desinentia significant passionem et necesse habent iungi genitiuo cum praepositione ὑπό ac possunt amissa μαι syllaba in actiuum redire, ἄρχομαι ὑπό σοῦ, κελεύομαι ὑπό σοῦ, τιμῶμαι ὑπό σοῦ.*

460 *Cui ex supra scriptis definitionibus una defuerit, nec ἐνεργητικόν nec παθητικόν dicitur, sed si in ω exit, οὐδέτερον uel ἀπολελυμένον uocatur, ut est ζῶ πλουτῶ ὑπάρχω ἐορτάζω.*

461 *In his inuenies aliqua aperte et absolute actum, aliqua designantia passionem.*

462 *Nam τρέχω ἀριστῶ περιπατῶ de agente dicuntur, νοσῶ autem et ὀφθαλμιῶ sine dubio passionem sonant.*

463 *Sed neque illa actiua dicuntur, quia et nulli de supra dictis casibus iungi possunt nec μαι recipiunt: nam nec τρέχω σε nec ἀριστῶ σε nec περιπατῶ σε dicitur, nec potest transire in τρέχομαι ὑπό σοῦ, ἀριστῶμαι ὑπό σοῦ, περιπατοῦμαι ὑπό σοῦ.*

464 *Sed nec νοσῶ et ὀφθαλμιῶ, quamuis uerba sint passionis, dici παθητικά possunt, quia nec in μαι desinunt, nec quisquam significatur passionis auctor, nec subiungitur illis ὑπό σοῦ, quod proprium passiuorum est.*

465 *Nam et in actiuo et in passiuo debent omni modo duae, et administrantis et sustentis, subesse personae.*

466 *Haec igitur, quia utroque nomine carent, apud illos οὐδέτερα uel ἀπολελυμένα dicuntur, sicut apud Latinos uolo uiuo ualeo.*

467 *Sed sicut aliqua apud graecos in ω exeuntia significant passionem, ita multa reperies in μαι desinentia et actiuam tantum habentia significationem, ut κήδομαι σου, φείδομαι σου, ἐπιμέλομαι σου, ἰπτάζομαι σου, μάχομαι σου, διαλέγομαι σου, δωροῦμαι σου, χαρίζομαι σου, εὔχομαι σου, ἄγαμαι σε, περιβλέπομαι σε.*

468 *Sunt apud Graecos communia, quae ab illis μέσα uocantur, quae, dum in μαι desinant, et actum et passionem una eademque forma designant, ut βιάζομαι σε καὶ βιάζομαι ὑπό σοῦ, ἀνδραποδίζομαι σε καὶ ἀνδραποδίζομαι ὑπό σοῦ.*

- 469 *Sola quoque passiuā hoc nomine, id est μέσα, uocantur, ut ἡλειψάμην ἡσάμην ἐλουσάμην.*
 470 *Haec enim licet τῆς μέσης διαθέσεως dicant, nihil tamen aliud significant nisi πάθος: nam hoc est ἡλειψάμην quod ἡλείφθην: hoc est ἡσάμην quod ἥσθην.*
 471 *Item ἐγραψάμην ἐφάμην ἐδόμην μέσα appellant, cum nihil significant praeter actum.*
 472 *Hoc est enim ἐγραψάμην quod ἔγραψα, nec unquam dicitur ὑπὸ σοῦ ἐγραψάμην, et hoc ἐφάμην quod ἔφην, hoc est ἐδόμην quod ἔδων.*
 473 *Ergo et illa quae superius diximus, φειδομαί σου, κήδομαί σου, ἰπάζομαι μάχομαι διαλέγομαι περιβλέπομαι δωροῦμαι χαρίζομαι εὐχομαι ἄγαμαι, cum actum solum significant, μέσα tamen appellantur: licet his similia Latini non communia, sed deponentia nominent.*
 474 *Est et haec Graecorum a Latinitate dissensio, quod, cum Latini numquam uerbum commune dicant, nisi quod sit simile passiuo, Graeci tamen quaedam et actiuus similia μέσα dixerunt, ut πέπηγα, quod μέσον dicitur et sub actiuo sono solam significat passionem: hoc est enim πέπηγα quod πέπηγμα.*
 475 *Πέπηγα uero, ἀφ' οὗ τὸ «πεπληγὸς ἀγορήθεν», καὶ κέκοπα, ἀφ' οὗ τὸ «ἀμφοτέρω κεκοπὸς», tam de actu quam de passione dicuntur.*
 476 *Lectum est enim et πεπληγὸς σε et πεπληγὸς ὑπὸ σοῦ, «πεπληγὸς ἀγορήθεν» καὶ «ράβδω πεπληγυῖα».*
 477 *Similiter apud Latinos quaedam modo neutra, modo fiunt deponentia, ut labo labor, fabricor fabrico, ructo et ructor: quod etiam Graeci non ignorant, βουλεύομαι βουλεύω, πολιτεύομαι πολιτεύω.*
 478 **XXIII - De defectiuis uerbis**
 479 *Tam apud Graecos quam apud Latinos deficiunt uerba in declinatione.*
 480 *Tribus enim modis dicunt uerborum euenire defectum, aut intellectu exigente aut litteris non conuenientibus aut usu desistente.*
 481 *In primis duobus necessitati, in tertio uero reuerentiae obsequimur uetustatis.*
 482 *Intellectu deficiunt illa quae dicuntur πεποιημένα, id est quae ad similitudinem soni alicuius expressa sunt, ut λίγξε βιός, σίξε ὀφθαλμός et similia.*
 483 *In his enim uerbis nec ulla persona nec modus declinationis quaeritur.*
 484 *Litterarum inconuenientia deficiunt, quotiens uerbum habet ante ω μ uel ν: haec enim secundum regulam suam proferri uel in παρακειμένῳ seu ὑπερσυντελικῷ uel in ἀορίστῳ seu μέλλοντι non possunt, ut νέμω cum regulariter fieri debuisset νένεμκα ἐνενέμκειν, quia non potuerunt haec litterae conuenire, intercessit η, νενέμηκα ἐνενεμήκειν: item ἐνέμηθην uel νεμηθήσομαι eandem sumpsere litteram propter euphoniā, ἐνεμήθην νεμηθήσομαι.*
 485 *Item tertia persona singularis, quae τ habet in ultima syllaba, accepta u facit pluralem, λέγεται λέγονται, μάχεται μάχονται: uerum κέκαρται in plurali declinatione u non potuit admittere, ideoque defecit.*
 486 *Sic ἔσταλται, sic κέκοπται et alia mille, et remedium de participio mutuata sunt.*
 487 *Alia sunt apud illos quae consuetudo destituit, ut omnia uerba quae desinunt in νω, λανθάνω ἀνδάνω μανθάνω declinantur; similiter et quae in σκω, γηράσκω τελίσκω γαμίσκω τιτρώσκω.*
 488 *Nam quod legimus διδάξω, a themate est non διδάσκω, sed διδάχω, cuius indicium est διδαχή.*
 489 *Idem patiuntur quae in exeunt dissyllabis maiora, ὀμνύω ὄμνυμι, πηγνύω πήγνυμι, ῥηγνύω ῥήγνυμι.*
 490 *Similiter imperfectum praeteritum non excedunt et quae in ειω exeunt, ut ὀκνεῖω γαμησεῖβω βρωσεῖω, nec non et quae ex monosyllabo per ἰῶτα geminantur, ut τρῶ τιτρῶ, βῶ βιβῶ, χρῶ κυχρῶ.*
 491 *Haec omnia usque ad imperfectum tempus possunt extendi, non plus.*
 492 *apud Latinos deficiunt inquam et sum.*
 493 *Nam sequentes personae analogiam primae personae non seruant: alterum enim facit inquam inquis inquit, alterum sum es est, et illud quidem in reliquis omnibus deficit temporibus; sum uero in aliud transit, ut tempora compleat, eram fui ero.*
 494 *Sunt quae in prima solum persona deficiunt, ouas ouat: ouo enim lectum non est: similiter daris datur.*
 495 *Soleo nescit futurum; uerro perfectum ignorat.*
 496 *Genui ex quo themate uenit nullus scit, licet Varro dixerit genuit.*
 497 *Nec mirum: nam et apud Graecos tam praeterita inuenies quam futura quae praesenti careant, ἦνεγκα ἔδραμον οἶσω.*

ANEXO B – Árvore das línguas Indo-europeias

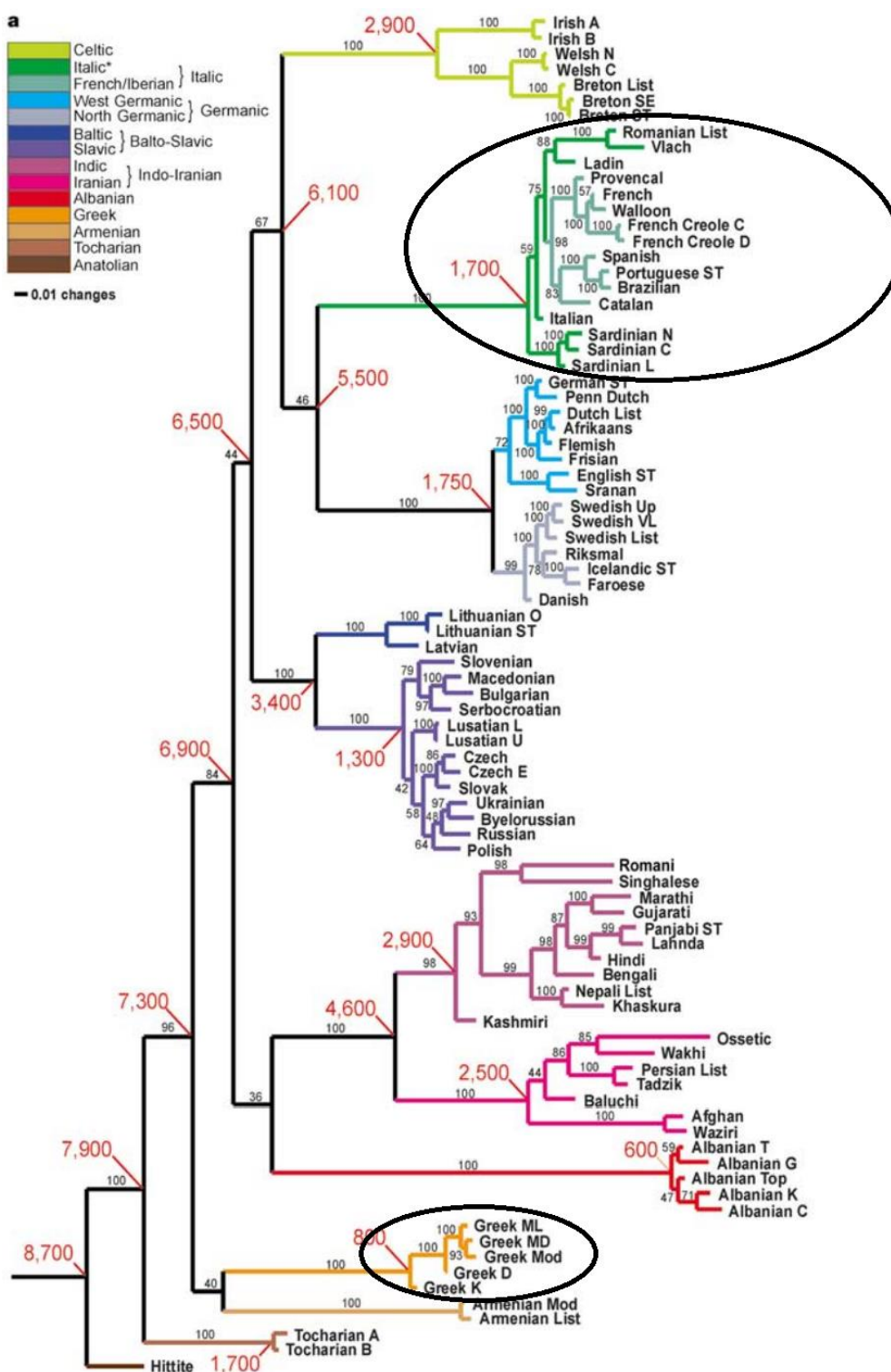


Figura 17 - Árvore das línguas indo-europeias, com destaque nosso para a família do grego e a do latim.

Fonte: GRAY e ATKINSON, 2003, p. 437.